

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ANA MARIA DE CAMPOS

**DIÁLOGOS COM QUEM OUSA EDUCAR,
EDUCANDO-SE -
A FORMAÇÃO DE EDUCADORES A PARTIR DE
UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR.**

**CAMPINAS
2009**

ANA MARIA DE CAMPOS

**DIÁLOGOS COM QUEM OUSA EDUCAR,
EDUCANDO-SE -
A FORMAÇÃO DE EDUCADORES A PARTIR DE
UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR.**

Dissertação apresentada como exigência para obtenção do Título de Mestre em Educação, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientador: Prof(a). Dr(a). Graziela Giusti Pachane.

**PUC-CAMPINAS
2009**

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t370.71 Campos, Ana Maria de.
C198d Diálogos com quem ousa educar, educando-se: a formação de educadores a partir de uma experiência de educação popular / Ana Maria de Campos. - Campinas: PUC- Campinas, 2009.
370p.

Orientadora: Graziela Giusti Pachane.
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Pós-Graduação em Educação.
Inclui bibliografia.

1. Professores - Formação. 2. Educação popular. 3. Educadores - Narrativas pessoais. 4. Alfabetização. I. Pachane, Graziela Giusti. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Pós-Graduação em Educação. III. Título.

22.ed.CDD - t370.71

Autor: CAMPOS, Ana Maria de.

Título: "DIÁLOGOS COM QUEM OUSA EDUCAR, EDUCANDO-SE: A FORMAÇÃO DE EDUCADORES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR".

Orientador (a) : Profa. Dra. Graziela Giusti Pachane

Dissertação de Mestrado em Educação

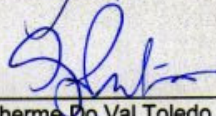
Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação de Mestrado em Educação da PUC-
Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

Data: 04/02/2009.

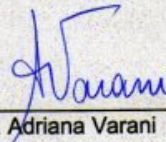
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Graziela Giusti Pachane



Prof. Dr. Guilherme Do Val Toledo Prado



Profa. Dra. Adriana Varani

**Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Programa de Pós-Graduação em Educação**

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador: Prof(a). Dr(a). Graziela Giusti Pachane

1º Examinador: Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado – UNICAMP

2º Examinador: Prof(a). Dr(a). Adriana Varani – PUC-Campinas

Campinas, 04 de Fevereiro de 2009.

Dedico

Às educandas e educandos do Projeto LETRAVIVA
pela paciência e generosidade com que ensinaram
aos letrados os seus direitos.

A todas as educadoras e educadores populares que sonham e semeiam
diariamente sonhos de justiça, paz, alegria e solidariedade.

A Paulo Freire, criador do verbo *esperançar*,
inspirador de tantos sonhos militantes.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida.

Aos meus pais, Josué e Vera, pela formação e exemplo.

À Marta e Raquel pela vida que compartilhamos aprendendo a ser irmãs.

Ao João, companheiro, amigo, pelo amor, carinho, compreensão e incentivo, sempre.

Ao Pedro e Davi, filhos queridos que estão me ensinando a viver.

À Graziela porque acredita em mim e me incentiva. Mais que orientadora, é amiga.

Ao Guilherme, professor importante porque vive o diálogo com seus alunos e alunas.

À Adriana pela atenção e disposição em acolher, ouvir e intervir.

À Corinta, por me ensinar a olhar e ver coisas que eu não via.

À Dulce Pompeo, porque me ajudou a pensar e escrever sem nem me conhecer.

À Beth Araújo, professora querida que me acolheu com carinho no Grupo de Pesquisa ICCON – Interdisciplinaridade e Construção do Conhecimento.

À Antonieta Rabelo Leite, Diretora do Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal da Educação, em 2003, que me acolheu com carinho e compreensão.

Ao Romualdo Dias, parceiro querido no desenvolvimento do Projeto LETRAVIVA.

À Lise Roy companheira que confiou a mim alguns de seus livros.

Às minhas amigas. Todas. A vida sem elas não tem a menor graça.

Às professoras e ao professor do Programa de Mestrado em Educação da PUC-Campinas. Que alegria viver esse tempo de estudos na companhia de vocês!

Aos colegas de curso pela convivência e oportunidade de trabalho, estudos, diálogo.

Aos cristãos protestantes, meus e minhas companheiras de fé, responsáveis também pela minha formação e por esse jeito de ser.

Ao Educador Popular Carlos Rodrigues Brandão, sempre disposto a ouvir e colaborar, mas principalmente, a lançar novos desafios.

À CAPES, pela Bolsa de Estudos, sem a qual não seria possível a realização desta pesquisa.

Todo conhecimento é autoconhecimento.

Boaventura de Sousa Santos

1987

RESUMO

CAMPOS, Ana Maria de. *Diálogos com quem ousa educar, educando-se* – a formação de educadores a partir de uma experiência de Educação Popular. 2009. 370f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas, 2009.

A presente investigação narrativa tem como objetivo estudar uma experiência de formação de educadores realizada na cidade de Campinas-SP, no período de 2003-2004. Sua relevância é atestada ao se utilizar como instrumentos de análise narrativas autobiográficas, cartas, diários, poesias e crônicas produzidas por educadoras populares participantes do projeto de alfabetização de jovens e adultos, incluindo a própria educadora-pesquisadora. As fontes são potentes para dar a ver os movimentos de recriação de saberes construídos ao longo da vida. As anotações reflexivas e autobiográficas, escritas *a posteriori* da experiência vivida, revelam a compreensão da história pessoal imbricada na história social dos sujeitos/objetos. A atitude autoral manifesta nos textos e nas opções de vida das educadoras sinalizam que a concepção emancipatória da produção do conhecimento experienciada na Educação Popular favorece o desenvolvimento da inteligência, das energias criativas e da solidariedade para a superação dos estigmas e condicionamentos sociais. A resignificação da vida como uma obra de arte, inconclusa e aberta pode ser vislumbrada nos registros autorais. Com esse percurso investigativo se amplifica as vozes silenciadas na cultura oficial e nos discursos acadêmicos, trazendo à luz outras versões para dialogar e problematizar os contextos sociais em que se dão as práticas educativas. Este trabalho foi desenvolvido na Linha de Pesquisa Práticas Pedagógicas e Formação do Educador, junto ao Grupo de Pesquisa ICCON (Interdisciplinaridade e Construção do Conhecimento) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e contou com financiamento da CAPES.

Palavras-chave: Formação de Educadores, Produção do Conhecimento, Educação Popular.

ABSTRACT

CAMPOS, Ana Maria de. *Dialogues with teachers who educate by learning - educators' education from an experience on Popular Education programs. 2009. 370f. Dissertation (Master's degree in Education) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Center for Applied Social Sciences, Post-graduation program in Education, Campinas, 2008.*

The present narrative investigation aims at studying an experience in the development of educators carried out in the city of Campinas-SP through 2003-2004. Its relevance is justified by the analysis of narratives and documents such as autobiographies, letters, diaries, poetry and chronicles written by popular educators who have been participating in the literacy programs of young and adults, including this researcher educator. These sources have proven very powerful in providing insights from the movements of re-creating knowledge along life. The reflexive and autobiographic notes written a posteriori the live experiences reveal the understanding of the personal history deeply involved in the personal histories of the individuals/object. The educators' attitude as a writer manifested in the texts and in their life choice as educators indicates that the emancipating conception of the production of knowledge experienced in the Popular Education gives rise to the development of the intellect, of creative energies, and of solidarity in overcoming the social constraints and restrictive conditions. The written texts also give rise to a new meaning of life as a work of art still to be finished and open to new experiences. This investigation amplifies the voices that have been silenced in the official culture and in the academy, and brings light to other versions for discussions and new propositions to be worked out in the social contexts where educational practices take place. This work was developed in line with the Research of Pedagogical Practices and the Educators' Education, within the ICCON Research Group (Interdisciplinary and Knowledge Production Group) of the Post Graduation Program of the Pontifícia Universidade Católica de Campinas with grant from CAPES.

Key words: *Educators' Education, knowledge production, popular education.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | <i>Página</i> |
|---|---------------|
| 1. Figura “Pedagogia Profana” - Jorge Larrosa..... | 30 |
| 2. Figura “Almanaque da Sabedoria” Centro de Estudos em Educação Vereda..... | 32 |
| 3. Figura “Provérbios Populares em Cordel”..... | 32 |
| 4. Figura “Contos e Lendas do Brasil” - Antonieta de Moraes..... | 32 |
| 5. Figura “Estrela da vida inteira” – Manuel Bandeira..... | 34 |
| 6. Figura “A rosa do povo” – Carlos Drummond de Andrade..... | 34 |
| 7. Figura “Meus caros amigos” – Chico Buarque..... | 34 |
| 8. Figura “Sentinela” – Milton Nascimento..... | 34 |
| 9. Figura “Cartão” – Pedro Luiz..... | 38 |
| 10. Figura “O mundo da criança”..... | 51 |
| 11. Figura “Memórias da Emília” – Monteiro Lobato..... | 51 |
| 12. Figura “Coleção Poetas Românticos Brasileiros”..... | 51 |
| 13. Figura “Memória e Ação”..... | 58 |
| 14. Figura Foto Manifestação de 1º de Maio..... | 58 |
| 15. Figura Foto Manifestação dos Metalúrgicos de Campinas..... | 58 |
| 16. Figura Pinturas em papel machê e em lâminas de madeira..... | 60 |
| 17. Figura Folheto de divulgação do Projeto LETRAVIVA..... | 61 |
| 18. Figura “Cinema Transcendental” – Caetano Veloso..... | 64 |
| 19. Figura Pintura em lâmina de madeira..... | 65 |
| 20. Figura Convite Festa do Projeto LETRAVIVA..... | 92 |
| 21. Figura Página da Agenda “Escola Viva”..... | 94 |
| 22. Figura Folheto de divulgação do Programa Brasil Alfabetizado..... | 98 |
| 23. Figura Mensagem de ‘ <i>email</i> ’..... | 111 |
| 24. Figura Poesia “A minha sopa”..... | 149 |
| 25. Figura Poesia “A sopa do Paulo Freire”..... | 155 |

| | | |
|-------------------|--|---------|
| 26. Figura | Poesia “A alegria de aprender”..... | 157 |
| 27. Figura | Poesia “Casa”..... | 159 |
| 28. Figura | Folheto de divulgação do Projeto LETRAVIVA <i>recriado</i> | 173 |
| 29. Figura | Foto do <i>clown</i> “ <i>Pardal</i> ”..... | 174 |
| 30. Figura | Tira de quadrinho da “Mafalda”..... | 274 |
| 31. Figura | Imagens do “Baú de Achados e Guardados”..... | 298 |
| 32. Figura | Carta da amiga Regina Flora..... | 299 |
| 33. Figura | Diário Oficial do Município..... | 300 |
| 34. Figura | Diário Oficial do Município..... | 301-304 |
| 35. Figura | Diário de Campo..... | 305-315 |
| 36. Figura | Roteiros do Curso de Formação de Formadores e de Educadores.. | 316-329 |
| 37. Figura | Trabalho de Conclusão de Curso da Estagiária Edna..... | 330-347 |
| 38. Figura | Material institucional de divulgação e outros..... | 349-355 |
| 39. Figura | Carta do Arcebispo Metropolitano de Campinas..... | 356 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-----------|--|
| AEC-SP | Associação de Educação Católica de São Paulo |
| ANPEd | Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CEB(s) | Comunidades Eclesiais de Base |
| CEPROCAMP | Centro de Educação Profissional de Campinas “Prefeito Antônio da Costa Santos” |
| CIEE | Centro de Integração Empresa-Escola |
| CNBB | Conferência Nacional dos Bispos do Brasil |
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |
| ENDIPE | Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino |
| ENEM | Exame Nacional do Ensino Médio |
| FUMEC | Fundação Municipal para a Educação Comunitária |
| GEPEC | Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada da UNICAMP |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| ICCON | Grupo de Pesquisa Interdisciplinaridade e Construção do Conhecimento da PUC-Campinas |
| INEP | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira” |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação |
| LDO | Lei de Diretrizes Orçamentárias |
| LEC | Laboratório de Ensino de Ciências |
| MCP | Movimento de Cultura Popular |
| MEB | Movimento de Educação de Base |
| MEC | Ministério da Educação |
| MOBRAL | Movimento Brasileiro de Alfabetização |
| MOVA | Movimento de Alfabetização |
| PNAD | Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio |
| PROUNI | Programa Universidade para Todos |
| PT | Partido dos Trabalhadores |
| PUC | Pontifícia Universidade Católica de Campinas |
| SAPÉ | Serviços de Apoio à Pesquisa em Educação |
| SECAD | Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade |
| SME | Secretaria Municipal de Educação |
| UFF | Universidade Federal Fluminense |

| | |
|---------|--|
| UFMG | Universidade Federal de Minas Gerais |
| UFOP | Universidade Federal de Ouro Preto |
| UFSCar | Universidade Federal de São Carlos |
| UNESP | Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” |
| UNICAMP | Universidade Estadual de Campinas “Zeferino Vaz” |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| APRESENTAÇÃO..... | 14 |
| 1. Às parceiras e parceiros, à moda de agradecimento..... | 19 |
| 2. “Tanta coisa que eu tinha a dizer”: algumas palavras sobre a jornada..... | 27 |
| 3. “Se me permitem vou tentar lhes remeter notícias frescas”: a pesquisa..... | 66 |
| 4. Algumas considerações sobre o Projeto LETRAVIVA..... | 90 |
| 5. Notícias da pesquisa em construção..... | 111 |
| 6. “Palavra Acesa”: repercussões nas vidas das pessoas..... | 149 |
| 7. “Aprendi novas palavras e tornei outras mais belas”..... | 171 |
| 8. Ampliando o debate sobre as “Educações Populares”..... | 233 |
| 9. Conclusões abertas podem “esticar horizontes”..... | 254 |
| 10. REFERÊNCIAS..... | 281 |
| 11. “Baú de Achados e Guardados”..... | 298 |
| 11.1. Carta da amiga Regina Flora..... | 299 |
| 11.2. Diário Oficial do Município: Dia da Mobilização..... | 300 |
| 11.3. Diário Oficial do Município e Imprensa local..... | 301 |
| 11.4. Notas do Diário de Campo..... | 305 |
| 11.5. Roteiro do Curso de Formação dos Formadores e do Curso de Formação Inicial dos Educadores..... | 316 |
| 11.6. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Estagiária Edna..... | 330 |
| 11.7. Letra da música-tema do Fórum Social Mundial..... | 348 |
| 11.8. Alguns dados do Projeto LETRAVIVA a partir de materiais institucionais e de divulgação..... | 349 |
| 11.9. Carta do Prof. Guilherme do Val Toledo Prado..... | 357 |
| 11.10. Inventário de Documentos..... | 362 |

APRESENTAÇÃO

Caro leitor, cara leitora,

Este trabalho corresponde a um dentre os diversos desdobramentos de um Projeto de Educação Popular realizado no interior da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, na alfabetização de jovens e adultos, durante os anos de 2003 e 2004. Algumas das suas repercussões na vida dos participantes estão tematizadas nesta pesquisa educacional em nível de Mestrado, realizada durante os anos de 2007 e 2008, sob a Orientação da Prof^a Dr^a Graziela Giusti Pachane, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

*“Prepare o seu coração pras coisas que eu vou contar...”*¹ porque esta pesquisa está registrada em formato epistolar². A correspondência, em princípio, dirigida às Educadoras Populares participantes do Projeto LETRAVIVA, é também um convite à sua leitura, querido leitor, querida leitora. Peço que prepare o seu coração, pois aqui tratamos de produção de conhecimentos a partir de saberes da vida e da lida. Do que nos é comum.

É uma investigação narrativa por ser esta modalidade de aproximação teórica uma das possibilidades para abordarmos as questões relativas à experiência e aos saberes da experiência, potencializando um debate muitas vezes difícil, visto que em educação tratamos de complexas situações vividas em

¹ VANDRÉ, G.; BARROS, T. Disparada. Intérprete: Jair Rodrigues. In: RODRIGUES, J. *20 músicas para uma nova era*. Rio de Janeiro: Universal Music, 2005. 1 CD, faixa 5.

² Caros leitores e leitoras, embora as Notas de Rodapé não sejam um recurso ordinariamente utilizado em correspondências, devo dizer que precisei valer-me dele por ser uma convenção adotada na redação dos textos acadêmicos. Ele me parece eficiente, mesmo na escrita de uma carta, pois vejam, nem sempre podemos escrever tudo ao mesmo tempo. As ideias, questões, dúvidas vão surgindo, às vezes num turbilhão... Precisamos fazer referência a estes movimentos, senão perdemos a oportunidade, entendem a minha situação? Por isso peço: por favor, leiam também estas pequenas observações, acredito que serão úteis para a compreensão do próprio texto, como talvez, possam trazer *dicas* para aprofundar o assunto.

espaços contraditórios, perpassados por muitas interferências objetivas e também subjetivas.

A narrativa se caracteriza pelo dizer do sentido que conferimos ao vivido, pois o mundo da vida é atravessado pela linguagem, segundo o Prof. Wanderley Geraldi. Nós só narramos se o vivido nos afeta de tal forma a nos mobilizar para esta ação. Sabemos que o mundo da vida não se reduz ao mundo da linguagem, por isso narramos o que ficou na memória. O que consideramos extraordinário transformamos em linguagem. “A interpretação do passado só é experiência quando tomamos o passado como algo ao qual devemos atribuir um sentido em relação a nós mesmos”, afirma LARROSA (2003, p. 135).

Além do mais, a narrativa promove um entrecruzamento entre o individual e o social. Para podermos saber como as pessoas se educam, precisamos de contexto, das visões e ações de outras pessoas, além das nossas. Por isso, a narrativa deixa de ser individual para ser também social. Como se chega a ser o que se é em contexto histórico situado, de sujeitos em relação com o mundo.

No processo de investigação narrativa contamos com a colaboração de muitos sujeitos, compartilhamos tempos e espaços de vivência, e todos têm voz. Todos participam e o investigador, ou pesquisador, é um sujeito implicado. Compartilhar saberes da experiência pode vir a ser uma oportunidade de experiência para outra pessoa. Ou seja, a leitura do que está sendo narrado aqui pode vir a ser uma experiência para você, leitor, leitora.

Neste tipo de pesquisa, o viés autobiográfico se manifesta porque o próprio percurso metodológico do trabalho convida à exposição dos motivos que levaram à escolha do tema. Na carta em que abordo a minha formação você encontrará pistas, vestígios, do porque precisei realizar esta investigação. Ali estão comentados alguns dos momentos significativos para a minha compreensão da pessoa que sou hoje, das motivações que me levaram às escolhas e caminhos percorridos.

Você poderá perceber que não existe linearidade nos relatos autobiográficos e nem um suposto encadeamento lógico do texto, porque o que há aqui são sentidos provisórios, localizados, sobrepostos como num palimpsesto. Aliás, a nossa própria existência poderia ter como metáfora o palimpsesto³, com os sentidos cuidadosamente escolhidos, escritos e re-escritos um por cima do outro, para nos entendermos e nos reconhecermos em um determinado tempo e lugar.

Estou aprendendo neste trabalho a conviver com as suas limitações, com as minhas limitações. Encarando a sua produção de modo modesto e sem a arrogância de pretender dar conta de tudo o que gostaria, mas que não sou capaz de fazer neste momento, dadas minhas fragilidades teóricas e também as condições de produção do próprio trabalho, num tempo bastante exíguo e de intenso labor. Está ficando cada vez mais claro que o tempo cronológico não é coincidente com o tempo subjetivo, com o tempo de maturação sobre o vivido e da sua problematização em diálogo comigo mesma e com os teóricos das ciências humanas. Exatamente como formulou Agnes Heller⁴. Estes tempos, cronológico e subjetivo, não andam em paralelo, como nos trilhos do trem. Estou vivendo esta dissonância no momento de ter que entregar o texto final e não considerá-lo pronto, ou mesmo razoavelmente apresentável.

Assim, diante de tantas condicionantes estou aprendendo a relativizar, a pensar temporalmente, situando a produção em uma geografia movediça, em constante transformação. Em movimento.

Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa
Tudo sempre passará
A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito

³ Papiro ou pergaminho cujo texto primitivo foi raspado, para dar lugar a outro. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Disponível em <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=palimpsesto&stipe=k>>. Acesso em: 27 Dez. 2008.

⁴ HELLER, A. *O cotidiano e a história*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, [1988?].

Tudo o que se vê não é
Iguar ao que a gente viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo
No mundo⁵

No trabalho acadêmico a modéstia é um importante aprendizado. Furar a crosta do que presumivelmente sei para perceber que o que não sei é muito maior, me ensinou a Prof^a Idália Sá-Chaves. E também lembro sempre do poema de Manoel de Barros *“o que ponho de cerebral nos meus escritos é apenas uma vigilância pra não cair na tentação de me achar menos tolo do que os outros”* (2001, p. 43).

Nesta pesquisa que apresento a você, leitor, leitora, diferentes vozes, de lugares também diferentes, engendram o texto. São educadoras populares, formadoras, educandos e educandas dos grupos de alfabetização de jovens e adultos, estagiários, estagiárias e coordenadoras do Projeto LETRAVIVA, além, é claro, da voz emergente do diálogo com todos os autores, artistas, amigos e familiares.

Um possível roteiro de leitura seria seguir a disposição em que arrumei os capítulos, mas não tenho a pretensão impositiva. Sei muito bem que quando tomamos um livro nas mãos para ler, às vezes, começamos pelo final ou pelo meio em virtude de nossa curiosidade, motivação imediata ou ainda, a pergunta-desejo que nos arrastou para o texto. Acredito que em texto algum o autor consegue fidelidade ao percurso de leitura que considera mais razoável. Até porque sou movida a curiosidades nem sempre explicáveis, não sigo os roteiros propostos. Invento os meus próprios caminhos. Ofereço a minha sugestão de roteiro de leitura no Sumário, todavia a opção de segui-la se manifestará a partir da vontade de cada pessoa.

Apresento a letra da música do Chico César como um convite:

⁵ SANTOS, L.; MOTTA, N. Como uma onda (zen-surfismo). Intérprete: Lulu Santos. In: SANTOS, L. *O ritmo do momento*. Rio de Janeiro: Universal Music, 1983. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 4.

quando chegou carta abri
quando ouvi Prince dancei
quando o olho brilhou entendi
quando criei asas voei⁶

Endereço esta correspondência especialmente a você, leitor, leitora, que está em minha companhia neste momento.

Agradeço a sua atenção e faço o convite para o diálogo que compartilha e que pode produzir novos significados para um trabalho realizado com paixão e carinho.

Aninha

Campinas, Janeiro de 2009.

⁶ CÉSAR, C. À primeira vista. In: CÉSAR, C. *Cuscuz Clá*. São Paulo: PolyGram, 1996. 1 CD. Faixa 11.

1. Às parceiras e parceiros, à moda de agradecimento...

*o seu olhar lá fora
o seu olhar no céu
o seu olhar demora
o seu olhar no meu*

*o seu olhar seu olhar melhora
melhora o meu*

Arnaldo Antunes, Paulo Tatit⁷

Campinas, 01 de Janeiro de 2009.

Queridas amigas e amigos,

Não há a menor possibilidade de uma pesquisa educacional ser realizada sem a colaboração de muitas pessoas. Muitas mesmo! E gostaria de agradecer a todas as pessoas que estiveram comigo neste percurso. Sei, de antemão, que talvez cometa injustiças por não lembrar de todos, de todas. Além do mais, tudo o que disser será pouco e menor do que fizeram por mim. Somente com o olhar de cada companheiro, companheira, é que o meu olhar começou a melhorar...

Parece fácil agradecer, mas não é não. Sabem por quê? Porque quase tudo o que somos acaba sendo resultado de uma complexa composição realizada ao longo de nossas vidas.

E nesta composição estão os gestos, os modos de ser e de compreender a vida e o mundo que vamos aprendendo observando, dialogando, convivendo com as pessoas, estudando, vendo filmes, obras de arte nos mais

⁷ ANTUNES, A.; TATIT, P. O seu olhar. Intérprete: Arnaldo Antunes. In: ANTUNES, A. *Ninguém*. Rio de Janeiro: Sony BMG, 1994. 1 CD. Faixa 9.

insuspeitos suportes, infinidades de histórias, historinhas e tantos *causos*. Em primeiro lugar, os modos de ser da família.

As nossas tentativas de sermos diferentes de nossos pais acabam repetindo ou refletindo muito do que eles são. Não acho que seja mimese, mas uma “colagem”, uma reinvenção. Caquinhos de mãe, pai, avós, tios, irmãs, primos, filhos e filhas... e por aí vai.

Estas são as pessoas que não escolhemos para conviver porque através delas chegamos ao mundo e mergulhamos na cotidianidade.

São importantes na minha vida. Outorgaram-me a possibilidade de viver e de escolher meu *destino*. Minha mãe e meu pai⁸ são como aqueles faróis no meio do mar. Enxergo de longe. São referência e não param, um minuto sequer de iluminar meu caminho. Às vezes, decido não enxergar, mas isto também é escolha.

Apesar de todas as condicionantes sociais, da estrutura econômica, reconheço que faço parte de um grupo de pessoas que ainda pode realizar algumas escolhas. Esta não é a realidade para milhões de seres humanos que estão morrendo vitimados pela fome e pela guerra, ou seja, por condições materiais de existência roubadas, inclusive em nosso país.

Das escolhas que tenho feito, a principal diz respeito à vida em comunidade. Aprendi desde cedo a viver em grupo. Com minhas irmãs, Raquel e Martinha⁹, partilhei brincadeiras, brinquedos, quarto, quintal, lugar à mesa, atenção, disputas, encrencas... coisas de crianças e adolescentes. E com elas fui aprendendo a me localizar na família, a criar minha identidade de filha, irmã, neta, prima... Gosto muito de lembrar da minha infância. Foi um tempo de muita alegria e sapequices, tombos e arranhões.

⁸ Vera Borges de Campos e Josué de Campos.

⁹ Raquel Borges de Campos da Costa, Marta Maria de Campos.

Com esse pequeno grupo familiar comecei a me constituir como pessoa. A eles, pais e irmãs, minha gratidão pela afetuosa convivência e aprendizado.

Na outra família, a que foi criada a partir das escolhas amorosas, João¹⁰ é figura fundamental. Com ele vivi os momentos mais importantes, desde que nos conhecemos. E com ele partilho o aprendizado diário do respeito às diferenças, da atenção com os que estão carentes, da paciência em ouvir. Isso tudo ele me ensina, em atos. E sou grata, muito grata a ele, pela enorme paciência que tem comigo. Porque, com bondade e carinho, dá sustento a muitos dos meus sonhos. Sem a ajuda dele, não estaria aqui, escrevendo estas palavras...

E meus filhos, Pedro e Davi¹¹. São como estrelas a iluminar minha vida. Com eles vivo o aprendizado, difícil, de ser mãe. Com eles sou feliz. Dou muitas risadas, e fico brava também. Mãe parece que tem sempre que “pegar no pé”, e isso eu não gosto de fazer, mas faço. É difícil ensinar a disciplina, porque a gente tem que entrar nela também...

Agradeço a meus filhos pelo amor, pela bondade, pela alegria com que alimentam a nossa família e minha vida, em especial.

As amigas: quanta alegria em saber que tenho amigas e alguns amigos. Tenho amigas verdadeiras, desde a infância e com elas partilhei e continuo a partilhar momentos alegres e tristes. Todas as amigas fazem parte de minha composição como pessoa, cada qual com sua singularidade. Não posso deixar de ser grata a elas.

Neste trabalho acadêmico algumas não participaram diretamente, por motivos diversos, mas estão nele, de alguma maneira, porque vivem em mim e vocês perceberão essas presenças. Silvana, Edna e Gil, Sílvia, Dirce, Betânia, Ana Maria. São amigas e amigo querido. A vocês, meu carinho e afeição.

¹⁰ João Roberto Leite.

¹¹ Pedro Luiz de Campos Leite e Davi de Campos Leite.

Quero agradecer, especialmente, às amigas que participaram da trajetória da pesquisa, porque com elas tenho dialogado mais à miúdo, debatendo, consultando, solicitando auxílio.

Dulce¹², amiga de todas as horas. Pessoa mais doce e terna que já conheci, participou de quase tudo nesta pesquisa.

Regina Flora¹³, de um modo especial sempre presente, dando seus palpites, de maneira surpreendente e inusitada. E mais, me apresentando desafios aos quais sou incapaz de me esquivar. Quem mais ganha sou eu, apesar do trabalhão que me dá...

Mafê¹⁴, querida e meiga. Conversas e mais conversas telefônicas. Trocas de mensagens eletrônicas. Nos dias da escrita das últimas páginas desta pesquisa, participou intensamente, debatendo comigo cada palavra, cada frase... Durante o percurso também esteve próxima, dialogando, interferindo, palpitando, como ela gosta de dizer.

CrisHop¹⁵, que alegria ter você por perto! Ler seus comentários divertidos sobre meu trabalho, suas sugestões maluquinhas... Leu quase tudo que escrevi nesses tempos, me acompanhou. É sempre uma festa o encontro com a Cris. Ler suas “Pipocas Pedagógicas”, postadas na lista do correio eletrônico da turma, é simplesmente, uma viagem das mais prazerosas e um convite ao aprendizado do novo!

Rosaura¹⁶ aparece de uma hora para outra, do nada, feito a “Jeannie é um Gênio” – vocês se lembram, não é mesmo? Sempre trazendo soluções, digamos “mágicas”, porque é dotada de uma objetividade inexistente em mim, que vivo borboleteando por aí, porém, o mesmo “pacote” de soluções vem recheado de desafios novos e difíceis de serem realizados. Desde que nos conhecemos é assim e, eu sinceramente, gosto muito!

¹² Dulcinéia de Fátima Ferreira Pereira.

¹³ Regina Flora de Carvalho Vieira.

¹⁴ Maria Fernanda Pereira Buciano.

¹⁵ Cristina Maria Campos.

¹⁶ Rosaura Soligo.

Laura¹⁷, atenciosa e generosa. Leu o texto enviado para o Exame de Qualificação. Fez ponderações importantes que contribuíram para o aperfeiçoamento do trabalho.

Beth Rossin¹⁸, amiga que conheci nos tempos de trabalho no LETRAVIVA. Também leu a versão enviada para o Exame de Qualificação e me alimentou com sua alegria e observações.

Cláudia, Liana e Glória¹⁹ me acompanharam mais de longe, mas nunca deixaram de colaborar comigo. Agradeço pelo carinho e amizade.

Marcemino, Wilson e Zé Antônio²⁰, companheiros com os quais dividi muitas de minhas dúvidas e eles também me apresentaram outras. Agradeço pela fraterna convivência, diálogo e a oportunidade de estudos e debates.

Rúbia²¹, a solidária amiga que conheci no Departamento Pedagógico da Secretaria da Educação, com a qual divido muitos sonhos realizados e outros ainda em gestação. Agradeço o carinho e acolhida.

Ester²² amiga meiga e atenciosa, acolhedora e organizadora de muitos encontros alegres em sua casa. Agradeço pela amizade, pelas “viagens” literárias, pelos filmes e momentos alegres vividos em sua companhia.

Tina²³ querida madrinha, agradeço por participar da vida em nossa família e também colaborar comigo na realização da pesquisa.

Às educadoras e educadores, sujeitos, coautoras nesta pesquisa, quero fazer um agradecimento especial: pela generosidade com que acolheram minha proposta, pela abertura ao diálogo, pela franqueza em tudo o que me disseram e escreveram. Pela contagiante alegria em viver e conviver. Aceitem minha gratidão e reconhecimento. E aqui, registro os nomes de vocês, conferindo

¹⁷ Laura Noemi Chaluh.

¹⁸ Elizabeth Rossin.

¹⁹ Cláudia Roberta Ferreira, Liana Arrais Seródio, Glória Pereira da Cunha.

²⁰ Marcemino Bernardo Pereira, Wilson Queiroz, José Antônio Oliveira.

²¹ Rúbia Cristina Cruz Menegaço.

²² Ester Nascimento.

²³ Altina Maria Gontijo.

um lugar de destaque ao trabalho que têm realizado na seara da educação. Registro na ordem alfabética, porque todos os nomes são importantes, não havendo assim, hierarquia entre eles:

Amélia Maria Terto

Clarice Fernandes Faria

Corina Borges dos Santos

Dulcinéia de Fátima Ferreira Pereira

Elizabeth Aparecida da Silva

Guadalupe de La Concha

Margarida Pereira da Silva

Maria Angélica da Silva

Maria Iva Lopes Silva

Marilene Aparecida dos Reis

Nedina Antunes da Silva

Simone Maria de Souza

Tiago Duque

Valentina Fátima de Oliveira Campos

Vera Lúcia Martins

À Banca do Exame de Qualificação – Guilherme do Val Toledo Prado, Corinta Maria Grisolia Geraldi, Adriana Varani e Graziela Giusti Pachane - preciso

fazer um agradecimento especial: o diálogo que tiveram comigo, a disponibilidade em sugerir, as questões apresentadas, tudo foi importante para que o rumo do trabalho fosse repensado, re-elaborado. Agradeço o carinho e o debate fraterno que, com certeza, me possibilitaram continuar o percurso com mais alento e confiança.

Agradeço à minha querida orientadora, Graziela, porque é amiga e companheira. Estimula e, ao mesmo tempo, convoca ao trabalho rigoroso e metódico. Por seu carinho e compreensão, sou muito grata!

Aos meus colegas de estudos na PUC-Campinas, agradeço o carinho, a consideração, inclusive por me terem delegado a missão de representá-los no Conselho do Programa de Pós-Graduação. Agradeço a convivência, os debates e os aprendizados possíveis, sempre instigantes, quando as diferenças são valorizadas e respeitadas.

Aos meus professores, minha gratidão pela dedicação ao trabalho, pelo empenho em colaborar com a pesquisa, lendo os trabalhos escritos, corrigindo, questionando. A convivência e o acompanhamento atento, de cada um de vocês, foram de grande importância para o meu desenvolvimento acadêmico.

Agradeço imensamente a disponibilidade e colaboração da Cidinha, da Tuca e do Sérgio²⁴, no que diz respeito ao acesso e utilização dos livros da Biblioteca.

Ao Rafa²⁵, do Laboratório de Informática, agradeço a paciência para me ensinar e colaborar com a resolução de problemas técnicos 'complicados' para mim.

À Regina, Alessandra, Letícia e Kelly²⁶ da Secretaria Acadêmica, agradeço a colaboração fundamental. A presença acolhedora, bem como a atenção de cada uma de vocês, para mim fez muita diferença!

²⁴ Maria Aparecida Barbato, Aparecida Maria Almeida Leite, Sérgio da Silva Sobral.

²⁵ Rafael Augusto Dimarzio.

²⁶ Regina Maria Theodoro Carlos, Alessandra Cristina Splendorelli, Letícia Aparecida Justino, Kelly dos Reis.

Agradeço a CAPES²⁷ pela bolsa de estudos, sem a qual não seria possível cursar o Programa de Pós-Graduação em Educação na PUC-Campinas.

Agradeço a Deus, autor e sustentador de minha vida e pela maravilhosa graça de Jesus Cristo confirmando que posso crer no amanhã!

Amanhã será um lindo dia,
Da mais louca alegria
Que se possa imaginar...²⁸

A vocês meu carinho e consideração.

Um abraço,

Aninha

²⁷ CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

²⁸ ARANTES, G. Amanhã. Intérprete: Guilherme Arantes. In: ARANTES, G. *Ronda noturna*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1977. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 1.

2. “Tanta coisa que eu tinha a dizer...”: algumas palavras sobre a jornada.

*Com pedaços de mim eu monto um ser atônito.
Manoel de Barros*

Campinas, 23-25 de Setembro de 2008.

Queridas companheiras de trabalho, de vida, de sonhos...

Tenho vivido e trabalhado na seara da educação pública há alguns anos e, a partir deste trabalho é que me encontrei com vocês, mais precisamente, durante a criação do Projeto LETRAVIVA, na Secretaria Municipal de Educação de Campinas, no ano de 2003. Antes deste tempo, porém, vivi uma história que vocês não conheceram. Acredito que fazer referência a um tempo em que me fui constituindo como pessoa talvez possa auxiliar na compreensão de minhas escolhas pessoais como também de nossas escolhas coletivas, desde que nos encontramos em um dos cruzamentos de nossas vidas.

Por isso, me permitam uma breve consideração sobre o tempo anterior ao nosso encontro. Não quero ficar com a amarga sensação de pressa e de estranhamento como a que poeticamente Paulinho da Viola retratou na emblemática música “Sinal Fechado”²⁹, escrita durante os sombrios tempos da ditadura militar no Brasil:

Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança
Por favor, telefone, eu preciso beber
Alguma coisa rapidamente...

²⁹ VIOLA, P. Sinal fechado. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, C. *Sinal fechado*. Rio de Janeiro: PHONOGRAM-PHILIPS, 1974. 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 6.

Estou pensando e voando...

É preciso desformar o mundo:
tirar da natureza as naturalidades.
Fazer cavalo verde, por exemplo. (2001, p. 75)

como ensinou o poeta Manoel de Barros. Precisamos desnaturalizar as coisas para poder compreendê-las melhor, vocês concordam?

Para narrar-me para vocês desandei a pensar, em movimentos de centrífuga, do tipo daqueles das máquinas de lavar roupa. *“Tudo ao mesmo tempo agora”*³⁰, como sugerem os *Titãs* no título de um de seus discos.

Fui procurar no meu *“Baú de Achados e Guardados”*³¹ alguns dos meus escritos autobiográficos para compartilhar com vocês. Acho que sinto o tempo, neste momento em que tudo vem à memória, como se fosse eternidade. Girando, girando, projetando-se à minha frente como num filme, *“rebobinando o século”*³².

Segundo uma das minhas queridas professoras “a memória tem suas artimanhas. Esquecemos; muito se perde e é irrecuperável, permanece o que, por ter sido significativo, peculiar, marcante, tenha permanecido enganchado em seus labirintos” (GERALDI, 2006, p.212).

O que escrever? Por onde começar?

*“O pensamento parece uma coisa à toa, mas como é que a gente voa quando começa a pensar...”*³³

³⁰ TITÃS. *Tudo ao mesmo tempo agora*. Rio de Janeiro: WEA, 1991. 1 disco sonoro.

³¹ Nos trabalhos acadêmicos é comum os pesquisadores apresentarem as suas fontes de pesquisa. Nesta investigação grande parte do material utilizado encontra-se no próprio corpo do texto, sendo disponibilizadas ao final, algumas outras fontes relevantes para a sua realização. Denominei de *“Baú de Achados e Guardados”* ao local onde hospedei estes documentos. Esta expressão é também muito utilizada pela Prof^a Corinta Geraldi, Secretária Municipal da Educação à época da criação do LETRAVIVA.

³² BUARQUE, C. Lola. In: BUARQUE, C. *Francisco*. Rio de Janeiro: BMG Ariola, 1987. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 3.

³³ RODRIGUES, L. Felicidade. Intérprete: Caetano Veloso. In: *Homenagem a Lupicínio Rodrigues*. Rio de Janeiro: Som Livre-RCA, 1978. 1disco sonoro, Lado A, faixa 4.

Vou seguir o meu “faro”, o meu “olfato”, para elaborar esta narrativa, como sugerem os autores dos *“Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa”*³⁴ quando afirmam que é necessário o tempo, a relação entre as pessoas, o espaço “[...] y de voz cuando se establece la relación de colaboración, una relación en la cual ambos, investigadores y practicantes, tienen voz [...]” (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p.20).

Neste mesmo estudo, citando outro autor, chamado Britzman, eles acrescentam:

La voz es el sentido que reside en el individuo y que le permite participar en una comunidad... La lucha por la voz empieza cuando una persona intenta comunicar sentido a alguien. Parte de ese proceso incluye encontrar las palabras, hablar por uno mismo y sentirse oído por otros... La voz sugiere relaciones: la relación del individuo con el sentido de su experiencia (y por tanto, con el lenguaje) y la relación del individuo con el otro, ya que la comprensión es un proceso social. (BRITZMAN, [1995?] *apud* CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 20-21).

Esta escrita somente faz sentido porque temos formado uma comunidade que compartilha vida, trabalho, história, narrativas e registros diversos. “Contamos a nós mesmos com palavras. Somos nossas palavras”, afirmou o Prof. Wanderley Geraldi (2006, p.62). E concordo com ele.

Todas estas considerações para afirmar que é bastante difícil escrever sobre mim mesma... Esta é uma missão muito arriscada! Por isso conto com a generosidade e compreensão de vocês para desculparem os equívocos, incompreensões, erros e incontáveis fragilidades. De toda sorte, gostaria de registrar que, a amizade e carinho de vocês me fazem sentir um pouco mais fortalecida para redigir estas memórias.

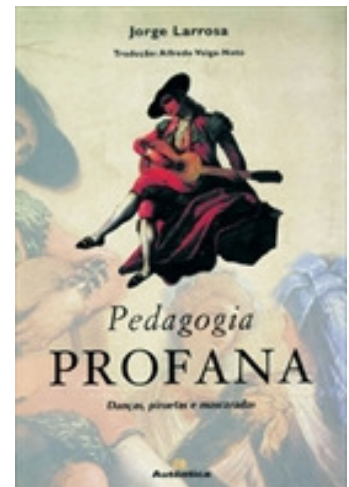
³⁴ CONNELLY, F.M; CLANDININ, D. J. Relatos de experincia e investigación narrativa. In: LARROSA, J. et al. *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Laertes S.A., 1995. p.11-59.

Gosto de lembrar a observação feita pelo poeta e cronista gaúcho Mário Quintana: “a gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa... e enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita”³⁵. Arriscando-me a entrar neste labirinto me exponho a vocês...

Desde os primeiros tempos de minha compreensão como pessoa, entreteci em uma trama multicolor a ideia de que há uma relação direta entre a minha existência pessoal e a poesia. Poesia e vida estão em mim imbricadas. Com Paulo Freire aprendi que ouço sons que brotam do meu interior. São vozes de outros que me habitam e compõem a minha prosa diária, a minha autonarrativa, musicada e poetizada nas sequências prosaicas dos minutos diários.

Às vezes a sedução pelo *escrito* e pela palavra poética é tão grande que sou compelida a comprar um livro porque me encanto com o seu título. Nem sempre conheço previamente o autor. No ano de 2004 entrei em contato, pela primeira vez, com o livro “*Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*” de Jorge Larrosa³⁶. Este título me arrebatou! Precisei comprar o livro. Não poderia mais ficar sem ele. Já conhecia o autor, mas este livro, não.

Vocês adivinham o que mobilizou tanto os meus sentidos? Em primeiro lugar, a palavra **profana**, e depois a imagem do rapaz tocando violão. É claro que não posso esquecer



³⁵ QUINTANA *apud* PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R.(Org.). *Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações*. Campinas: Graf. FE, 2005, p. 36.

³⁶ LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

as **danças, piruetas e mascaradas**. Arte e Vida! Pedagogia, a primeira palavra do título, sinceramente, não entrou no rol das motivações imediatas.

Quero fazer aqui um parêntese: Neste momento, dezembro de 2008, em que organizo o texto para imprimir a versão final, meu filho Davi me viu digitando e, ao notar a palavra e a figura do livro “*Pedagogia Profana*”, afirmou: “Ah, ProfANA, Professora Ana!”... Olhei para ele admirada! Nunca havia pensado nessa possibilidade da palavra! Às vezes, pequenos acontecimentos do cotidiano provocam em nós movimentos para acolher novos arranjos e significações, remexendo situações que pareciam já *assentadas, acomodadas*. Este significado da palavra *profana* é totalmente novo para mim e vou ter que pensar sobre o assunto, porque me relaciono melhor com a palavra educadora; quase não utilizo o termo professora. Mas, afinal, nos registros profissionais a nomenclatura designativa é mesmo professora...

Em fevereiro do ano de 2006 fiz um curso de teatro. Poesia e vida de novo, junto com as danças, piruetas e mascaradas... No início de 2008 voltei ao curso de teatro, por mais uma semana. Preciso desta vivência para me compor como pessoa. A arte está entrelaçada na urdidura da criação e da recriação de mim mesma. Ser educadora, no meu entendimento, sempre foi ser artista. E para compreender-me melhor como educadora fui procurando redescobrir as minhas raízes, as minhas origens.

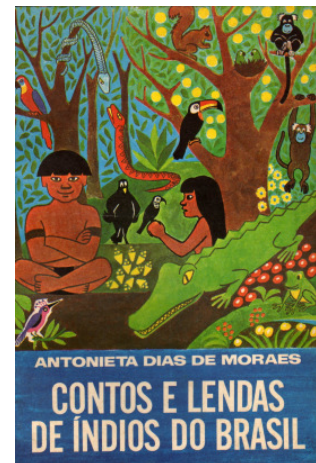
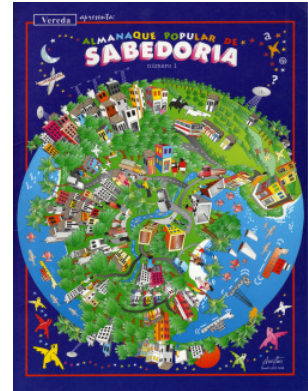
Sou filha da tradição cristã de orientação protestante. E, os protestantes presbiterianos do Brasil, herdeiros de Calvino, (um dos importantes líderes da Reforma Protestante do século XIV na Europa), mas sob a forte influência dos evangelizadores e missionários norte-americanos³⁷, têm um zelo muito grande pela pureza de mentes e corações, a ponto de, em tempos remotos,

³⁷ Campinas é uma cidade que abriga a presença marcante dos protestantes vindos da América do Norte. No Bairro Guanabara está situado o Seminário Teológico Presbiteriano Mackenzie e muitas das construções em torno do prédio do Seminário, em meados dos anos de 1960, eram destinadas à moradia dos missionários e seus familiares. O Mackenzie Campinas foi fundado em 1888, sendo a primeira escola de nível superior implantada na cidade. Neste bairro, algumas ruas possuem nomes dos missionários, como por exemplo, o do Rev. Eduardo Lane. Há ainda na cidade, um Seminário Batista, várias escolas do ensino regular ligadas às diferentes denominações e outras instituições relacionadas aos protestantes históricos, esses que se vinculam à Reforma do século XVI.

encorajarem os fiéis a manterem distância do mundo das pessoas não-convertidas. Havia um incentivo enorme para que vivêssemos uma vida apartada das tradições populares do povo brasileiro (apesar de não ser este, entendo hoje, os ensinamentos de João Calvino).

Como eu poderia ser feliz neste contexto, se tenho um profundo amor pelas pessoas e suas mais sinceras manifestações artísticas e culturais? Desde criança transitei pelos caminhos da cultura popular, à minha moda. Na infância li quase todos os livros de lendas brasileiras que estavam disponíveis na biblioteca da escola pública onde estudei. Li também os almanaques populares, aqueles distribuídos nas farmácias.

Sou apaixonada pelos almanaques, provérbios e ditos populares, cordel, poesia profana, música popular brasileira, festas... Sofri bastante com este jeito *apartado* de ser e fui me compondo, de modo um tanto quanto *enviesado*, porque intuía que não era possível ficar comentando sobre tudo o que lia e gostava. E agora, com este novo significado para a palavra *profana*, sugerido pelo Davi, as questões que dizem respeito ao profano se reinstalaram de vez em mim, todavia a paixão e as circunstâncias não ofuscam a minha identidade protestante. Pode ser até que a reafirmem.



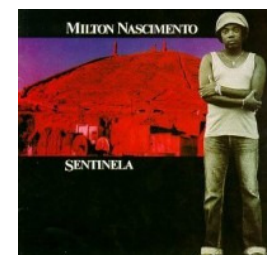
A questão das relações do indivíduo com a sociedade, da iniciativa pessoal e da necessidade social vão se intercambiando na nossa vida. A esse respeito gostaria de comentar com vocês sobre um homem especial, Lutero, uma pessoa por quem tenho profunda admiração. Ele foi vivendo sua vida e observando tudo ao seu redor até descobrir as Escrituras Sagradas, especialmente os Evangelhos e as epístolas do Apóstolo Paulo. A partir daí foi fazendo um confronto rigoroso e doloroso destas leituras e do meio em que vivia. Suas inquietações eram tamanhas que não o permitiram acomodar-se na situação, de certa forma privilegiada, em que vivia. As suas indagações e dúvidas o incomodaram de tal maneira que o levaram a afrontar as autoridades eclesiásticas daquele momento, às quais estava subordinado. Passou a ter uma vida difícil e perigosa. Foi julgado por seus escritos e atitudes, perseguido e banido da igreja. Em um dos tribunais, foi oferecida a ele a oportunidade de retratar-se e ele recusou. Afirmou: “Não posso agir contra a minha consciência”. Gosto muito do Lutero e sua vida me inspira a não me acomodar. Porque li alguns de seus escritos e estudei sua biografia, também me sinto impelida a dizer que não posso agir contra a minha consciência. As opções pessoais que faço são vincadas pelas ações de pessoas que me precederam e que me inspiram. Talvez sejam estes *aportes* emblemáticos que nos empurrem para um certo tipo de militância, de opção pela vida, de trabalho pelo bem comum. Por isso também não posso deixar de ser “*profana*”, de estar próxima do povo, de “*aninhar*” em mim sua cultura e de seus modos de existir.

Muito jovem comecei a dar aulas para as crianças na Escola Dominical. Contraditoriamente, porque tudo é fronteira e movediço em minha vida, esse foi um tempo feliz de descobertas e de muita leitura da Bíblia, de alguns dos clássicos protestantes, como Calvino, Lutero, Júlio Andrade Ferreira, dentre outros. Mas, não fiquei por aí.

Aos poucos fui tomando coragem para chegar bem perto das tradições consideradas profanas. Com muito temor e, ao mesmo tempo ousadia, apropriei-me da identidade “pagã” brasileira. Depois das primeiras viagens aos territórios considerados profanos pelos protestantes, portanto desconhecidos para mim, passei um longo período distante da frequência regular aos cultos e aulas da

Escola Dominical. Quando retornei, motivada principalmente pelo nascimento do meu primeiro filho, comecei tudo de novo. Do zero. Sem ninguém me conhecer, sem saber que sou filha de um pastor presbiteriano e de uma líder de agremiações de mulheres presbiterianas da região noroeste do estado de São Paulo. Cheguei assim, “*sem lenço nem documento*”³⁸ e fui me aproximando da roda. Aos pouquinhos e arrastando comigo os profetas e poetas profanos. Minha amiga Regina Flora comentou sobre essa chegada, de um modo bastante particular e carinhoso. Depois que leu a primeira versão deste trabalho, escrito à época do Exame de Qualificação, resolveu escrever-me uma carta. Vocês terão oportunidade de ler, pois a coloquei no “*Baú de Achados e Guardados*”³⁹ disposto logo após as Referências.

Com o tempo e a confiança do grupo pude levar a música dos profetas brasileiros para ser cantada por meus alunos, *na igreja*: Milton Nascimento também é profeta que clama pela libertação dos povos negros viventes neste Brasil de tantas contradições e injustiças... Manuel Bandeira toca minha alma com a simplicidade difícil e pungente da solidão. Paulinho da Viola, Carlos Drummond de Andrade, Aldir Blanc, João Bosco, Mário de Andrade, Chico Buarque, Ziraldo, Cora Coralina,



³⁸ VELOSO, C. Alegria, alegria. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, C. *Caetano Veloso*. Rio de Janeiro: PHILIPS, 1967. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 4.

³⁹ A carta da Regina Flora encontra-se na página 299 do “*Baú de Achados e Guardados*”.

Millôr, Luiz Melodia, Angeli, Cecília Meireles, Adélia Prado, Tarsila do Amaral, Van Gogh... Tantos poetas e artistas profanos povoando meu cotidiano e minha imaginação! Com Jesus, João, Davi, Jeremias, Ester, Débora, Paulo, Pedro, Jó, Moisés, Isaías e *também* com os artistas profanos compus o itinerário de minha vida. Deles não me aparto. Não posso. Estes poetas vivem em mim. *“Música e poesia do Brasil, aonde eu for é bom que vá com vocês...”*⁴⁰

Em um dos estudos temáticos que realizamos, Regina Flora e eu, na classe de Jovens da Escola Dominical da IPI⁴¹ do Jardim Maria Eugênia, o trabalho de conclusão proposto para o encerramento do tópico de estudos era o de criarmos uma paródia para o Salmo 23, aquele famoso, escrito pelo poeta Davi. A minha paródia ficou assim:

SALMO 23

O Senhor, que planta diariamente na Terra um Reino diferente, é o *“meu Companheiro”*.

Está comigo quando saio do meu pretenso refúgio e respondo à pergunta do Davi:

- Você vai trancar Jesus aí dentro?
- Não. Ele vai descer as escadas e os abismos com a gente. Vai com você e comigo.
- Ah! É! Ele é invisível !!!

O Senhor é *“meu Companheiro”* e dá de cara com os meninos sujos e suados, espremidos no ônibus:

- Ô dona, arranja uma vaga para mim. Aquela outra dona está *“embaçando”* e eu vou jogar um tijolão na janela da... escola.

MPB's

Chico César

*música e poesia do Brasil
é bom estar a sós com vocês
amor cortês
de alma proletária
e o motor pequeno-burguês*

*meninas do meu engenho
meu caderno de desenho
minha aula de tricô*

*aonde eu for
mpb's
recortes de amor
música e poesia do Brasil
aonde eu for
é bom que vá
com vocês*

⁴⁰ CÉSAR, C. MPB's. Intérprete: Chico César. In: CÉSAR, C. *Cuscuz Clã*. São Paulo: PolyGram, 1996. 1 CD. Faixa 15.

⁴¹ Igreja Presbiteriana Independente do Jardim Maria Eugênia, Campinas.

Pergunto ao “*meu Companheiro*”:

- Será que daria para arranjar uma vaga no Reino para esses rejeitados do Satélite Íris?

O Senhor é “*meu Companheiro*” e me guarda como a um único Van Gogh no museu.

A fragilidade magra e miúda rodeada de corpos muito mais que robustos...

- Ô dona, guarda a mochila aí pra mim!

- O que tem dentro?...

O Senhor é “*meu Companheiro*” e me leva para junto de quem precisa dele. Porque onde estou está Ele.

Uma flor brotou no asfalto, escreveu o mágico poeta.

O Senhor é “*meu Companheiro*” e faz a vida renascer a cada manhã, como nas cores das frágeis flores dos vasilhinhos artificiais da floricultura, despercebida, ao largo da poluída e cinzenta Avenida das Amoreiras, sem amoreiras; teatro de pequenos crimes diários. Uns vistos, outros praticados. Cotas diárias de horror e dor.

Até quando?

Até quando o Senhor, “*meu Companheiro*”, insistir em me levar para o beco, para a viela esburacada, para o meio da “batida” policial.

Será mesmo que tudo isso aconteceu hoje?

Até que o perdão me redima da mesquinhez desse tempo de ódio e indiferença.

Até que eu viva em paz e alegria, para sempre, com meus filhos, “amigos, discos e livros”, nesse Reino plantado pelo “*meu Companheiro*”.

Campinas, 13 de Fevereiro de 2003.

Aniversário da Semana de Arte Moderna de 1922, graças a Deus!

Uma recriação um pouco livre...

Nessa pequena comunidade presbiteriana, da região periférica de Campinas, conheci uma das minhas melhores amigas, Regina Flora, e com a sua insistência, carinho, cobrança, atenção, colaboração fui retomando o trabalho na Igreja, depois de um longo período de afastamento. Fizemos uma boa parceria no tempo em que residi naquela região da cidade. Atualmente não realizamos muitas atividades conjuntas porque mudei de endereço e nossas vidas tomaram rumos

um pouco distintos, todavia nossa amizade segue fortalecida não importando a distância física.

No tempo em que estive ausente do convívio regular das comunidades protestantes, um dia conversando com um amigo, bem mais velho que eu, quase meu pai de tão amigo, ouvi uma afirmação à moda de Guimarães Rosa:

“Olhe, Ana Maria, não adianta você querer negar as suas origens. Quem é da roça, leva a roça consigo, para onde quer que vá!”⁴²

Ele me dizia essas palavras porque eu estava à procura de mim, por aí... Fazia uma pesquisa relacionada aos modos de ser dos protestantes e estava, naquele momento de final dos anos de 1980, em conflito intenso por conta de meus contatos imediatos com os artistas profanos! Sua expressão, nascida do afeto que sentia por mim e, acredito que também por suas relações com o mesmo tema, proporcionou esse momento de lucidez e de aproximação de mundos tão diversos. Sou grata a ele por ter me presenteado com seu carinho e perspicácia. Ele é um pastor presbiteriano, como meu pai, e, por sinal, são muito amigos. Seu nome é Neudir Baptista.

Ao ler novamente o texto de Jorge Larrosa, “Três imagens do paraíso”, do livro *Pedagogia Profana*, fui fazendo as minhas piruetas, alegre por poder produzir significados novos para um texto publicado em 1995.

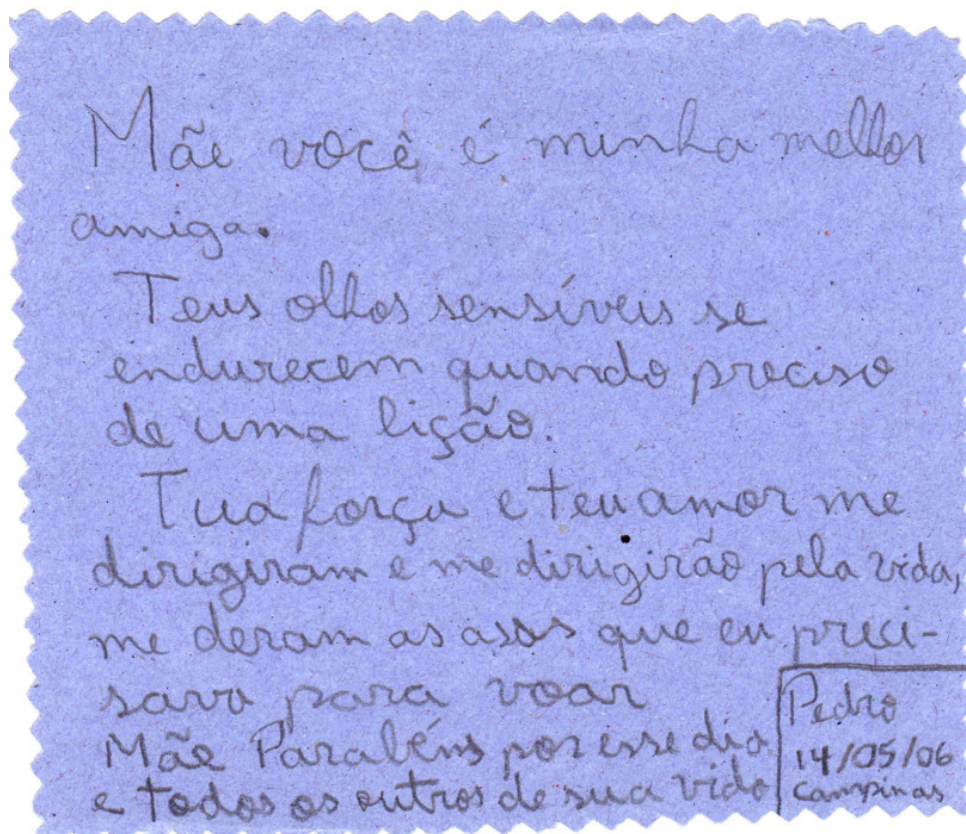
Da reflexão que fiz a partir do texto de Larossa quero partilhar uma ideia que me acompanha há bastante tempo, mas que ainda não tinha tido a oportunidade de vê-la materializada em palavras escritas num pedaço de papel. Eu só vivia, sentia e pressentia muitos versos, muitas rimas, sons, cores, sabores

⁴² Minha amiga Cristina Maria Campos, a CrisHop, que fez a dissertação *“Rua e escola: o Hip Hop como movimento porta voz dos sem vez”*, escreveu-me que o Mano Brown do Racionais MCs também faz uma afirmação semelhante, em um rap: *“Você sai do gueto, mas o gueto não sai de você”*. E continuou: *“Olha quanta coisa legal a gente encontra no pulsar da vida... No durante a caminhada.”*

e perfumes, porém já posso ter o imenso prazer de ver minha vida aproximada à de Rialta Olaya⁴³, como estão próximos e paralelos os trilhos de um trem...

Eu vivia tentando encontrar um meio de dizer que a maternidade é poesia. Sem muita explicação e bastante intuição. Sabia contar precariamente do meu *'estado de graça'* durante a gravidez dos meus filhos.

Em 14 de Maio de 2006, uma vez mais vivendo um insuspeito e quase corriqueiro "Dia das Mães", recebi um presente inusitado, que me deixou em *'suspense'*; quase sem fôlego, porque não o esperava. Das letras manuscritas de meu filho adolescente, recebi registradas em um pequeno pedaço de papel azul, cuidadosamente recortado, a seguinte declaração:



⁴³ Rialta Olaya e José Cemí são mãe e filho, personagens do livro *Paraíso*, do cubano José Lezama. No capítulo três de *Pedagogia Profana*, chamado "Três Imagens do Paraíso", Jorge Larrosa faz um estudo sobre essa obra de José Lezama.

Confesso que meu coração bateu acelerado!

Eu sempre quis voar! Vejo com emoção, que estou conseguindo ajudar o meu filho a voar também!

Não poderia receber um presente melhor, nem maior, nem mais rico! É a poesia que eu não sabia escrever! A maternidade experienciada como processo de vida entretido entre duas pessoas tão diversas e ao mesmo tempo, tão parecidas! Vida e Poesia. Poesia e Vida! Fios entrelaçados de uma mesma trama.

Quando li as palavras que Rialta disse a seu filho José Cemí, tive um daqueles lampejos de compreensão encarnada. Não se trata de transmissão de conhecimento, e sim, de vivência de conhecimento:

ouve o que vou dizer para ti: Não recuses o perigo, mas tenta sempre o mais difícil. Há o perigo que tentamos como uma substituição; há também o perigo que tentam os enfermos, esse é o perigo que não engendra nenhum nascimento em nós, o perigo sem epifania. Mas, quando o homem, através de seus dias, tentou o mais difícil, sabe que viveu em perigo, ainda que sua existência tenha sido silenciosa, ainda que a sucessão de suas ondulações tenha sido mansa, sabe que esse dia que lhe foi destinado para sua transfiguração, verá não os peixes dentro do fluir, quais manchas móveis, mas os peixes na cesta estelar da eternidade (LEZAMA, 1977 *apud* LARROSA, 2003, p.85).

Mais adiante Jorge Larrosa comenta as palavras de Rialta:

Com suas palavras, Rialta outorga um destino a seu filho. Mas um destino nunca é uma coação à vontade, um processo traçado de antemão e que alguém deve percorrer sem falhas ou rebelar-se contra sua determinação, algo a que alguém deve submeter-se ou contra alguém deve lutar. Outorgar um destino é orientar e colocar em marcha na direção daquilo que alguém é (LARROSA, 2003, p. 87).

Na madrugada fria, eu lia voluptuosamente este texto do *mágico* Larrosa. Em que situação de minha vida poderia “*aninhar*”⁴⁴ este fragmento? Lembrei-me de minha mãe. Em minha infância, um dia quis que ela deixasse dos seus afazeres para resolver um problema meu. Ela interrompeu seu trabalho e me disse:

“Milha filha, olhe o seu dedo polegar da mão direita. Está vendo? Nem mesmo na pontinha do dedo nós somos iguais. Cada pessoa é única e tem o seu modo de fazer as coisas e as escolhas, portanto, não poderei tomar o seu lugar. Resolva você mesma!”

As palavras de minha mãe ecoam nitidamente em minha memória. Acho mesmo que até sinto o cheiro do almoço que preparava naquele momento. Há tanto tempo e tão presente! Dito por outra pessoa: a maternidade é mesmo poesia... Minha mãe também me outorgou um destino! Presenteou-me com a orientação para que eu me pusesse em marcha, em busca de mim mesma. “*O seu amor, ame-o e deixe-o ser o que ele é*”, cantaram os “*Doces Bárbaros*” há muito tempo⁴⁵.

Poderia fazer uma coleção de pequenas jóias recolhidas de minha vida de filha e de mãe, mas contento-me com estas duas pequenas “*esmeraldas*”, amostras da beleza e da singularidade delicadamente garimpadas do cotidiano, nem sempre tão poético. Pequenas jóias brilhantes incrustadas nesta narrativa da minha invenção como pessoa.

E ao escrever juntando à minha voz a dos poetas, músicos, educadores, amigos, me parece que a escrita vai se tornando mais fácil. Com a música a vida é mais bonita e intensa. E é disso que se trata: intensidade e cor! Muita cor! Não suporto viver sem cor. Por exemplo: “*Vermelho é a cor do amor*”,

⁴⁴ Segundo observação de minha amiga-orientadora Graziela, aninhar já diz tudo: Aninha/Aninhar, porque quer acolher todas as vozes; aninhar todo mundo no aconchego. Já fiz uma referência a esta sua observação, lá na página 33, mas achei que aqui ficou mais fácil explicitar.

⁴⁵ GIL, G. O seu amor. In. *DOCES BÁRBAROS*: Caetano, Gal, Gil, Bethânia. São Paulo: PHILIPS, 1989. 2 CDs. CD 1. Faixa 4. Remasterizado em digital.

cantou Luiz Melodia⁴⁶. Vermelha é a cor da brasa incandescente. Brasa incandescente é a metáfora que Fernando Filizola e o José Chagas utilizaram na poesia **Palavra Acesa**, gravada pelo Quinteto Violado. Eles escreveram e cantaram que “*palavra quando acesa não queima em vão...*”⁴⁷

Assim estou me sentindo. Com a palavra incandescente feito brasa, querendo pular para esta folha em branco.

Pensei nas educadoras e educadores sonhados e “criados” na imaginação fértil e genial de Paulo Freire. Educadores e educadoras com os quais nós todas sonhamos. Aquelas pessoas que andam junto, que cantam e contam. Educadoras que têm a voz modulada pela paixão. Educadoras que têm cor e cheiro. Que sentam junto, que falam de livros e textos, mas que, principalmente falam da vida e de **como** vivemos a vida. O **como** faz a diferença⁴⁸. É o vivido, o experimentado! Por isso ao começar a escrita, tudo, aos borbotões, vem à cabeça cheia de lembranças alegres e amargas. Junto com as contradições infinitas, a fronteira entre o sagrado e o profano...

“*Foi sempre como prática de gente que entendi o que-fazer docente*”⁴⁹ escreveu Paulo Freire (1996, p. 145). Da vida vivida tratamos aqui, neste texto que tem no seu contexto o Projeto LETRAVIVA que nos uniu e a reflexão que vimos fazendo de nossa prática pedagógica desde então.

A palavra acesa provocando a quentura, começando a iluminar regiões sombrias de nossa existência.

É perigoso este movimento. Onde será que vai dar?

E o Quinteto Violado vai cantando assim sobre a “*nossa*” situação:

⁴⁶ MELODIA, L. Amor. Intérprete: Luiz Melodia. In: MELODIA, L. *Maravilhas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1976. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 5.

⁴⁷ FILIZOLA, F.; CHAGAS, J. Palavra acesa. In: QUINTETO VIOLADO, *Millennium: 20 músicas do século XX*. São Paulo: PolyGram, 1999. 1 CD. Faixa 19.

⁴⁸ O Prof. Guilherme Prado registrou a seguinte observação na arguição da Defesa: “Esse **como** é a ligação entre o estético e o ético! Esse **como** é o que faz a diferença!”

⁴⁹ FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 27 ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996. p. 145.

Se o que nos consome fosse apenas fome
cantaria o pão
como que sugere a fome
para quem come,
como que sugere a fala
para quem cala,
como que sugere a pinta
para quem pinta,
como que sugere a cama
para quem ama.
Palavra quando acesa
não queima em vão,
deixa uma beleza posta
em seu carvão
e, se não lhe atinge como uma espada
peço, não me condene,
oh! minha amada!
Pois as palavras foram
pra ti, amada.⁵⁰

Comecei a recordar, a re-encontrar o desejo de ser educadora, lá na nascente, como na nascente do São Francisco. Tão limpinha aquela água. Fresca e pura. Ainda pouca. Para depois tornar-se um rio imenso em extensão. Dizem que é o da nossa integração regional, nacional: O velho Chico. Nasce pequeno e puro... Assim também o meu desejo. Vem de longe, tal como da profundidade do ventre da terra de onde brota a nascente do rio...

Estava tentando dormir, mas não conseguia de maneira nenhuma. Minha memória inquieta, como aquela brasa acesa, alumando a noite, me mantinha desperta. Precisei me levantar da cama para escrever um pouco sobre estas *viagens*. Não estava cabendo dentro de mim. Pulou pra fora, como dizia nosso amigo Romualdo Dias⁵¹, tão amado e conhecido de vocês. E aqui está. Vida verdadeira, segundo o poeta Thiago de Mello⁵². Vida que merece ser vivida...

⁵⁰ FILIZOLA, F.; CHAGAS, J. Palavra acesa. In: QUINTETO VIOLADO, *Millennium: 20 músicas do século XX*. São Paulo: PolyGram, 1999. 1 CD. Faixa 19.

⁵¹ Romualdo Dias, nosso querido parceiro na criação e sustentação teórica do Projeto LETRAVIVA, é professor da UNESP – Rio Claro e também atua na assessoria a movimentos populares há muitos anos. Foi assessor da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, nos anos de 2003 e 2004.

⁵² MELLO, T. A vida verdadeira. In: MELLO, T. *Faz escuro mas eu canto: porque a manhã vai chegar*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987, p.15-18.

Minha memória procurava a origem, a nascente. Acho que cheguei bem pertinho, quase lá... Lembrei-me de minha infância, **antes** de entrar para a escola. Todos os dias esperava minha mãe chegar. Ela vinha invariavelmente rodeada de meninas e meninos, barulhentos e falantes. Uns carregavam seus livros e cadernos com aquela alegria de aluno contente! Outros traziam a bolsa. Outros as flores. Ela sempre ganhava flores. E também disputavam quem viria segurando sua mão ou seu braço. A professora Vera, minha mãe.

Ela chegava cansada, mas trazia no rosto as marcas da satisfação, da alegria de um certo “*dever cumprido*”. Não dizia e nem precisava, mas ao mesmo tempo, tudo ao seu redor pronunciava aquele amor. Eu via. As pessoas demonstravam. Presentes intangíveis recebidos diariamente...

Eu sempre remexia sua bolsa à procura de outros presentes palpáveis, materiais mesmo. Coisas que crianças adoram: balas, bombons, doces e frutas. Às vezes ela ganhava maçã. Fruta importante e importada. Vinha embrulhadinha na “seda azul”, como cantou Caetano Veloso sobre a “*lua de São Jorge*”⁵³. Eu não gostava de maçã e continuo não gostando. Às vezes, se ficava doente ou com febre, lá vinha alguém com maçã.

Atmosfera de carinho! Essa era a atmosfera que minha mãe trazia quando chegava da escola. Eu não tinha ideia de onde vinha tudo isso. Apenas sentia e participava desses momentos...

Bem, claro que eu queria ir à escola também. Afinal, parecia ser ótimo. Queria ler e fazer contas. Coisas importantes que as outras crianças maiores, da Igreja ou da vizinhança, já faziam. Minha mãe me deu de presente uma lousa pequena, verde. Eu fazia uns rabiscos, passava um traço e perguntava: “Isso aqui é uma conta?” Ou então, pegava a minha cadeirinha, colocava na calçada, perto do portão, levava um livro e começava a “*ler*” as histórias. Os vizinhos passavam e vinham conferir se eu estava “*lendo*” mesmo ou inventando tudo! Minha “leitura” naquela época era inventada.

⁵³ VELOSO, C. Lua de São Jorge. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, C. *Cinema Transcendental*. Rio de Janeiro: PolyGram-PHILIPS, 1979. 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 1.

Adorava as histórias do volume 3 do “Mundo da Criança”⁵⁴. Decorei quase tudo de tanto pedir para os adultos lerem para mim. Lembro que minha avó, quando vinha lá de Barretos para nos visitar, também precisava ler as tais histórias. Às vezes, já com sono, pulava uns trechos, ao que eu reclamava de imediato. Onde já se viu pular partes da história?!

Bem, fiquei lembrando de minha mãe. Professora de muitas crianças e adolescentes. Não foi minha professora na escola, mas na vida. Ela me fez querer ser amada tanto quanto era amada por seus alunos e alunas. Eu achava linda aquela consideração e carinho que ela recebia das crianças. Eventualmente apareciam aqueles que tiravam fotos com ela, fazendo pose. Fotografias eram difíceis e caras naquele momento da década de 1970, quase ninguém possuía máquina fotográfica. Era preciso chamar o fotógrafo! Percebem a relevância do acontecimento? Era uma cerimônia marcada de significados. Ainda existem lá nas suas caixas de fotos algumas dessas fotografias com alunos.

Nesse clima favorável comecei a querer ser professora também. Afinal, onde eu poderia achar uma profissão assim, cheia de vida, afeto, carinho e amizade?

Pensava dessa maneira porque ainda não tinha começado a frequentar a escola... Todos os dias perguntava à minha mãe: “Hoje vou para a aula?” Foi uma angústia ter que esperar tanto.

Foi também uma enorme tristeza o primeiro ano!

Acredito que está nessa lembrança de um *realismo mágico*, anterior à ida definitiva para a escola, a profundidade do meu desejo de ser educadora. Esta vontade, intimamente relacionada à noção de pertencimento, conjuga-se no plural, no grupo, na relação entre as pessoas. Desejo de viver em comunidade, de compartilhar, aproximar e incluir... Incluir com gosto, com cor, com vida, com cheiro de flores e frutos. Com cheiro de manga, como sugeriu Paulo Freire. Creio

⁵⁴ O MUNDO DA CRIANÇA. Tradução Vera Braga Nunes. Rio de Janeiro: Delta. [1970?]. 15 v.

que essa é a “nascente” do meu desejo. Hoje, decorridos tantos anos, identifico nessas vivências a nascente do “meu” São Francisco.

Uma educadora, para mim, compartilha a vida. Viver com. Estar com. Desafiar a. Procurar junto. Descobrir também. Cair no buraco. Entortar o pé e as ideias quando o buraco for fundo. Levantar, pegar na mão do outro e prosseguir. Às vezes, mancando. Mas com um ombro amigo para se apoiar.

Tem gente que não gosta de gente. Acha esquisito passar a mão na cabeça do menino ou da menina. Fazer carinho, sentar no chão... Não pode sentar no chão, porque só usa sapato de salto agulha. Deve ser pra agulhar mesmo. Foi assim, com agulhas e ferroadas o meu primeiro ano escolar. Tive uma surpresa muito desagradável. Ouvei gritos, olhares condenatórios, reguadas e castigos corporais. Levei um susto. Quanta injustiça e maus tratos com pequenos seres impotentes! Aquilo era massacrante. Adoeci. Lembrei muito da minha primeira série quando assisti no cinema ao filme “*The Wall*”⁵⁵.

Fiquei tão triste, tão decepcionada! Logo na minha primeira série, na minha tão aguardada primeira experiência escolar... aquele martírio! À hora de ir para a escola, comecei a ficar com as mãos geladas e suadas, com dor na barriga. Suava frio de medo. Minha mãe precisou levar-me ao médico. Mas ele não conseguiu arrumar um remédio para aplacar a dor que eu sentia. Minha mãe e meu pai tentaram me acalmar, com paciência. Ajudaram muito, mas essa tristeza não se apagou. Nenhum remédio foi suficiente para dissipar a dor que sentia ao ver meus pequenos companheiros apanhando ou o pânico por não poder errar a tabuada. Aliás, preciso aprender a tabuada... sem a tábua na cabeça, como bem lembrou a Graziela!

Felizmente nos anos subsequentes as professoras foram outras. A D. Antônia foi a minha salvação, depois do terror. Com ela, comecei a recuperar minhas ideias, memórias, invencionices, alegrias e sentimentos de prazer ao

⁵⁵ PINK FLOYD: *The Wall*. Produção de Alan Marshall. Direção de Alan Parker. Inglaterra. MGM Home Entertainment, 1982.

aprender, qualquer coisa que fosse. Já nesse período percebi que gostava de histórias, poesias, geografias... Mundos, vastos mundos⁵⁶.

Ainda bem que a vida não é feita apenas de primeira série! Sobrevivi com a memória marcada pelos tempos difíceis. Dan Baron⁵⁷ diria que essas marcas ficam impregnadas em nossa pele constituindo uma “*barricada*” contra as agressões e opressões futuras.

“*Ainda bem que entre o antes e o depois existe o DURANTE e é isso que nos salva sempre, pois pra mim o meu primeiro ano não foi nada diferente do seu*”, escreveu-me a minha amiga CrisHop, depois de ler estas cartas e me responder, num dos nossos intermináveis diálogos via Internet.

Fui conhecendo outras professoras e professores e descobrindo que cada um tem uma identidade, um jeito de ser. Só alguns gostam ***muito*** de serem professores. Encontrei vários que gostavam muuuuuito da profissão. Porém o gosto amargo da primeira série ficou. Ficou aquele sentimento de solidão. Paulinho da Viola cantou assim: “*Solidão palavra gravada no coração, resignado canto no compasso da desilusão...*”⁵⁸

Mas não sou feita só de tristeza. Sou composta por muita vida e alegria. Alegria de ser alegre mesmo. Alegria de encontrar, de gestar, de brincar, alegria da amizade... “a minha vontade de alegria, sua raiz vai ao meu mil avô!”⁵⁹ Milton Nascimento me ensinou que o “*solidário não quer solidão*”⁶⁰, assim vou procurando e trilhando meu caminho. Tramas e trilhas complexas...

Este é um dos possíveis ou prováveis inícios da “*viagem*” rumo ao aprendizado de ***ser educadoraprofessora***.

⁵⁶ ANDRADE, C. D. Poema de Sete Faces. In: ANDRADE, C. D. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. p. 4.

⁵⁷ BARON, D. *Alfabetização cultural: a luta íntima por uma nova humanidade*. São Paulo: Alfarrabio, 2004.

⁵⁸ VIOLA, P. Dança da Solidão. Intérprete: Paulinho da Viola. In: VIOLA, P. *Dez Anos*. Rio de Janeiro: EMI-ODEON, 1985. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 3.

⁵⁹ PRADO, A. Com licença poética. In: PRADO, A. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 11.

⁶⁰ NASCIMENTO, M.; BRANT, F. Bola de meia, bola de gude. Intérprete: Milton Nascimento. In: NASCIMENTO, M. *Miltons*. Rio de Janeiro: CBS, 1988. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 4.

Faço esta distinção. Intencionalmente. Conheço muitos professores e professoras que não são educadores e educadoras. Quando não há compromisso com a vida das pessoas que estão ao nosso redor para conosco aprender o que quer que seja, quando não há o questionamento da “*vida como ela é*”⁶¹, não posso referir-me a esta pessoa como educador, educadora. No máximo, pode ser burocrata do ensino. Educadores são comprometidos com a transformação social.

Todo ato pedagógico é um ato político porque está referenciado no campo da ética, segundo Paulo Freire: “é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável nessa reinvenção. Assumirmo-nos como sujeitos e objetos da História nos torna seres da decisão, da ruptura. Seres éticos” (2006, p. 40). E a pergunta fundamental da ética é: para quê? Trabalhamos a construção do conhecimento, a elaboração de um conceito para quê? A nossa escolha, feita dentre tantas opções, evidencia nosso compromisso ético-político com a vida.

A educação é intencional. Não pode haver ato educativo sem que se projete a existência de um futuro. Por qual futuro trabalhamos? Estas são as questões fundamentais que movem uma educadora, um educador.

Do debate e confronto com ideias e autores, vivências, assimilações da tradição familiar, dos conflitos e paradoxos existenciais, ideológicos, enfim, de todo o complexo mundo cultural no qual estou imersa, vou me constituindo e me confirmando como *persona* singular e, ao mesmo tempo, *genericamente* humana, como propõe Agnes Heller ([1988?], p.20; 21)⁶².

Acredito que do pouco que sei sobre mim, um dos movimentos é o relativo à busca diária de renascimento. Na vida familiar, profissional, estudantil, como cidadã brasileira do início do segundo milênio, no mundo ocidental... Por isto é que me aventuro a dizer como o poeta: “*Aqui está a minha vida, Pronta para ser usada*”⁶³.

⁶¹ “A vida como ela é...” é o título de um livro de Nelson Rodrigues. RODRIGUES, N. *A vida como ela é: o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁶² HELLER, A. *O cotidiano e a história*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, [1988?].

⁶³ MELLO, T. A vida verdadeira. In: MELLO, T. *Faz escuro mas eu canto: porque a manhã vai chegar*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987, p.15-18.

Obstinadamente garimpo na vida cotidiana as energias criadoras e criativas para ressignificar a minha existência com arte. Jorge Mautner, com sua música, auxilia na compreensão desse modo de ser: “No meu corpo sangue não corre não. Corre fogo e lava de vulcão”⁶⁴. É mais ou menos assim.

A arte compõe o trabalho educativo. Com paixão e compaixão.

Paixão é fundamental. Impele ao movimento porque incendeia a alma e anima para compartilhar a vida com as pessoas que estão ao nosso redor. Compaixão na vivência com os que sofrem.

Nos Evangelhos são relatadas algumas das ações de Jesus e, as que muito me afetam são estas: “vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor. E passou a ensinar-lhes muitas coisas”⁶⁵. Jesus era um educador maravilhoso, porque tinha compaixão e carinho pelas pessoas, independente da posição social. Acolhia, ouvia, conversava e andava na companhia de pobres e ignorantes, frequentava a casa de pessoas socialmente banidas do convívio dos judeus. Conversava com as mulheres e crianças! Extrema ousadia naquela sociedade patriarcal, machista.

Minha compreensão de *formação continuada* sobre *como ser educadora* veio de Jesus. Reputo a estes escritos de Mateus e de Marcos as minhas referências fundamentais como educadora. Claro que aprendi tudo isto com meu pai e minha mãe, porque eles prometeram, nos meus primeiros dias de vida, na cerimônia do batismo, que eu seria alfabetizada na infância, para ter autonomia a fim de “examinar as escrituras”. Este é um compromisso assumido publicamente perante a comunidade por todos os protestantes históricos (não sei nada dos neo-evangélicos!).

Na educação temos a possibilidade facultativa de viver a compaixão. Afirmo que é facultativa porque muitos não a vivem, por opção, por decisão de não se comprometer, de não se “molhar” na vida e na cultura do povo. E assim,

⁶⁴ MAUTNER, J. Vampiro. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, C. *Cinema transcendental*. Rio de Janeiro: PolyGram-PHILIPS, 1979, 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 5.

⁶⁵ Evangelho de Mateus capítulo 9, versículo 36 e Evangelho de Marcos, capítulo 6, versículo 34.

se contentam com a burocratização do ensino, com a “*educação bancária*”, rigorosamente desvelada por Paulo Freire em “*Pedagogia do Oprimido*” e outros escritos.

A minha querida Prof^a Corinta Geraldí⁶⁶ chama de “genericidade” a esta complexa relação compartilhada entre seres humanos. Foi buscar este conceito nos estudos da teórica marxista, de origem húngara, Agnes Heller. Corinta debateu conosco, suas alunas e alunos, sobre genericidade, por várias vezes, nas aulas, nos encontros casuais, “*caminhando e cantando*”⁶⁷ também. Dizia, citando Heller, que a pessoa vive a suspensão do cotidiano, por exemplo, quando é capaz de, sem titubear, se arremessar à frente de um carro para salvar a vida de uma criança desconhecida. Neste tipo de circunstância em que não se julga racionalmente o que poderá acontecer, há uma elevação acima da vida cotidiana. Saímos do prosaico, da cotidianidade, para experienciar nossa condição humana (HELLER, [1988?], p. 23-29).

Agnes Heller afirma que “a formas de elevação acima da vida cotidiana que produzem *objetivações* duradouras são a *arte* e a *ciência*” ([1988?], p. 26). No trabalho educativo é possível também viver a experiência da genericidade humana. Da busca, apaixonada pela superação de históricas formas de opressão existentes na sociedade dividida em classes.

Nem sempre enfrentamos as mesmas condições existenciais de nossos educandos e educandas, mas este fato não impede de me compadecer e viver junto o sofrimento e a busca de superação, de construção coletiva de outras alternativas para a vida em sociedade. Às vezes o sofrimento não é pela miséria do pão, e se manifesta na miséria da atenção e do cuidado. Uma educadora compadece-se de seus alunos e vive com eles a “*dor e a delícia de ser o que é*”⁶⁸.

⁶⁶ Conheci a Prof^a Corinta quando fui trabalhar na Secretaria Municipal de Educação de Campinas, no ano de 2003 e depois desse tempo nos tornamos amigas. Ela é para mim uma referência na pesquisa educacional, especialmente porque trabalha com a cotidianidade e com a constituição de professores e professoras como pesquisadores de suas próprias práticas. Sujeitos implicados eticamente com sua profissão.

⁶⁷ VANDRÉ, G. Pra não dizer que não falei das flores. Intérprete: Geraldo Vandré. In: VANDRÉ, G. *Pérolas*. São Paulo: Som Livre, 2000. 1 CD. Faixa 1.

⁶⁸ VELOSO, C. Dom de iludir. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, C. *Totalmente demais ao vivo*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1986. 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 3.

Luis Carlos Restrepo chama a este tipo de insensibilidade de “Analfabetismo Afetivo”⁶⁹. Em um dos momentos da Formação Continuada no Projeto LETRAVIVA estudamos esse texto de Luis Carlos Restrepo. Acredito que as educadoras populares devem estar lembradas dessa vivência, não é mesmo?

Penso que estamos vivendo um tempo em que a educação, na maioria das vezes, está reduzida à informação instrumental, adestramento, impessoalidade, à famosa preparação para o vestibular e para o mercado de trabalho... Formação da pessoa é uma questão quase despropositada. No meu entendimento, isso é desumanização.

O trabalho acadêmico e a educação no nível da pós-graduação também está sob forte influxo dessa política de “otimização” exigida pelo mercado. A valorização está na quantidade dos artigos e livros publicados, na participação em eventos nacionais e internacionais que bonifiquem e divulguem os nomes das instituições de ensino e dos pesquisadores, na execução de inúmeras funções acadêmicas, enfim, uma roda viva célere que compromete, inclusive, a qualidade dos trabalhos desenvolvidos e a saúde dos profissionais⁷⁰.

Trabalho pela humanização dos processos educativos, em parceria com tantos outros e outras que também acreditam que “*um outro mundo é possível*”⁷¹.

⁶⁹ RESTREPO, L. C. *O direito à ternura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

⁷⁰ Em um livro publicado em 1997, a Prof^a Selva Guimarães Fonseca desenvolveu um estudo tomando como referência entrevistas realizadas com vários professores. Um deles afirmou que lastima enormemente a avalanche de exigências feitas aos professores do nível superior, em detrimento da atenção aos alunos e às aulas. O livro tem o título: “Ser professor no Brasil: história oral de vida”.

⁷¹ Tema do Fórum Social Mundial. O FSM é um espaço de debate democrático de ideias, aprofundamento da reflexão, formulação de propostas, troca de experiências e articulação de movimentos sociais, redes, ONGs e outras organizações da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo. Após o primeiro encontro mundial, realizado em Porto Alegre entre os dias 25 a 30 de Janeiro de 2001, se configurou como um processo mundial permanente de busca e construção de alternativas às políticas neoliberais. Esta definição está na [Carta de Princípios](#), principal documento do FSM. O Fórum Social Mundial se caracteriza também pela pluralidade e pela diversidade, tendo um caráter não confessional, não governamental e não partidário. Ele se propõe a facilitar a articulação, de forma descentralizada e em rede, de entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, pela construção de um outro mundo, mas não pretende ser uma instância representativa da sociedade civil mundial. O Fórum Social Mundial não é uma entidade nem uma organização. Disponível em:

http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=19&cd_language=1 Acesso 20 dez.2008

Sempre quis ‘voar’. Ultrapassar a fronteira do medo e, com liberdade, criar. Talvez estes sonhos sejam responsáveis pela minha inquietude desde a infância. Fui uma criança bem tratada, educada num contexto de vida modesto, porém minuciosamente regrado. Minhas duas irmãs e eu tivemos brinquedos, porém, eu gostava de inventar outros. Devorava as histórias dos livros da biblioteca doméstica⁷² e também os da biblioteca da escola pública que frequentei, por outro lado, imaginava e criava muitas outras histórias e assim, logo cedo fiz amizade com a Emília, do Sítio do Pica-Pau Amarelo⁷³. Seguimos amigas e confidentes até hoje.

Ganhei de minha mãe a coleção dos livros do Monteiro Lobato, logo que fui alfabetizada. Li tudo. Quando terminei descobri que ainda havia mais alguns livros que não compunham a “*minha*” coleção. Li os demais nas férias, na casa da minha tia Nair, em Barretos.

Do meu pai, até hoje, só ganhei um tipo de presente: livros. Bicicleta, bola, boneca, vinham de outras ‘fontes’: minha mãe, tias e tios, avós. Por exemplo, aos dez ou doze anos ganhei de meu pai uma pequena coleção dos Poetas Românticos Brasileiros⁷⁴. Meu pai é do tipo que recita as poesias de cor! Acho muito bonito. Ele vai falando, assim, na conversa corriqueira, despretenciosamente. Essa vivência com as letras foi me seduzindo,



O Mundo da Criança – vol. 3



Col. Monteiro Lobato – vol. 2



Poetas Românticos Brasileiros

⁷² O MUNDO DA CRIANÇA. Tradução Vera Braga Nunes. Rio de Janeiro: Delta. [1970?]. v. 3.

⁷³ LOBATO, M. *Memórias da Emília*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

⁷⁴ POETAS Românticos Brasileiros. São Paulo: Lumen, [1970?].

convidando-me a conhecer mundos distantes e diferentes do meu. Fazendo dos autores meus amigos íntimos.

Tenho alguns amigos “sagrados”, como o Carlos Drummond de Andrade, o “*gauche*”⁷⁵ na vida e o Chico Buarque, avisando-me: “*Inútil correr que a dor não passa...*”⁷⁶. Não posso deixar de registrar, entretanto, que há alguns anos a Profa. Corinta me “*apresentou*” a poeta Adélia Prado. E essa poeta maravilhosa convidou-me a pensar, olhar, enxergar por outro ponto de vista, a ideia de ser “*gauche*” na vida – que aliás, continuo gostando! Mas, precisei incluir outra possibilidade. Enorme possibilidade, aliás, para continuar a refletir em sobre como a gente chega a *ser o que é...*

Com licença poética⁷⁷

Quando nasci um anjo esbelto,
 desses que tocam trombeta, anunciou:
 vai carregar bandeira.
 Cargo muito pesado pra mulher,
 esta espécie ainda envergonhada.
 Aceito os subterfúgios que me cabem,
 sem precisar mentir.
 Não sou tão feia que não possa casar,
 acho o Rio de Janeiro uma beleza e
 ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
 Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
 Inauguro linhagens, fundo reinos
 - dor não é amargura.
 Minha tristeza não tem pedigree,
 já a minha vontade de alegria,
 sua raiz vai ao meu mil avô.
 Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
 Mulher é desdobrável. Eu sou.

⁷⁵ ANDRADE, C. D. Poema de Sete Faces. In: ANDRADE, C. D. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. p. 4.

⁷⁶ BUARQUE, C. Bom Conselho. Intérprete: Chico Buarque. In: VELOSO, C.; BUARQUE, C. *Caetano e Chico juntos e ao vivo*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1972. 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 1.

⁷⁷ PRADO, A. Com licença poética. In: PRADO, A. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 11.

Mulher é desdobrável!? Há uma constatação mais absurdamente “*verdadeira*” do que essa? Mas a poeta, diferentemente de nós, pobres mortais, tem um jeito especial de pronunciar seu “*achado*”! Sem comentário...

Os poetas me acompanham, desde a infância. Alguns conheci com meu pai, como afirmei há pouco, outros na escola com professores amorosos e amantes da poesia, outros buscando, procurando... O poeta Manoel de Barros, encontrei por aí, não me lembro onde. Logo me apaixonei por ele, todavia, dialogando com o Prof. Guilherme Prado, fui descobrindo outros poemas, outras leituras possíveis sobre um mesmo tema. Ele me apresentou, por exemplo, este poema⁷⁸, que me comove e que guarda uma relação muito próxima com esta pesquisa:

Aprendo mais com abelhas do que com aeroplanos.
 É um olhar para baixo que eu nasci tendo.
 é um olhar para o ser menor, para o
 insignificante que eu me criei tendo.
 O ser que na sociedade é chutado, como uma
 barata - cresce de importância para o meu olho.
 Ainda não entendi por que herdei esse olhar
 para baixo.
 Sempre imagino que venha de ancestralidades
 machucadas.
 Fui criado no mato e aprendi a gostar das
 coisinhas do chão - antes que das coisas celestiais.
 Pessoas pertencidas de abandono me comovem:
 tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.

Encontrei o prazer e a alegria na companhia de muitos autores, poetas, cronistas. Afirmei para uma amiga, outro dia, que a literatura me redime. Todo tipo de literatura:

Sei que fazer o inconexo aclara as loucuras.
 Sou formado em desencontros.
 A sensatez me absurda.
 Os delírios verbais me terapeutam.⁷⁹

⁷⁸ BARROS, M. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

⁷⁹ _____. *Livro sobre nada*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 49.

Entre autores e artistas, até de jornalistas já gostei, em outros tempos. Hoje em dia está um pouco difícil. Experimentei o prazer de aprender coisas novas nos livros e nas escolas que frequentei. Mas também sofri bastante e percebo que após tantos anos de estudos, as relações que criamos com os professores e professoras, o cuidado, a delicadeza e o afeto no processo educativo, são fundamentais para que ocorra aprendizado. Luiz Carlos Restrepo, o autor que citei há pouco, afirma:

a paixão é a grande artesã do conhecimento. Afeições e não argumentos, hábitos e não juízos, gestos muito mais do que palavras e proposições, é o que nos resta depois de trafegar muitos anos pelo mundo, pelas salas de aula e pela academia, como sedimento residual de experiências e aprendizagens (2001, p. 58-59).

Outra autora que pesquisa o universo educacional e problematiza as dificuldades para o aprendizado, chamando a atenção para as relações interpessoais, é Edwiges Zaccur. No pequeno texto “Fala português, professora”, ela argumenta:

Quando viscerais, porque respondem à necessidade de interação social, as relações interpessoais engendram linguagens impregnadas de sentido que, por sua vez, ativam a produção do conhecimento interpessoal. Inversamente, quanto mais desvitalizada a relação interpessoal, menor a possibilidade de troca e de apreensão de sentido e, portanto, mais difícil o conhecimento (ZACCUR, 1992, p. 24).

Comprovo a cada dia que é bom e doce aprender, mas ao mesmo tempo compreendo que é muito maior o que não sei do que aquilo que, presumidamente, julgo conhecer, como cantam Almir Sater e o Renato Teixeira na música *“Tocando em frente”*⁸⁰:

⁸⁰ TEIXEIRA, R.; SATER, A. Tocando em frente. Intérprete: Almir Sater. In: SATER, A. *Almir Sater ao vivo*. Rio de Janeiro: Sony Music, 1991. 1 CD. Faixa 2.
Para algumas das minhas amigas, educadoras populares, esse é o *Hino* da Educação Popular!

Ando devagar
 porque já tive pressa
 e levo esse sorriso
 porque já chorei demais.
 Hoje me sinto mais forte
 Mais feliz, quem sabe
 Só levo a certeza de que muito pouco eu sei
 Nada sei...

O desejo e a intensa luta pela continuidade dos estudos, entre outros motivos, estão enraizados nesta história composta de dores e delícias. Fazendo um ‘*balanço*’ das experiências constato que foram poucos os professores e professoras que me cativaram, no sentido que sugere Exupèry: “*Cativar é uma coisa muito esquecida [...] Significa criar laços*” (1974, p.68)⁸¹. Sempre me pergunto sobre a razão pela qual amamos tanto alguns professores e professoras e outros não. Penso que é porque se envolveram conosco e com a nossa vivência no processo de aprender. Criaram laços e se tornaram “*únicos*” para nós.

Lembro com saudade das minhas professoras de Língua Portuguesa do ensino fundamental e do (antigo) colegial: Rosalye e Eliete. Eu amava essas duas mulheres maravilhosas. Não tinham medo do ridículo. Se entregavam ao prazer de vivenciar a aula conosco! Eram exigentes. Não aceitavam a mediocridade. Queriam o melhor de cada um, de cada uma de nós. Diziam: “*Vamos! Coragem! Um pouco mais de si!*”. Corrigiam nossos textos com cuidado, conversavam, faziam sugestões.

Para mim foi triste não ter aula de Língua Portuguesa e Literatura no curso de graduação. Todos os meus signos e ‘efemérides’ estão plantados na poesia, na arte! Não me conheço sem a voz de Manuel Bandeira (1986, p.156-157):

*Belo belo belo
 Tenho tudo quanto quero
 Tenho o fogo de constelações extintas há milênios [...]
 - Quero a delícia de poder sentir as coisas mais simples.*

⁸¹ SAINT-EXUPÈRY, A. *O Pequeno Príncipe*: com aquarelas do autor. 17. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1974, p. 68.

No curso de Licenciatura em História, durante quatro anos, ousou dizer que apenas três professores tocaram verdadeiramente o meu coração. Escolhi estudar esta ciência porque sou apaixonada por História. Fui contagiada por meu pai, um amante de história, sem ser historiador. Contando assim, até parece que não precisei de escola para eleger minhas preferências e profissão. Mas não é bem assim. Passei muitos momentos agradáveis, divertidos e tensos nas escolas. Tudo o que há de sentimento senti *pela* e *na* escola. O que escolhi, depois desses longos anos, é trabalhar para construir uma escola diferente. Não quero a escola da música do Ednardo⁸²:

ALFA BETA AÇÃO

Aquele mestre ensina justamente aquilo
 Que não me interessa saber
 Esquece de dizer meninos nossa sina
 É saber viver
 Impõe implora impera e vocifera
 É que ele tem a vara de condão
 Da transformação da conformação
 Da educação da revolução
 É que são tantos os verbos de persuadir
 De sujeitar o sujeito a não existir
 É que são tantos os objetos indiretos
 Condicionais do porvir
 Na hora do recreio vamos todos soletrar
 B-a-ba b-y baby
 Luz del Fuego marginal
 Canção de amor grito primal
 Namorar por trás do muro do vestibular
 Cruzar palavras mocidade inventos
 No passo da ema a volta da Jurema
 Penero-ê iê iê
 Erguer a cabeça fora do pânico total
 Telegrafar aos amigos da geral
 Pt saudações
 É bom que você não se torne
 Um marionete falante
 De sexo grafite e poesia
 Política som atuante
 Meditação e anarquia
 Com a mesma filosofia
 De quem acha a vida pronta
 No fim do novo abc

⁸² EDNARDO. Alfa beta ação. Intérprete: Ednardo. In: EDNARDO. *Terra da luz*. São Paulo: EMI-ODEON, 1982. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 2.

Há o clarão da bomba Z
 Estrela e lua crescente
 Quero navegar inteiramente
 Pela tua geografia
 Escrever colorido
 A palavra proibida: Vida, vida, vida

Quero outra escola. Quero a escola do Paulo Freire⁸³:

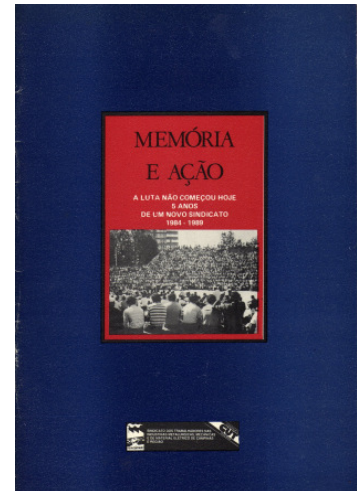
Escola é o lugar onde se faz amigos
 Não se trata só de prédios, salas, quadros...
 Programas, horários, conceitos...
 Escola é, sobretudo gente.
 Gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se
 conhece, se estima.
 O diretor é gente,
 O coordenador é gente,
 O professor é gente,
 O aluno é gente,
 Cada funcionário é gente
 E a escola será cada vez melhor
 Na medida em que cada um
 Se comporte como colega, amigo, irmão.
 Nada de ilha cercada de gente por todos os
 lados,
 Nada de conviver com as pessoas e depois
 descobrir
 Que não tem amizade a ninguém
 Nada de ser como o tijolo que forma a parede,
 Indiferente, frio, só.
 Importante na escola não é só estudar,
 Não é só trabalhar,
 É também criar laços de amizade,
 É criar ambiente de camaradagem,
 É conviver
 É se “amarrar nela”!
 Ora, é lógico...
 Numa escola assim
 vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer
 amigos,
 educar-se,
 ser feliz.

⁸³ Disponível em: <<http://joseaneletras.blogspot.com/2007/10/escola-escola.html>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

Depois de dar aulas de História e atuar como Coordenadora Pedagógica na rede pública do Estado de São Paulo, durante alguns anos passei a me dedicar à formação de professores, inclusive porque a função de Coordenadora Pedagógica me exigia.

Esta oportunidade me convidava para o novo, para o enfrentamento de outros tipos de desafios ligados à reflexão sobre a prática. Assim, fui me aproximando cada vez mais dos professores e professoras que trabalham na EJA (Educação de Jovens e Adultos), por estar trabalhando no período noturno.

O trabalho com jovens e adultos em escolas da periferia de Campinas me atraía porque eu já tinha uma vivência profissional com as classes populares, vinda dos tempos em que trabalhei no Departamento de Formação Sindical do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região. Eu adorava esse trabalho porque me posicionava ao lado dos metalúrgicos e de suas lutas por melhores condições de trabalho e pela democratização das instituições brasileiras. Com esses trabalhadores aguicei minha sensibilidade para o trato com as pessoas excluídas dos chamados “direitos universais”, que teimam em não se concretizar na vida de muitos trabalhadores e trabalhadoras, jovens estudantes dos cursos “supletivos”.



No Sindicato, juntamente com outras pessoas, era responsável pela formação dos dirigentes e da categoria como um todo. Escrevi, juntamente com Elaine Moreira, também da equipe de Formação, o pequeno livrinho “Memória e Ação”, que trata da história do Sindicato desde que a Direção foi conquistada, pela via eleitoral direta, pela Oposição Operária, ligada aos grupos organizados de esquerda. Desde esses tempos, logo após a conclusão de minha graduação, envolvi-me com Educação Popular. E preciso registrar que Educação Popular é muito mais uma prática dos grupos progressistas da Igreja Católica do que das Igrejas Protestantes. São poucos os grupos protestantes históricos que se envolvem com Educação Popular. Aqui em Campinas conheço algumas pessoas.

Nesse período conheci o João, meu amor e companheiro de tantas alegrias e desafios. Militante dos grupos populares de esquerda da cidade de Campinas esteve bastante tempo vinculado às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e à Pastoral Operária, da Igreja Católica. No tempo em que nos conhecemos ele já era diretor do Sindicato dos Metalúrgicos e por isso realizávamos muitas atividades conjuntas. Reuniões e debates com a militância, trabalhos ligados à preservação da memória dos movimentos populares na cidade, congressos, cursos, exposições etc. A partir do trabalho começamos a nos conhecer melhor e nos aproximar:

quando não tinha nada eu quis
 quando tudo era ausência esperei
 quando tive frio tremi
 quando tive coragem liguei

quando chegou carta abri
 quando ouvi Prince (Salif Keita) dancei
 quando o olho brilhou entendi
 quando criei asas voei

quando me chamou eu vim
 quando dei por mim tava aqui
 quando lhe achei me perdi
 quando vi você me apaixonei⁸⁴

⁸⁴ CÉSAR, C. À primeira vista. Intérprete: Chico César. In: CÉSAR, C. *Cuscuz Clá*. São Paulo: PolyGram, 1996. 1 CD. Faixa 11.

Nos apaixonamos e começamos a viver ecumenicamente nossos modos de *ser e estar* no mundo. Depois de algum tempo nos desafiamos a ter filhos. E temos dois: Pedro, hoje com 18 anos e Davi, com 12 anos. São frutos do amor e da perseverança na árdua missão de construir consensos e pactos diários de convivência fraterna e amiga. Nossos filhos são dádivas divinas, representantes do que há de melhor do encontro de um homem e uma mulher. Tenho a maior alegria por esta família que estamos diariamente constituindo.

Quando os filhos nasceram precisei fazer uma ‘pausa’ no trabalho de educadora da rede pública e do sindicato. Evidentemente não consegui direcionar minhas energias exclusivamente aos trabalhos ‘do lar’ e à educação dos filhos. Nos primeiros anos de vida de Pedro e Davi descobri que gostava de pintar. Assim, de uma hora para outra, resolvi comprar pincéis e tintas e comecei a pintar. No início eu pintava, recortava, inventava, até que descobri o “Papel Machê” e nunca mais parei de fazer e inventar objetos, brinquedos e tudo o mais, de Papel Machê.

Lembrando de minha infância, resolvi fazer brinquedos de madeira.



Joguinhos para trabalhar com alfabetização, matemática, memória. Era uma delícia. Minha irmã caçula estava morando conosco nesse período e fazíamos tudo juntas. Avaliamos que seria importante expor na Feira de Artesanato. Naquele tempo ainda era realizada na Praça Carlos Gomes. Fizemos o teste de aptidão e conseguimos a autorização para ter a nossa “banca”!

Depois de uns tempos, a Martinha, minha irmã, mudou-se para Rio Preto e eu percebi que já poderia retornar ao trabalho na escola. Os meninos já estavam crescendo, frequentando a educação infantil. Prestei novamente o concurso na Secretaria Estadual da Educação e voltei para a sala de aula. Quem decide ser educadora não consegue deixar de ser...

Caminhos sinuosos. Como diz o poeta Manoel de Barros, “prefiro as linhas tortas, como Deus” porque “a expressão reta não sonha” (2001, p. 39 e 75).

Nos anos de 2003 e 2004 solicitei afastamento não-remunerado da Secretaria Estadual de Educação porque fui convidada para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação de Campinas. Nesta instituição participei da criação do Projeto LETRATIVA, sendo nomeada como uma das Coordenadoras, juntamente com a Dulce⁸⁵. Foi



⁸⁵ Dulcinéia de Fátima Ferreira Pereira e eu fomos nomeadas pela Secretária Municipal da Educação Coordenadoras do Projeto LETRATIVA, porque tínhamos uma longa experiência em Educação Popular, vivida em outros espaços não ligados à Secretaria Municipal de Educação. Eu vim como funcionária cedida pela Secretaria Estadual da Educação, pois naquele momento era professora efetiva da rede estadual, exercendo a função de Coordenadora Pedagógica em uma escola de Ensino Fundamental e Médio, na periferia de Campinas. Dulce estava ligada à Faculdade Padre Anchieta, de Jundiá.

uma experiência maravilhosa, que me deu forças para querer estudá-la com mais profundidade. Assim, estou aqui, redigindo este *Memorial de Formação* que conta a minha versão da minha história e da vontade que tenho de continuar estudando a fim de melhorar o modo de realizar o trabalho educativo e, talvez, de compreender um pouco melhor a vida...

Continuo envolvida com a formação de educadores e educadoras e desejo seguir refletindo sobre a minha própria prática, para alterá-la e recriá-la. Porque creio que:

Somos seres de linguagem.
Para nós, existir é expressar.
Nosso corpo é feito também de palavras. Nossas palavras são também gestos. Escrever e reescrever poeticamente o texto da própria existência: esse é o nosso destino, de cada um e de todos, para além das misérias que desfiguram a sensibilidade e a compreensão do mundo e de nós mesmos (ANTÔNIO, 2002, p. 14).⁸⁶

Comecei a escrita desta narrativa um pouco temerosa, mas aos poucos fui me “soltando”, porque, como já fiz referência, juntar as vozes de muitos à minha, foi alargando as possibilidades de compreensão do vivido.

As recordações não foram registradas com linearidade, porque não há nada linear em minha vida e muito menos na minha memória. São fragmentos sobrepostos. Arranjados de acordo com minhas opções e crenças. Certa vez redigi um trabalho, no ano de 2006, quando cursava a disciplina Conhecimentos, Saberes e Escrita Docente, ministrada pelo Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado, no qual me perguntava sobre estas questões. Assim escrevi sobre tantas dúvidas:

⁸⁶ ANTÔNIO, S. A. *A utopia da palavra: linguagem, poesia e educação: algumas travessias*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p.14.

Seria a narrativa uma invenção nossa, sobre os arranjos que a memória faz, para contar os ‘causos’ que consideramos importantes e dignos de nota? Porque “há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas” (BARROS, 2001, p. 69)⁸⁷.

Será que, em termos de narrativa, poderemos usar a sapiência da Cora Coralina, intuindo que há um “entendimento que vinha da ignorância esclarecida pela prática”? (CORALINA, 1983, p. 57)⁸⁸.

Assim, professor Guilherme, até agora consegui arrancar uma penca de perguntas, como um lavrador que arranca aquela enorme raiz de mandioca de dentro da terra vermelha ...

O poeta diz que “A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos” (BARROS, 2001, p. 70).

Querido professor Guilherme, por enquanto, acho que está havendo uma enorme desarrumação... E eu gosto disso!

Nestes pontos de arremate dos meus fragmentos e dúvidas comecei a perceber que fiz “acordos” com o tempo e lembrei-me de Caetano Veloso e sua maravilhosa poesia-música:

Oração ao Tempo⁸⁹

⁸⁷ BARROS, M. O livro sobre nada. In: BARROS, M. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 69.

⁸⁸ CORALINA, C. Dona Otília. In: CORALINA, C. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. Goiânia: Ed. UFGO, 1983. p. 57.

⁸⁹ VELOSO, C. Oração ao Tempo. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, C. *Cinema Transcendental*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1979, 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 2.

És um senhor tão bonito
 Quanto a cara do meu filho
 Tempo Tempo Tempo Tempo
 Vou te fazer um pedido
 Tempo Tempo Tempo Tempo

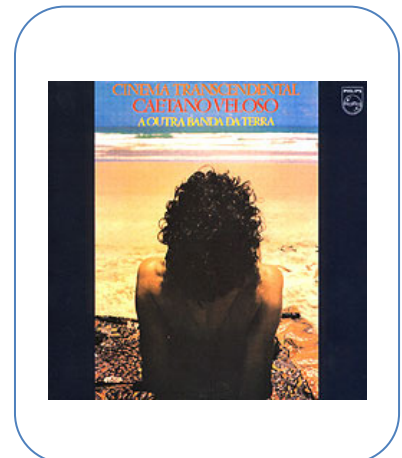
Compositor de destinos
 Tambor de todos os ritmos
 Tempo Tempo Tempo Tempo
 Entro num acordo contigo
 Tempo Tempo Tempo Tempo

Por seres tão inventivo
 E pareceres contínuo
 Tempo Tempo Tempo Tempo
 És um dos deuses mais lindos
 Tempo Tempo Tempo Tempo

Que sejas ainda mais vivo
 No som do meu estribilho
 Tempo Tempo Tempo Tempo
 Ouve bem o que te digo
 Tempo Tempo Tempo
 Tempo
 Peço-te o prazer legítimo
 E o movimento preciso
 Tempo Tempo Tempo
 Tempo
 Quando o tempo for propício
 Tempo Tempo Tempo
 Tempo

De modo que o meu espírito
 Ganhe um brilho definido
 Tempo Tempo Tempo
 Tempo
 E eu espalhe benefícios
 Tempo Tempo Tempo Tempo

O que usaremos pra isso
 Fica guardado em sigilo
 Tempo Tempo Tempo Tempo
 Apenas contigo e migo
 Tempo Tempo Tempo Tempo



E quando eu tiver saído
 Para fora do teu círculo
 Tempo Tempo Tempo
 Tempo
 Não serei nem terás sido
 Tempo, Tempo, Tempo,
 Tempo

Ainda assim acredito
 Ser possível reunirmo-nos
 Tempo, Tempo, Tempo,
 Tempo
 Num outro nível de vínculo
 Tempo, Tempo, Tempo,
 Tempo

Portanto peço-te aquilo
 E te ofereço elogios
 Tempo Tempo Tempo
 Tempo
 Nas rimas do meu estilo
 Tempo Tempo Tempo
 Tempo

Então, estou tentando me
 reinventar... Neste tempo presente.

E porque gosto tanto das letras,
 muito mais do que dos números, fui esticando
 a historiação. *“Gosto de sentir a minha língua
 roçar a língua de Luís de Camões...”*⁹⁰

Queridas amigas, agradeço a
 atenção e o incentivo que me deram até aqui.

Um abraço afetuoso,

Aninha

Primavera de 2008, em Campinas.



⁹⁰ VELOSO, C. Língua. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, C. *Velô*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1984. 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 5.

3. “Se me permitem vou tentar lhes remeter notícias frescas”: a pesquisa

Campinas, 13 de Fevereiro de 2008.

Minhas caras amigas...

“Não pretendo provocar nem atijar suas saudades, mas acontece que não posso me furtar a ‘lhe(s)’ contar as novidades...” (BUARQUE; HIME, 1976)⁹¹ de uma pesquisa educacional realizada a partir da cooperação de muitas pessoas, incluindo vocês educadoras do Projeto LETRAVIVA⁹². Esta nossa pesquisa tem no diálogo o princípio ético-político de produção dos sentidos e das provisórias *conclusões*.

Por que escrever um trabalho acadêmico no formato de carta? - poderão se perguntar - e esclareço logo de início para que possam tomar a decisão de continuar comigo, produzindo o trabalho e, por extensão, os possíveis ‘achados’ e desdobramentos da investigação, num movimento interativo entre autoras e leitores, movimento que por sua própria natureza poderá promover, de alguma maneira, a democratização da pesquisa.

Queridas parceiras educadoras, busco a companhia de vocês movida pela intenção de ampliar o espaço de circulação de um saber metodicamente produzido e, na maioria das vezes, enclausurado nos círculos restritos do mundo acadêmico. Desejo me comunicar também com as pessoas que vivem do lado de

⁹¹ Quem não se recorda da maravilhosa música *Meu caro amigo*, de Chico Buarque e Francis Hime, de 1976? Esta é uma referência ao ‘caro amigo’ Chico Buarque, inspirador de tantos trabalhos e obras poéticas, também de educadores e educadoras populares.

⁹² Apenas para relembrar: Esta pesquisa redigida no formato epistolar, em princípio endereçada às Educadoras Populares participantes do Projeto LETRAVIVA, é também um convite extensivo a você, querido leitor, querida leitora. Cf. página 12.

fora das universidades e que creem, como nós, ser possível fazer da educação uma “obra de arte”⁹³ a serviço da transformação social.

Escolhi a carta como instrumento de registro da pesquisa, pois ela favorece uma ‘*prosa*’ mais próxima, talvez mais afetiva, visto que não é um tipo de escrita impessoal, burocrática ou genérica. Não existe para cumprir apenas um ritual ou demanda de trabalho, ao contrário, requer a ‘*presença*’ do outro que lê, responde, critica, sugere, concorda ou discorda...

Penso que nós escrevemos cartas para aquelas pessoas com as quais temos afinidades e queremos bem. Paulo Freire escreveu várias cartas endereçadas a nós, educadoras e educadores brasileiros e de outras nações. Na contra-capá de “*Pedagogia da Indignação*” há um comentário, feito por Alípio Casali sobre elas: “As cartas pedagógicas de Paulo Freire recolocam a educação no espaço do coloquial e afetivo. Toda a sua obra aqui se encurva, e re-encontra o essencial da educação: o diálogo que compartilha e provoca” (FREIRE, 2000). E ele próprio fazendo referência ao diálogo, em “*Cartas a Cristina*”, assim escreveu: “Maior abertura ao diálogo ao lado de maior compreensão das limitações de cada um de nós” (FREIRE, 1994, p. 128).

Também eu, porque desejo dialogar partilhando saberes, dúvidas e minhas próprias limitações:

⁹³ Vocês devem se lembrar de um dos convites formulados, quase que diariamente, durante o tempo em que estivemos juntas trabalhando no Projeto LETRAVIVA: “*Vamos fazer de nossa vida uma obra de arte?*” – desafiava nosso parceiro e companheiro de trabalho, Romualdo Dias. Diversos autores trataram do tema de se tomar a vida como obra de arte, sendo o assunto bastante debatido no contexto da filosofia, das artes, das ciências humanas e das ciências sociais aplicadas. Uma das principais referências à vida como obra de arte pode ser encontrada em Leon Tolstói, sendo seguido por Mahatma Gandhi. Também abordam o tema, os filósofos Friedrich Nietzsche e Michel Foucault. Em torno das obras destes autores, podem ser encontrados muitos estudos, inclusive disponíveis na Internet. Eventos científicos também são promovidos, como é o caso do recente “A vida como obra de arte: práticas e interferências”, realizado na UFF (Universidade Federal Fluminense) entre os dias 13 e 14/11/ 2008. Informações em: <<http://ppgpsi-ufes.blogspot.com/2008/10/vida-como-obra-de-arte-prticas-e.html>>. Em nossa abordagem reafirmamos, com Paulo Freire, que a formação humana é um esforço indiscutivelmente ético e também estético. “Decência e boniteza de mãos dadas” (2003, p. 32). A práxis do educador, no seu contexto social, pode vir a ser uma experiência da educação como prática da liberdade. Da re-existência. Da transformação da vida em obra de arte. Um processo, portanto, de autoconstituição atravessado pelas dimensões realidade, homem/mulher, sociedade.

Escrevo-te estas mal traçadas linhas, meu amor
 Porque veio a saudade visitar o meu coração
 Espero que desculpes os meus erros, por favor,
 Nas frases desta carta que é uma prova de afeição.

Talvez tu não as leias, mas quem sabe até darás
 Resposta imediata, me chamando de “meu bem” [...] ⁹⁴

O gênero epistolar é bastante conhecido e familiar a vocês, educadoras populares, interlocutoras neste trabalho. Algumas estão ligadas a instituições religiosas tradicionais da cidade de Campinas, como as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica), Congregações Religiosas ou mesmo grupos de evangelização e de assistência social das comunidades protestantes.

Assim, redigir este trabalho no formato de epístolas, à moda das famosas cartas do apóstolo Paulo endereçadas aos cristãos de Roma, de Corinto ou de Éfeso, me parece ser uma maneira de demonstrar respeito e acolhida aos saberes produzidos por vocês ao longo da vida e, ao mesmo tempo, transitar por uma vereda potencialmente agradável e propícia à construção partilhada de conhecimentos.

Acredito ser importante, por outro lado, rememorar o poema de Thiago de Melo:

Não, não tenho caminho novo.
 O que tenho de novo
 é o jeito de caminhar.
 Aprendi
 (o caminho me ensinou)
 a caminhar cantando
 como convém
 a mim
 e aos que vão comigo.
 Pois já não vou mais sozinho. ⁹⁵

⁹⁴ *A Carta*, letra e música de Benil Santos e Raul Sampaio, conhecida pela gravação feita por Erasmo Carlos e Renato Russo em 1992. In: RUSSO, R. *Série BIS*. Rio de Janeiro: EMI, 1999. 2 CDs. CD 1. Faixa 1.

⁹⁵ A vida verdadeira. In: MELLO, T. *Faz escuro mas eu canto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987, p. 15-18.

Pode ser que tenhamos um mapa com uma cartografia mínima explicitada, mas o espaço para a criação do novo e a surpresa pelo encontro com o inusitado, continuam em aberto, vocês concordam?

O que busco ao me aproximar de vocês?

Responder a uma necessidade básica: a de me comunicar para tentar compreender um pouco melhor a vida que estamos vivendo e *como* a estamos vivendo... E o faço através desta “*carta que é uma prova de afeição*”⁹⁶ pelo trabalho de vocês, educadoras do Brasil. De antemão peço que desculpem “*os meus erros, por favor,*”⁹⁷ e me ajudem a vivenciar a educação de um jeito sempre renovado, recriado, especialmente por meio da reflexão sobre a nossa própria prática.

O trabalho que vocês estão lendo é resultado de uma vivência de pesquisa. Por ser caminho, se fez ao caminhar. Todos os passos foram dados na companhia, real ou virtual, de muitos educadores, educadoras, poetas e artistas, familiares e amigos. O certo é que sem eles, nada do que aqui se vê, poderia existir. Em dado momento desta trajetória, senti-me impelida a afirmar como o filósofo-educador Jorge Larrosa: “Deixe-me que te conte...”⁹⁸ as descobertas e os *achados* do percurso.

Um texto acadêmico convencional me parecia demasiadamente formal para o excesso de vida e de transbordamento que minha *experiência*⁹⁹ estava provocando, tanto em mim como em vocês, educadoras, parceiras nesta *viagem*. Contornar o formalismo e produzir um texto, ao mesmo tempo rigoroso e acessível aos não-iniciados, nos critérios de cientificidade vigente, não é tarefa nada fácil, preciso confessar. Aliás, devo admitir estar sendo um trabalho estonteante, como na metáfora do Carlos Drummond de Andrade: “*os ombros*

⁹⁶ SANTOS, B.; SAMPAIO, R. A Carta. Intérpretes: Erasmo Carlos e Renato Russo. In: RUSSO, R. *Série BIS*. Rio de Janeiro: EMI, 1999. 2 CDs. CD 1. Faixa 1.

⁹⁷ *Ibid.*, 1999, faixa 1.

⁹⁸ LARROSA, J. (Org.). *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

⁹⁹ Trataremos deste tema nas próximas páginas. Até lá, convido vocês a pensarem mais detidamente em como a experiência tem se mostrado formativa em suas vidas.

suportam o mundo...” contudo, teimo em prosseguir, fortalecida pela companhia de vocês, que me acompanham até aqui.

Por fim, não posso deixar de brincar com o nome do Projeto de Alfabetização do qual participamos: LETRAVIVA. De acordo com a intuição aguçada de minha orientadora, a querida amiga Graziela, escrever no formato epistolar é uma forma de tornar, novamente, as *letras vivas*! Então, vamos a elas!

Desejo que estas cartas sejam a revivência das LETRAS VIVAS semeadas em nossos corações durante aquele período, porque conforme uma das canções que cantávamos¹⁰⁰:

Palavra quando acesa
 não queima em vão,
 deixa uma beleza posta
 em seu carvão
 e, se não lhe atinge como uma espada
 peço, não me condene,
 oh! minha amada!
 Pois as palavras foram
 prá ti, amada.

A *palavra acesa* continuou iluminando nossas vidas e esta pesquisa, sendo vivida como um percurso investigativo, tem se revelado como a continuidade deste facho de luz, por isso, mais uma vez gostaria de agradecer por terem aceitado o meu convite para participarem do trabalho.

Caras amigas, desde que telefonei a primeira vez para vocês, no ano de 2007, para tratarmos especificamente desta pesquisa, tenho revirado o meu “*Baú de Achados e Guardados*” à procura dos escritos que vocês produziram durante o tempo em que estivemos juntas no Projeto LETRAVIVA. Encontrei vários textos que mais adiante serão incorporados a estas correspondências,

¹⁰⁰ Ouvimos muito (e cantamos também) a música *Palavra Acesa*, de Fernando Filizola e José Chagas, na interpretação bonita do grupo Quinteto Violado.

tornando-se parte constitutiva das mesmas. Nossas vozes atravessadas umas pelas outras, compondo um diálogo entre pares.

Vocês devem ter percebido ao longo da leitura que as letras das músicas reverberam na escrita, porque, mais que uma citação ou epígrafe, elas são constitutivas de um modo de experienciar a vida. Do mesmo jeito como vivíamos as experiências no LETRAVIVA. Como estamos no início da nossa *prosa* estou “*abrindo o jogo*”¹⁰¹: a investigação ora em curso traz à luz apenas um fragmento de vivências possivelmente reinventáveis em outros espaços e tempos. Penso que compartilhar modos de ser e estar, ou melhor, “*serestar*”¹⁰² na educação, pode favorecer a criação de cenários humanizados e mais belos.

A experiência vivida no LETRAVIVA pode contribuir para pensarmos estes modos de “*serestar*” na vida, no mundo, na história.

Nossa história de vida é feita de muitas pequenas histórias, que não cessam de acontecer, retomar, recomeçar ou principiar.

A toda hora rola uma história
que é preciso estar atento
A todo instante rola um movimento
que muda o rumo dos ventos

cantou o poetamúsico Paulinho da Viola¹⁰³.

¹⁰¹ Como na música de Milton Nascimento e Fernando Brant:
“Em volta do fogo todo mundo abrindo o jogo
conta o que tem pra contar
casos e desejos
coisas dessa vida e da outra
mas nada de assustar...”

NASCIMENTO, M.; BRANT, F. Caxangá. Intérprete: Elis Regina. In: REGINA, E. *Elis*. Rio de Janeiro: PHONOGRAM-PHILIPS, 1977. 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 1.

¹⁰² Essa palavra é um neologismo criado por Laura Chaluh para definir um modo de ser e estar educadora-pesquisadora durante o período de realização de sua investigação, que resultou em uma tese de Doutorado. CHALUH, L. N. *Formação e alteridade: pesquisa na e com a escola*. 2008. Doutorado em Educação. UNICAMP, Campinas, 2008.

¹⁰³ Rumo dos ventos. In: VIOLA, P. *A toda hora rola uma história*. Rio de Janeiro: Transamérica, 1982. 1 CD. Faixa 1.

Uma pesquisa acadêmica também pode ser vivida como uma das inúmeras histórias das nossas vidas. Connelly e Clandinin (1995, p. 11) escreveram que nós somos seres que vivemos vidas relatadas. Narramos as experiências para atribuímos a elas alguns dos sentidos que percebemos e que talvez olhares distintos não vejam. Outros olhos podem atribuir novos sentidos insuspeitos para nós mesmas. Esta riqueza e diversidade de olhares e interpretações compõem um cenário importante no campo da produção do conhecimento porque ampliam as possibilidades de não desperdiçarmos a experiência, apelo sensato feito pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2004 e 2005).

Penso que a vivência de uma pesquisa acadêmica, em algumas situações, pode ser comparada a um vulcão. Aparentemente adormecido durante um tempo, de um momento para o outro retoma suas atividades, despejando lavas incandescentes nos arredores. No campo da educação, tentar compreender as questões que nos inquietam, muitas vezes, nos põe em *erupção*. Especialmente se buscamos nas nossas próprias memórias as interrogações que nos empurraram para o caminho da pesquisa. O vulcão adormecido pode começar a cuspir suas lavas a qualquer momento...

Narrar o que encontramos no nosso "*Baú de Achados e Guardados*" pode vir a ser mais que um burocrático relatório para entidades financiadoras de pesquisas e transformar-se em um registro no qual, ao tecermos as nossas histórias, também alimentamos sonhos. Sonhos, entre outros, de superação das nossas incompreensões e erros, pois somos educadores, ou seja, gente. Gente que acerta e que erra.

Daí podemos compreender também, que educadores são seres essencialmente contadores de histórias.

Tecendo nossas histórias, fortalecemos o sentido de pertencimento a um grupo social que pode fazer do seu trabalho uma oportunidade de transformação da sociedade. Transformação que se vive e que se vê na vida cotidiana das pessoas comuns. Das crianças, jovens e adultos com os quais

trabalhamos e também das nossas próprias vidas, pois aprendemos constantemente com educandos, com outros educadores, com a vida, enfim, com a reflexão sobre a nossa própria prática. Docentes aprendentes, segundo Paulo Freire (1996, p.23).

Narrando nossos achados de pesquisa contamos novamente, agora para um círculo maior de pessoas, o que encontramos no percurso, com a intenção de criar oportunidades de novas aproximações dos velhos problemas. E como é importante deixarmos visíveis as pistas do percurso para que outros possam segui-lo, ou se inspirar nele, vocês não concordam? Algo que comumente é ocultado na divulgação de resultados das pesquisas, como se toda tese, todo artigo, saísse de nossas mãos, num único movimento, pronto e acabado!¹⁰⁴

Os *resultados* nem sempre são quantificáveis, mas merecem ser socializados porque, ao nos narramos como pesquisadores, educadores e educadoras que somos, repartimos um pouco de nossas vidas e um modo de ser e estar no ambiente de atuação.

Em um trabalho apresentado no ano de 2008, no III CIPA (Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica), o Professor Guilherme do Val Toledo Prado destacou a importância dos escritos e registros feitos pelos profissionais da educação. Chamou de “*narrativas pedagógicas*” aos textos que compartilham conhecimentos e saberes construídos durante a vida, na atuação profissional ou no percurso de pesquisa:

¹⁰⁴ Sobre esta questão é pertinente a reflexão de Laymert Garcia dos Santos (1981, p. 10-11), no capítulo “Questão de Método” do livro ‘*Desregulagens*’. Afirma o autor: “Ora, não se domina uma situação exibindo as fraquezas, as hesitações, o voo cego. A parada exige a evidência de um pensamento bem construído, a coerência sem brechas, o brilho da razão. Por isso, talvez, os capítulos metodológicos nunca tratam da trajetória de uma pesquisa, excluindo o que é realmente o motor do trabalho, isto é, a inquietação e a dificuldade que se apresentam ao sujeito de ter de pensar a complexidade dos fenômenos sociais. Talvez por isso também nos entregam um quebra-cabeça realizado, onde conceitos teóricos e fatos empíricos se encaixam maravilhosamente”. Acredito que vocês não esperam, queridas amigas, que esse quebra-cabeça esteja resolvido por aqui, não é mesmo?

O que são narrativas pedagógicas? São memoriais, novelas de formação, cartas pedagógicas, crônicas do cotidiano, depoimentos, diários, relatos de experiência e de pesquisa, dentre outros registros em que os educadores documentam o que fazem, assim como suas inquietações, dificuldades, conquistas, sua produção intelectual. São textos que mobilizam o necessário diálogo entre os conhecimentos, saberes e experiências da formação e da profissão e que funcionam como plataforma de lançamento à reflexão sobre si mesmo e sobre sua ação profissional (PRADO; CUNHA; SOLIGO, 2008, p. 136).

Paulo Freire sempre foi referência obrigatória em nosso trabalho desenvolvido no LETRAVIVA e também na nossa produção acadêmica: “Rever o antes visto quase sempre implica ver ângulos não percebidos. A leitura posterior do mundo pode constituir-se de forma mais crítica, menos ingênua, mais rigorosa” (FREIRE, 2006, p. 24). A partir desta concepção de reflexão sobre a prática e de um olhar mais cuidadoso sobre o trabalho desenvolvido, sobre os textos produzidos pelos educadores e educadoras, sobre as nossas próprias dúvidas e ansiedades, a pesquisa acabou se impondo como uma necessidade para a retomada de questões que nos inquietavam e que demandavam o aprofundamento teórico.

Ao realizar esta investigação com a cooperação de vocês, além da reflexão, desejo estreitar nossos laços de amizade e reafirmar o pertencimento a um segmento profissional tão descuidado pela sociedade brasileira e pelos poderes constituídos: o dos profissionais da educação. Valorizar o trabalho destes sujeitos e promover a circulação dos seus saberes e conhecimentos é minha intenção, a fim de democratizar a produção acadêmica. Acredito que a pesquisa pode se constituir como um momento singular, acolhendo o plural, fortalecendo as diversas vozes silenciadas, que na história de nosso país tão contraditório e fecundo em explorações, são relegadas ao esquecimento.

Vários cientistas aqui citados (GERALDI, PRADO, GARCIA, LIMA entre outros) têm reafirmado a necessidade da divulgação das pesquisas educacionais por admitirem que a ciência é uma construção social que não precisa e não deve ficar aprisionada nas universidades. Claro está que este modo de compreender a

ciência é também um posicionamento político. Como afirmou Paulo Freire (1974, p. 23) “a neutralidade na educação é impossível, como impossível é, por exemplo, a neutralidade na ciência”. Do lugar social onde nos encontramos, bem sabemos, cada vez mais, que não há ciência neutra. Uma pesquisadora que também chamou a minha atenção para esta questão é Elvira de Souza Lima. Em uma entrevista para o Jornal das Ciências do Laboratório de Ensino de Ciências afirma:

Quando tratamos a ciência como fruto de ação humana e da cultura, também definimos o conhecimento científico como possível de ser construído por qualquer criança e jovem de qualquer classe social. Acredito que uma das contribuições importantes do LEC foi democratizar o acesso ao conhecimento científico aprisionado na universidade. A escola pública, representada no LEC por seus educadores e alunos, mostra curiosidades, interesse e empenho, reclamando que não há no ser humano propriamente dito, barreiras ou incompetências para lidar com a falta de oportunidades (LIMA, 2001)¹⁰⁵.

Esta pesquisadora, uma psicóloga que trabalha na área da neurociência, antropologia e também alfabetização, tem reafirmado que há, sim, uma luz no fim do túnel para a educação brasileira. O que falta é socializar as buscas de respostas, as tentativas que vamos empreendendo ao longo de nossa carreira em parceria com tantos outros educadores e equipes de trabalho:

Temos uma situação de busca de resposta, algumas já com bons resultados. Eu tenho muito orgulho dessa situação de busca que acontece nesse país: nós temos muitas prefeituras (algumas que eu sei e com certeza muitas que eu não tenho o conhecimento) constituindo um movimento pedagógico, um enfrentamento dessa situação e que vem produzindo conhecimento de ponta sobre o assunto. Infelizmente nesse país, nada é socializado, mesmo dentro do estado as pessoas não ficam sabendo o que está sendo feito, as redes municipais trabalham muito isoladas umas das outras. Quer dizer, nós temos um problema de socialização do conhecimento pedagógico nesse país, mesmo porque nós temos o hábito de olhar o conhecimento pedagógico dos outros países.

¹⁰⁵ Entrevista concedida ao Jornal das Ciências. Ano 1, n. 3, 2001. Disponível em: <<http://ctc.fmrp.usp.br/casadaciencia/bibliotecas/jornal/pdf/jc3.pdf>>. Acesso em: 29 fev.2008.

Conhecer o que acontece em outros países é muito importante, mas não podemos perder a dimensão da educação brasileira. Nós temos conhecimento, que é **enorme**, sobre como trabalhar com a criança que está na situação de não aprendizagem em defasagem idade/série. Nesta diversidade que é o Brasil há uma gama de possibilidades pedagógicas! (LIMA, 2007)¹⁰⁶.

A investigação científica no campo educacional cada vez mais tem refinado seus referenciais metodológicos para incorporar a experiência vivida, trazendo para o debate os complexos problemas enfrentados no cotidiano das salas de aula.

As cartas são uma tentativa de socialização da experiência e, ao mesmo tempo, da reflexão acadêmica levada a efeito por meio da pesquisa. Neste sentido, como vocês verão, carece de aprofundamentos que só serão possíveis se houver um começo.

Aqui está para a apreciação e crítica, um possível começo...

Com Paulo Freire aprendi muitas coisas, mas sobretudo que o diálogo é um ato fundante na relação pedagógica. Ele chegou a afirmar que “*o diálogo é uma exigência existencial*” (FREIRE, 1981, p. 93) porque “*somente na comunicação tem sentido a vida humana*” (p.73).

Assim, este trabalho redigido no formato de correspondência, pretende ser um “*diálogo que compartilha e provoca*”, por ser produzido dialogicamente, por um significativo número de pessoas, apesar de a responsabilidade por sua execução final caber a mim.

Outro dia, vivendo os impasses para a escolha do formato deste registro, encontrei-me com uma amiga chamada Lídia¹⁰⁷. Ela é uma das educadoras que comigo tece a trama de diálogos e aprendizagens vividas durante

¹⁰⁶ Este texto foi publicado no site do MEC: “Apropriação da leitura e da escrita”. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/semialflet_elvira.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2008.

¹⁰⁷ Alterei os nomes das educadoras e estagiários sujeitos desta pesquisa, em cumprimento à exigência do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Para elas e eles dei os nomes de amigas, amigos, irmãs, sobrinhas, primas... Pessoas muito queridas.

a implementação do Projeto LETRAVIVA em Campinas. Pois bem, eu havia enviado a ela um texto meu e queria a sua crítica e intervenção. Para mim sua palavra é importante, porque é uma educadora comprometida com o trabalho, empenhada na aprendizagem dos educandos e na transformação social. Foi minha parceira no tempo em que estive na Coordenação do Projeto, sem contar o fato de que acabou de se aposentar como professora da PUC-Campinas. Foi docente durante 35 anos. Por este entre outros motivos, também afetivos, sua palavra faz diferença para mim.

Ao nos encontrarmos, prontamente disse que havia lido o meu texto, mas que não faria comentários naquele momento. E concluiu: “Tenho comigo um livro que você precisa ler”. E foi buscá-lo.

Fiquei imaginando... o que poderia ser?

Ao voltar, com o livro nas mãos, disse: “Aninha, fui a uma reunião da ANPEd¹⁰⁸ e encontrei-me com a autora deste livro. Somos amigas. Veja, tem até uma dedicatória para mim. Você deve ler este livro, minha querida!”

Um encontro como este só pode reservar surpresas, não é mesmo? Estamos transitando no terreno do diálogo acadêmico sobre educação. Uma professora universitária recém-aposentada, uma aprendiz de pesquisadora, textos sobre pesquisa educacional e agora, um livro lançado na ANPEd com o sugestivo título: “*Cartas Londrinhas e de outros lugares sobre o lugar da educação*”.

Estão curiosas, para saber o nome da autora, não é mesmo? Pois, não é ninguém menos que Regina Leite Garcia! Para mim uma autoridade quando se trata de defender o direito que as crianças das classes populares têm à educação. A sua luta pela constituição cotidiana de uma escola que acolha e considere estas crianças como portadoras de saberes originais e dignos de respeito é legitimamente reconhecida por seus pares. Sua produção teórica e prática a situa entre os profissionais da educação que buscam entender o

¹⁰⁸ ANPEd: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, fundada em 1976.

funcionamento da escola na sua existência real e singular¹⁰⁹. Procura acolher a educadora, o educador, como um aprendiz com direito à atenção e consideração, a fim de que exerça seu trabalho com ética e compromisso social. A sua luta, de vários anos, é por uma formação inicial e em serviço que seja humanizante, dialógica e inserida no contexto. Tudo isso e muito mais, faz desta autora uma referência para os meus estudos.

Conheci-a na banca de mestrado da minha amiga Cristina. Ela fez uma dissertação com o título “Rua e escola: o Hip Hop como movimento porta voz dos sem vez”¹¹⁰. A Regina disse que veio para a banca para dialogar, para aprender. Foi uma vivência maravilhosa para mim. Ela se pôs a debater, durante a arguição, com o *rapper* Renato Afro. Considero que nesse movimento promovido por ambos, foi criado na academia, um espaço para um “sem voz” dialogar e mostrar suas conquistas diárias para uma acadêmica com mais de 40 anos de profissão. Um encontro mágico! Nunca vou me esquecer.

Então, por tudo isso, a Regina Leite Garcia é uma pessoa querida para mim. Porque me ensina a fazer pesquisa com a pulsação da vida. Como afirmam Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell, no livro *Pesquisa Participante: ver a positividade, ou seja, o realmente existente, e não a negação a partir de modelos prévios e descontextualizados*.

¹⁰⁹ Penso que uma das referências teóricas obrigatórias neste campo da pesquisa educacional são as cientistas Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell (do Centro de Investigación y de Estudios Avanzados do Instituto Politécnico Nacional, da cidade do México) que tiveram um importante trabalho traduzido para o português, publicado no Brasil com o título “Pesquisa Participante”. O trabalho destas autoras foi significativo em minha trajetória pessoal e profissional, pois chamam a atenção para olharmos a escola em sua ‘positividade’, ou seja, no que ela é e não no que lhe falta. Toda escola é uma versão ‘local’ e particular dos movimentos mais amplos das escolas. As tramas de cada escola são singulares, situadas historicamente, por isso é preciso atentar para o singular, para não se produzir análises descoladas da realidade, apenas tomando como referência modelos pré-existentes. Muitas pesquisas, inclusive no Brasil, informadas por modelos teóricos rígidos, rotularam e classificaram as escolas e suas vivências pelo que lhes faltava, pelo que não tinham, demonstrando completo desprezo e desrespeito pelas práticas realmente existentes e pelo trabalho criado pelos sujeitos do processo educativo. Por sua relevância, um dos capítulos do livro foi publicado recentemente na revista eletrônica *Currículo sem Fronteiras*, v.7, n.2, p.131-147, jul./dez. 2007. Acessei em: 13 dez. 2008 para conferir. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/rockwell-ezpeleta.pdf>>.

¹¹⁰ CAMPOS, C. M. *Rua e escola: o Hip Hop como movimento porta voz dos sem vez*. 2007. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UNICAMP, Campinas, 2007.

Assim, peguei o livro e vocês já sabem: “devorei”!

Por que Lídia queria que eu o lesse? Porque é a tese apresentada pela Regina Leite Garcia no concurso para professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Uma tese escrita no formato de carta.

O texto que eu havia enviado para a apreciação de Lídia também foi redigido em formato de carta. Não pensem vocês que sou assim tão destemida... Fiz meus *ensaios* antes de começar a redação do registro da pesquisa.

A primeira tentativa foi um trabalho que enviei para o “V Seminário Memória, Ciência e Arte: razão e sensibilidade na produção do conhecimento”, realizado na UNICAMP em outubro de 2007. Um encontro científico com um título como este me encantou. Senti-me desafiada a criar uma possibilidade de registro um pouco diferente das tradicionais. Busquei as informações sobre o evento e fiz a minha inscrição. Nem contei para minha orientadora no primeiro momento... Depois, num misto de ansiedade e preocupação, contei para a Grazi. Que alívio! Ela valorizou a minha iniciativa e disse para continuar tentando criar as condições para a produção da pesquisa, com a minha criatividade aliada ao rigor que a academia exige.

Para minha alegria, tive o trabalho aceito e pude apresentá-lo em uma das sessões de comunicações. E minha surpresa foi aumentando à medida que as pessoas presentes começaram a verbalizar sua acolhida ao texto. Na plateia algumas pesquisadoras pelas quais tenho apreço, como a Prof^a Olga Von Simson, do Centro de Memória da UNICAMP. O diálogo com ela foi importante naquele momento, visto que trabalha com história oral há bastante tempo e eu tenho buscado na história oral, em diferentes momentos de minha trajetória profissional¹¹¹, as possibilidades de registro das vozes silenciadas pela cultura dos vencedores. A Coordenadora da mesa de trabalhos, Dra. Maria Aparecida

¹¹¹ Em trabalhos não acadêmicos tive oportunidade de recolher depoimentos orais para serem utilizados como fontes documentais.

Moraes, por sua vez, elogiou a forma e o conteúdo do meu texto, o que para mim, também representou uma vitória sobre o medo do fracasso!

As pessoas que estão na condição de pesquisadores e professores universitários sabem que gestos dessa magnitude fazem toda a diferença no percurso de uma investigação científica! Este ‘ensaio’ de escrita me entusiasmou, mas devo confessar que ainda estava um pouco insegura quanto à minha capacidade para produzir um texto coerente.

Estou tentando, como podem notar.

O encontro com o livro da Regina Leite Garcia foi um maravilhoso presente neste contexto. Eu já havia lido outros trabalhos dela, mas não conhecia este livro. Uma preciosidade e mais ‘*um palmo de picada*’ aberto na caminhada.

O primeiro contato que tive com a ideia de produzir o registro da pesquisa de mestrado no gênero carta foi no ano de 2006. Uma amiga, a Rosaura, teve essa maravilhosa ideia¹¹². Ela afirma em um de seus textos:

A carta é um gênero democrático. Flexível. Generoso. Quando somos nós a escrever, ela nos permite compartilhar, lamentar, aconselhar, informar, orientar, ensinar, lembrar, opinar, esclarecer, perdoar, pensar melhor, pedir ajuda... Quando somos nós os destinatários, recebemos tudo isso substantivamente. (SOLIGO, 2005, p. 349).

O Professor Rui Canário, da sua banca examinadora, destacou a importância da forma e conteúdo estarem singularmente entrelaçados, de modo a despertar no leitor a vontade de continuar a leitura (e, sejamos sinceras, queridas amigas, nem sempre conseguimos chegar ao final da leitura de uma tese ou dissertação de mestrado sem sentir um cansaço enfadonho, não é mesmo?...)

Estão vendo, a comunicação de resultados de pesquisa em formato de carta não é assim tão original...

¹¹² Essa pesquisa em nível de mestrado foi defendida no dia 30 de Agosto de 2007, no Salão Nobre da Faculdade de Educação da UNICAMP. A autora é Rosaura Soligo e o título da dissertação é: “Quem forma quem? - Instituição dos sujeitos”.

Neste inventário de textos acadêmicos redigidos no formato de carta, quero destacar um pequeno livro, da minha área de estudos, que me foi bastante relevante, tanto pela abordagem temática como pela forma de construção do debate entre os dois autores. Trata-se do livro "*Travessia: questões e perspectivas emergentes na pesquisa em educação popular*", de Marisa Vorraber Costa e Reinaldo Matias Fleuri, dois destacados pesquisadores do campo da Educação Popular.

O livro apresenta o debate acadêmico sobre Educação Popular realizado a partir da criação do Grupo de Trabalho Educação Popular da ANPEd, em 1982. A *travessia* diz respeito à caminhada do GT durante os anos iniciais, seus impasses e seus avanços até o final do século XX. O texto foi apresentado como um trabalho encomendado na 22^a reunião anual da ANPEd, em 1999.

Em princípio, fiz esta leitura movida pelo desejo de conhecer um pouco mais sobre a história da Educação Popular, vista e vivida pelos profissionais que se ocupam da produção da pesquisa nesta área. Outros pontos de vista existem, bem sabemos de pesquisadores ligados aos próprios movimentos populares ou de instituições civis distintas das organizações acadêmicas e universitárias. Então, para mim este trabalho foi importante para me situar neste campo da produção do conhecimento.

Minha alegria foi ampliada na medida em que iniciei a leitura e me deparei com um livro apresentado no formato de correspondência entre os autores. Quero fazer referência a uma observação feita por Reinaldo M. Fleuri em relação à escrita da Marisa Vorraber Costa, já no final do livro: "tu imprimistes um ritmo e um estilo de conversação em que o rigor da elaboração se veste de beleza e de graça e evidencia que rigor não se confunde com rigidez, nem beleza com superficialidade" (COSTA; FLEURI, 2001, p. 93).

O desafio é este, então: produzir no nosso diálogo um registro em que o rigor não seja confundido com rigidez e nem beleza, com superficialidade. Neste meu caso, em particular, tenho o desejo de aproximar do debate todos os

educadores e educadoras populares que sintam vontade de se indagar sobre o seu trabalho e o modo como o realizam.

Considerarei este um desafio prazeroso e animador, mas ao mesmo tempo, complexo. Escrever é sempre um risco. Escrever narrando uma experiência da qual sou protagonista, um risco ainda maior, não acham? Contudo, preciso afirmar mais uma vez com Paulo Freire: trago comigo as marcas da minha incompletude, do meu precário saber em busca de saber mais. Por isso, a partilha deste fragmento da pesquisa, para mim significa alargar horizontes e trazer ao debate universitário as vozes dos educadores e educadoras que me ensinaram, me influenciaram, me modificaram.

Na pesquisa que toma como base a ***abordagem experiencial*** “o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e sobre o cotidiano, o qual se revela através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes [...]” (SOUZA, 2006, p.7). Neste sentido

A narrativa é tanto um fenômeno quanto uma abordagem de investigação e formação, porque parte das experiências e dos fenômenos humanos advindos das mesmas. O que é a educação senão a construção sócio-histórica e cotidiana das narrativas pessoal e social? O cotidiano humano é, sobretudo, marcado pela troca de experiências, pelas narrativas que ouvimos e que falamos, pelas formas como contamos as histórias vividas. (SOUZA, 2007, p. 4-5).

Segundo Marie-Christine Josso

trabalhar sobre relatos de ‘histórias de vida’ no campo das ciências humanas e na interpretação interativa com seus autores é uma revolução metodológica que constitui um dos signos de emergência de dois novos paradigmas: o paradigma de um conhecimento fundamentado sobre uma subjetividade explicitada, ou seja, consciente de si mesma, e o paradigma de um conhecimento experiencial que valoriza a reflexividade produzida a partir de vivências singulares (2006, p. 21).

Tomar a pesquisa como espaço e tempo de (auto)formação, agregando às minhas experiências a de outros sujeitos e interlocutores, democratiza suas potencialidades. Mesmo que as conclusões sejam provisórias, pois o conhecimento está sempre em movimento de reconstrução, no encontro entre sujeitos há sempre possibilidades para acontecer alguma coisa diversa daquela *imaginada*, alguma coisa que nos faça pensar outra vez sobre como estamos vivendo, como estamos trabalhando na formação de outras pessoas. Pois é isto que fazemos, nós educadoras, não é mesmo? Por este motivo, não posso deixar de me lembrar de Elis Regina¹¹³ cantando: *“tenho que me aventurar. Tenho que subir aos céus sem cordas pra segurar. Eu tenho que dizer adeus, dar as costas. Caminhar decidida pela estrada que ao final vai dar em nada, nada, nada, nada, nada do que eu pensava encontrar”*.

A pesquisa científica pode, realmente, nos trazer muitas surpresas. Neste contexto de trabalho o humano e a humanidade, com toda a sua singularidade e genericidade ganham destaque:

Todo conhecimento do mundo e toda pergunta acerca do mundo motivados diretamente por esse “Eu” único, por suas necessidades e paixões, é uma questão da particularidade individual [...] Também o genérico está “contido” em todo homem e, mais precisamente, em toda atividade que tenha caráter genérico, embora seus motivos sejam particulares. Assim, por exemplo, o trabalho tem frequentemente motivações particulares, mas a atividade do trabalho – quando se trata de trabalho efetivo (isto é, socialmente necessário) – é sempre atividade do gênero humano (HELLER, [1988?], p.20; 21).

Comunicar alguns “achados e guardados” através destas cartas reafirma o meu desejo de ampliar o repertório de pessoas comuns que porventura militam na seara da educação.

¹¹³ GIL, G. Se eu quiser falar com Deus. Intérprete: Elis Regina. In: REGINA, E. *Trem Azul*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1988. 2 discos sonoros. Disco 1, Lado B, faixa 1.

Ao pedir licença a vocês para que “*Deixem-me contar*”¹¹⁴ uma vivência de pesquisa como experiência formativa, o faço porque acredito que talvez juntas, possamos “*descobrir no último momento, um tempo que refaz o que desfez, que recolhe todo o sentimento e bota no corpo uma outra vez*”¹¹⁵. Magda Soares, nas suas maravilhosas “*Metamemórias*”, afirma que “uma reavaliação dos fatos muda o mundo, ou muda a visão que se tem dele” (SOARES, 1991, p. 33).

Lembrei-me, novamente de Paulo Freire que escreveu um livro sobre suas vivências na educação e deu a ele o encantador nome “*À sombra desta mangueira*”. Carlos Rodrigues Brandão, por sua vez escreveu “*Aprender o amor*” para repartir com homens e mulheres “as experiências múltiplas da educação” (BRANDÃO, 2005, p.17). Eduardo Galeano escreveu “*O livro dos Abraços*”, no qual tratou da memória, “sua memória pessoal e a nossa memória coletiva, da América” (GALEANO, 2006, contra-capas), afirmando que “a memória viva nasce a cada dia”. Galeano é um caçador de histórias, um narrador no mais autêntico sentido conferido por Walter Benjamin, pois narra a experiência vivida. “Experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2004, p. 116) e ao nos tocar, nos modifica, nos transforma:

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular. Ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente [...] Por isso o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira irrepitível. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (LARROSA, 2004, p.129-130).

¹¹⁴ Tomei de empréstimo o título do livro organizado por Jorge Larrosa porque expressa uma vontade, uma potência embutida na ação. LARROSA, J. (Org.). *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

¹¹⁵ BUARQUE, C.; BASTOS, C. Todo sentimento. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, C. *Francisco*. Rio de Janeiro: BMG-Ariola, 1987. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 2.

Apresento a argumentação destes autores porque eles podem nos fazer refletir um pouco melhor sobre o significado social de uma pesquisa científica que trata de situações complexas, como as vividas nas relações educativas.

Considero importante tratar da pesquisa e da reflexão a partir de um lugar de acolhida, da sombra de uma mangueira ou de um jardim de todos, como quis Brandão em outro seu livro recente¹¹⁶. Um lugar onde o corpo se sinta à vontade e possa descansar e trabalhar com todos os sentidos. “Para mim é impossível conhecer rigorosamente com desprezo à intuição, aos sentimentos, aos sonhos, aos desejos. É o meu corpo inteiro que, socialmente, conhece”, afirmou Paulo Freire (2005, p. 109) em outro texto, também de relato de experiência.

Seguindo as pegadas de Freire, estou tentando criar um “lugar” de refrigério, dentro do qual a polifonia de vozes, desejos e saberes seja explicitada. Uma pesquisa que tenha gente dentro, como sugere a Prof^a Idália Sá-Chaves em seu trabalho: “Os ‘portfólios’ reflexivos (também) trazem gente dentro”¹¹⁷. Uma pesquisa em que a vida reverbere em toda a sua potência, pois a minha “*curiosidade epistemológica*”¹¹⁸ não está dicotomizada da vida, ao contrário, está intrinsecamente associada à ação, exigindo e cobrando a reflexão. Como seres da “práxis” não nos constituímos como simples expectadoras da realidade, ao contrário, nossa ação incide no mundo como sujeitos que o querem transformado, livre das injustiças e malvadezas que as classes dominantes imprimem à vida dos pobres.

Esta busca permanente, de ação, reflexão para nova ação, define uma dialética a serviço da vida, na qual se possa criar, ou recriar sonhos de uma outra

¹¹⁶ BRANDÃO, C. R. *O jardim de todos*. Campinas: Autores Associados, 2004.

¹¹⁷ Em julho de 2005 fiz um curso de férias, oferecido pelo Gepec (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada, da Faculdade de Educação da UNICAMP) com a Prof^a Idália Sá-Chaves, da Universidade de Aveiro. Esta professora trabalha a possibilidade de construção do conhecimento a partir dos portfólios de cada aluno. Uma das suas questões principais é a da humanização dos processos educativos. Isso tem tudo a ver com a implicação do sujeito na produção do conhecimento, na reflexão sobre a sua prática em confronto com as teorias.

¹¹⁸ Paulo Freire em “*Cartas à Cristina*” e também em “*À sombra desta mangueira*” trata da “curiosidade epistemológica”.

sociedade possível para as gerações de brasileiros que conosco convivem ou viverão depois de nós. Assim, compreendo a pesquisa acadêmica como uma atividade eminentemente humana, de procura de respostas para as inquietações surgidas nas experiências cotidianas do trabalho educativo¹¹⁹.

Entendendo-me como uma pessoa inacabada e inconclusa, sabedora de minha indigência; a pesquisa e a busca pela superação, pelo conhecer mais e melhor, constituem a essência da própria vida. Sendo vida, passa necessariamente pelo coração, conforme lembra Galeano (2006, p. 11) quando busca a origem da palavra recordar: “*Recordar: Do latim **re-cordis**, voltar a passar pelo coração*”.

Pesquisa educacional, assim, está relacionada a rever o já visto, com os olhos que tenho hoje. Viver o processo de recordar como método investigativo:

Foi assim que aprendi a procurar sempre e sempre o auxílio da teoria com a qual pudesse ter melhor prática amanhã. Foi assim também que nunca dicotomizei teoria e prática, percebendo-as jamais isoladas uma da outra, mas em permanente relação contraditória, processual. (FREIRE, 2005, p. 104).

A cientista social Maria Cecília Minayo afirma que a pesquisa é “a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade” (2003, p. 17) e, esta indagação vem do lugar da experiência, da nossa vida cotidiana. “Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (*Ibid*, p.17). Esta autora chega a afirmar que o “objeto das Ciências Sociais é *essencialmente qualitativo*” (*Ibid*, p.15), anunciando a pesquisa qualitativa como possibilidade para se conhecer realidades nem sempre quantificáveis. E, estou chamando atenção para esta

¹¹⁹ Dulce desenvolveu uma pesquisa assentada nessa autoexigência de refletir a partir da prática. É uma tese de doutorado apresentada em 2006 na Faculdade de Educação da UNICAMP: “por esse motivo quero deixar claro que esta pesquisa parte do pressuposto que o conhecimento é gerado e produzido na tensão prática/teoria, ou seja, é na relação da busca por uma fundamentação teórica que repensamos e reinventamos nossa ação” (p. 3). PEREIRA, D. F. F. *Revisitar Paulo Freire: uma possibilidade de re-encantar a educação*. 2006. 209f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UNICAMP. Campinas, 2006.

questão porque, por muito tempo foi difundida uma ideia de que as pesquisas educacionais válidas eram aquelas que poderiam ser quantificáveis e generalizáveis para outros contextos. Porém, caras amigas educadoras, sabemos que há uma singularidade irrepetível nas nossas experiências dialogais no contexto de uma sala de aula, não é mesmo? Por isso, vejam como Maria Cecília Minayo apresenta a sua consideração a favor da pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (2003, p. 21-22).

Os estudos da Psicanálise também ampliaram as nossas possibilidades de compreensão sobre as relações humanas estabelecidas nos contextos de aprendizagem. Esta é uma abordagem fundamental na educação, pois traz para o centro do debate o afeto como a face da mesma moeda da produção do conhecimento. O conhecimento é construído a partir de um campo de relações entre educandos e educadores.

Segundo a psicopedagoga e terapeuta familiar Elizabeth Polity, em trabalho publicado na Revista Psicopedagogia On Line (2002)¹²⁰, o processo de construção e de internalização de conhecimentos:

é basicamente relacional, na medida em que o conhecimento nos é viabilizado pelo outro, construído *na* e *pela* relação com nosso(s) interlocutor(es), ficando na dependência de que possamos dar-lhe significado através da reflexão, agregando valor às novas experiências.

¹²⁰ Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=388>>. Acesso em: 28 mar. 2008.

Ainda de acordo com a autora, nesta relação há uma mútua incorporação do social no individual, extrapolando os espaços escolares, pois ela está pensando na aprendizagem, tomada em toda a sua extensão, presente em todas as esferas da vida humana. E continua:

É comum associar a aquisição de conhecimentos intelectuais, como é o caso de conteúdos acadêmicos, somente a competências de ordem cognitiva. Entretanto, afeto e cognição são duas faces da mesma moeda e toda e qualquer aprendizagem necessita de ambos para se efetivar como competência, sobretudo quando se trata de aprendizagem não sistematizada, como as experiências relacionais e/ou subjetivas (POLITY, 2002).

O trabalho de registrar experiências marcantes, vividas em determinados momentos da vida de uma pessoa, pode permitir ao sujeito modificar o seu passado e contribuir ainda mais para a transformação do presente. Segundo Cromberg:

sem sair do lugar, mas viajando pelos vastos continentes do planeta alma, é dentro de si, com um outro, que o homem acha a possibilidade de aceitação de si, de mudança e transformação. [...] Nossa vida psíquica funciona por sucessivas retranscrições, retraduições nos diferentes momentos dela [...]”(CROMBERG, 2001, p. 163).

A partir destes argumentos em favor da pesquisa que se preocupe com o humano e com o que é essencialmente humano nas relações de trabalho é que estamos construindo nosso trabalho de pesquisa.

A partir do dia 22 de Agosto de 2007 retomei o contato com algumas de vocês, educadoras, com a finalidade específica de convidá-las para cooperarem comigo nesta investigação e, assim, voltamos a conversar sobre o trabalho que realizamos no Projeto LETRAVIVA e as repercussões provocadas em nossas vidas. Como vocês aceitaram o convite, novas oportunidades de

reflexão se tornaram realidade. Por enquanto, agradeço a companhia e acolhida que me deram até aqui e conto com a generosidade e compreensão de vocês para desculparem os equívocos, incompreensões, erros e incontáveis fragilidades.

Sintam-se abraçadas, porque é assim que me vejo, neste momento,

Aninha

4. Algumas considerações sobre o Projeto LETRAVIVA.

*Quem é você? Adivinha se gosta de mim...
Chico Buarque*

05 de Maio de 2008 / 29 de Setembro de 2008.

Queridas amigas educadoras,

Vejam o texto que transcrevo abaixo.

Ficamos tão contentes e alegres quando Adonária nos presenteou com seu pequeno registro que depois ele foi transcrito no convite que elaboramos para a Festa de Encerramento da Primeira Etapa do LETRAVIVA. Vocês se lembram? Antes, porém, fizemos cópias para serem distribuídas nos Encontros de Formação.

A frase “*estou emocionada*” tomada de empréstimo da Dulce se espalhou como um “*buscapé*” por todo lado e se consolidou como uma *marca* de alegre descontração, ao mesmo tempo, carregada de muita verdade, vocês concordam? Então, vamos ler novamente o texto:

PROJETO LETRAVIVA

Que bom ter entrado neste Projeto, quantas experiências, cada uma mais rica que a outra, cheias de histórias marcadas pelo desejo, sonhos, sofrimento, vontade de viver, conviver e sobreviver.

É! O Projeto LETRAVIVA marcado pela sua leveza e ousadia adentra nos lugares mais escondidos e de difícil acesso. Lá está “seu” José, D. Maria, “seu” Joaquim e tantos outros homens e mulheres que no dia a dia sempre resistiram e encontraram forças para driblar as situações e constrangimentos causados por não terem o domínio das letras.

Hoje, eles estão sentindo a sensação de pegar em um lápis, começar a decifrar as letras, formar palavras, identificar seu próprio nome. Além de toda esta riqueza há a beleza do encontro, as conversas, os contos e *causos*, a convivência fraterna, os laços que o grupo vai criando, tornando-se responsáveis uns pelos outros. “Sou responsável por aquilo que cativo”, como não dizer, ao visitar um grupo e ouvir os relatos?

‘ESTOU EMOCIONADA’. Porque realmente fiquei emocionada ao ver o sorriso estampado no rosto de todos e todas. O desejo, a vontade de aprender a ler e escrever, nasce nas entranhas de cada um deles e delas, resgatando a pérola mais preciosa do ser humano: a dignidade e o exercício da cidadania. Este é o LETRAVIVA tão vivo quanto a ‘sede’ de cada educando. Tão audacioso quanto a senhora de oitenta anos cheia de desejos ardentes, emoções latentes, coração vibrante e olhos carregados de ternura.

Como é bonito o trabalho do EDUCADOR. Sua dedicação carregada de fertilidade, grávida de paixão e condensada de carinho, companheirismo, afeto e “loucura”. Loucura por algo maior, maior que as letras que o lápis e o caderno.

Assim é o LETRAVIVA, tão vivo quanto o canto do sabiá
Que quando abre o bico, acorda a passarada do lugar

Não é coisa de luxo, não. É simples, popular e caseiro
Desperta o sonho adormecido de um povo sempre guerreiro

A sala é um bonito palco de artistas respeitados,
Onde a cada momento revivem o seu passado.

De tudo acontece ali, riso, canto e lamento.
História de todo dia, passado e futuramente.

**LETRAVIVA É VIVALETRA, ARTE QUERIDA DO SABER
RESGATA A HISTÓRIA DE UM POVO QUE LUTA PRA SOBREVIVER!**

Formadora Adonária
Campinas, Abril de 2004.

E observar também o convite:



*"Assim é o LETRAVIVA, tão vivo quanto o canto do sabiá
Que quando abre o bico, acorda a passarada do lugar
Não é coisa de luxo não, é simples, popular e caseiro
Desperta o sonho adormecido de um povo sempre guerreiro
A sala é um bonito palco de artistas respeitados,
Onde a cada momento revivem o seu passado
De tudo acontece ali, riso, conto e lamento
História de todo dia, passado e futuramente
Letraviva é viva letra, arte querida do saber.
Resgata a história de um povo que luta pra sobreviver".
Maria Iva
Equipe de Apoio do Projeto Letraviva*


LETRAVIVA

*O Governo Democrático e Popular de Campinas, dando continuidade às comemorações dos 230 anos da Cidade, têm a honra de convidá-lo(a) para a Festa de Encerramento do Projeto Letraviva / Brasil Alfabetizado referente ao ano de 2003 e o início oficial do Projeto no ano de 2004.
Venha participar conosco desse importante momento na vida dos(as) cidadãos(as) campineiros(as).*

Data: 29 de maio de 2004
Horário: 10 horas
Local: Praça Carlos Gomes – Centro – Campinas/SP

Izalene Tiene
Prefeita Municipal de Campinas

Corinta Maria Grisolia Geraldi
Secretária Municipal de Educação

Ministério da Educação


BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL


fumec
O analfabetismo
é inadmissível


CAMPINAS
DE TODA GENTE


Campinas
GOVERNO DEMOCRÁTICO E POPULAR
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Acredito que Adonária apresentou uma definição maravilhosa do LETRAVIVA, porque brotou de sua subjetividade engajada e de sua compreensão de como podemos, como seres humanos inteligentes e criativos, construir conhecimento a partir do trabalho do grupo. Sua compreensão e vivência pulsante do Projeto eram compartilhadas pelas pessoas, por isso tinha tanta liberdade para escrever e recitar suas poesias.

Durante o tempo em que trabalhamos inventando/criando o LETRAVIVA, uma questão fundamental era: como cuidar da vida onde está mais ameaçada? Sabemos que a necessidade de alfabetizar jovens e adultos expressa a profunda desigualdade existente em nossa sociedade.

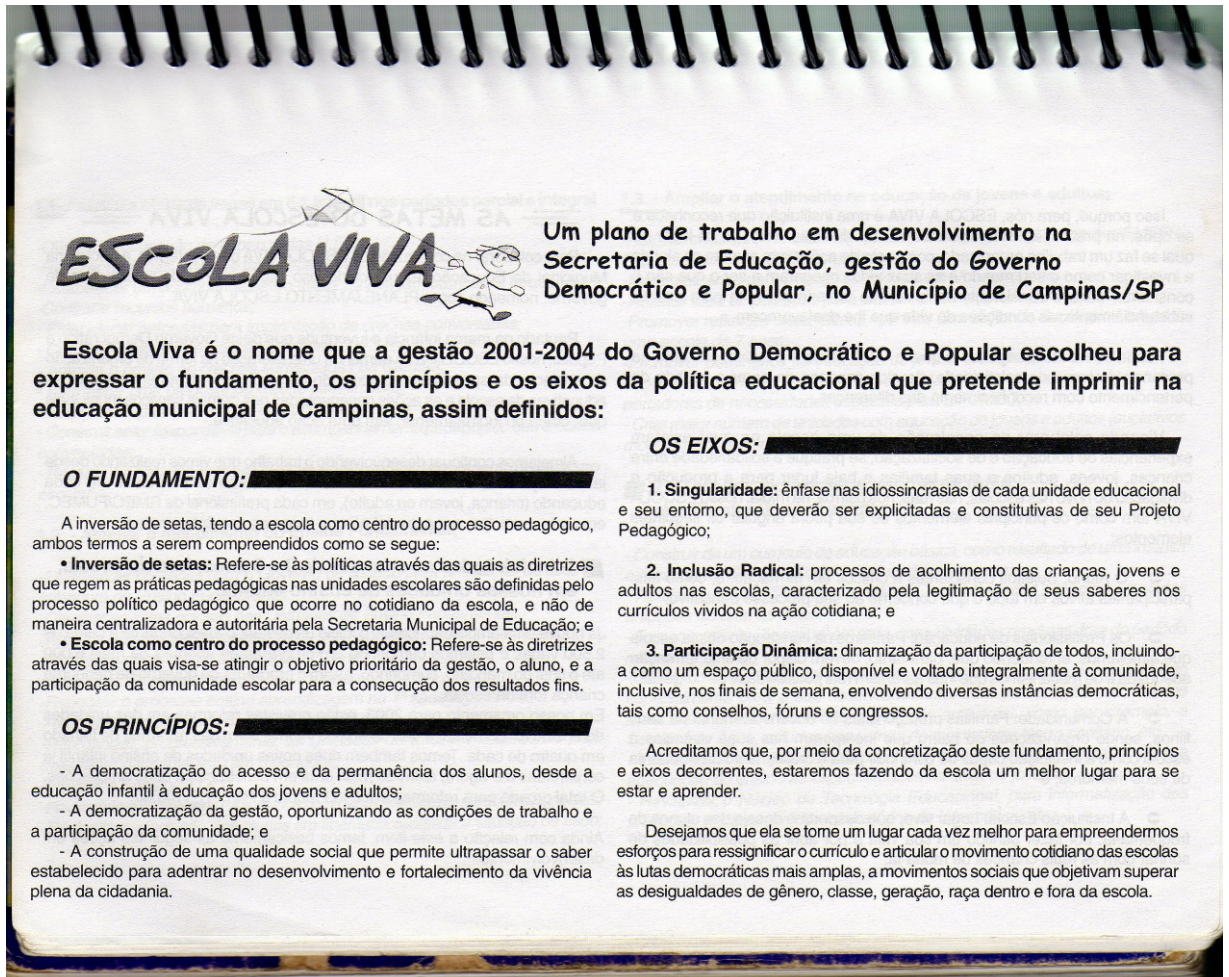
Quando fui convidada para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação¹²¹ ainda estavam sendo realizadas as discussões, no Departamento Pedagógico, sobre a necessidade de ampliação da oferta de oportunidades de alfabetização para jovens e adultos. Era junho de 2003. Uma das pessoas responsáveis por encaminhar este trabalho de equipe era a Dulce.

Tudo era debatido. Inclusive o nome que se daria ao novo projeto. Na primeira reunião que participei, as pessoas trouxeram anotações e documentos elaborados nos encontros anteriores. O nome provisório era: Letramento Cidadão. Dessa reunião participaram a Cidinha, coordenadora da FUMEC, o Luciano Marcos, do Departamento Educação e Cidadania (também professor da FUMEC e do ensino fundamental), o Odair Marques, naquele momento Diretor Executivo da FUMEC, a Célia, da CPJA (Coordenadoria de Educação do Programa de Jovens e Adultos) e eu. Nesse dia a Dulce não participou, não sei bem o porquê.

Foram muitas as reuniões e debates, incluindo aqueles realizados com toda a equipe gestora da SME. Nestas reuniões a Prof^a Corinta, como Secretária da Educação, fazia muita questão que debatêssemos todos os assuntos para que os membros da equipe tivessem informações do que estava acontecendo em cada programa, em cada departamento, nas escolas. Enfim, na rede de ensino como um todo. Em uma das reuniões foi escolhido, consensualmente, o nome do

¹²¹ Solicitei afastamento não-remunerado da Secretaria Estadual da Educação, da qual era titular de cargo como professora do Ensino Fundamental e Médio e Coordenadora Pedagógica em uma escola no Jardim Satélite Íris, periferia de Campinas. A autorização para o afastamento foi publicada no Diário Oficial do Estado em 26.04.2003, mas a secretária da escola não acompanhou e eu, neste momento não tinha condições de verificar o Diário Oficial *'on line'*. Então, só soube da autorização, quando chegou via correio, em minha residência, o informativo que a APEOESP encaminha a todos os associados. Estas questões burocráticas da nossa vida profissional são tão desgastantes! Demandam tanto tempo para conseguir a regularização. Tantas idas e vindas aos órgãos gestores, à escola onde estava trabalhando, no Jardim Satélite Íris, à escola onde tinha a sede de controle de frequência e onde ficava guardado o "prontuário", no Bairro São Bernardo. Idas ao RH da Prefeitura, que a partir deste momento ficou responsável por essa documentação toda... Enfim, um lugar distante do outro. Esperas intermináveis nos pontos de ônibus. *"Tempo, tempo, tempo, vou te fazer um pedido..."* Muitas pessoas envolvidas. A minha residência, neste momento, era em um bairro afastado do centro, Jardim Indianópolis. Vejam, estou fazendo referência a essa situação porque ela consome muita energia e tempo da gente. Vocês que estão nas redes estaduais ou municipais de ensino sabem o quanto é trabalhoso tentar resolver tudo isso. Essa "materialidade" estava compondo o meu cotidiano cheio que desafios novos, singulares, imprevisíveis. Eu nunca havia trabalhado na rede municipal. Não conhecia nada e nem ninguém. Tudo demandava aprendizado. Como afirmou Paulo Freire, quando retornou ao Brasil, depois dos 16 anos de exílio: "Voltei para aprender o Brasil". Eu também estava tentando aprender a viver nesse novo contexto.

Projeto. A Profa. Corinta pediu que retomássemos os princípios da Escola Viva e assim “*encontramos*” o nome que fazia sentido para nós: Projeto LETRAVIVA!



Uma das páginas da Agenda “Escola Viva” – Campinas – 2003 – Distribuída para os professores da rede municipal.

É incrível como, às vezes, as coisas estão “*debaixo do nosso nariz*”, mas não conseguimos enxergar, não é mesmo? Até hoje fico me perguntando sobre o porquê de “Letramento Cidadão”... Em uma das nossas reuniões, anteriores à escolha do nome, eu já havia questionado a sugestão por considerar que o termo “*cidadão*” está capturado pela lógica do mercado e, portanto, esvaziado de sentido. Do sentido que desejamos. Hoje em dia parece que tudo

pode caber dentro desse conceito “*cidadão*” e ele acaba não expressando o que realmente nos interessa.

LETRAVIVA ficou ótimo, porque, como escrevemos no folheto de divulgação: “*a vida está em primeiro lugar*”! A nossa compreensão da importância do aprendizado da leitura e da escrita sempre esteve voltada para o alargamento das possibilidades de a vida se manifestar, em sua plenitude.

Criar uma narrativa sobre como vivi esta história impõe à minha memória muitos arranjos. Vocês sabem que não conseguimos fazer um relato sobre o vivido “*como ele realmente aconteceu*”. Há sempre a fragmentação e a interferência das nossas opções e lapsos. Além do mais, o olhar retrospectivo acaba por ter uma abrangência maior, porque parece que olhamos um “*todo*”. No momento em que vivemos, não conseguimos o distanciamento para juntar as informações, os acontecidos, os conflitos. Estudando o livro “*Memória e Sociedade*”, de Ecléa Bosi¹²², pude compreender melhor estes movimentos:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. [...] Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1987, p.9; 17).

Então, compreendendo a memória como *trabalho*, podemos nos entender melhor com as reconstituições que elaboramos quando criamos as

¹²² BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1987.

nossas narrativas. Nem sempre conseguimos corresponder a uma fidelidade que outra pessoa poderia desejar, não é mesmo? Conforme afirmou Eduardo Galeano, naquele texto que lemos juntas no Curso de Formação Inicial dos Educadores: “A perfeição continuará sendo um aborrecido privilégio dos deuses...” (GALEANO, 1999, p. 344).

Visto que não somos deuses e nem deusas, insistia sempre nosso querido amigo Romualdo¹²³, muitas vezes erramos, mas também tentamos acertar. Chico Buarque¹²⁴ cantou de um jeito maravilhoso, como se faz este trabalho da memória:

Na minha ideia vives plenamente
És a pessoa
Com todas as canções
Os momentos bons e as horas más
Que a memória coa...

Sabemos que a memória “coa”. Percebemos isso toda vez que começamos relatar algum acontecimento importante em nossa vida. Concordo com Magda Soares (1991, p.37-38), quando afirma:

Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo *aqui* e o *agora*. Esforço-me por recuperá-lo tal como realmente e objetivamente foi, deve ter sido (lembro Proust e a sua *madeleine*, que ressuscitou tão plenamente o passado), mas não posso separar o passado do presente, e o que encontro é sempre o meu pensamento atual sobre o passado, é o presente projetado sobre o passado.

¹²³ Romualdo era um dos nossos parceiros na criação do Projeto LETRAVIVA. A ele devemos muito da sustentação teórica para a formação dos Educadores e Educadoras. Apesar de Dulce e eu sermos pessoas estudiosas e criativas, de gostar de inventar, inovar e voar, o Romualdo nos dava aquele necessário aval “acadêmico”. Ele nos acompanhava de perto e isso nos fortalecia.

¹²⁴ BUARQUE, C. Romance. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, C. *Paratodos*. BMG-Ariola, 1993. 1 CD. Faixa 8.

Então, situando o meu olhar sobre o passado com a compreensão que trago dele hoje é que elaboro esta *conversa*ção com vocês.

Já tive oportunidade de fazer menção àquelas reuniões para discutir a ampliação da oferta de cursos voltados à alfabetização de jovens e adultos. Esta é uma questão importante, pois a FUMEC tem programas para este público, mas no entendimento da equipe gestora do período 2001-2004, ainda era necessário ampliar a oferta. A FUMEC abria salas conforme a demanda. Se não houvesse demanda, não haveria novas salas.

Este procedimento parece ser um pouco limitado. Adultos analfabetos, muitas vezes, trazem em suas vivências as marcas da exclusão que a escola promoveu ao longo de suas trajetórias. Esperar que eles busquem espontaneamente as salas de aulas não colabora para alterar significativamente esta situação. No trabalho de mobilização de porta em porta, convidando as pessoas para participar dos grupos de alfabetização, vocês mesmas *descobriram* o grande número de analfabetos residentes próximo às suas casas, afirmando que nunca iriam para uma sala de aula se não tivessem sido convidados por uma pessoa amiga ou conhecida...

Lembro que as pessoas me falavam sobre o impasse que este debate provocava. O Departamento Pedagógico da SME decidiu criar um grupo de trabalho para discutir e planejar ações voltadas à ampliação do atendimento educacional na modalidade Educação de Jovens e Adultos, privilegiando especialmente a alfabetização. O grupo era composto por profissionais da SME e voluntários militantes dessa seara, e passou a se reunir periodicamente com o intuito de formular propostas alternativas às já existentes. Logo que cheguei à Secretaria fui designada para compor o GT responsável por este trabalho.

O debate no grupo avançou e elaboramos uma proposta de trabalho para ser encaminhada ao MEC, pois havia necessidade de outros recursos financeiros para ampliar o atendimento a este segmento da população. Desde que Lula assumiu a Presidência da República, em janeiro de 2003, houve uma sinalização de que seriam tomadas providências para atender aos 20 milhões de

peças não alfabetizadas do Brasil. Os dados de que dispúnhamos naquele momento revelavam a existência de 36.839 jovens e adultos analfabetos (INEP-2003) na cidade de Campinas. A SME, por meio da Secretária da Educação, continuou os contatos com o MEC para que a adesão ao Programa Brasil Alfabetizado fosse rapidamente viabilizada.



A proposta inicial do “Programa Brasil Alfabetizado” era a de criar oportunidade de alfabetização para aqueles que, em idade adulta ou acima de 15 anos, ainda não tivessem tido acesso ao ensino fundamental e, portanto encontravam-se na condição de analfabetos. No discurso de posse, o Presidente Lula abordava este tema, assumindo o compromisso de cumprir promessas de campanha, ou seja, resgatar dívidas históricas insistentemente atualizadas pelas classes dominantes do nosso país.

Em Campinas as notícias vindas de Brasília foram recebidas com bastante entusiasmo. Quando cheguei para compor o grupo de trabalho da SME,

a equipe já estava fazendo os contatos para firmar a parceria com o MEC¹²⁵. Desta maneira, o município apresentou-se como uma das primeiras cidades do Brasil a firmar o convênio com o MEC no âmbito do Programa Brasil Alfabetizado.

Na primeira etapa foram criados 185 grupos de alfabetização espalhados pelas diferentes regiões da cidade, com 2.760 educandos cadastrados no MEC e 160 educadores e educadoras trabalhando nesses grupos. Alguns educadores se responsabilizaram por dois grupos, organizados em horários alternados. Nessa etapa 22 entidades da sociedade civil firmaram parceria com a Secretaria Municipal de Educação. Estes e mais alguns dados estão disponibilizados no *“Baú de Achados e Guardados”*, nas páginas 350-355.

O início foi muito difícil porque estávamos criando um Projeto novo, com dimensões pouco trabalhadas pelo poder público. A opção pela Educação Popular no interior de uma instituição governamental é bastante delicada e suscita muitos questionamentos. Além de todos os debates a que fiz menção anteriormente, passamos a conviver com as questões que emergiram por conta de nossa opção teórica e prática. Não foi surpresa para nós a resistência¹²⁶ apresentada pelos próprios profissionais da educação quanto ao trabalho com

¹²⁵ O MEC no primeiro mandato do Presidente Lula, criou uma secretaria especial para tratar de questões específicas da educação que não são contempladas nas modalidades tradicionais, como educação básica ou educação superior. Trata-se da SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade), responsável pelo Programa Brasil Alfabetizado em nível nacional.

¹²⁶ Várias são as acepções para o verbo resistir, e uma delas, segundo o Dicionário Houaiss é “opor-se” (Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbeta=resistir&stype=k>>). Existe por parte dos profissionais da educação uma oposição, uma não aceitação ao trabalho do Educador Popular por não considerá-lo qualificado. Este tema é polêmico e, nesta pesquisa não estou defendendo a desprofissionalização dos professores, e sim que, o saber e o conhecimento vivencial e experiencial dos Educadores Populares do mundo dos oprimidos, dos excluídos das “cidades das letras” é relevante para superarmos situações de profundas desigualdades sociais. Em contraposição ao verbo “resistir”, em outros momentos do registro desta pesquisa é utilizado o verbo “re-existir”. Esta palavra é bastante familiar e muito utilizada nos círculos de Educação Popular. Foi empregada por Carlos Rodrigues Brandão em um trabalho considerado referência para o estudo da Educação Popular no Brasil: “A questão política da educação popular”, publicado pela primeira vez em 1980. Brandão afirma que os grupos que faziam Educação Popular, no período da ditadura militar, aprenderam “a re-existir e, depois, a resistir. Aos poucos foram recriadas experiências” (BRANDÃO, 1986, p. 13). Adriana Varani, por sua vez, sistematizou o conceito de re-existência em sua tese de doutorado. Ela desenvolveu uma significativa análise do processo de “re-existência” da vida de um grupo de professoras, a partir de um trabalho coletivo levado a efeito a despeito de todas as pressões em contrário e das descontinuidades das políticas educacionais. VARANI, A. *Da constituição do trabalho docente coletivo: re-existência docente na descontinuidade das políticas educacionais*. 2005. 307 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, UNICAMP. Campinas, 2005.

educadores e educadoras populares, afinal, este é um tema para o qual ainda não se conseguiu estabelecer consenso.

Enfrentando as dificuldades, fomos construindo, em parceria com vocês educadoras, e também com instituições da sociedade civil¹²⁷, as redes de solidariedade que ampararam e sustentaram o LETRAVIVA no período 2003-2004.

Dessa maneira, quero reafirmar que o LETRAVIVA foi criado com a intenção de ampliar a oferta de grupos de alfabetização de jovens e adultos, com ampla mobilização social para a sua constituição, e o consequente aumento da oferta do ensino fundamental do primeiro ciclo, visto que a intenção era a de enviar para as salas de EJA da FUMEC os educandos e educandas egressos do Projeto LETRAVIVA. Na primeira etapa do programa do governo federal “Brasil Alfabetizado”, a previsão de funcionamento das turmas era de seis meses, posteriormente ampliados para oito meses.

Compreendemos desde o início da divulgação e da mobilização¹²⁸ para a criação das turmas as dificuldades que se apresentavam aos nossos olhos. Entendemos também que o propósito de encaminhar para as salas regulares da FUMEC todos os educandos egressos do LETRAVIVA constituía um outro patamar de desafios nessa caminhada, mas nos pusemos a sonhar e trabalhar, comprometidas com a necessidade de garantir a todos os moradores da cidade de Campinas o direito à educação.

¹²⁷ É importante registrar que a SME faz parcerias há mais de uma década com setores da sociedade civil campineira para criar, em espaços comunitários, salas de aula na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), do primeiro ciclo, anteriormente conhecidas como as séries iniciais do ensino fundamental. Estas salas de aula são coordenadas e administradas pela FUMEC - Fundação Municipal para a Educação Comunitária. Desde meados de 2004, a FUMEC teve seu campo de atuação ampliado, com a criação do CEPROCAMP - Centro de Educação Profissional de Campinas “Prefeito Antônio da Costa Santos”. O CEPROCAMP foi outra iniciativa pioneira do governo do PT na cidade de Campinas. Um sonho acalentado por Toninho, o prefeito que assumiu a gestão em 2001, mas que foi assassinado em 10 de Setembro de 2002.

¹²⁸ No “Baú de Achados e Guardados”, p. 300-304, vocês poderão encontrar algumas notícias sobre a mobilização e constituição das turmas, veiculadas pelo Diário Oficial do Município. Outras informações, veiculadas pela imprensa local estão à disposição, em pastas que se encontram sob minha guarda.

Trabalhávamos naquele momento com os dados de 2000 do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais "Anísio Teixeira" - que revelavam a existência, em nossa cidade, de 36.839 pessoas com idade acima de 15 anos, analfabetas totais. A dificuldade para encontrar essas pessoas e convencê-las de que são capazes de aprender apesar da idade, da saúde debilitada, das dificuldades cotidianas, do preconceito e de tantos outros obstáculos foram atestadas diariamente pelos educadores que narravam as suas histórias de vida.

A equipe dirigente da SME desse período se propôs a enfrentar essa questão, e a criação do Programa Brasil Alfabetizado, após a posse de Lula, abriu uma nova perspectiva de ampliação do leque de opções de financiamento para a educação.

Vivemos muitas contradições em relação às políticas públicas voltadas à área da educação e vocês são conhecedoras de todas as mazelas que a descontinuidade acarreta em nossas vidas, todavia, acredito que ainda que tenhamos opiniões críticas aos programas que quase nunca se transformam em políticas regulares de governos, não podemos deixar de registrar que a liberação de recursos para a criação de um Programa como o Brasil Alfabetizado, ainda é uma necessidade imperiosa, não podendo ser desperdiçada ou deixada de lado porque não concordamos com o fato de ser transitória.

Para que a educação venha a ser um direito garantido a todos os brasileiros, independente da idade, ainda teremos que lutar muito como educadores, juntamente com os movimentos sociais organizados, pelo estabelecimento de políticas públicas de longo alcance, com metas claras para a resolução de problemas antigos, como o do atendimento aos jovens e adultos excluídos dos processos formais de escolarização.

Neste contexto de disputas por uma educação de qualidade para todos, as inúmeras contribuições dos grupos que praticam a Educação Popular é fundamental:

O legado da educação popular à EJA é evidente. Ao dedicarmos aos processos de formação de educadores de EJA, é imprescindível o aprofundamento do debate em torno de questões fundantes de uma educação das camadas populares; ou seja, é necessário mantermos no horizonte duas questões-chave: o questionamento e a indignação frente a uma estrutura social marcada pela desigualdade social e a crença na possibilidade de contribuirmos para o processo de mudança social, questões estruturantes do debate educacional próprio da educação popular (GIOVANETTI, 2006, p. 253).

A nossa Secretária Municipal da Educação, Profa. Corinta Geraldi empenhou-se pessoalmente na discussão e debate do novo Projeto. Inicialmente fomos à Câmara dos Vereadores apresentar a nossa proposta, construída a partir da parceria com o MEC. O Presidente da Câmara de Vereadores daquele período elaborou o Projeto de Lei que autorizou o Poder Executivo a implementar o LETRAVIVA na cidade. Foi levado ao Plenário para o debate, sendo aprovado com apenas uma abstenção e nenhum voto contrário. Esse trâmite todo consome muita energia e tempo da gente e, é indispensável.

Apesar de nossa prioridade ser o trabalho nos grupos e a formação dos educadores, vocês estão percebendo a quantidade de trabalho “em volta” do alvo que também deve ser feita, não é mesmo?

Na primeira etapa do Projeto LETRAVIVA, o convênio com o MEC para o repasse dos recursos provenientes do governo federal foi firmado com a FUMEC. Por esse motivo, também foi objeto de debate, apreciação e aprovação por parte do Conselho Administrativo dessa Fundação. Isso tudo a gente teve que ir aprendendo enquanto as coisas iam acontecendo.

Superados os possíveis entraves burocráticos iniciais, em Julho de 2003, o então Ministro da Educação, Cristovam Buarque, veio à Campinas especialmente para assinar o convênio entre o MEC e o governo municipal. Assim, o Projeto LETRAVIVA passou a existir oficialmente, para nossa alegria.

Para iniciar a mobilização da sociedade civil, tivemos que abrir outra frente de trabalho. Apresentamos o Projeto à cidade por intermédio dos meios de

comunicação em primeiro lugar. A Prefeita, a Secretária da Educação e nós, da Coordenação, concedemos entrevistas aos canais de TV e rádios locais, assim como aos jornais de entidades sindicais e educacionais, e outros jornais de circulação regional. Na sequência, começamos a realizar aquelas reuniões voltadas aos setores eclesiais, sindicais, empresariais e outros. Nestas reuniões conhecemos vários dos nossos parceiros, inclusive algumas de vocês.

Tivemos uma boa receptividade. Vocês se lembram daquelas grandes reuniões destinadas a divulgar o LETRAVIVA para os campineiros que não estavam vinculados a nenhuma entidade? Essas foram as maiores e mais complicadas porque éramos duas: Dulce e eu para responder muitas perguntas, muitas dúvidas. E a questão é que nós também tínhamos muitas dúvidas porque o Programa Brasil Alfabetizado também estava sendo criado naquele momento, então tudo estava sendo feito passo a passo. Assim, tivemos muitas reuniões no Palácio dos Azulejos, nas quais se apresentaram pessoas interessadas em colaborar com o Projeto como educadores e educadoras.

Nessa primeira fase da mobilização gastamos um tempo enorme de nossos encontros esclarecendo sobre as regras de funcionamento do Programa Brasil Alfabetizado. As pessoas queriam entender para poder participar e, nós também desejávamos a participação de todos, por isso nossa atenção era redobrada.

Na primeira etapa o MEC fez várias restrições para o cadastramento dos educadores fundamentadas na LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias). Esse fato gerou polêmica no início, pois muitas pessoas, professores aposentados e funcionários do serviço público, se apresentaram dispostos a colaborar. O Programa Brasil Alfabetizado não possibilitava a participação de pessoas que tivessem qualquer vínculo com o serviço público, tanto em nível federal, estadual ou municipal, valendo essa regra para os servidores ativos e aposentados. Em etapas posteriores essa resolução foi alterada e, então, os professores ligados às redes públicas também puderam atuar no Programa. No primeiro momento, todavia, houve essa restrição.

Para nós, no próprio centro desse ‘furacão’ estava a saída para a escolha dos educadores. Sugerimos aos nossos possíveis parceiros que indicassem pessoas de suas comunidades para serem os educadores populares. Dessa forma fomos, gradualmente, nos aproximando daqueles e daquelas que correspondiam ao perfil do Educador Popular por nós sonhado, ou seja, pessoas das próprias comunidades nas quais estão inseridos os jovens e adultos analfabetos. Pessoas conhecidas, respeitadas, que dividem os mesmos espaços nas ruas do bairro, nas lojas e supermercados, nas igrejas, no centro comunitário, nas creches, enfim, pessoas que despertavam a confiança necessária para aquele e aquela que esconde a sua situação de humilhação.

No nosso entendimento, o Projeto LETRAVIVA não deveria nunca se apresentar como um instrumento de “invasão cultural”¹²⁹ em comunidades carentes e empobrecidas da cidade. Também por esse motivo acreditávamos ser fundamental trabalhar com sujeitos que compartilham situações de vida semelhantes em um mesmo universo cultural.

Apostamos no Curso de Formação Inicial para sensibilizar os possíveis educadores para o trabalho de encontrar os educandos. Por esse motivo, realizamos o Curso de Formação Inicial para muitas pessoas, sabendo, entretanto, que nem todas conseguiriam formar a sua turma através da mobilização de porta em porta, nos seus bairros de origem.

Vocês devem estar lembradas que entregamos as fichas de inscrição para vocês preencherem com os dados das pessoas analfabetas residentes nas proximidades de suas casas ou, eventualmente, do local de trabalho, não é mesmo? Acho que não é possível a gente esquecer uma situação como essa, concordam? Há pouco tempo encontrei com uma educadora que me disse que adorava fazer esse trabalho, de ir de casa em casa conversar com as pessoas, convidar para participar do grupo. Dessa maneira vocês encontraram os seus futuros educandos.

¹²⁹ Paulo Freire trabalha o conceito de “invasão cultural” em vários textos, mas para mim, é especialmente tocante a reflexão que produz no livro “Extensão ou comunicação?”, precisamente no capítulo 2, parte A: “Extensão e invasão cultural” e parte B: “Reforma Agrária, transformação cultural e o papel do agrônomo educador” (p. 37-62).

Entregamos também às entidades parceiras as mesmas fichas para que mobilizassem os seus membros para a criação de turmas. Nós sabíamos que esta é uma tarefa difícil, mas, por incrível que possa parecer, as turmas foram formadas e cadastradas no MEC nos prazos estabelecidos.

Quero fazer um parêntese aqui: No dia 07 de Janeiro de 2008 telefonei para a educadora Ester. Conversávamos sobre um Encontro de Educadoras Populares que eu planejava realizar no dia 19 de Abril de 2008, com vocês, minhas companheiras nesta pesquisa. Nesta conversa telefônica, Ester abordou vários assuntos, mas chamou a minha atenção uma declaração: *“Gosto de ir à favela, conhecer as pessoas e formar as turmas, mas percebo que as professoras da rede pública não querem ir à favela para buscar educandos e formar turmas. Eu faço isso com amor, Aninha”*.

Ela fez ainda outras observações sobre o seu modo de compreender a educação. Este é um modo de ser da educadora e do educador popular que tenho observado repetidas vezes e é bastante diferente, quase antagônico, com o modo de ser professor de muitas pessoas que conheço. Penso que esta é uma reflexão que precisa ser feita: como aliar o compromisso ético com a educação com a luta pela melhoria das condições para a sua realização?!

Vejo em vocês, e também na maioria das educadoras e educadores populares que conheço, três características que combinadas se tornam indissociáveis e as distinguem dos demais profissionais: Amorosidade, criatividade e compromisso! Estas três características se *materializam* na fé, na esperança que depositam na capacidade do outro aprender e na sua própria capacidade de produzir conhecimento a partir do diálogo.

Voltando à questão das fichas de inscrição, preciso lembrar que essas fichas não estavam prontas. Tivemos que criá-las. Aliás, tudo estava sendo criado à medida que ia acontecendo. Eram muitas questões e dúvidas e vocês participaram de toda essa intensa movimentação... Tínhamos que nos desdobrar para responder às demandas que um projeto tão amplo exigia.

Desde a criação de uma ficha que respondesse às necessidades do Projeto, até a sua impressão e distribuição, foram muitas peregrinações às instâncias administrativas da Secretaria Municipal da Educação. Também procuramos o Departamento de Educação e Cidadania da SME, que coordenava o cadastramento do Programa Bolsa-Escola (atualmente Bolsa-Família), para obter informações contidas no banco de dados desse Programa. Essa foi outra maneira que encontramos para a localização das pessoas analfabetas. Buscamos, ainda, informações cadastrais nas Secretarias Municipais de Habitação e de Assistência Social.

Para a realização de todo esse trabalho, constatamos a necessidade e urgência de mais colaboradores, inclusive para estarem conosco auxiliando na produção da infraestrutura para a realização das reuniões de apresentação do Projeto, assim como no desenvolvimento dos Cursos de Formação Inicial.

Necessitávamos de auxiliares em virtude da ampliação constante das tarefas imediatas exigidas pelo dever de documentar, registrar e prestar contas de todos os procedimentos adotados no interior de um órgão público. Desde os memorandos solicitando o Palácio dos Azulejos ou a Estação Cultura para a realização de eventos de divulgação, até a providência das próprias condições materiais para que tais reuniões acontecessem.

O atendimento aos educadores que procuravam informações sobre o LETRAVIVA, posteriormente a digitação das fichas de inscrição e o cadastramento no MEC, o acompanhamento e os contatos com as entidades parceiras, enfim, tudo isso constituía a novidade de um projeto em fase de criação. Precisávamos de pessoas que pudessem atuar nessa área “organizativa”.

Nesse contexto, Dulce e eu, como Coordenadoras do Projeto, procuramos a orientação da Prof^a Corinta e da Cristiane Machado, então Diretora Executiva da FUMEC, para solucionarmos essa questão de infraestrutura.

Devidamente orientadas quanto aos procedimentos a serem adotados, buscamos o auxílio do setor financeiro da FUMEC para nos acompanhar no

contato com o CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola) e, através do convênio FUMEC/CIEE, constituir um grupo de estagiários para trabalhar especificamente no Projeto LETRAVIVA. Realizamos um processo de seleção procurando estudantes de nível superior, de diferentes áreas de formação, com o desejo de constituir uma equipe multidisciplinar que pudesse compor conosco o processo de **criação** da organização e da sustentação do LETRAVIVA.

Não foi diferente do que sonhamos. Os estagiários foram convidados a lançarem-se no mesmo movimento de criação proposto aos educadores e educandos. O resultado foi surpreendente. Acolhemos como parceiros e parceiras jovens da Pedagogia, das Ciências Sociais, da Administração, da Tecnologia em Processamento de Dados, da Propaganda e Marketing, da Biblioteconomia. Uma turma especial que aceitou o desafio de *juntos*, criamos um Projeto que fosse delicado com as pessoas, que respeitasse suas motivações e limitações, mas que também se apresentasse como um sonho não concluído, em permanente reconstrução. Um desafio à imaginação criadora...

Posso hoje afirmar, também em nome da Dulce, que experimentamos nesse grupo o princípio do cuidado e agora, temos **amigos** que outrora foram nossos colaboradores. Jovens companheiros estudantes de disciplinas universitárias, mas também estudantes de movimentos inesperados da vida...

Os estagiários foram os nossos companheiros na organização do LETRAVIVA. Acompanharam também, juntamente com a Equipe de Apoio, toda a mobilização para a formação dos grupos de alfabetização.

Realizamos a mobilização em todas as regiões da cidade de Campinas contando com a valiosa colaboração das entidades parceiras e dos educadores voluntários. Esse trabalho exigiu muitas energias de todos os envolvidos. Fomos bem sucedidas em várias regiões, mas, como em todo movimento dessa natureza, também tivemos problemas. Algumas pessoas ligadas aos movimentos populares decidiram fazer a mobilização por meio de mutirões e esse modo de divulgação revelou-se mais difícil na organização posterior, porém mesmo assim,

conseguimos formar muitas turmas em locais cedidos pela Igreja Católica, Igrejas Evangélicas, associações de moradores, escolas etc.

No mesmo período que realizávamos as reuniões de divulgação do Projeto LETRAVIVA, empreendendo conjuntamente a busca pelos Educadores Populares, configurou-se necessário para nós a constituição de um outro grupo de pessoas que nos auxiliasse no acompanhamento dos grupos de alfabetização, visitando-os com regularidade, para dar sustentação ao trabalho iniciado e também para colaborar na busca das soluções para os problemas enfrentados no cotidiano dos grupos. A esse pequeno conjunto de colaboradores demos o nome de Equipe de Apoio ou Formadores-Articuladores (porque realmente articulavam junto às entidades parceiras a criação de turmas).

Conhecemos essas pessoas por intermédio das entidades parceiras, pois estão diretamente ligadas aos movimentos populares constituídos na cidade de Campinas. São lideranças comunitárias. Algumas são membros atuantes nas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica, outras pertencem a grupos de defesa dos direitos à moradia, saúde, sindicatos etc.

A remuneração dos componentes desse grupo foi feita através de recurso proveniente do Programa Brasil Alfabetizado, especialmente destinado à Formação. No “Baú de Achados e Guardados”, à página 352, estão relacionados alguns dados sobre o financiamento do Projeto. Esses valores repassados por meio do convênio com o Programa Brasil Alfabetizado, posteriormente foram alterados. Outros membros da Equipe de Apoio vieram do próprio quadro do magistério municipal, atendendo algumas das exigências de contrapartida formuladas pelo MEC para o estabelecimento do convênio com o Programa Brasil Alfabetizado. A remuneração dessas profissionais foi feita por meio de “horas de projetos especiais”, possíveis dentro do quadro administrativo da SME. Na primeira fase do Projeto contamos com a participação de algumas professoras da FUMEC que, semelhantemente às professoras da rede da SME, foram remuneradas por horas trabalhadas, nesse caso pela FUMEC. Quero lembrar que todas as professoras ligadas ao quadro do magistério municipal que vieram

compor a Equipe de Apoio, tiveram como condição e critério para a participação no LETRAVIVA, a permanência em suas respectivas salas de aula.

Esse processo de constituição da Equipe de Apoio também exigiu muito cuidado de nossa parte. Realizamos um processo de seleção para encontrar as profissionais da SME e da FUMEC.

Não sei se consegui, mas tentei fazer uma panorâmica de como o Projeto LETRAVIVA foi sendo criado e a sua implementação na Secretaria Municipal de Educação e na cidade. Estou sentindo muita dificuldade para fazer essa reconstituição, porque as coisas aconteciam muito emparelhadas. A gente fazia muita coisa ao mesmo tempo. Por exemplo, quero lembrar das primeiras reuniões de formação da Equipe de Apoio. Elas foram marcadas pelas inquietações naturais brotadas do encontro de profissionais da educação e de lideranças comunitárias com práticas bastante diferenciadas. Foram momentos de importantes e significativos aprendizados para todas nós.

No processo de formação dos educadores e de acompanhamento à Equipe de Apoio-Formadores, considero muito importante a participação de Romualdo Dias, professor da UNESP – Rio Claro, conforme registrei em Nota na página 96. Nesse período ele era assessor do Departamento Pedagógico da SME. Romualdo esteve conosco, trabalhando nos Cursos de Formação Inicial e nos encontros de estudos e de reflexão da Equipe de Apoio. Sua presença era marcante! Todas nós aprendemos a amar o Romualdo e aquele seu jeito mineiro de ser.

Com o passar do tempo, a Equipe de Apoio também criou um vínculo afetivo intenso! Incrível isso, vocês não acham? Poderia ter sido um trabalho burocrático, mas não foi. Essas experiências foram tão significativas que até hoje continuamos a nos encontrar para celebrar a vida, apesar de não estarmos mais ligadas ao Projeto LETRAVIVA desde 31 de dezembro de 2004, quando encerrou a gestão dessa equipe de trabalho no governo municipal. Continuamos recriando um relacionamento fraterno que ultrapassou os limites do tempo em que estivemos juntas no Projeto LETRAVIVA.

Juntamente com o grupo de estagiários, acredito que conseguimos reunir em torno de um mesmo ideal pessoas sonhadoras e apaixonadamente militantes da criação de novos modos de ser e estar na educação, ou “*serestar*”, como afirmou Laura Chaluh (2008).

Na segunda etapa do LETRAVIVA, criamos novas turmas, acolhendo novos educadores e novos educandos reunindo-se em locais não alcançados na primeira fase do Projeto.

Nesse segundo momento , assim como no primeiro, realizávamos às sextas-feiras os Encontros de Formação Permanente com os educadores e educadoras, coordenados pelos membros da Equipe de Apoio. Esses encontros foram promovidos nas diversas regiões da cidade. Uma vez por mês o realizávamos no centro de Campinas, com educadores de todas as regiões. Algumas vezes no Palácio dos Azulejos (antes de ser interditado para a restauração), outras vezes na Estação Cultura ou no Salão Vermelho da Prefeitura, pois o número de educadores era grande que uma sala de aula ou uma sala da própria administração não comportava.

Quero dizer a vocês que me leem neste momento, que sou muito agradecida aos participantes desse movimento tão bonito e expressivo que aconteceu na cidade de Campinas. Muitos esforços, às vezes que nem chegamos a ver ou tomar conhecimento, foram conjugados para que uma experiência dessa natureza fosse criada e sustentada com tanta criatividade.

Para encerrar esta cartinha quero dizer que tentei apresentar uma vaga ideia do que vivi, do lugar de Coordenadora do LETRAVIVA ao lado da Dulce, no período de 2003-2004. Muitos detalhes foram coados pela memória e escorregaram entre as rachaduras dessa mesma memória, pois uma fase de tanta intensidade não me permitiu recolher tudo.

Agradeço a companhia de vocês e peço que continuem comigo.

Um abraço,

Aninha

5. Notícias da pesquisa em construção.

| | |
|-----------------|---|
| Data: | Sun, 3 Feb 2008 09:51:13 -0300 (ART) |
| De: |  "Sílvia" <_____@yahoo.com.br> O Yahoo! DomainKeys confirmou que esta mensagem foi realmente enviada pelo yahoo.com.br. Mais informações |
| Assunto: |  Proposta - Letraviva |
| Para: | belobelo_22@yahoo.com.br |

Querida Aninha,

Desde que você me ligou tenho pensado em você. Passei por Campinas em Dezembro e Janeiro quando fui visitar minha família em Mato Grosso, mas isso foi por pouco tempo.

Olha, tenho alegria em ajudar na sua pesquisa. Escrevi alguma coisa, mas, sempre me perguntando: Será isso que ela quer? Se não foi isso, se o assunto estiver muito misturado, diga-me, por favor, como posso melhorar.

Sabe, quando tenho muito assunto, às vezes tenho dificuldade de organizar as ideias. Algumas perguntas diretas seriam mais fáceis, o que acha? diga-me.

Bom Aninha, qualquer coisa estou à disposição.

Segue anexo o que escrevi.

Abraços,
Sílvia

Abra sua conta no [Yahoo! Mail](#), o único sem limite de espaço para armazenamento!

Anexos

| |
|---|
| Arquivos: |
|  EXPERI_NCIA_DE_VIDA.doc (27k) Busque e Salve no seu computador |

Pequenas histórias de vidas simples.

*A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais.
Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas.
Disso eu que quis fazer a minha poesia.
Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz.*

Ferreira Gullar

Campinas, 13 de Fevereiro de 2008.

Queridas amigas educadoras,

Gostaria de apresentar alguns motivos que me fizeram querer realizar esta investigação na companhia de vocês. E o faço narrando pequenas histórias de vidas simples. Das nossas vidas. Porque, como o poeta, acredito que a história não é feita apenas de grandiosos eventos. Ela é feita da vida miúda, de todo dia. E não é muito simples perceber como esta história cotidiana está articulada à história de um povo, de um determinado grupo social, num tempo e espaço específico. Por este motivo, além de outros que vamos criando ao longo de nossas vidas, é importante refletir sobre as nossas ações, especialmente aquelas que realizamos coletivamente.

Durante o percurso de produção deste trabalho, sempre me perguntei: A pesquisa: a que(m) será que se destina? Como na música do Caetano Veloso:

“*Existirmos a que será que se destina?*”¹³⁰ e acabava me reportando às motivações iniciais que me puseram em marcha, vivendo-observando o que produzíamos no LETRAVIVA.

Assim, posso dizer que esta pesquisa teve como motivação inicial interrogações sobre as transformações que estavam acontecendo na vida de diversas educadoras, incluindo a minha própria, por isso, no meu entendimento, a pesquisa também se destina à nós, educadoras populares. Ela pode colaborar com o nosso trabalho diário, além de ser uma produção acadêmica voltada à ampliação do debate sobre a educação nacional. Meu interesse, naquele período, passou a ficar mais aguçado quando algumas de vocês me disseram que a experiência estava transformando totalmente suas vidas. Era o ano de 2003 e eu, juntamente com a Dulce, trabalhava como Coordenadora do Projeto LETRAVIVA, sendo responsável pela formação dos educadores, dentre outras atribuições administrativas.

Por que será que vocês afirmavam, tão categoricamente, as mudanças que estavam se operando em suas vidas? Na narrativa que a Raquel compartilhou no grupo de educadores, em 2004, algumas pistas se insinuavam:

LETRAVIVA... ESPERANÇA DE VIDA

No ano de 2003 a vida me pregou uma grande peça... eu diria mesmo uma tremenda rasteira. Em 7 de março meu pai faleceu. Quando recebemos a notícia, minha mãe passou mal, levei-a imediatamente ao pronto-socorro, mas ela não resistiu... Assim, velei meu pai e minha mãe no mesmo dia e os enterrei no mesmo instante,

Como duas flores unidas;

Como duas rosas nascidas

¹³⁰ VELOSO, C. Cajuína. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, C. *Cinema Transcendental*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1979. 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 3.

Talvez no mesmo arrebol;
Vivendo no mesmo galho
Da mesma gota de orvalho;
Do mesmo raio de sol...

Entrei num profundo desespero. Faltou-me chão. O vazio que ficou em mim era imenso. Eu não tinha mais referencial... perdi minha identidade... Uma semana depois, em meio a toda essa dor, acompanhei minha filha a Ouro Preto, pois, ela havia entrado na UFOP e ia estudar por 4 anos. Uma amiga nos acompanhou. Quando ela me perguntou se eu estava triste, lhe respondi que nada podia ser comparado ao que tinha vivido há uma semana atrás.

Voltei para minhas filhas em Campinas e deixei A. muito fragilizada em Ouro Preto. Tentava ser forte por elas. Lamento dizer, que não consegui. A ausência dos meus pais, o desemprego e uma grande amargura foram me dominando e caí em profunda depressão!... E foi neste contexto de vida que me apresentaram o LETRAVIVA! O “astral” do grupo me “botou pra cima”. Poucos sabiam da minha história [mas] não falavam nada e eu também me calava na tentativa de esquecer.

Fui me envolvendo por inteiro no projeto. Eu acreditava nele e queria que desse certo. Fizemos formação, articulamos, montamos grupos. [Uma das formadoras] me incentivou a assumir um grupo como educadora, assim vivi uma grande experiência.

Minha vida foi se transformando... Eram senhoras idosas, senhores e até adolescentes. Aos poucos eles foram invadindo a minha vida e não tive como não me envolver na vida deles. Aconteceram muitas coisas nesses nove meses de LETRAVIVA: Emoção da primeira palavra lida, na construção da primeira frase... no emprego conseguido pelo C., fome, mortes, separações... Como não me envolver? Eles me colocavam como peça fundamental no dia a dia deles.

No dia 29 de maio de 2004 uma grande festa na Praça Carlos Gomes selou esta linda conquista do nosso povo. Me emocionei com eles. Hoje, olho e me vejo inteira, recuperada. Já não preciso tomar antidepressivo. Mesmo com o desemprego, a filha distante, a ausência dos meus pais e a saudade deles, somada a todas as dificuldades que a vida oferece, eu vejo luz... luto por soluções.

E o LETRAVIVA... “Viva letra, simples, popular e caseiro...” sem dúvida nenhuma foi fundamentalmente importante na minha retomada de vida. Por tudo isso eu quero deixar uma pequena mensagem; “Você que viveu passe adiante”!

Educadora Raquel
04 de Junho de 2004

Este registro foi produzido espontaneamente pela educadora Raquel. E nós sabemos como é difícil escrever... Ela produziu esta narrativa, tão comovente, sem ter sido cobrada. E mais, compartilhou com as outras pessoas do grupo. Por quê? O que a moveu a tomar a atitude autoral?

As perguntas me acompanhavam insistentemente e, então, passei a procurar os indícios de respostas nos movimentos vividos por vocês, em seus grupos de alfabetização, nas criações elaboradas por seus educandos e educandas, nas nossas ações recíprocas vivenciadas durante os encontros de formação e nos demais momentos de trabalho conjunto.

“Fui me envolvendo por inteiro no Projeto. Eu acreditava nele e queria que desse certo”, afirmou Raquel em sua narrativa. E mais: *“sem dúvida nenhuma foi fundamentalmente importante na minha retomada de vida”* ! Tomando como referência questões enunciadas por Paulo Freire¹³¹ para analisar este registro, podemos perceber que a formação que vivíamos cotidianamente no LETRAVIVA, encharcada dos riscos inerentes a uma obra aberta, promovia um sentido de pertencimento e de autoria do trabalho, potencializando a emergência das manifestações de recriação de conhecimentos e saberes construídos ao longo da vida. Nós procurávamos criar um ambiente propício à *produção* do conhecimento e não à pura e simples reprodução e transmissão de conteúdos, para que todos

¹³¹ As questões insistentemente apresentadas por Paulo Freire quanto ao respeito, acolhida e diálogo com o saber do outro, sendo o outro qualquer pessoa que conosco compartilhe a vida ou a prática educativa, estão, no nosso entendimento, no cerne da ética que fundamenta a ação do educador comprometido com a transformação social. Cf. *“Pedagogia da Autonomia”,* 1996, p. 23 e *“Extensão ou comunicação?”*, 1992, p. 43.

os sujeitos, educandos e educadores, experimentassem a re-existência a partir do diálogo e da criatividade do grupo.

Esta narrativa me impressiona, pois mostra o movimento subjetivo da educadora assumindo-se como uma pessoa de valor, para si mesma e também para um conjunto de pessoas com as quais passou a se relacionar. Ela pode se reconhecer como produtora de novos significados para sua vida e de muitos outros.

E mais, passou a lutar por soluções, como sujeito histórico de uma realidade em construção, em movimento de ressignificação a partir do trabalho coletivo. Compreendeu a sua responsabilidade social no contexto de um projeto de alfabetização de jovens e adultos. Ela teve a oportunidade de pensar criticamente a sua prática, confrontando-a com as suas teorias, pois como nos lembrou Paulo Freire, “foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar” (FREIRE, 2003, p.44).

Este espaçotempo de vivência foi singular para nós. A potência do processo repercutiu de modo duradouro nas nossas vidas e de muitas outras pessoas. Uma imagem que poderia dar a dimensão do *acontecimento* é a que a música do Milton Nascimento evoca: “*Estamos chegando das velhas senzalas, das novas favelas, das margens do mundo nós somos, viemos dançar*”¹³². Destes lugares viemos para incomodar, inventar e criar novas opções nos espaços institucionais, inclusive na própria Secretaria Municipal de Educação.

Penso que é preciso lembrar que no contexto da luta pela redemocratização em nosso país, governos progressistas foram eleitos a partir dos anos de 1980 em algumas regiões. Campinas, em mais de uma oportunidade, teve o executivo municipal ocupado por equipes identificadas com princípios democráticos e participativos. A criação do LETRAVIVA foi proposta na

¹³² NASCIMENTO, M.; CASALDÁLIGA, P.; TIERRA, P. Estamos chegando (A de Ó). In: NASCIMENTO, M. *Missa dos quilombos*. Rio de Janeiro: Ariola, 1982. 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 1.

gestão do “*governo democrático e popular*”¹³³, do período 2001-2004. Foi implementado no ano de 2003, após a eleição de Lula para a Presidência da República e a criação do Programa Brasil Alfabetizado, pelo MEC, em nível nacional.

A idealização do LETRAVIVA em Campinas e a sua execução, mediante parcerias com a sociedade civil¹³⁴, buscava construir oportunidades de promover a um só tempo o exercício de ações efetivas que afirmassem a prática da participação popular em políticas implementadas em coautoria com o poder público, bem como facilitar a disseminação dessa vivência no interior das comunidades.

O Projeto LETRAVIVA procurava envolver em uma relação de permanente intercuro e recíproca alimentação as atividades de formação e de alfabetização, de forma que as pessoas que, em outros modelos poderiam ser objeto das ações, aqui participassem como sujeitos em coautoria com a Coordenação. Por este motivo, a metodologia vivenciada na formação dos educadores e educadoras incentivava a alteração das relações de poder hierarquizadas, usualmente encontradas nesses espaços, a fim de expandir e consolidar o *diálogo* como meio de transformar a prática educativa.

Nossa compreensão sobre a importância dos movimentos sociais e da participação popular no restabelecimento do regime democrático no Brasil, reforçava o compromisso com uma pedagogia emancipatória, referenciada principalmente na obra de Paulo Freire. Tentávamos consolidar um espaço de construção partilhada do conhecimento, reconhecendo no *outro* o interlocutor e sujeito da prática pedagógica, valorizando-o com respeito às suas origens e diversidade, potencializando a criação de vínculos e capacidades sociais que favorecessem a sua progressiva autonomia.

¹³³ Na gestão 2001-2004 do Partido dos Trabalhadores – PT, no executivo municipal de Campinas, esse era o lema de governo.

¹³⁴ Vejam no Baú de Achados e Guardados, p. 300-304, algumas das notícias sobre o Projeto LETRAVIVA e as parcerias estabelecidas, publicadas no Diário Oficial do Município e em veículo de comunicação da mídia local. Na sequência informações sobre o encerramento da 1ª etapa e início da 2ª etapa.

A pouca relevância que alguns governos atribuem à alfabetização de jovens e adultos muitas vezes propaga a ideia equivocada de ser esta uma questão insignificante ou pontual. Todavia, o confronto com os índices oficiais revela um percentual considerável de pessoas excluídas dos processos formais de educação.

O *Mapa da Vulnerabilidade Social da Cidade de Campinas* produzido pela Municipalidade em 2004 a partir do censo de 2000 revelava a existência, entre os moradores da cidade, de uma variação salarial de 491 vezes entre o primeiro e o último patamar! Não por acaso o analfabetismo está associado à pobreza e o documento comprovava a sobreposição dessa situação (p. 106, 113, 114). Assim, buscávamos reafirmar a importância e a necessidade da oferta de educação pública, gratuita e de qualidade para todas as faixas etárias.

Nós sabemos que há mais de uma década a Secretaria de Educação faz parcerias por meio da FUMEC (Fundação Municipal para a Educação Comunitária) para criar em espaços comunitários salas de aula na modalidade Educação de Jovens e Adultos, nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Inclusive, algumas de vocês que vieram trabalhar no LETRAVIVA, como alfabetizadoras ou como membros da Equipe de Apoio, já trabalharam ou ainda trabalham na FUMEC. O LETRAVIVA, na nossa compreensão e desejo, representava uma nova opção de ampliar a oferta de alfabetização para jovens e adultos por meio do convênio com o MEC.

Vocês devem se recordar que um dos nossos maiores desafios iniciais foi encontrar os analfabetos que vivem *escondidos* por entre a população letrada. Tais pessoas carregam consigo o estigma de uma situação da qual são vítimas, mas a consideram como derrota pessoal, por isso, sentem vergonha de participar de um grupo de alfabetização.

No ENDIPE 2008 (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino), realizado em Porto Alegre, participei do debate após a apresentação do professor

Leôncio Soares¹³⁵, da UFMG, que há tempos estuda e promove a formação de educadores de jovens e adultos. Pesquisadores presentes, provenientes de distintas regiões do Brasil, reafirmaram essa dificuldade de encontrar e mobilizar os jovens e adultos para participar dos projetos de alfabetização.

A partir da mobilização para a construção deste projeto de Educação Popular em Campinas fomos ao encontro, buscando, acolhendo, enxergando as pessoas que a escola e a sociedade teimam em não ver: os jovens e adultos analfabetos. Infelizmente, essa é uma antiga e persistente situação na história do povo pobre do Brasil.

O início de uma bonita amizade:

Do encontro para a criação do LETRAVIVA nasceu a nossa amizade e a partir dela um movimento de “re-existência”, para todas e cada uma em particular. Dar a ver, ainda que parcialmente e de modo precário, as transformações pessoais e coletivas, vividas a partir do processo educativo, me parece ser uma das possibilidades de reinventarmos o modo como fazemos a educação. Registrar nossas dúvidas, problemas e também as escolhas metodológicas que elaboramos e fizemos a partir dos nossos acalorados debates, pode de alguma maneira, favorecer a compreensão de antigos e novos problemas. E quero lembrar que esta é uma prática recorrente no campo da Educação Popular, isto é, narrar o que se fez e se faz, como um *causo* que repercute nas vidas dos envolvidos.

¹³⁵ O debate ao qual faço referência é: SOARES, L. Formação do Educador de Jovens e Adultos – Painel 5870 – Prédio 40 – Sala 501- 29 de abril 2008. E o texto apresentado nesse mesmo evento: SOARES, L. O educador de jovens e adultos: um estudo sobre a habilitação de EJA dos cursos de Pedagogia no país. In: XIV ENDIPE, Porto Alegre-RS. Anais do XIV ENDIPE. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. CD-ROM 1.

É preciso salientar que a narração, o contar a história de uma experiência é também uma forma de teorização que, ao contrário da maioria das formulações mais acadêmicas, consegue preservar os aspectos de subjetividade, de irracionalidade e de coincidência que existem na vida social (VASCONCELOS, 1998, p.87)

Esta afirmação foi apresentada em um texto de reflexão sobre a Educação Popular no Brasil, por um médico e sanitarista, militante do movimento popular de saúde desde a década de 70 do século XX, o Prof. Eymard Mourão Vasconcelos.

Estou fazendo estas considerações porque, diferentemente de vocês, educadoras, outras pessoas que poderão ler este trabalho, talvez não conheçam a história que vivemos juntas e não saibam nada sobre os dramas que enfrentamos. É claro que compreendemos que o fragmento de 'realidade' aqui apresentado é recortado e parcial. Realizado a partir de um ponto de vista situado. Inclusive, nossos próprios pontos de vista são lançados de lugares diferentes: algumas de vocês são educadoras dos grupos de alfabetização, outras fazem parte da Equipe de Apoio, a Dulce e eu, participamos do lugar da Coordenação do Projeto. Assim, de cada um desses lugares é possível ver um ângulo da situação.

Vocês têm a vivência dos grupos, dos nossos Encontros de Formação, das visitas às casas dos educandos e educandas, dos seus progressos cotidianos. O meu olhar está mais distante da vivência diária dos grupos. Também por este motivo, além de outros que espero mostrar à medida que esta correspondência avance, meu olhar hoje, está sendo forjado no entrecruzamento das experiências que cada uma de vocês relata para mim ou que leio nos textos escritos por nós durante os anos de 2003 e 2004. Alegrias e desafios distintos, portanto.

Quero narrar para vocês um momento emblemático que me mobilizou a meditar sobre tudo aquilo que estávamos vivendo. Naquele momento, intimamente me desafiei a realizar um outro tipo de trabalho: o de registro e de

reflexão teórica da experiência. Este que estou realizando atualmente, com a colaboração de vocês, nesta pesquisa em nível de Mestrado. Confesso que, àquela altura de minha vida, não tinha nenhum indicativo sobre as possibilidades para a concretização destes sonhos. Apenas conheci o desejo.

Lembro-me com clareza de um Encontro de Formação, na primeira etapa do Projeto LETRAVIVA, durante o qual uma das educadoras fez uma declaração que me deixou bastante impressionada e que passou a mobilizar ainda mais os meus sentidos e emoções: *“Para mim, iniciar o trabalho no LETRAVIVA foi um RECOMEÇO. Eu renasci do profundo de minhas tristezas”*, afirmou Betânia.

Alguém que profere uma declaração com essa intensidade tem muito a dizer, concordam? Percebi estar vivendo uma situação simbolicamente especial, dessas que elegemos como *demarcações* em nossa existência. Esperei por mais detalhes que pudessem aplacar minhas silenciosas indagações, mas eles não vieram naquele momento. Algum tempo depois, em visita ao seu grupo de alfabetização ouvi de Betânia, espontaneamente, a reafirmação daquelas palavras iniciais e... para minha satisfação, um depoimento sobre a sua história de vida.

Posso afirmar que fiquei realmente impactada com a narrativa. Tive oportunidade de **começar** a compreender *como* ela reconstruía seu itinerário histórico, a partir do encontro com outras pessoas que também vivenciavam a dor, problemas e perdas irreparáveis. Para estas questões ela e os seus educandos e educandas não tinham respostas, tampouco soluções imediatas, mas, a partir do encontro, uniam forças e criativamente reinventavam a vida com os recursos de que dispunham naquela ocasião. Conforme observa Eymard Vanconcelos “nos subterrâneos da vida política e institucional vão se tecendo novas formas de organização da vida social” (VASCONCELOS, 1998, p. 70) e estas formas são constituídas de solidariedade, de valores, de concepções de mundo e de sonhos acalentados coletivamente. E mais:

A esperança continua no aparente caos da pós-modernidade. Esperança, palavra antes eliminada do vocabulário científico, pode agora ser assumida, pois ficou evidenciado que aspectos subjetivos estão presentes em qualquer análise científica (VASCONCELOS, 1998. p. 84).

No meu “Diário de Campo”¹³⁶ registrei aquele momento especial, quase mágico para mim em função das condições de sua própria produção. Gostaria de observar que a questão das condições da produção do conhecimento ou do trabalho educativo por nós realizado nas nossas relações com os educandos e educandas é, muitas vezes, relegada a um segundo plano, mas a Prof^a Corinta Geraldi sempre me chamou a atenção para observar estas situações. Aliás, a Prof^a Corinta me ensinou a olhar e ver muitas coisas que não via...

Um das lições que pude aprender com Betânia e seu grupo é que nós nos “*reinventamos*” a partir da solidariedade que transforma o encontro em uma oportunidade de re-existência. Neste território onde são criados novos vínculos e afetos, a vida se refaz. Nesta *geografia mágica*, nós alimentamos as pequenas partilhas diárias que iluminam nossas vidas. As relações dialéticas entre formação humana e pertencimento social vão sendo recriadas.

Partilho alguns de nossos aprendizados a partir dos registros originais que vocês elaboraram, porque muitas vezes, os estudos acadêmicos fazem referências tangenciais às produções dos educadores e educadoras, porém não disponibilizam os seus escritos.

Ao *hospedar* carinhosamente nestas correspondências os trabalhos que vocês produziram, desejo amplificar as suas vozes de tal maneira que sejam audíveis nos espaços acadêmicos. Quero, com esta atitude, repactuar

¹³⁶ Disponibilizo no “Baú de Achados e Guardados”, p. 305-315, as anotações pessoais feitas após a visita ao grupo de Betânia. O registro data de 11 de Novembro de 2004, mas as afirmações de Betânia durante os Encontros de Formação aconteceram em final de 2003, alguns meses após ela ter iniciado o trabalho com o seu grupo de alfabetização. Portanto, decorrido quase um ano daquelas primeiras manifestações, ela continuava reafirmando para si e para o grupo a intensidade e significação da experiência em sua vida. Trata-se da experiência fundante e transformadora, da qual não saímos dela do mesmo modo como entramos, conforme nos chama atenção Larrosa. Na sequência estão as anotações da visita aos grupos do Núcleo Cambarás.

continuamente o diálogo entre sujeitos produtores de conhecimento: educadores, formadores e pesquisadores. Com Paulo Freire aprendemos que o diálogo é um ato fundante na relação pedagógica, “o diálogo é uma exigência existencial” (FREIRE, 1981, p. 93), conforme fiz referência lá na página 76. Por meio do diálogo com os registros produzidos por vocês, quem sabe possamos aprender um pouco mais de como se dão as relações e a aprendizagem em alguns espaços educativos.

Preciso dizer que estes escritos foram produzidos a partir do desejo e da criatividade gestada nos grupos de alfabetização e por isso, na minha compreensão, são potentes para dar a ver, ao menos de relance, a abundância de vida e de sabedoria que existe nas vivências dos grupos populares e também de como vocês, educadoras, recriavam nas ações cotidianas, os aprendizados elaborados a partir dos Cursos de Formação e dos Encontros de Formação, realizados uma vez por semana no Projeto LETRAVIVA.

Vocês se lembram perfeitamente do desafio que o Romualdo continuamente nos propunha: “*Vamos fazer da nossa vida uma obra de arte?*”

Fazer da vida uma obra de arte é um desafio enorme, não é mesmo? Nem sempre nosso cotidiano é poético ou colorido, como gostaríamos, todavia, acredito que nós nos lançamos com muita vontade em direção à fresta de luz que o convite-desafio do Romualdo deixava antever.

Muitas de vocês mostraram a beleza do trabalho, inclusive ao produzir os textos que compartilhavam nos nossos Encontros de Formação. Então, acredito que também podemos falar de um tipo de educação como obra de arte, vocês concordam?

O poeta Ferreira Gullar tem uma poesia maravilhosa que quero partilhar com vocês, porque traz à luz os nossos movimentos subjetivos.

TRADUZIR-SE¹³⁷

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?

Ao agregarmos os saberes trazidos por todos os educadores e educadoras, o ambiente favorável germinou no Projeto LETRAVIVA.

¹³⁷ GULLAR, F. Traduzir-se. In: GULLAR, F. *Toda poesia* (1950-1980). 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. 437-438.

Na pequena narrativa escrita pela educadora Ester, nós percebemos como ela “*carregou*” para o seu trabalho no grupo as experiências e aprendizados que foi tecendo ao longo de sua vida:

O educador é aquele que com paciência, respeito, afeto, acredita que a aprendizagem é possível acontecer.

A experiência que eu tenho como educadora começou com meus filhos e com a comunidade. Com os filhos, porque meu primeiro filho nasceu portador de Síndrome de Down. Desde que ele nasceu precisei aprender a lidar com ele.

O médico, quando fez o cariótipo e constatou que ele era portador da Síndrome de Down, disse-me que se eu não cuidasse, ele ficaria como um bicho. Então, comecei a levar para a fisioterapia, fono, T.O., psicóloga etc...

Enfim, aprendi a trabalhar a coordenação motora, com exercícios para pegar as coisas nas mãos, exercício para engatinhar. Visão, eu trabalhava com cores, tamanhos, grosso, fino, áspero, liso. Geometria: quadrado, círculo, triângulo etc...

Depois comecei a participar na comunidade. Fui convidada para ser catequista. Fui catequista durante 4 anos, ensinado religião. Depois coordenei a comunidade durante 5 anos. Hoje eu atuo como Ministra da Palavra e da Eucaristia, além de colaborar na Tesouraria.

Fui convidada no ano passado para ser educadora do LETRAVIVA. Para mim, é muito gratificante saber que estou ajudando alguém a ler e escrever, como a S. F. que não sabia fazer nem a letra A. Hoje ela já escreve seu nome! E Dona A., que chorou na frente de seus colegas porque conseguiu ler tudo o que estava escrito na lousa! Também tem o C. que perdeu o serviço por não saber preencher o currículo. Hoje, o C. só não escreve, mas já aprendeu a ler algumas palavras. Dona M. O. assinava só com o dedo. Hoje ela já consegue assinar e escrever sozinha o seu nome. Enfim, todos os meus alunos estão evoluindo muito.

Graças a Deus a ao LETRAVIVA por esta oportunidade de alfabetizar.

Que Deus nos abençoe e nos dê força para continuarmos este trabalho. De fazermos do Brasil um país alfabetizado.

Educadora Ester

Novembro de 2004.

Na Educação Popular, nos grupos de alfabetização, a investigação inicial do universo vivido pelos sujeitos e suas trajetórias existenciais potencializa a realização de um “*raio x*” do contexto social. A história de vida dos membros do grupo, utilizada como “*plataforma de lançamento*” para a compreensão e desvelamento da sociedade dividida em classes, aproxima sem hierarquizar, educadores e educandos. Todos compartilham a oportunidade de levantar o véu que encobre a razão do mundo capitalista ser organizado sob o fundamento da exploração do trabalho humano. É possível, então, a explicitação da condição social de exclusão nas vidas que carregam as marcas do pertencimento de classe.

Esta ampliação da compreensão da história pessoal e social reabilita a pessoa para um novo tipo de participação na sociedade, mais exigente e mais crítico. Há uma confluência entre a produção coletiva do saber entrelaçada ao saber sobre si, potencializando a criação de novas práticas sociais e o refazer da própria história a partir do território onde acontece a experiência cotidiana.

Um dos maiores danos para a autoimagem das pessoas é a introjeção e naturalização da inferioridade, por isso uma das questões fundamentais da Educação Popular é lançar luz sobre este processo a fim de colaborar com o resgate da **humanidade roubada**, como enfatizou Paulo Freire: “É importante ter sempre claro que faz parte do poder ideológico dominante a inculcação nos dominados da responsabilidade por sua situação” (2000, p. 84).

No regime de dominação em que os dominados precisam lutar para se apropriar da própria palavra, a reinvenção de si pode se realizar a partir da educação emancipatória:

En un régimen de dominación de conciencias, en que los que más trabajan menos pueden decir su palabra, y en que inmensas multitudes ni siquiera tienen condiciones para trabajar, los dominadores mantienen el monopolio de la palabra, con que mistifican, masifican y dominan. En esa situación, los dominados, para decir su palabra, tienen que luchar para tomarla. Aprender a tomarla de los que la retienen y niegan a los demás, es un difícil, pero imprescindible aprendizaje: es “la pedagogía del oprimido” (FIORI, 1973, p. 26, prefacio à edición argentina de Pedagogía del Oprimido).

Na relação dialógica nós podemos compreender que a educação ultrapassa a decodificação das palavras, abrindo janelas para novos horizontes. Sabemos que através das palavras, nós os seres humanos, criamos os sentidos da existência. A *“leitura do mundo”*, de acordo com Paulo Freire, desvela o sentido de as relações com as palavras serem relações de poder.

Cabe ainda ressaltar que, para nós, o trabalho de alfabetização, na medida em que possibilita uma leitura crítica da realidade, se constitui como um importante instrumento de resgate da cidadania e que reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhora da qualidade de vida e pela transformação social (2005, p. 68).

A partir de nossos primeiros encontros após o início dos trabalhos nos grupos de alfabetização, pudemos notar que novos sonhos estavam sendo criados.

O despertar do sonho:

Um dos primeiros poemas de educadoras que foram partilhados, comigo e com a Dulce, foi este:

LETRAVIVA

M w a c y d p q t a e s i...
Letras soltas, avulsas no papel,
são simplesmente letras,
soltas, avulsas no papel!
Correm por aqui,
vão por ali.
Simplesmente letras,
não fazem sentido algum,
ficam soltas, avulsas no papel!
Mas com algo maior do que elas
se pode formar uma, duas, três...
Letras vivas
que façam sentido no papel,
na vida de quem lê,
de quem escreve,
de quem se ama e se quer amar.
Sim, porque letra viva,
ela forma, transforma,
ela é o anseio daquele que
quer conhecer o mundo ao seu redor.
Tudo o que está à sua volta!
A letra solta, avulsa,
não forma nada,
porém ela letra viva com LETRAVIVA,
forma uma semente que
germina o dom maior:
O Amor!
E esta canção dever ser
cantada todo dia,
pois ela vem do coração

e se cantarmos juntos,
o amor irá fluir.
Então,
LETRAVIVA fará diferença!

Educadora Cecília

04 de Outubro de 2003.

Logo após a realização do primeiro Curso de Formação Inicial¹³⁸ dos educadores e educadoras populares do Projeto LETRAVIVA, no mês de Setembro de 2003, e depois de algumas semanas de trabalho no grupo de alfabetização, Cecília escreveu este poema e nos presenteou.

Fizemos muitas cópias e o entregamos, também como presente, para os participantes do Segundo Curso de Formação Inicial, realizado em Outubro de 2003. Posteriormente o entregamos aos demais educadores que foram sendo acolhidos no Projeto LETRAVIVA.

O Curso de Formação Inicial era proposto e vivenciado como um convite. Um convite e um desafio para criarmos juntas uma possibilidade de alfabetização de jovens e adultos que tomasse como ponto de partida os saberes e as histórias de vida dos educandos e também dos educadores e educadoras. O desafio era o de construirmos novas e outras possibilidades nas relações vividas nos espaços educativos, criando continuamente o que Freire chamou de *“inédito-viável”*. No estudo *“A urgência de uma práxis transformadora e viável na educação do século XXI”*, publicado em 2007, Ana Lúcia Souza Freitas apresenta algumas considerações sobre a obra de Paulo Freire e, ao final, trata especificamente da *“pedagogia do inédito-viável”*:

¹³⁸ Vejam no “Baú de Achados e Guardados” o roteiro do Curso de Formação Inicial dos Educadores, páginas 316-329. Também foram realizados encontros semanais de Formação Continuada, todas as sextas-feiras, nas diferentes regiões da cidade. No Inventário de Documentos existe uma relação de materiais utilizados em todo o processo de Formação, tanto no Curso de Formação Inicial, como nos Encontros de Formação Continuada.

[...] o *inédito-viável* não ocorre ao acaso nem se constrói individualmente. A criação do *inédito-viável* representa, sobretudo, uma alternativa que se situa no campo das possibilidades e não das certezas. Compreendido desse modo, o ato coletivo de sonhar encerra em si a possibilidade de superar as práticas tradicionalmente inquestionadas. Constitui-se em atitude crítica de formação que concebe a distância entre o sonhado e o realizado como um espaço a ser ocupado pelo ato criador. Assumir de modo coletivo esse espaço de criação abre possibilidades para que se consolidem propostas transformadoras e *ineditamente-viáveis* capazes de, progressiva e sucessivamente, tornarem os *sonhos possíveis* (FREITAS, 2007, p.19).

Organizamos este Curso de Formação Inicial de modo que fosse formativo e desafiador para agregar os saberes disponíveis, trazidos por vocês, educadoras e educadores. Vocês devem se lembrar que desde o primeiro encontro, criamos possibilidades de partilha de conhecimentos e de elaboração coletiva de propostas para serem desenvolvidas nos grupos de alfabetização.

Este modo de trabalho gerou impacto revelado através dos depoimentos que vocês, constantemente, proferiam durante nossos encontros de formação e outros momentos de atividades conjuntas. Os comentários recorrentes eram de que não estavam acostumadas a produzir e, sim, a receber orientações previamente elaboradas, e até mesmo, programas prontos para serem seguidos “à risca”.

Nossa proposta de trabalho fundamentada na Educação Popular¹³⁹, nos princípios emancipatórios inicialmente formulados por Paulo Freire há quase meio século, buscava enfatizar a produção do conhecimento por meio do diálogo

¹³⁹ Existe um mosaico de interpretações do que seja Educação Popular. Vários autores fazem referência a este assunto e os mais conhecidos são Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Carlos Alberto Torres, Frei Beto, Oscar Jara, dentre outros. Segundo Carlos Alberto Torres e Moacir Gadotti: “É um *paradigma teórico* que surge no calor das lutas populares. Trata de codificar e decodificar os temas geradores dessas lutas, busca colaborar com os movimentos sociais e os partidos políticos que expressam essas lutas [...] Passou por muitos *momentos epistemológico-educativos e organizativos*, desde o otimismo guerreiro da campanha de alfabetização da Nicarágua e o sistema de educação popular de adultos forjado com cheiro de pólvora, até a educação popular que produz pequenas peças de artesanato, junta roupa usada, soluça com raiva resmungando ódio junto com o desempregado na periferia urbana. Desde a experiência das comunidades eclesiais de base que lendo o mundo leem a palavra e recriam a religiosidade popular, até aqueles que buscam criar uma nova economia popular a partir das experiências de solidariedade comunitária” (1994, p.8, 9).

e possibilitar para todos os sujeitos, educandos e educadores, a experiência da re-existência, da reconstrução de trajetórias, de conhecimentos, da própria vida. Pedro Garcia faz uma observação oportuna da vivência na Educação Popular:

Primeiro os pés: não é o discurso que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso. Primeiro o fazer, que abre o campo do possível. Possível e fazer que estão atrelados ao poder, ao poder de cercear e ao poder de criar. Nós, educadores, que usamos a palavra como instrumento de trabalho, somos submetidos ao desafio de dividi-la, de forma criativa, com o outro. Para que o outro, afiando esse instrumento, possa potencializá-lo na reconstrução de si mesmo (GARCIA, 2001, p. 83).

Conversávamos sempre, nos Encontros de Formação que, para nós, a alfabetização é compreendida como um processo de construção de possibilidades para a vida se expressar, da forma mais abrangente possível. Sujeitos cognoscentes produzem conhecimento a partir de competências linguísticas que trazem consigo, de suas vivências, de suas práticas sociais. Regina Leite Garcia nos auxilia nesta abordagem: “Para nós, alfabetização é um processo contínuo, que acompanha o processo mais amplo de busca e construção de conhecimentos inerente a todo ser humano que vive numa sociedade letrada” (GARCIA, 1992, p. 10).

No final do primeiro Curso de Formação Inicial, recebemos muitas manifestações escritas, dentre as quais selecionei mais um poema:

HOJE LETRAVIVA

Outra vez me vejo a sonhar
Buscar o meu lugar.
Não posso mais fugir,
Quero me encontrar
Feliz vou seguir

Com dúvidas, sim
Quero me encontrar
Sem medo de sonhar.
Vivo a certeza.
Vai se realizar,
Sem medo de sonhar
Vou alfabetizar.

Educadora Cristina

Setembro de 2003.

(Escrevi esses versos quando estava fazendo o Curso de Formação Inicial do Projeto LETRAVIVA. Um chamado para recomeçar! E a vida continua...)

Nós sabemos que o sonho desta educadora fez-se realidade a partir de um trabalho coletivo centrado na história de vida dos sujeitos participantes do grupo. A constituição do ambiente alfabetizador favorável à interação e respeitoso às práticas sociais daquela comunidade possibilitou a muitos dos excluídos da escola adentrar e transitar no mundo dos letrados. Na visita que realizei ao grupo¹⁴⁰ da educadora Cristina, fui completamente envolvida com o carinho e a alegria dos educandos e educandas. Conversei com muitos deles, inclusive gravei estes depoimentos. Um senhor, à época com 80 anos, mostrava-se especialmente feliz. Disse-me que não se contentava em aprender apenas a nossa língua portuguesa e já estava pensando em fazer um curso de inglês, porque tinha sede de saber...

Nas visitas aos grupos de alfabetização, para mim, ficava cada vez mais evidente que a história de vida das educadoras, o pertencimento e o conhecimento vivencial do mundo dos oprimidos, é demasiadamente imbricado ao seu modo de construir conhecimentos e de superar o ordinariamente visível.

¹⁴⁰ 12 de Novembro de 2004 – 19:00. Gravei em áudio as visitas que realizei aos Grupos de Alfabetização e estão disponíveis em CD.

Trazer para o espaço acadêmico esta dinâmica reflexiva é fundamental para compreendermos, um pouco melhor, como se desenvolvem esses processos de ensino e de aprendizagem. Além de reafirmar as teses de Paulo Freire de que o respeito ao saber do outro e o diálogo a partir do seu universo cultural¹⁴¹ são essenciais para que o conhecimento produzido coletivamente seja substantivo e significativo para a vida de cada pessoa, do seu grupo social e, por extensão, também da academia.

Na narrativa a seguir, escrita em 2008, a educadora desenvolve um olhar retrospectivo e reflexivo em relação ao trabalho realizado nos anos de 2003 e 2004, oferecendo uma avaliação singular da vivência experienciada no grupo de alfabetização¹⁴².

MEMÓRIA DAS EXPERIÊNCIAS

COMO EDUCADORA DO LETRAVIVA:

Toda pessoa tem sua História de vida, História que se vai construindo, tecendo, entrelaçando, sem nunca perder o fio condutor.

No ano de 2003, no Palácio dos Azulejos, nesta cidade, participei da primeira reunião, onde depois de vários anúncios, foi exposto o que seria o programa de alfabetização Brasil Alfabetizado, do Governo Federal e que em Campinas recebeu o nome de LETRAVIVA.

Me comprometi em ser educadora do Projeto LETRAVIVA, e confesso que até hoje, mesmo não fazendo parte de nenhum grupo de alfabetização, me removem as

¹⁴¹ Vale a pena conferir as reflexões que Freire apresenta no seu livro “Extensão ou comunicação?”, de 1977.

¹⁴² Diferentemente dos outros registros apresentados até o momento, esta narrativa foi produzida pela educadora como uma resposta afirmativa ao meu convite para colaborar com a pesquisa. A transcrição é literal, penas o nome da educadora foi alterado.

entranhas, cada vez que me recordo daquele grupo que tanto me ensinou e despertou para o meu ser mulher, e assim para outros tipos de alfabetização.

Me surpreendia a cada tarde de encontro com elas. Digo elas porque no grupo só havia mulheres, não por falta de convites aos homens também, mas no grupo só tinha elas, desde uma bem pequena que ali aprendeu a dar seus primeiros passos, pois só tinha 10 meses de idade, até uma que na época tinha 75 anos e que ali naquele grupo aprendeu a assinar o seu nome. Foi um momento que todas choramos, simplesmente por ver sua alegria e empenho.

Penso que a primeira postura da pessoa que se dispõe a “alfabetizar” é tirar as sandálias dos pés, porque a vida de cada pessoa é muito sagrada e está sempre em movimento. Muitas palavras foram escritas em forma de poesia, retratando a própria vida.

Em uma casa onde não havia janelas, não entrava nenhum raio da luz do sol, simplesmente por não interessar se era noite ou dia. A palavra foi escrita de forma diferente, através de diversas telhas de vidro espalhadas no telhado.

Algumas palavras foram escritas e lidas bem baixinho ao pé do meu ouvido. Foi um grito sussurrado, um gemido de denúncia: “Eu durmo sempre bem abraçada com meu companheiro, mesmo quando ele está bêbado, pois tenho em casa uma “menina-moça”, e não vou me perdoar se ele fizer algum mal pra ela”.

Sim, muitas palavras foram escritas e lidas através de danças, desenhos, sorrisos, festas, passeios e também, na surpresa da descoberta de nossos corpos de mulher com todo o seu encanto, mistério, mas que também é alvo de diversas formas de discriminação e preconceito, maus tratos, piadas de mau gosto e de muitas formas de tabus.

A experiência no Projeto LETRAVIVA, me fez despertar para a alegria de acolher e de me deixar ser acolhida pelas pessoas, me ajudou a ver que o mundo vai muito além de mim e das minhas próprias necessidades.

Me deu possibilidades de compreender que a vida vai se tecendo em sonhos e que somente em comunhão poderemos partilhar de um mundo mais justo, mais de acordo com vontade de Deus. E que a alfabetização vai mais além de “ensinar a ler e escrever”, que é uma arte colocar som nas letras, cores nas palavras e que para isso é preciso usar as

técnicas que temos por natureza, aguçando todos os nossos sentidos, olfato, tato, visão, paladar e audição.

Me ensinou a ser mais mulher e cúmplice de tantas mulheres, que também fizeram a opção de tirar as sandálias, porque a vida é sagrada e merece ser vivida com dignidade e em uma festa onde caiba todas as pessoas. Este é o sonho de Deus, e nós somos co-responsáveis para que ele se torne realidade.

“O amor não cansa e nem se cansa e não cansa de estar cansado”.

Educadora Marta

30 de Abril de 2008.

Nós podemos notar, através da narrativa de Marta, o valor que ela confere a tudo o que experienciou ao explicitar que *“me removem as entranhas, cada vez que me recordo daquele grupo que tanto me ensinou e despertou para o meu ser mulher, e assim para outros tipos de alfabetização”*. Ela demonstra que usou toda a sua capacidade e energia para tentar produzir uma alfabetização significativa, utilizando todos os cinco sentidos. Aprendizagem importante, principalmente se lembrarmos que a escola tradicional faz questão de amputar alguns dos sentidos. Parece que alunos são apenas cabeças. O corpo fica em casa, ou pelo menos deveria ficar, para não causar tantos transtornos e indisciplinas, não é mesmo?

A Educação Popular

Ao escolher ir aos que ficaram à margem, ao convocá-los ao círculo do diálogo e não à monotonia das carteiras em filas silenciosas, o educador desta escolha aprende a viver a sua realidade. Ao dizer aos seus estudantes que digam o que pensam para que daí algo se construa da maneira mais solidária possível, o educador popular aprende a lidar, com o mistério do outro dentro de uma experiência de educação onde não se pode falar em pedagogia sem se falar – da maneira mais genuína possível – do amor. E é sempre ele quem aponta os caminhos e sugere os passos. (BRANDÃO, 2002, p. 43).

Para não desperdiçarmos a experiência, e sim ampliá-la, a fim de que outras pessoas também possam se valer dela e retomar o caminho e o trabalho de se refazer, se reconstruir, me desafiei a realizar o registro daquilo que pudemos viver enquanto criávamos o Projeto LETRAVIVA. Porque, como ensinou Paulo Freire, somos seres inconclusos. “*Estamos sendo*”. Não estamos prontos, por isso podemos aprender com o outro e com a crítica daquilo que já fizemos.

A educação tem sentido porque o mundo não é necessariamente isto ou aquilo, porque os seres humanos são tão *projetos* quanto podem ter projetos para o mundo. A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem. A educação tem sentido porque, para serem, mulheres e homens precisam de estar sendo. Se mulheres e homens simplesmente fossem não haveria porque falar em educação [...] Esta é uma das razões por que o alfabetizador progressista não pode contentar-se com o ensino da leitura e da escrita que dê as costas desdenhosamente à leitura do mundo. (FREIRE, 2000, p. 40 e 41).

Nós, educadoras e a educadores, temos papel fundamental no trabalho de retomada das trajetórias de vida. Podemos contribuir para ressignificar as finalidades das ações e atividades humanas, colaborando para repensar as relações nos pequenos espaços construídos cotidianamente, no tempo de uma aula, por exemplo. Educação não se dá no abstrato, no vácuo, ou apenas no discurso engajado. Ela se faz na concretude das relações sociais, nos intercâmbios entre as pessoas.

Trabalhar com alfabetização de jovens e adultos é sintomático da desigualdade social. Afinal, por que algumas pessoas chegam à vida adulta sem o domínio dos códigos linguísticos em uma sociedade de transformações aceleradas? Porque há um “*apartheid*” social, bem sabemos:

Com as mudanças sociais, ampliam-se os usos da leitura e da escrita, exigindo sempre uma atualização de quem nela vive. Hoje,

os avanços tecnológicos apontam novas formas de utilização da escrita, novos portadores de textos, novos gêneros textuais e, conseqüentemente, um maior uso da escrita nas interações sociais. [...] Se há algumas décadas atrás saber ler e escrever era privilégio de poucos, hoje é uma das condições para se transitar numa sociedade na qual a leitura e a escrita são mediadoras de uma enorme gama de bens e serviços produzidos socialmente. Entre esses bens, poderíamos citar a saúde, a segurança, o trabalho, o lazer e as informações. Porém, não podemos acreditar que de posse desse saber, o acesso aos bens citados será garantido, pois, além de saber ler e escrever, devemos lutar pela conquista de direitos que, numa sociedade excludente, ainda não estão efetivamente garantidos (ALMEIDA, 2006, p. 39-40).

A seguir, apresento mais uma narrativa elaborada durante o período que trabalhávamos no LETRAVIVA. Vocês devem se lembrar que nós não cobrávamos este tipo de produção, mas para nossa alegria, vocês nos presenteavam com textos maravilhosos. Como *letras vivas* eles brotavam das suas necessidades de expressar o vivido, pois já não cabiam mais dentro de vocês próprias, “transbordando” para a página outrora em branco. “*Palavra quando acesa, não queima em vão*”. E nós também pudemos cantar como os músicos... A alegria pela transformação da vida, das suas próprias vidas e das vidas dos educandos, impelia à ação criativa de produzir poemas, diários, cartas, paródias e pequenos textos.

Esta narrativa da educadora Raquel foi elaborada após, aproximadamente, oito meses de trabalho no grupo de alfabetização:

DEPOIMENTO DE EXPERIÊNCIA VIVIDA EM SALA DE AULA:

A experiência que vivo no Projeto LETRAVIVA é muito rica. Nas salas de aula, junto aos educandos, com a visão de mundo que eles trazem, mais aprendo do que ensino. Não há como não nos envolver com os problemas deles. Em uma dessas situações, Dona S. procurou-me e, confidencialmente, pediu para eu arrumar uma condução para levá-la a Campos do Jordão visitar um filho que estava internado. Segundo ela, o hospital da PUC havia transferido o rapaz para um hospital de lá, há três meses, e eles nunca

tinham podido ir vê-lo. Sentia-se machucada, ferida, por não poder estar por perto, dando apoio, pois ele estava doente, longe e sozinho.

Fiquei preocupada. Procurei a comunidade que me prometeu a coleta de um dia da missa, para ajudar nas passagens. O tempo foi passando. O Natal se foi e eu não consegui dar esse presente a ela.

A ajuda demorou muito e, numa certa noite de aula, fui avisada que o filho da Dona S. havia morrido. Senti-me um fracasso! Não consegui ajudar Dona S. ver o filho com vida. Quando terminei a aula era tarde para ir sozinha ao cemitério dos Amarais. Prometi a mim mesma que no dia seguinte, logo cedo, levaria minha filha à rodoviária e depois iria ao velório.

Às sete da manhã, liguei para a casa dela e soube que o enterro seria às 8 horas. Não pude chegar a tempo, e assim, não consegui estar com ela naquela hora difícil. À noite, quando cheguei para a aula, Dona S. estava lá! Fiquei perplexa! Ela havia enterrado o filho naquele dia... Quando fui abraçá-la, me disse com voz entrecortada: “Pedi para atrasarem o enterro meia hora para ver se a senhora chegava...”

Essa dor calou mais forte. Fiquei muito mal! Senti-me incapacitada, pequena, de novo fracassada. Fiz um apelo junto à Equipe de Apoio e todos contribuíram com um pequeno valor. Rifei uma camiseta do LETRAVIVA, mais a coleta da missa. Juntei tudo e levei a nossa pequena ajuda à Dona S., agora para ajudar a pagar as despesas do enterro.

Fatos como esse não param de acontecer no dia a dia do LETRAVIVA e, para o nosso povo tão sofrido, a nossa presença no meio deles é por demais importante.

Educadora Raquel

15 de Julho de 2004

Impressionou a educadora o fato de uma mãe em luto ir ao encontro do grupo, mas esse era justamente o espaço onde havia acolhida para a expressão de sua dor! A intensidade do que aconteceu na vida da educanda não foi ignorada pela educadora, ao contrário, todo o grupo envolveu-se com o seu drama. O

episódio narrado na pequena crônica não é um relatório de trabalho. É uma expressão de angústia da educadora em face do descompasso com as suas intenções. A vivência dessa situação do grupo extrapolou o espaço das aulas e chegou à Coordenação, aos estagiários, aos formadores. Todos puderam participar, de alguma forma, do ocorrido e de se solidarizar com as pessoas.

Mariana também foi uma educadora que participou com muita criatividade do Projeto LETRAVIVA. Em um encontro de Educadoras Populares que realizamos em 19 de Abril de 2008 afirmou: *“Quando entrei no LETRAVIVA fiquei muito encantada em como a gente era tratada, sabe? Eles [coordenadoras, grupo de apoio, estagiários] olhavam seriamente nas pessoas. Davam o valor que o ser humano precisa ter”*.

Quando a convidei para colaborar com esta pesquisa, ficou bastante entusiasmada e me mostrou vários trabalhos que desenvolveu no seu grupo de alfabetização, inclusive me presenteou com uma cópia de um diário no qual registrou a sua experiência de vida e de educadora. Este diário foi produzido durante a sua participação em um Curso de Extensão, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação e ministrado pelo nosso querido amigo e professor Romualdo Dias, em 2004. Mariana me disse que gostou muito do curso e assim que Romualdo desafiou cada pessoa a produzir um diário pessoal, ela logo começou o seu. Pelo que pude entender de nossa conversa, o diário deveria servir como um subsídio para a pessoa pensar e registrar o trabalho que desenvolvia.

Através da leitura podemos observar que sua trajetória como alfabetizadora é longa. Seus escritos revelam que teve contato com realidades bastante distintas e adversas:

Hoje logo cedo comecei escrever minha biografia, eu fiquei super entusiasmada quando comecei o retrospecto de minha vida. Eu senti muito importante naquele momento, achei que eu era uma pessoa de sucesso e que a minha biografia poderia ser lida por muitos. Quem me disse para fazer este diário, minha biografia, foi o professor

Romualdo em um Curso de Educação de Jovens e Adultos no ano de 2004. A partir daí, foi que eu comecei a escrever sobre minha vida profissional, meu portfólio. Como eu não administro bem meu tempo, comecei a fazer em 2004 e agora que é Fevereiro de 2005 é que volto a escrever. O Professor Romualdo pediu que nós fizéssemos um relato da nossa vida como educadora. E eu comecei foi assim: eu não me lembro em que ano que houve a Campanha do Mobral, eu estava cursando a 3ª série primária e participei daquela campanha, alfabetizando vários adultos, a qual tenho várias lembranças, não registradas em papel, o que seria interessante, mas ficou na mente muitas coisas: entre elas de uma aluna que chamava Maria Rosa, ela não conseguia fazer a palavra ROSA aí desenhava uma rosa.

Em 1983 fiz o magistério, assim que me formei fui dar aula em uma fazenda lá na Bahia para uma classe multisseriada. Aprendi muito com aquela classe pois era um ensino voltado para quem trabalhava na lavoura.

No ano seguinte trabalhei com uma classe de 1ª série, na cidade. Eram treze crianças mas sei que errei muito por não saber trabalhar com alfabetização de crianças. Como eu não tinha muito acompanhamento pedagógico eu fazia o que sabia. No ano seguinte, 1986, mudei aqui para Campinas. Chegando aqui numa semana na próxima já arrumei emprego em uma pré-escola. Aquela sala era mantida pela Fundação Educar e, eu como não tinha nenhum preparo para dar aulas em classe de alfabetização, devo muito a uma senhora que era a merendeira e a dona da sede onde funcionava a escola. Como era um local na periferia de Campinas, já [tinham] vindo várias professoras e não gostavam do local, da lonjura e acabavam desistindo. Como vim morar naquele bairro, fiquei lá durante um ano fazendo o que eu sabia e o que dona C. me ensinava. Apesar de ela não ser professora, era muito inteligente, e cada professora que vinha, ficava uma semana, ela adquiria conhecimentos, e nós duas juntas trabalhávamos com as crianças. Isso foi no ano de 1987.

Em 1988 fui trabalhar em outra localidade com outras realidades, e com isto fiquei em classes de pré-escola até 1990. Quando foi em 1991, a prefeitura tirou-me a classe devido o meu magistério ser só de 1ª a 4ª série. Fui trabalhar na Secretaria de Educação com cargo administrativo, foi quando surgiu um concurso para alfabetização de jovens e adultos e eu passei no número 240. Fui chamada para substituir e fiquei vários anos como professora substituta de jovens e adultos.

Em 1998 fiz uma inscrição como substituta para dar aula de 1^a a 4^a série, e trabalhei dois anos, e no ano de 2000 perdi todos os meus dois cargos por não ter passado em um concurso. Fiquei doente, desmotivada por tudo que aconteceu, e passaram vários anos, nem fui atrás de nenhum emprego. Trabalhei com vendas, mas não fui bem sucedida.

No final de 2004, fiquei sabendo que havia um projeto de alfabetização na cidade. Fui me informar e acabei abrindo uma classe e trabalhei 8 meses. Gostei muito desse trabalho que fiz durante esses oito meses, porque o projeto era uma coisa nova para mim. Tornei bastante emocionada ao voltar para a sala de aula depois de quatro anos, e com alfabetização de jovens e adultos.

Neste Projeto que se chamava LETRAVIVA eu conhecia várias pessoas interessantes e pessoas humildes, que ficou marcado: a Dulce, a Aninha, o professor Romualdo, que deu um curso de Extensão Universitária para nós educadoras e professoras. E nisto é como já disse: conheci gente de todas as qualidades e todas as pessoas que conheci, todas elas sabiam muito mais que eu. Por isso é que eu tenho o diploma de magistério, mas eu só sei dizer que nada sei como dizia o “Sócrates”. Aquelas pessoas todas eram dotadas de muitas sabedorias e de muitas habilidades.

Agora no ano de 2005 comecei fazer uma Faculdade na área de Educação - Normal Superior. Estudei até esse mês que estamos agora, e em final de Junho eu desisti, pois não estou bem de saúde: estou com artrose nos joelhos, e com falta de concentração, não conseguia guardar as explicações das aulas. Ia ficar difícil para eu poder estudar, por isso parei com os estudos. 21/06/2005 quarta-feira.

Trabalhando no Projeto LETRAVIVA, foi como se eu tivesse mudado de país em relação a outras atividades em sala de aula que eu já havia participado. Eu fiquei muito entusiasmada com a forma que cada uma de nós educadoras éramos tratadas. Nós éramos valorizadas como ser humano, de conversar olhos nos olhos, sentar pertinho uma das outras para trocarmos experiências, resolver nossos problemas de educadora, ou às vezes de educando. Foi uma coisa, ou melhor, uns momentos assim tão bons que à vezes eu tinha uma ideia para trabalhar um determinado assunto com meus educandos, eu

estava deitada, ou às vezes fazendo o serviço de casa, eu parava, anotava tudo como seria feito e depois prosseguia o serviço ou até mesmo o meu descanso.

Eu fiz tantos trabalhos no LETRAVIVA que às vezes penso porque não gravei para ficar registrado todos os momentos bons dos nossos encontros com educandos, com o pessoal de apoio. Essas pessoas eram: Coordenadoras, estagiários, as educadoras, os educandos, os lojistas da cidade que nos doaram muitos materiais, coisas que eu nunca tinha conseguido quando dava aula formal. Uma colega ia atrás dos materiais, ela dizia que fazia marketing e depois ia só buscar as doações.

Quero fazer aqui um confronto ou um contraponto em relação à FUMEC e LETRAVIVA. Na FUMEC eu aprendi muito na parte pedagógica, eram muitos cursos, palestras, muitos relatórios. Nós ficávamos muito presas em relatórios para entregar, muita burocracia em si. Mas foram muitos anos de experiências, vivências etc., e muito mais.

O LETRAVIVA, como é uma educação popular, nós fazíamos de tudo em classe, quer dizer: coisas prazerosas, os educandos eram o nosso centro de interesse. A gente inventava coisas na hora, as discussões, os bate-papos do momento eram um ponto de partida. No LETRAVIVA nós éramos iguais. A relação educador e educando surgia numa fluência perfeita que trabalhávamos vários temas tudo entrelaçado a partir de uma conversa do dia a dia.

Eu adoro dar aulas principalmente para jovens e adultos.

Na educação popular as coisas são diferentes, primeiro porque você trabalha com o povão. Eles vêm com vontade e necessidades, carentes de várias formas. Então isto faz com que o trabalho flui devido a gente interagir tudo em um todo.

Educadora Mariana

Fevereiro de 2005.

A leitura do diário de Mariana instiga e comove, revelando a sua constituição como educadora. Nós podemos nos envolver e sentir suas dificuldades, seu trajeto marcado pela precariedade das condições de trabalho e por suas sucessivas tentativas de superação, não é mesmo? Neste fragmento que transcrevi chama muito a minha atenção a observação que ela faz sobre o centro de interesse do seu trabalho e da relação educador-educando. É bastante revelador da contraposição que ela estabelece com outras experiências que vivenciou.

Sua crítica à burocracia e à “*educação bancária*” é tão honesta, brotando da experiência vivida. Tão simples e potente ao mesmo tempo!

Nós podemos notar nos registros destas educadoras algumas das dimensões e categorias de análise muito caras à Educação Popular:

A ideia do **inacabamento** dos seres humanos e da história como campo aberto de possibilidades a serem recriadas pelos sujeitos. “Condicionado pelas estruturas econômicas, não sou, porém, por elas determinado [...] É percebendo e vivendo a história como possibilidade que experimento plenamente a capacidade de comparar, de ajuizar, de escolher, de decidir, de romper” (FREIRE, 2000, p. 57).

A **concepção de mundo** marcada pela ideia de movimento, processo em constante construção: “Não há cultura nem história imóveis. O mundo não é. O mundo está sendo” (*Ibid.*, p. 30 e 79).

A **concepção de homem e de mulher** como sujeitos e seres de relações. “Não sou apenas objeto da História mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar* mas para *mudar*” (*Ibid.*, p. 79).

Como pudemos constatar, através das narrativas hospedadas nesta correspondência, a repercussão do trabalho foi emblemática nas vidas de vocês.

Por meio das histórias narradas vislumbramos e compreendemos melhor o humano e a humanidade que há em nós, assim como a explicitação de saberes e de conhecimentos que compõem nosso repertório cultural.

Disponibilizando os textos de vocês, educadoras, nesta pesquisa acredito ser possível fazer chegar à academia as vozes outrora esquecidas ou suprimidas do discurso acadêmico. Na minha compreensão esta é uma das possibilidades de não desperdiçarmos a experiência, conforme sugeriu Boaventura de Sousa Santos (2004; 2005)¹⁴³ e de inventarmos o “*inédito-viável*” sugerido por Paulo Freire.

Os textos que apresentei aqui, alguns já bastante conhecidos de vocês, confirmam ser possível tratar o processo de alfabetização como uma prática social que faça sentido para as pessoas. Pode ser prazeroso e criativo. Pode ser autoral. Sobre isso Paulo Freire escreveu e insistiu tanto,

Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa de alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares. Deveriam expressar a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação da sua experiência existencial e não da experiência do educador. A pesquisa do que chamava de universo vocabular nos dava assim as palavras do povo, grávidas de mundo (FREIRE, 1995, p.45).

Nos movimentos de recriação e de reorientação da trajetória biográfica pude vivenciar com vocês o movimento de superação. Diante da tragédia existencial, vocês não estacionaram no lugar do lamento ou do luto. Tomaram a *vida* na mão lançando-se no trabalho de *escultoras de si*, refazendo a própria história a partir do território onde acontece¹⁴⁴ a experiência cotidiana.

¹⁴³ Mais adiante tratarei dessa abordagem feita por Boaventura de Sousa Santos.

¹⁴⁴ Estudei um texto do Professor João Wanderley Geraldi que me ajudou a compreender a aula como um “*acontecimento*”. Uma possibilidade na qual se manifesta o imprevisível, o imponderável que há na nossa existência. Por mais que tenhamos feito um “planejamento” para criar, em parceria com os educandos e educandas uma “*determinada aula*”, a realidade que pulsa no encontro exige de nós criatividade e opções. As nossas opções vão revelando quem realmente somos muito mais do que os nossos discursos ou planos de aulas.

Talvez a frase tomada de empréstimo do movimento ecológico, “*pensar globalmente, atuar localmente*” colabore para a sustentação e defesa de trabalhos fundamentados nas concepções emancipatórias da Educação Popular, que promovem a “*reconstituição do eu*”, porque as repercussões nas vidas dos seres humanos são evidentes.

Tal como acontece no filme de Pedro Almodóvar, “*Tudo sobre minha mãe*”¹⁴⁵, toma-se contato com a dimensão trágica da vida, com o sem-sentido, com as humilhações e mutilações que sofremos no dia a dia, especialmente, jovens e adultos para os quais a sociedade brasileira tem sistematicamente negado o direito à educação.

A protagonista do filme de Almodóvar, Manuela, passa o tempo todo juntando os cacos de si, tentando montar o difícil quebra-cabeça que é a sua vida. O luto pela morte de seu filho a coloca em movimento. E ela vai à busca do outro e de si mesma, porque compreende que sozinha não será capaz de tratar da sua dor. Ao tratar da dor do outro, trata da sua também.

Assim aconteceu com algumas educadoras e, por este motivo, resolvi trazer para nossa *conversa* o debate que o filme do Almodóvar propicia. Pude vivenciar este movimento de superação de vocês. Um dos exemplos foi apresentado no relato da Raquel. Outro é o de Betânia.

Ouvir Betânia afirmar que a vivência no LETRAVIVA foi um recomeço fez todo o sentido. Ela havia perdido seu único filho, com menos de seis anos, vitimado por uma doença incurável. Estava experimentando a ausência e a tragédia e, aos poucos, foi se transformando. Revelando a cada passo a sua nova e outra compreensão de si e do mundo.

Esta vivência foi impactante para mim! Não conseguiria guardá-la escondida em um relatório burocrático.

¹⁴⁵ ALMODÓVAR, P. *Tudo sobre minha mãe*. Produção de Augustin Almodóvar. Direção de Pedro Almodóvar. Espanha/França. Sony Pictures Classics Presents, 1999.

Boaventura de Sousa Santos é um pesquisador que chamou a minha atenção por conta de sua militância no Fórum Social Mundial. O meu companheiro, João, adquiriu um livro dele, em uma das edições do Fórum, realizado na cidade de Porto Alegre. Li o livro com bastante interesse. Chama-se “Fórum Social Mundial – manual de uso”. Já o título parece um pouco estranho ao mundo acadêmico.

Pois bem, este sociólogo faz um alerta contra o desperdício da experiência e das oportunidades que a vida oferece (2004, p. 795). Para vocês, educadoras formadas na tradição religiosa cristã, este alerta soa bem familiar, não é mesmo? Contudo, no caso do autor que opera no campo das ciências humanas, esta postura adquire uma outra conotação, uma outra perspectiva, pois seu discurso é dirigido aos intelectuais que também são “militantes”, defensores de algumas causas. Pessoas para quem a afirmação de Karl Marx de que “não devemos apenas conhecer o mundo, mas também transformá-lo”¹⁴⁶, *ainda* faz muito sentido.

Boaventura afirma o seguinte: “Em cada momento, há um horizonte limitado de possibilidades e por isso é importante não desperdiçar a oportunidade única de uma transformação específica que o presente oferece: *carpe diem*” (SANTOS, 2004, p. 795). Esta afirmação está registrada em outro livro seu intitulado: “*Conhecimento prudente para uma vida decente: ‘um discurso sobre as ciências’ revisitado*”, mas aparece também no “Manual de Uso”, escrita de outras maneiras. Os cientistas também se repetem, porque precisam ver e rever suas descobertas, suas reflexões. Faz parte da vida humana a possibilidade de rever o já visto, com outro olhar, para melhorar, corrigir, alterar e, às vezes confirmar.

Considero importante este alerta, pois somos constantemente “bombardeadas” com a ideia de que somente grandiosos projetos salvadores da pátria é que poderão modificar a realidade de exclusão a que são submetidos os trabalhadores e os pobres em geral. Não! Insiste o autor. Não podemos ouvir o

¹⁴⁶ Em “*A ideologia alemã*”, Marx e Engels afirmam: “os homens, ao desenvolverem sua produção material e relações materiais, transformam, a partir da sua realidade, também o seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida é que determina a consciência” (2005, p. 52).

“canto de sereia” que tenta desqualificar as experiências criativas produzidas de modo contra-hegemônico¹⁴⁷.

Também não podemos nos esquecer que vivemos em uma sociedade que produz diferentes meios de introjetar em cada uma de nós as suas marcas ideológicas. Não estamos isentas delas, muito pelo contrário, precisamos a todo momento nos “educarmos”, como advertiram Marx e Engels, para compreender o que está por trás dos discursos, das propagandas, das leis, dos livros didáticos...“A ideologia não é algo ‘fora’ do sujeito, observável por ele, como sua roupa. Ela se introjeta no próprio discurso, é o próprio discurso. A distorção só aparece quando o sujeito se transforma” (GARCIA, 1986, p. 108).

Marx chama a atenção para o fato de que “as ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes; ou seja, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo sua força espiritual dominante” (MARX; ENGELS, 2005, p. 78), por isso a necessária e crítica relação entre teoria e prática, sem a qual, não podemos ajustar nosso trabalho educativo ao compromisso emancipatório.

Se nos posicionamos contrariamente à utilização da educação para a domesticação, para o apaziguamento e justificação da exploração do trabalho humano como forma de reprodução social, precisamos estar sempre prontas a examinar com rigorosidade a nossa prática educativa. Paulo Freire também retomou a afirmação de Marx e Engels de que “o próprio educador precisa ser educado” (MARX; ENGELS, 2005, p. 118) para desnudar a educação como instrumento de controle social¹⁴⁸.

Não podemos deixar que o nosso imaginário seja colonizado pela lógica do mercado, pois queremos recriar sonhos e utopias viáveis. Poderíamos até nos propor uma reflexão sobre o quanto de nosso ambiente mental já não foi

¹⁴⁷ Contra-hegemônico é um conceito que define uma ação, programa ou experiência contestadora das bases de sustentação do *'status quo'*, no caso, do mundo capitalista. São experiências que se contrapõem às relações de produção assentadas na *exploração* do trabalho humano.

¹⁴⁸ Essa análise está registrada em um pequeno livrinho, publicado em Portugal, no ano de 1974, que tem como título “Uma educação para a liberdade”, à página 56.

devastado pela lógica do individualismo e pela competição desenfreada. Estas são questões muito difíceis de serem enfrentadas e carecem de nosso trabalho paciente e rigoroso. Não se vai contra a maré impunemente. A lógica da competição para galgar os melhores postos no mercado de trabalho, nos vestibulares, na cena política, em todo lugar enfim, é hegemônica. Quer dizer, é a lógica da maioria. É a lógica do discurso da propaganda midiática “*clicada*” em nossas mentes ininterruptamente.

Queridas educadoras, estas são algumas das razões que me fizeram decidir por registrar a experiência que pudemos criar juntas. Foi muito rica e, sem sombra de dúvida, promoveu mudanças significativas nas nossas vidas pessoais, mas também, de maneira mais alargada, na vida de muitos moradores da cidade de Campinas.

Assim, gostaria de apresentar escritos que revelam também a percepção de educandas, e farei isso na próxima cartinha.

Por toda generosidade com que acolheram este trabalho, agradeço.

Por enquanto, aceitem o meu abraço carinhoso,

Aninha

6. “Palavra Acesa”: repercussões nas vidas das pessoas...

*Palavra quando acesa
Não queima em vão*

Fernando Fillizola / José Chagas

Queridas companheiras,

Principio esta correspondência compartilhando um poema:



Este poema me comove porque revela a compreensão a que chegou uma mulher após seguidos anos de convivência com a violência doméstica, a violência de seu cônjuge. Não posso me referir a esse homem como companheiro, pois não há como ser companheira de uma pessoa que nos violenta. Por isso a palavra 'cônjuge' me pareceu mais oportuna nesse caso.

Por meio do poema podemos nos apropriar, com clareza, do conceito que Paulo Freire criou: a *"leitura do mundo"*. Essa educanda pode, juntamente com a educadora e as demais alfabetizadas desse grupo, problematizar a sua realidade cotidiana e transformá-la, inclusive, em poesia.

Numa sociedade marcadamente machista como a nossa, desvelar o 'mistério' da subjugação sexista nos primeiros momentos de aprendizagem dos códigos linguísticos é de fato estupendo para a vida de uma pessoa!

E para lembrar que o preconceito de gênero não está na 'cabeça' das mulheres quero apresentar alguns dados publicados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Esse Instituto realiza pesquisas sobre diferentes temas da vida do povo brasileiro.

Estes tipos de pesquisas são importantes porque, de um lado revelam na forma de estatísticas, de números mesmo, tendências de comportamentos em sociedade e, de outro, auxiliam os governos na aplicação dos recursos públicos. Ou melhor, os recursos públicos, nem sempre são revertidos em função da melhoria da qualidade de vida da população numa sociedade capitalista, como bem sabemos, mas a pressão dos movimentos sociais organizados e da sociedade civil pode impedir a apropriação privada de grande parte da riqueza da nação.

Bem, voltando ao assunto dos números. O IBGE publicou em 2006 a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD) juntamente com os indicadores sociais dos últimos 10 anos. O que revelam, entre outras coisas, esses dados? A gritante diferença do nível salarial entre homens e mulheres. Estou me referindo aos dados estatísticos porque existe em nossa sociedade, um discurso machista recorrente de que avaliações desta natureza são tipicamente

emocionais, aproximativas, e que não são dignas de serem levadas a sério. Os números das pesquisas feitas pelos técnicos do IBGE não permitem muitas manobras para esconder uma situação escancaradamente real e abrangente.

Os números, brutos, são esses: em 1996 a remuneração da mulher correspondia a 58,7% da do homem. Em 2004 pulou para 63,5%. Em 2005 foi para 64,4% e, alcançou a fabulosa marca de 65,6% em 2006! Portanto, como podem perceber, esses números revelam uma das características de nossa organização social: a extrema desigualdade.

Para completar o quadro de injustiça social, o detalhamento dos dados da PNAD revela que quase um terço das famílias brasileiras é sustentada por mulheres. É um quadro dramático porque está associado à pobreza, visto que “cerca de 31% das famílias em que a mulher era a pessoa de referência viviam com rendimento mensal de até meio salário mínimo per capita”¹⁴⁹.

Em uma sociedade desigual as oportunidades de escolarização também são desiguais, sobretudo para as mulheres, que além do preconceito de classe, têm que enfrentar e combater o preconceito de gênero.

Um dos mais importantes filósofos da atualidade, István Mészáros, começou a refletir e estudar a sociedade capitalista motivado por uma questão existencial: como operário, aos 14 anos, recebia uma remuneração duas vezes superior à de sua mãe, também operária, qualificada. O que motivava a diferença salarial de ambos? O sexo. Estas reflexões podem ser encontradas no livro de Mészáros *“A educação para além do capital”*, publicado no Brasil pela Boitempo, em 2005.

Uma educação para além do capital é emancipatória, é a que vislumbra outros horizontes para a organização social. E a Educação Popular tem desde o seu nascedouro essas raízes epistemológicas.

¹⁴⁹ Síntese de Indicadores Sociais 1996-2006 do IBGE. Gráfico 4.1 e páginas seguintes. Informação obtida em texto de Ladislau Dowbor publicado no jornal *Le Monde Diplomatique*, de novembro de 2007. Disponível para assinantes no site: < <http://diplo.uol.com.br/2007-11,a2009>>. Acesso em: 30 nov. 2007.

o exercício constante da 'leitura do mundo', demandando necessariamente a compreensão crítica da realidade, envolve, de um lado, sua denúncia, de outro, o anúncio do que ainda não existe. A experiência da leitura do mundo que o toma como um *texto* a ser "lido" e "reescrito" não é na verdade uma perda de tempo, um blá-blá-blá ideológico, sacrificador do tempo que se deve usar, sofregamente, na transparência ou na transmissão dos conteúdos, como dizem educadores ou educadoras reacionariamente "pragmáticos" (FREIRE, 2000, p. 42 – grifos do autor).

Apresento, a seguir, o registro da própria educadora para o contexto da produção do poema:

RELATO DE UMA ATIVIDADE COM O GRUPO

Nos dias 24, 25 e 26 de agosto deste, trabalhamos com o grupo a letra da música "A Sopa" de Sandra Peres¹⁵⁰. Brincamos, cantamos, e vimos como podemos brincar com as palavras. Então construímos juntas a nossa sopa. A sopa que cada uma colocava o ingrediente que queria, que achava gostoso e até mesmo engraçado, colocar tal coisa na sopa. A sopa do grupo ficou assim:

A NOSSA SOPA

O que que tem na nossa sopa?

O que que tem na nossa sopa?

Será que tem mandioca

Será que tem pipoca

Será que tem jiló

Será que tem caldo Knorr?

É 1, é 2, é 3.

¹⁵⁰ TATIT, P.; PERES, S. A sopa. Intérprete: Grupo Palavra Cantada. In: PALAVRA CANTADA. *Canções de Brincar*. São Paulo: MCD Word Music, 1996. 1 CD. Faixa 3. Coloquei essa nota para complementar a informação fornecida pela educadora Marta.

Será que tem chuchu
 Será que tem umbú
 Será que tem pimentão
 Será que tem agrião
 É 1, é 2, é 3.

Será que tem cenoura
 Será que tem cebola
 Será que tem mandioquinha
 Será que tem coxa de galinha?
 É 1, é 2, é 3.

Será que tem sapato
 Será que tem trapo
 Será que tem abacaxi
 Será que tem xixi?
 É 1, é 2 é 3.

É interessante como pequenas coisas podem mexer e transformar a vida das pessoas. Algumas diziam que estavam até sentindo o cheiro, o gosto da sopa. A C. uma das educandas gostou tanto daquele jeito de fazer a sopa, que não se contentou em tê-la apenas nas folhas de seu caderno e na imaginação. Chegando em sua casa ela preparou uma deliciosa sopa. Depois ela nos contou que sua filha perguntou se ela estava ficando louca, pois, naquela tarde estava fazendo muito calor para tomar sopa.

A C. ainda viveu uma outra experiência a partir daquela “simples” sopa. Naquele final de semana, aconteceu outra briga entre ela e o seu marido. Ele novamente a maltratou e a ofendeu, dizendo que era prá ela ficar calada, porque ela não sabia de nada, e gritou novamente ‘fique calada sua...’. E ela calou e foi dormir super magoada com ele. Mas desta vez ela sentia algo diferente nela. Quando chegou a madrugada ela decidiu que não precisava mais ficar chorando, lamentando, pois ela tinha certeza que podia escrever algo que expressasse aquilo que estava sentindo e pensava não poder dizer. Então ela escreveu a Sopa de sua Vida, ela escreveu assim:

A MINHA SOPA

O que é que tem na minha sopa?
 Será que amor
 Será que flor
 Será que tem dor
 Será que tem cor?

É 1, é 2, é 3.

Será que tem amizade
Será que tem falsidade
Será que tem coração
Será que tem paixão?
É 1, é 2, é 3.

Será que tem casa
Será que tem mãe
Será que tem paixão?

Quando ela me mostrou a sua sopa, ela mesma achou muito engraçado a palavra “paixão” aparecer duas vezes. Ela quis tirar, mas depois ela mesma disse: Pode deixar duas vezes a palavra paixão, porque era isso mesmo que eu estava sentindo naquela hora.

Percebi o potencial da C. se revelando e expressando através de uma simples sopa, que primeiro despertou a sua vontade de tomar a sopa. E depois ela se apoderou das palavras, das letras e principalmente dos seus sentimentos e teve a consciência de que ela pode fazer algo, de que ela sabe muito bem de sua vida, ela sabe e sente o que ela tem, e o que ela não tem.

Educadora Marta

Campinas, Outubro de 2004.

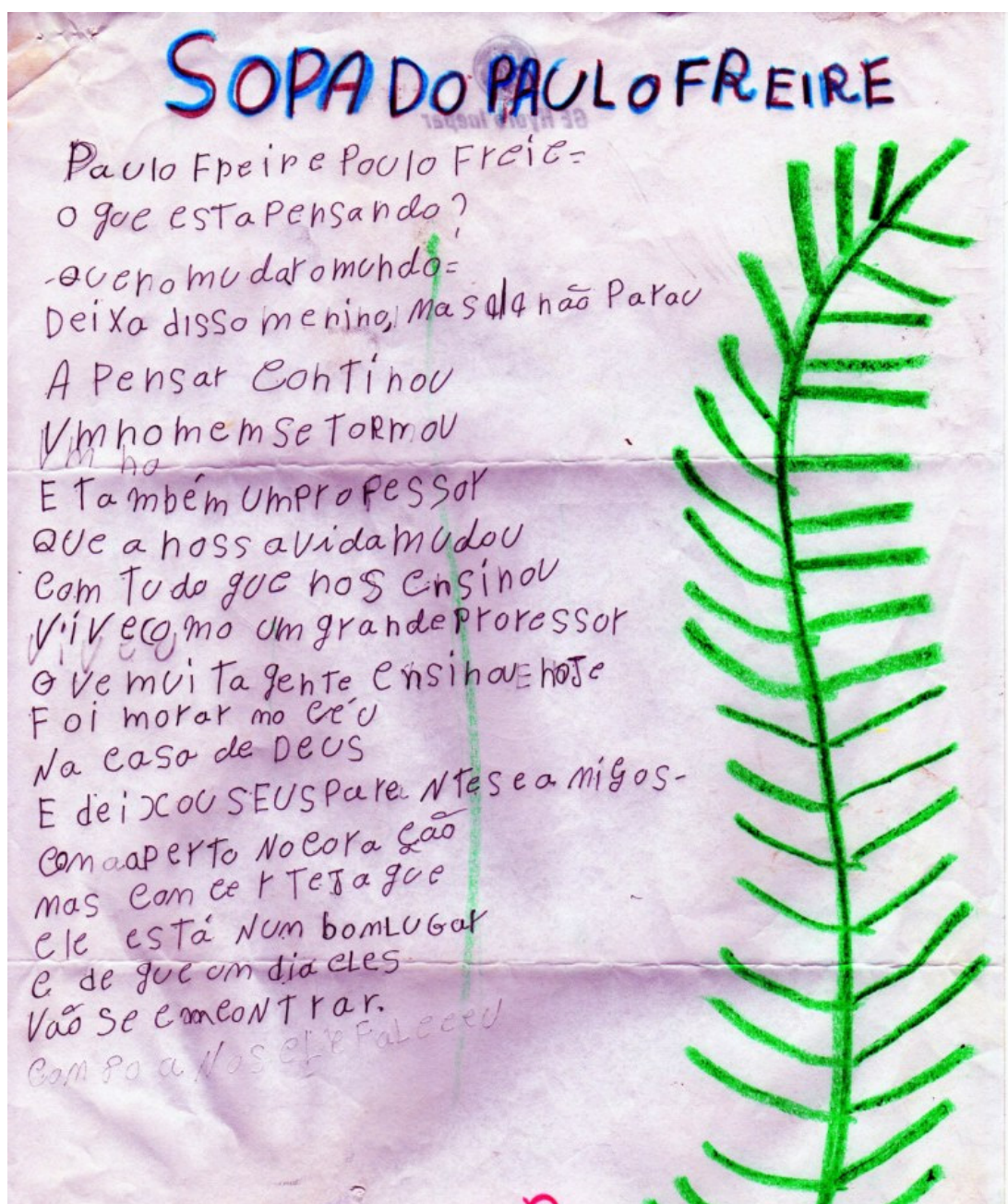
Esta educadora é uma pessoa especial, com um jeito especial de tratar as suas relações com as educandas. Escreveu esse depoimento e o compartilhou com as demais educadoras do Projeto LETRAVIVA.

Tínhamos como prática, nos Encontros de Formação, a partilha de nossas vivências, de nossas dúvidas, problemas e também das superações realizadas nos grupos de alfabetização.

Em um encontro de Educadoras Populares que realizamos em 19 de Abril de 2008, Marta comentou a produção deste e de outros poemas das suas

educandas. O trabalho que o grupo pode fazer interferiu decisivamente na vida daquelas mulheres. A produção dos poemas dá uma ideia apenas tangencial do que foi a vivência, segundo o depoimento da própria educadora.

A seguir apresento outro poema, da mesma educanda, feito em homenagem a Paulo Freire:

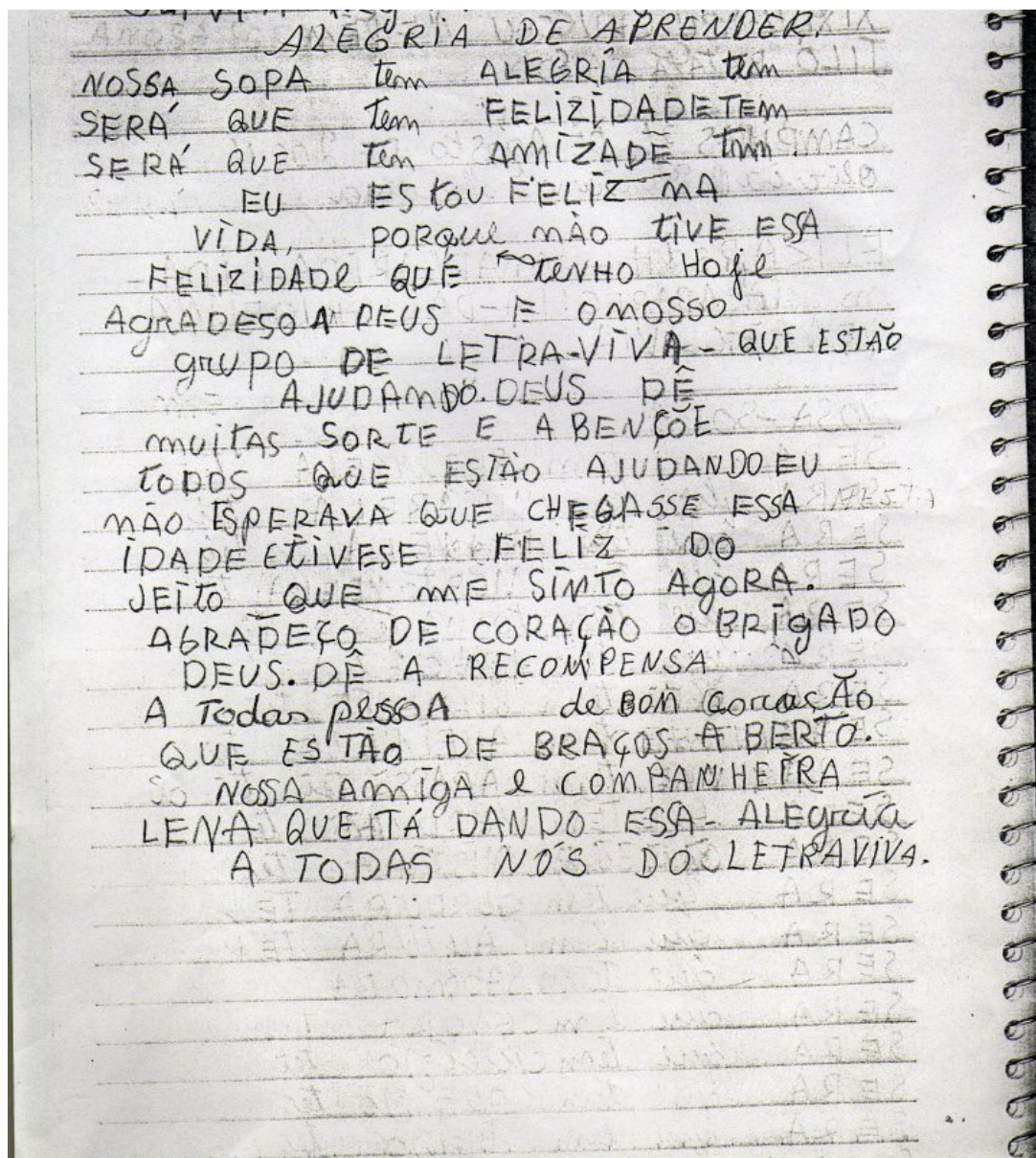


M. A. R. - Educanda do grupo da Marta – 31 de Agosto de 2004.

Sopa do Paulo Freire

Paulo Freire Paulo Freire
O que está pensando?
Quero mudar o mundo
Deixa disso menino, mas ele não parou
A pensar continuou
Um homem se tornou
E também um professor
Que a nossa vida mudou
Com tudo que nos ensinou
Viveu como um grande professor
Que muita gente ensinou e
Hoje foi morar no céu
Na casa de Deus
Deixou seus parentes e amigos
Com aperto no coração
Mas com certeza que
Ele está num bom lugar
E de que um dia eles
Vão se encontrar.

Vejam este poema, de uma outra educanda, do mesmo grupo. Observem o título, que coisa linda! "Alegria de aprender"... Já diz tudo!



O. R. N. – Educanda do grupo da Marta - 01 de setembro de 2004.

Alegria de aprender

Nossa sopa tem alegria Tem
Será que tem felicidade Tem
Será que tem amizade Tem
Eu estou feliz na
Vida, porque não tive essa
Felicidade que tenho hoje
Agradeço a Deus e o nosso
Grupo de LETRAVIVA que estão
Ajudando. Deus dê
Muita sorte e abençoe
Todos que estão ajudando. Eu
Não esperava que chegasse essa
Idade e tivesse feliz do
Jeito que me sinto agora.
Agradeço de coração. Obrigado
Deus dê a recompensa
A todas pessoas de bom coração
Que estão de braços abertos
Nossa amiga e companheira
Lena que está dando essa alegria
A todas nós do LETRAVIVA.

A educadora Marta descobriu-se como uma pessoa que gosta de escrever e produziu muitos textos durante o trabalho desenvolvido no LETRAVIVA. Tenho comigo a cópia de um poema que redigiu e me entregou. Como de costume, no LETRAVIVA, compartilhamos o poema com os demais educadores e educadoras.

CASA

*Casa de papel, casa de papelão,
Casa de tijolo, casa de caramanchão.
Casa de amor!*

*Tem gente morando em casa de bicho,
Tem bicho morando em casa de gente.
Casa de amor?*

*Tem gente que constrói casa,
Casa bonita, pintada, arejada.
E esta mesma gente não tem onde morar.
Casa de amor?*

*Tem gente que tem que fazer da calçada a sua casa,
E tem gente que sai da sua casa prá esta gente matar.
Casa de amor?*

*O mundo é a casa de toda gente, mas dela devemos cuidar
E toda gente tem uma casinha dentro de si,
de portas abertas pedindo para ser habitada.
Casa de amor !!!*

CASA

Casa de papel, casa de papelão,
Casa de tijolo, casa de caramanchão.
Casa de amor!

Tem gente morando em casa de bicho,
Tem bicho morando em casa de gente.
Casa de amor?

Tem gente que constrói casa,
Casa bonita, pintada, arejada.
E esta mesma gente não tem onde morar.
Casa de amor?

Tem gente que tem que fazer da calçada a sua casa,
E tem gente que sai da sua casa pra esta gente matar.
Casa de amor?

O mundo é a casa de toda gente, mas dela devemos cuidar
E toda gente tem uma casinha dentro de si,
de portas abertas pedindo para ser habitada.
Casa de amor!!!

Os poemas falam por si!

O transbordamento da alegria e também da indignação são marcantes
nestes textos...

Apresento a seguir outros textos da educadora Marta. Neles podemos perceber o seu modo especial de relacionar experiências pessoais com o trabalho no grupo de alfabetização. Suas observações são delicadas e respeitosas com as pessoas e demonstram sua capacidade e criatividade para lidar com situações difíceis no trabalho educativo.

Em um dos textos ela narra um fato que a surpreendeu, ocorrido em um dos Encontros de Formação, que aconteciam sempre às sextas-feiras.

Em outro texto ela apresenta uma reflexão sobre o lugar da festa na vida das pessoas e de como a sociedade governada pelo mercado tem modificado os modos de sociabilidade. E, por fim, narra a surpresa que teve com seu grupo de educandas oferecendo-lhe uma festa como presente!

Este grupo era composto exclusivamente por mulheres. Elas adoravam os livros da nossa pequena “Biblioteca Itinerante”¹⁵¹ e o dia da distribuição era muito alegre. Uma estagiária do LETRAVIVA, da área de Biblioteconomia e, o mais importante, ligada aos movimentos populares da cidade, era a responsável pela circulação dos livros, que ficavam emprestados por um mês, mais ou menos, em cada grupo.

Estou feliz porque estamos podendo compartilhar tanta vida e porque vocês estão me acompanhando neste percurso de pesquisa... Isto faz toda a diferença!

Obrigada pela atenção e companhia.

Um abraço,

Aninha

¹⁵¹ Fizemos uma “parceria” com a direção da Biblioteca Pública Municipal “Ernesto Manoel Zink” e por isso conseguimos vários livros para serem disponibilizados para as turmas de alfabetização. Uma das estagiárias, do curso de Ciências da Informação, da PUC-Campinas, era a responsável por acondicionar os livros em pastas políonda amarelas e realizar o controle dos empréstimos. As pastas circulavam entre os grupos, pois continham exemplares diversificados de literatura infantil-juvenil.

CHÁ DE JASMIM COM CHOCOLATE

Sou educadora do Projeto LETRAVIVA, meu nome é Marta.

Vou começar minha história mais ou menos assim: A vida vai nos ensinando que nunca é tarde para descobrir e saborear as coisas boas, as novidades que acontecem no nosso dia a dia. Uma tarde dessas fui me encontrar com o meu amigo A. Sabe aquela sensação de que se vamos nos encontrar amanhã, hoje o meu coração já está te esperando e se alegrando com o nosso encontro? Pois bem, assim é minha amizade com o A. Sinto que a nossa relação está me ajudando a ser mais gente, a me alegrar mais com a vida que nos é dada a cada momento, está também me dando pistas para eu assumir a verdadeira mulher que eu sou. Sim mulher, com toda a minha História. Acho que ele ainda não percebeu isso.

Sempre conversamos sobre várias coisas, músicas, cantoras e cantores como: Renato Teixeira, Caetano, Almir Sater, Simone, Cássia Eller e assim vai. Também sobre filmes, estudos, lugares para passear, trabalho, religião, política, sobre o LETRAVIVA. O A. sente um carinho especial pelo grupo de alfabetização que eu acompanho, o nosso grupo só tem mulheres, e elas, mesmo sem o conhecer pessoalmente já sentem o seu carinho, relação afetiva mesmo de longe, ele está sempre perguntando por elas. Alguma coisa que bate no coração. Tem coisa que não tem explicação.

Naquela tarde de inverno que eu fui me encontrar com ele, o nosso encontro parecia ter um sabor tipo clarear algumas pendências, para continuar a caminhada, e também para matar a saudade de estarmos juntos. Senti que eu estava meio sem jeito, sem graça, podemos dizer “jururu” naquela tarde. Quando cheguei, ele me acolheu com todo carinho como sempre. Me ofereceu água, café, um chá e o danado até me ofereceu uma taça de vinho para esquentar, realmente estava muito frio naquela tarde. Eu aceitei apenas um copo d’água, talvez desejando um pouco de cada coisa, sabe-se lá.

Conversa vai, conversa não vai... Naquela tarde estava difícil criar um diálogo, por mais que tentássemos. Aí, ele delicadamente fechou a porta que dava para a sacada do 9º andar do prédio onde ele mora, pela qual entrava aquele vento gelado, a conversa parecia seguir em clima melhor, o vento parecia ter se acalmado, mas será mesmo?

Me lembro muito bem daquele ambiente, a cor laranja com amarelo na parede. Nossa! que cores lindas e fortes, as obras de arte da cultura indígena espalhadas harmoniosamente pela sala, hum! que coisa bonita. Um quadro todo colorido na parede, uma estante cheia de livros de cima a baixo, só pelos títulos minha curiosidade ficou aguçada.

Eu olhava tudo, não queria perder nada daquilo, desejei guardar todas aquelas cores, cheiro, frio e carinho para sempre na memória do meu coração. Fiquei pensando, quanta coisa boa e simples a vida nos reserva. Que bom estar viva para sentir tudo isso. Mas eu permanecia quase que muda.

O bom relacionamento é assim, às vezes o silêncio, às vezes um sorriso maroto e outras ainda a quebra do silêncio pedindo um chá, porque o frio ainda não havia passado. É neste momento que vem a novidade com a pergunta “você já tomou chá de jasmim?” Eu respondi que não. O A. todo motivado a me motivar fez outra pergunta completando a primeira “quer experimentar?” Minha resposta não foi outra. Quero, mas sem açúcar para eu sentir o autêntico sabor do jasmim. Ele percebendo que eu saboreava o chá realmente com gosto disse: “fica melhor ainda se acompanhado com chocolate meio amargo.” Então eu pude saborear outra delícia. Naquela tarde a nossa conversa se desenrolou a partir do chá quente de jasmim acompanhado com chocolate meio amargo. Realmente é uma delícia.

Mas alguém pode perguntar o que tem a ver uma experiência tão pessoal com a experiência como educadora popular, aqui especificamente do LETRAVIVA, não é mesmo? Pois bem, eu sempre achei que o que fez ou faz bem a mim, pode fazer bem também para outra pessoa, claro que dentro de seu contexto, respeitando sempre que cada pessoa é única com sua História de vida que vai sendo construída, dia após dia.

Com essa experiência de carinho, afeto e amizade que eu experimentei junto com o A., eu pude acolher numa atitude de muita humildade e respeito, a Dona J., uma educanda que parecia estar meio “jururu” no nosso grupo de alfabetização, assim como eu estava naquela tarde. Eu não lhe ofereci chá de jasmim acompanhado com chocolate meio amargo. Mas a partir do que ela trazia em suas roupas coloridas, bijuterias, maquiagem, eu

e as outras mulheres do grupo, fomos percebendo que ela é diferente, é assim que ela gosta de se apresentar, e assim como ela é estamos formando uma bela roda de conversa.

Ela já está se sentindo grupo junto com o grupo. E às vezes ou quase sempre ela, Dona J., me pergunta com o seu olhar, ou com suas atitudes o que eu educadora, Marta, e o grupo temos a lhe oferecer? Uma vez que a vida fez dela o que ela é, essa mulher muito prática, que não precisa de rodeios nem de enfeites para resolver qualquer situação. Seja a situação alegre ou triste. Essa praticidade prá mim pode ser a fuga de uma vida que lhe foi tirada ou negada e hoje ela nem se dá o direito ou o tempo de sonhar. Nada de refresco nem enfeites para a sua vida e nem para a vida das outras pessoas.

Simplesmente olhando para a Dona J., posso dizer que ela não precisa do chá de jasmim com chocolate meio amargo para resolver nenhum problema, pois ela é uma mulher resolvida e forte. Porém, sentindo na minha pele o seu olhar, os seus gestos, e questionamentos eu posso afirmar que ela teve que aprender a ser dura com a vida. Por isso a praticidade e a fortaleza se tornaram sua bandeira.

Ela me disse uma vez: “A vida é o que é e pronto”. Mas eu me pergunto sempre, porque então suas roupas coloridas? Porque andar tão elegante mesmo dentro de sua casa, onde raramente ela recebe visitas? Porque as bijuterias coloridas e diversificadas fazem parte de sua vida? Porque ela se sente bonita estando maquiada e quer sempre estar assim? Me pergunto várias vezes o que eu posso fazer? O que o grupo pode fazer? Às vezes me sinto frustrada como educadora, como mulher, como pessoa que acredita na vida plena, que acredita na felicidade, que acredita nas outras pessoas, que acredita que não precisamos esperar que outro mundo seja possível e sim que neste mundo agora mesmo é possível ser feliz. Me pergunto o que faço com tudo isto, desisto também de sonhar, e não ajudo a ninguém mais a cultivar seus sonhos?

Tenho certeza que a Dona J. quer que eu e o grupo ofereçamos a ela algo que a faça realmente sentir que a vida é bela, tem seus encantos e principalmente seus mistérios, que nem tudo pode ser ou é praticidade. Ela nos desafia a mostrá-la que a vida é um mundo de cores, iguais às suas roupas, bijuterias, maquiagem. Ela espera que apresentemos a ela a possibilidade de um sabor novo para a vida, que pode ser de jasmim que fica ainda mais gostoso e saboroso com chocolate meio amargo, ou talvez, ainda, de erva doce, capim

cidreira, camomila..., ela sabe, assim como eu, como nós, que existem tantos sabores que só faltam ser oferecidos e motivados para serem saboreados.

Me sinto desafiada como educadora a estar oferecendo outros sabores para a Dona J. e demais educandas e também procurando pistas e possibilidades de junto com elas eu descobrir e saborear o que elas me oferecem.

Já era normal no grupo nos acolhermos com um abraço, um beijo, um carinho, agora estamos cultivando o hábito de nos cuidar mutuamente, a sentir a outra educanda, a outra pessoa. Aquela sensação de que nenhuma de nós passamos despercebida pela outra, e isso está dando um novo clima ao grupo também. Está sendo ótimo, aumenta a confiança, o carinho, o respeito, a autoestima. Estamos sorrindo, fazendo festa com aquilo que somos e trazemos no nosso corpo que sabe muito bem traduzir os nossos sentimentos. Estamos aprendendo a viver com a vida que habita em cada uma de nós.

Eu me sinto educadora assim, caminhando junto com as pessoas, às vezes me frustrando, outras sentindo que sou desafiada a ser educadora realmente, outras ainda deixando a experiência acontecer, acolhendo a novidade da dança da vida, vida que é movimento, que é corpo, é cor, é sopro, é cheiro, é gosto, é sabor, é toque, é abraço, é aconchego, é colo, é o silêncio dizendo tudo, é humanização com o olhar utópico para a divinização, tendo sempre a certeza de que ninguém se humaniza nem se diviniza sozinha, é preciso caminhar junto com, é preciso todo mundo neste caminho, ao ritmo da vida que é muito, muito bela.

Educadora Marta

Campinas, Outubro de 2004.

No texto que vem a seguir, Marta faz um registro sobre uma situação que viveu durante um dos Encontros de Formação Continuada que eram realizados todas as sextas-feiras, nas diversas regiões da cidade. Ela compunha

o grupo que se reunia na AR-12¹⁵², região Ouro Verde de Campinas. O texto impressiona pelo seu despojamento e franqueza ao relatar uma situação delicada vivida em grupo. Impressiona também pela capacidade de escuta e de acolhida demonstrada pela educadora, que fez do momento, uma oportunidade de reflexão sobre o trabalho.

CORAÇÃO AMASSADO E SANGRANDO

Em um de nossos encontros de educadoras que acontece todas as sextas-feiras, foi-nos proposto pela articuladora uma dinâmica, onde cada educadora faria com uma folha de papel sulfite, qualquer figura, imagem, o que viesse na cabeça naquele momento. Depois de feito o trabalho quem quisesse partilhar estaria livre para fazê-lo.

Pois bem, era dia 5 de setembro, vésperas do dia do Grito dos Excluídos, que acontece em quase todo Brasil. Eu pensei então em fazer um coração, este coração estaria dentro da bandeira do Brasil, assim eu poderia usar toda a folha, sem precisar jogar fora pedaços de papel que sobrassem. Aproveitei toda a folha. Mas na minha cabeça veio a ideia de fazer o coração amassado, sim amassado. Pois eu sei que amo e sou amada, sou capaz de amar e acolher o amor da outra pessoa, mas, isso não impede que haja sofrimento na relação. Mesmo assim eu acredito que o amor sempre é descoberto, é desvelado com mais força que a morte.

Amassei o coração pensando na situação do próprio Brasil, que é comandado por um grupo muito pequeno, mas que tem nas mãos a força da maldade, da cobiça, da ambição que derruba tudo e todos que encontra no caminho em favor próprio, causando tanto sofrimento ao povo brasileiro. Mas este grupo que é minoria, não tira a esperança do nosso povo, que se organiza para mais uma vez gritar: **“Brasil: Mudança prá valer o povo faz acontecer, a vida em primeiro lugar”**.

¹⁵² AR – Administração Regional da Prefeitura Municipal. Os grupos se reuniam em locais cedidos por parceiros, como por exemplo: Centros Comunitários da Igreja Católica, Sindicatos, escolas e no caso da Região Ouro Verde, o local de reunião era uma das salas cedidas pela AR-12.

Acontece que na hora que eu amassei a folha uma educadora olhou para mim como se eu estivesse amassando a ela própria, percebi que causei um mal horrível a ela, naquele momento eu não pude fazer outra coisa a não ser acolher aquele olhar e esperar por outra reação que estava a caminho.

Senti que minha respiração mudou, tive que me acomodar melhor na cadeira, e acolher tudo que dizia respeito à vida naquele momento. Todo o grito que saía daquele olhar. Após um silêncio a educadora pediu para partilhar, mas não o que ela havia feito e sim o que eu tinha feito. Ela pediu com muito sofrimento que eu nunca mais amassasse uma folha daquele jeito, ela disse que eu não tinha o direito de estragar uma folha que custava tão caro. Foi colocando justificativas para condenar o que havia feito, ela falou do trabalho do pessoal que vive de recolher materiais recicláveis, e eu estava ali estragando uma folha de papel que precisa do corte de tantas árvores para que possamos ter o papel em nossas mãos, perguntou se eu não me preocupava com a ecologia.

Eu fui percebendo que essas justificativas eram para esconder algo muito mais profundo que ela estava sentindo naquele momento. E depois ela me perguntou se eu já havia me sentido amassada como aquele papel alguma vez na vida. As outras educadoras não entendiam o que estava acontecendo, mas eu sim, eu sentia na pele, mesmo ela estando longe de mim eu quase podia escutar as batidas aceleradas do seu coração, a sua boca seca, o seu rosto parecia pegar fogo, eu não podia fazer nada a não ser me calar para acolhê-la.

Ela então começou a relatar um pouco de sua história, como que ela já havia vivido a experiência de se sentir amassada, e esta é apenas uma das partes que trás tantas marcas e feridas e de novo ela me pediu, quase que dando uma ordem “**nunca mais faça isso, por favor**”. Depois ela pediu licença e se retirou da sala, naquele momento eu só consegui dizer que devemos ter muito cuidado com as pessoas que estão em nossa volta, pois mesmo sem querer ou saber estamos despertando sentimentos, reações, estamos provocando que volte a tona o que por algum motivo teve que ser “enterrado vivo”, e que tudo isso faz parte da vida, não podemos negar.

Fiquei pensando no mistério que é cada pessoa e me veio a certeza de que somos vidas muito frágeis, que vão se completando com as fragilidades e finitude, somos

gente de sentimentos. Depois de muito relembrar e reviver aquela experiência me vem sempre a música “**Sangrando**” do Gonzaguinha Jr.

Quando eu soltar a minha voz, por favor, entenda.
 Que palavra por palavra, eis aqui uma pessoa se entregando.
 Coração na boca, peito aberto vou sangrando.
 São as lutas dessa nossa vida que eu estou cantando.
 Quando eu abrir a minha garganta essa força tanta.
 Tudo que você ouvir, esteja certa, que estarei vivendo.
 Veja o brilho dos meus olhos e o tremor das minhas mãos.
 E o meu corpo tão suado transbordando de emoção.
 E se eu chorar e o sol molhar o meu sorriso.
 Não se espante, cante, que o teu canto é minha força pra cantar.
 Quando eu soltar a minha voz, por favor, entenda.
 É apenas o meu jeito de viver o que é amar.

Educadora Marta

Campinas, Outubro de 2004.

No texto que vem a seguir Marta nos brinda com uma reflexão sobre o lugar da festa na sociedade, no seu grupo de alfabetização e do significado das vivências nas vidas dessas mulheres simples, inclusive dela própria.

O CAMINHO DA FESTA

Há um tempo atrás eu assisti o filme “A festa de Babette” e também li o livro “A Festa de Maria” do autor Rubem Alves, e de vez em quando eu retorno a ler alguns trechos deste livro. Nos últimos dias eu tenho lido e relido o trecho que o autor deu o nome de: A Mentira da Maria...

É incrível como a capacidade e o caminho para a festa estão tão presentes na vida de nosso povo e muitas vezes os nossos sentidos não conseguem captar essa realidade; ou eles estão comandados por um “coronel” que não nos deixa sentir os “estalos” que nos faça perceber essa realidade.

Numa sociedade da praticidade e do consumismo desenfreado, existem pacotes para tudo. Pacote para viagem, pacote econômico, entre tantos outros existe o pacote de

festas. Compramos nossas festas de casamentos, natal, confraternizações e aniversários, já toda pronta. Para as festas de aniversários, a alegria e animação estão por conta dos palhaços, animadores e monitores, que são pagos para desempenharem tais papéis. Em muitas festas de crianças a família não precisa estar junto festejando, celebrando, pois há monitores para garantir que não falte “nada”, desde alegria até segurança. A satisfação e o desenrolar da festa é de acordo com o valor que se paga por ela, ou seja, pelo pacote.

Para a festa de pessoas adultas, está se tornando cada vez mais comum comemorar datas importantes em barzinhos, pizzarias, restaurantes, aí cada pessoa paga por aquilo que consumiu, se diverte como se pode. Mas nem o barzinho, a pizzaria, ou o restaurante, tem o aconchego da casa, do ambiente íntimo onde se recebe **pessoas**, para partilhar momentos importantes.

Dentro deste contexto que impera na nossa sociedade eu vivi uma bonita e gostosa experiência no meio de tantas mulheres e crianças como a dona Maria do texto do Rubem Alves. Elas também mentiram prá mim. Que gostoso!

No último dia 11, eu fui pega de surpresa pelo grupo de educandas que eu acompanho no LETRAVIVA. No dia 07 de outubro, eu as convidei para mexer, e brincar um pouco com o corpo, para dar uma relaxada. Eu sempre termino as atividades com algo assim, acho que sempre faz bem. Então elas disseram que estavam com vontade de dançar, mas não só uma música, queriam dançar mais, para tirar a dor das costas, das pernas..., cada uma dizia uma coisa e outras afirmavam que queriam dançar porque realmente gostavam de dançar. E me perguntaram se o baile poderia ser ali no local onde o grupo se encontra todos os dias. Eu como gosto de dançar também respondi prontamente que sim, que não haveria nenhum problema. Como era véspera de feriado e não tínhamos o nosso encontro no dia 11, eu marquei um outro compromisso, mas nada que não pudesse ser adiado, como foi, pois naquele momento eu optei pelo nosso baile.

Naquele dia, antes que elas chegassem fui preparando mais ou menos o ambiente, arrastando as cadeiras para conseguir mais espaço, ajustando o som, escolhendo algumas músicas, elas se responsabilizaram de trazer outras. Eu escrevi a seguinte frase: **A vida é uma festa, vamos dançar!** Escrevi com letras grandes e coloridas. Comecei a ficar um pouco preocupada, pois o tempo estava passando e nada de nenhuma delas

chegar, achei estranho a demora e comecei a pensar que elas haviam desistido do baile. Me enganei duplamente. Algumas já haviam chegado, mas estavam escondidas esperando pelas outras, para que todas entrassem juntas e me pegassem de surpresa, e pegaram mesmo. Elas não queriam apenas dançar, elas queriam dançar, festejar, celebrar, comungar a festa da vida. Eu não tive outra reação a não ser chorar. Chorei de emoção, de alegria, de bobeira, de pura satisfação por vê-las ali donas da situação, com o poder da organização, da articulação, da sabedoria, da coletividade. Para aquele momento festivo elas envolveram educandas que estão na FUMEC, mas que passaram pelo primeiro grupo do LETRAVIVA, elas mantêm um vínculo muito bonito. Envolveram vizinhas que fizeram juntas o bolo. Tinha na trama uma vizinha que ligava prá minha casa, para se certificar que eu estaria em casa no momento certo, mas tudo isso com muita dissimulação para que eu não percebesse nada que estava acontecendo e esta vizinha nem faz parte do grupo de alfabetização. Elas juntas sentiram o sabor do poder, e tenho certeza que ficaram muito felizes por aquele momento também.

Estavam presentes na festa, filhas, noras, amigas das educandas e muitas crianças, a festa estava completa, muitas guloseimas, bolo com velinhas, flores, toalha na mesa e muita música para dançar. Me sentia como uma criança.

Esta festa de aniversário teve um sabor diferente, o sabor da vida que está em cada detalhe destas mulheres, que na simplicidade, fizeram aquela tarde ficar mais transparente, iluminada, por causa da claridade que cada uma trazia nos seus corpos, corpos de festa. Estávamos perfumadas, arrumamos nossos cabelos, ríamos, nos embriagamos de alegria, nos convidávamos mutuamente a brindar o amor. Foi um momento mágico. Não foi simplesmente uma festa de aniversário, foi a festa da vida, da qual elas traçaram o caminho e me convidaram a caminhar com elas. Isso é vida que pulsa a todo momento.

Educadora Marta

Campinas, Outubro de 2004.

7. “Aprendi novas palavras e tornei outras mais belas...”¹⁵³

Campinas, 25 de junho de 2008.

Aninha, tudo bem?

Como aprendemos com os educandos e educandas do LETRAVIVA, são muitas letras que nos confundem e tumultuam nossas experiências tão distintas de escrever, apagar, re-escrever, corrigir, copiar e criar a nossa própria escrita – que é sempre coletiva.

Já faz alguns dias que estou bagunçando o nosso passado para tirar dele algo que me faça sentido ao escrever esta carta. As marcas mais vivas nesse momento foram as deixadas pelo palhaço e pelas estrelas.

A imagem do Pardal nas oficinas e momentos místicos de informar e de tirar das formas as educadoras, educadores e nós próprios, me faz lembrar muita coisa hoje, depois daquele ESTÁGIO todo de aprendizado. O que percebo ser a mais importante é a minha dificuldade de improvisar, e a facilidade com que o meu *clown* brinca e se diverte com a improvisação. Facilidade esta também presente nos educadores, educadoras, educandos e educandas.

Muita gente deve ter falado e escrito sobre o improviso, alguns até voltado à educação. Como aqui na carta a gente não precisa citar fontes bibliográficas, me sinto à vontade para afirmar: Se não fosse o improviso, eu nunca teria aprendido nada, mesmo tendo dificuldades com ele. Falo de um improviso “palhacesco”, onde as coisas deixam de ser o que são para ser o que nós precisamos que elas sejam.

Mais do que uma tábua velha ser usada como mesa ou uma porta como lousa, falo de saberes que antes pareciam sem significados, mas depois passam a facilitar a criação materializada dos nossos sonhos, desejos e valores. Não tenho dúvida que o

¹⁵³ ANDRADE, C. D. Canção amiga. In. ANDRADE, C. D. *Poesia e prosa*: organizada pelo autor. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1988, p. 186.

LETRAVIVA ensinou porque as pessoas investiram e acreditaram que podiam improvisar. Além disso, tiraram proveito daquilo que mais precisavam, sem dedicação a um monte de aprendizados que vamos acumulando sem sabermos o motivo e o sentido.

As estrelas que me refiro são políticas. Aquelas vermelhas que acompanhavam a assinatura institucional do Governo que tinha por desafio ser Democrático e Popular; que se transformaram nas capas dos cadernos, cartazes, desenhos, e painéis criados pelos educandos e educandas. Algumas tinham em seu centro as fotos de quem as desenhou. Gente que nasceu para brilhar, e estudar.

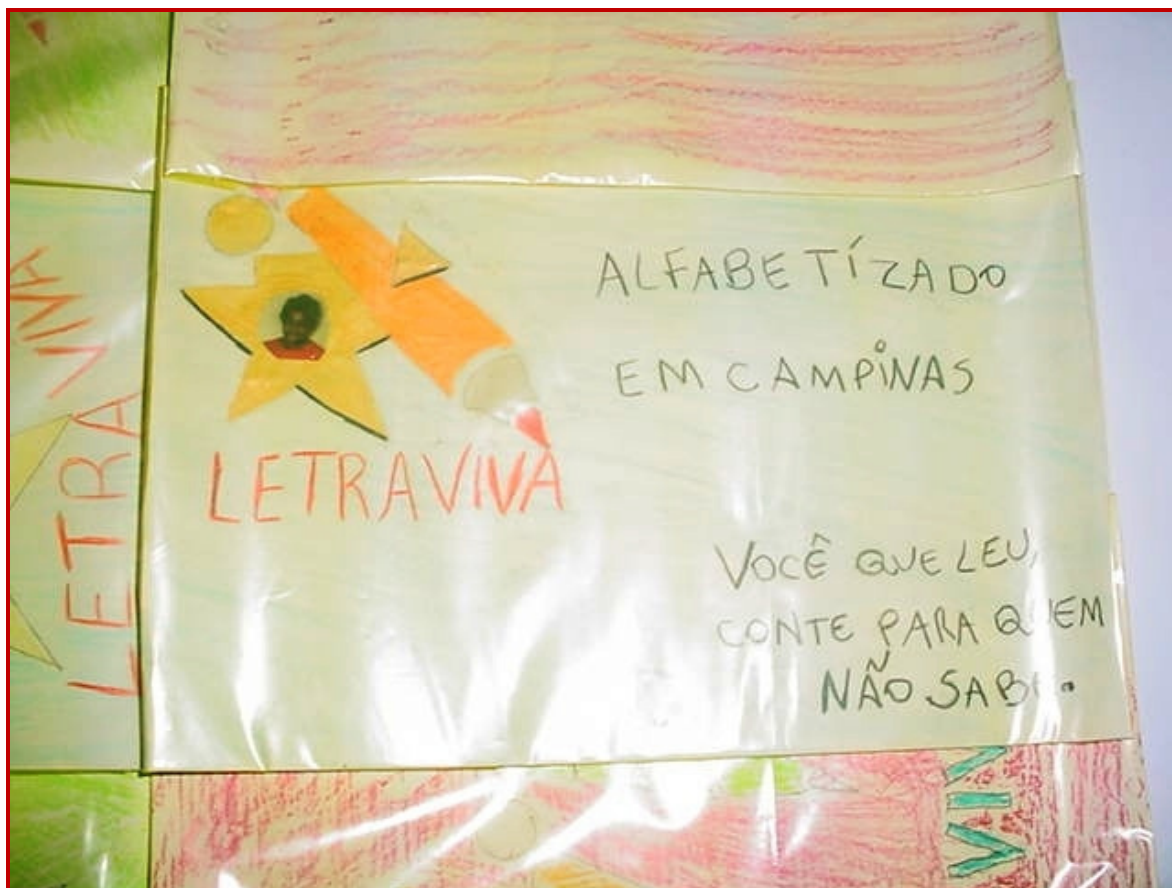
Estas estrelas, como sabes, tornaram-se muito mais políticas porque ganharam novas cores, formas, rostos, perspectivas, texturas, cheiros, intensidades e tamanhos; além das letras, até então, centradas em seu seio (“P” e “T”). Esta minha bagunça estrelada do passado me faz pensar: O LETRAVIVA tornou-se mais um meio pelo qual as pessoas brilharam. Mais um porque já tinha muita luz naquelas experiências. Mas, então, qual a diferença deste brilho? Penso ser a possibilidade de utilizar daquilo que os marginalizava, as letras, para se tornarem ainda mais criativos e com novas possibilidades de sobreviver e viver.

Então, quero terminar dizendo que o LETRAVIVA está muito vivo em mim, pelas minhas dificuldades de improvisar, de dar e descobrir novos sentidos às coisas, mas também porque estas estrelas no passado iluminam meu presente, de forma contagiante, cheio de graça e esperança.

Muito obrigado pela oportunidade de ter sido tão feliz.

Beijos.

Gil



Recriação do nosso material de divulgação, feita pelos educandos de um dos grupos de alfabetização, conforme comentou Gil em sua cartinha.

Queridas amigas educadoras,

Alguém é capaz de esquecer um estagiário que escreve uma cartinha como esta? E ainda mais: sendo este estagiário o nosso mais querido palhaço, o *clown PARDAL*, que iluminava de graça e alegria muitos de nossos encontros de formação ou de outras vivências no LETRAVIVA?

Com Pardal e todos os participantes do Projeto LETRAVIVA posso dizer que *“aprendi novas palavras e tornei outras mais belas...”* Outras *“letras vivas”!* Eu amo esse menino como se fosse meu filho. Acho que virou quase um filho mesmo...

Pois bem, trago o registro do Gil para dentro de nossas correspondências porque ele também é um educador popular ou, talvez foi se

constituindo durante o percurso. Muito aprendemos com ele sobre a difícil arte de desestabilizar nosso olhar em relação aos nossos medos e preconceitos. Muito aprendemos com todos os estagiários porque, todos tinham muito a nos ensinar.



Pardal no Encontro de Educadoras e Educadores do LETRAVIVA – Salão Vermelho – 23.04.2004

Nosso processo de formação era composto pela pulsação da nossa vida e como toda Educação Popular, foi múltiplo. Como bem observou o professor Guilherme Prado (também Carlos Rodrigues Brandão, Carlos Alberto Torres e muitos educadores populares), a Educação Popular não é um conceito estático e sim a manifestação das diversas recriações que são feitas pelos sujeitos, em diferentes tempos e espaços.

Nossa recriação da Educação Popular foi também heterogênea. Cada educadora, educador trazia sua contribuição singular, fazendo do processo uma vivência em constante transformação.

Nosso trabalho na formação dos educadores e educadoras, vocês devem estar lembradas, tentava aliar a criatividade dos participantes com uma disciplina de estudos. No “Baú de Achados e Guardados”, p.316-329, disponibilizo o roteiro do Curso de Formação dos Educadores e também do Curso de Formação que realizamos com os Formadores, ou Equipe de Apoio, como chamávamos. Essas informações são as mesmas que encaminhamos ao MEC no Relatório de Prestação de Contas, da primeira fase do Projeto LETRAVIVA. Vocês poderão observar que nesses registros procuramos descrever os caminhos percorridos em função das nossas concepções teóricas. Esse texto foi escrito pela Dulce.

Gostaria de dizer para vocês que considero o processo de formação dos educadores e educadoras populares como um trabalho voltado a todos os participantes do LETRAVIVA. Incluindo a nós próprias da Coordenação, os estagiários e estagiárias e a Equipe de Apoio. Todas estas pessoas participaram dos cursos de Formação e também dos Encontros de Formação Continuada que aconteciam às sextas-feiras. Nós nos revezávamos na participação dessas ações para que todos pudessem ter momentos para reflexão e estudos. Esse procedimento foi muito importante na vida dos estagiários, como eles puderam expressar para nós e, penso que para vocês também.

A cartinha que o Gil me escreveu em 2008 é uma demonstração do que foi a vivência para ele.

Quero compartilhar com vocês mais uma narrativa de uma das estagiárias. Não é uma escolha porque a considero mais importante que outras. É porque encontrei esse registro no meio dos meus *guardados*. Está manuscrito e então, fiz a transcrição para partilhar com vocês:

A experiência de viver cada dia o LETRAVIVA.

Estou trabalhando como estagiária desde setembro de 2003, no começo foi difícil, pois, sou tímida e isso mostrava uma imagem de que eu era uma pessoa chata.

Mas, como diz Paulo Freire, devemos ter a arte de transformar, realizar, viver cada dia, porque “O mundo não é, o mundo está sendo” (FREIRE, 1997).

E cada dia dessa vivência, saíram alguns estagiários, houve uma nova seleção que aí senti que o nome LETRAVIVA não era por acaso, porque cada estagiário era um mais especial que o outro e que formamos a “família LETRAVIVA” e o que mais mexeu comigo foi a relação das Coordenadoras Aninha e Dulce, que não tem superioridades, brincam, choram, se emocionam, poucas vezes ficam bravas, às vezes tristes, mas porque são seres humanos como nós, e que sempre [estão] elogiando o nosso trabalho, mas não um trabalho técnico, mas um trabalho que envolve democracia, cidadania, e o mais importante o valor nos SERES HUMANOS. Com certeza, sem sombra de dúvidas, diante de todas as dificuldades, obstáculos que compartilhei com o Projeto LETRAVIVA e que bom que tiveram as dificuldades, pois só [fazem] a gente crescer, amadurecer. O LETRAVIVA é o tempero para nossa vida, nossa alma, principalmente dos educandos que não tiveram a oportunidade de ler e escrever e que estão descobrindo, transformando o seu modo de ser e estar no mundo.

Estou adorando trabalhar no Projeto LETRAVIVA, é uma experiência marcante e significativa para mim, como pessoa e como estudante.

Edna

Estagiária de Pedagogia – 2º ano

Campinas, novembro de 2004

Foi uma alegria enorme para mim, encontrar este registro, porque no momento em que estamos imersos no trabalho, não temos condições, até físicas, de perceber tudo o que acontece ao nosso redor. Então, a pesquisa também alimenta sonhos adormecidos. Revigora a nossa compreensão de como vivemos a história.

Estes dias encontrei-me com a Edna¹⁵⁴ e seus filhos. Que família linda! Fiquei muito alegre ao vê-la. Nesse encontro ela me autorizou a compartilhar este escrito e um outro, o seu Trabalho de Conclusão de Curso. Ela fez o seu TCC sobre o estágio realizado no LETRAVIVA. Na época tive a oportunidade de ler e achei muito significativo, por isso considerei importante dividi-lo com vocês. Afinal, algumas de vocês estão realizando o sonho de fazer um curso superior e poderão se inspirar neste trabalho, procurar a bibliografia utilizada, enfim, estudar. No meu “Baú de Achados e Guardados”, p. 330-347, coloquei o TCC da Edna. Ele bem poderia estar aqui, não é mesmo? Porém, como é um estudo mais longo, achei que seria adequado ficar disponível para quem quisesse ler, com mais calma, em outro momento. Então, por esse motivo está lá, para vocês também se *reconhecerem* nele!

Também encontrei mais um texto do Gil, o nosso *Pardal*, nos meus *guardados*. Este foi escrito em 2004. É mais um presente para vocês, para mim.

AS LETRAS VIVAS EM MINHA VIDA

A universidade nos tira muito da vida. As aventuras, a liberdade, o inesperado, o novo e a oportunidade de criar. Digo isso em relação ao que está pronto para estudarmos, as temáticas e as abordagens que podemos ter acesso antes mesmo de iniciarmos as aulas. Basta um “*clic*” no “*site*” do curso. O roteiro dos longos anos de estudos está dado e não está exposto à possibilidade de ser construído em conjunto com os alunos. Então, aprendemos o que outros disseram sobre as teorias e as experiências que vamos estudar e somente *depois* poderemos criar algo novo. Bem, desde que tenha como referencial a construção intelectual dos que nos antecederam em tais estudos. Somos jovens ansiosos por problematizar nossa experiência diante da vida e do curso que escolhemos, mas precisamos antes de tudo aguardar que as teorias sejam apresentadas, tempo suficiente para matar muitas letras que pulsavam freneticamente dentro de nós.

¹⁵⁴ Nome fictício, conforme afirmei em outra oportunidade. Estou lembrando, para não haver dúvidas...

A educação formal está fundamentada em hierarquias e como qualquer forma de hierarquia, coloca-nos o desafio da obediência inquestionável. Vivi a experiência de ser professor de conceituada escola na cidade. Tudo prontinho há mais de 50 anos. Livros didáticos com simétricas lacunas a serem obviamente completadas pelos alunos, horário bem definido de cada área do conhecimento, câmeras de vídeo na biblioteca para vigiar se os alunos não rabiscariam as mesas, segurança no portão de entrada dando falsa sensação de proteção (afinal a escola não está isolada da comunidade), longas reuniões pedagógicas com textos de autores que nunca estiveram naquela escola e há décadas não entram na sala de aula...

Assustei-me quando me deparei com o processo de seleção de estagiários para integrar a equipe do projeto LETRAVIVA. Valorizava as letras vivas dentro da gente. Aquelas que já havíamos esquecido, que insistentemente se faziam presentes em nossa juventude. Utopias, prazeres, experiência comunitária, criatividade e consciência política foram questionamentos presentes desde o primeiro momento em que tive acesso às coordenadoras do LETRAVIVA.

Quando tudo começou, as surpresas continuaram. Tudo estava para ser construído e dependia do meu empenho e do empenho dos demais estagiários. Uma rica vivência multidisciplinar começou a ser construída, diversos saberes e muitos desafios cotidianamente. Pedagogia, Administração, Marketing, Biblioteconomia, Processamento de Dados e eu de Ciências Sociais. Tudo misturado e em pleno processo de criação para que os educadores populares e educandos, nas mais distantes salas, pudessem aprender as letras e ressignificar suas vidas. No LETRAVIVA tudo parte do hoje, nada está dado previamente. As descobertas surgem conforme os desejos e as necessidades que emanam naturalmente da vida complexa e cheia de tensões de uma população que nos procura cheia de sonhos.

A educação não-formal me ensinou que é preciso recriar uma nova forma de estudar: é possível aprender o valor e o significado daquilo que está nos seduzindo ao aprendizado. Estudar é estar encantado por algo que não está definido, é enfrentar uma realidade que ainda não existe e que ninguém precisará dizer que estamos errando, porque o erro é o melhor acerto em um processo que nos faz maiores diante dos desafios do nosso dia a dia. As letras vivas em minha vida voltaram a mover-me para uma busca de sentido

ainda maior diante [de] teorias científicas que nos esforçamos tanto para assimilar. Lembro-me da primeira sala de alfabetização que visitei. As senhoras com muitos fios de cabelos brancos sorriam de forma única, mostrando-me suas letras trêmulas e inseguras. Orgulhavam-se de suas produções, expressões de coragem e vida após os 70 anos.

No LETRAVIVA os conflitos e tensões são expostos e transformados em material didático e pedagógico. O letramento ocorre a partir dos valores do voluntariado e com isso constrói-se uma nova lógica social, de protagonismo popular, solidariedade e afetividade. Esse é o segredo da vivacidade das nossas letras. Os problemas que enfrentamos são reflexos do processo histórico de nossa cidade e também da história pessoal dos educadores. Os sujeitos envolvidos na alfabetização proposta pelo LETRAVIVA trazem o sucesso de suas conquistas e também as limitações de algumas de suas práticas. Contudo, o desempenho e dedicação são surpreendentes.

Hoje admiro com carinho o caminho que percorremos juntos. Quero sorrir como aquelas senhoras que se descobriram capazes e transformaram seus olhares diante da realidade e, acima de tudo, sinto-me desafiado a continuar encantado a descobrir toda a vida de cada letra, o sentido de cada palavra e o compromisso que cada reflexão me solicita.

Gil

Estagiário de Ciências Sociais
Campinas, novembro de 2004.

Confesso a vocês que estou muito emocionada lendo estas narrativas. Nem sei se há algo mais importante a destacar. Tudo é tão intenso e sincero. As reflexões sobre o saber escolar e a produção do conhecimento são expressão da vivência dolorosa, revelando o sem-sentido, para o estudante, de ações meticulosamente planejadas.

Nas reuniões de avaliação e de planejamento que realizávamos periodicamente com os estagiários, Dulce e eu tentávamos acolher as dúvidas, incertezas e também as contribuições de cada um. Em uma equipe multidisciplinar, às vezes, sentíamos necessidade de mais tempo para

desenvolver alguma atividade, para que houvesse a compreensão dos objetivos que tínhamos em mente. A fim de que fosse trazida para a vida do estagiário a lembrança da realidade vivida nos grupos de alfabetização e de suas necessidades reais, situação bem diferente da vivida por eles, estudantes de nível superior...

Então, parávamos para pensar juntos. Para lermos uma poesia, ouvirmos uma música, tentando desnaturalizar “*a vida como ela é*”. Questionar, debater, olhar mais adiante... Nem sempre um estudante de área diversa à da educação compreendia os objetivos pelos quais nos empenhávamos, então, esse foi também um trabalho que demandou muito cuidado da nossa parte. Escrevendo sobre estas vivências, neste momento, acabo de recordar de uma afirmação feita por Jorge Larrosa no texto “*Notas sobre a experiência e o saber de experiência*”

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (2004, p. 122)¹⁵⁵

Tivemos gratas surpresas com os estagiários, pois eles se envolveram com os trabalhos dos educadores, visitando os grupos, dando sugestões,

¹⁵⁵ Acho interessante lembrar que este texto do Larrosa foi “*pronunciado*” como uma conferência no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, promovido pela Secretaria Municipal de Educação na gestão da Profa. Corinta Geraldi. Larrosa veio como convidado especial e o texto, posteriormente traduzido foi publicado em 2001 por “*Leituras SME: Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC*”. Atualmente encontra-se disponível também na Revista Brasileira de Educação da ANPEd, número 19, de 2002, no seguinte endereço eletrônico:

<http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf>

Acesso em: 30 dez. 2008. A versão citada aqui está em: GERALDI, C. M. G.; RIOLFI, C. R.; GARCIA, M. F. (Org.). *Escola viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social*. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 113-132.

participando das atividades como convidados especiais... Um envolvimento expressivo, de corpo e alma, como vocês mesmas puderam notar e acompanhar.

E lembrei-me que uma das nossas companheiras da Equipe de Apoio fez referência ao trabalho deles. Então, aproveito esta oportunidade para compartilhar a narrativa de Gabriela.

MINHA EXPERIÊNCIA NO PROJETO LETRAVIVA

Trabalho com Educação de Jovens e Adultos há algum tempo, mas sinto que quanto mais adquiero experiência, mais aprendo e sinto-me apaixonada pelo que faço.

Não acho que seja um trabalho fácil, muito pelo contrário, acho que é complicado e requer muito da gente, mas não deixa de ser gratificante.

Atualmente estou fazendo uma experiência nova no Projeto LETRAVIVA. Participo da Equipe de Apoio. A Débora¹⁵⁶ e eu e, recentemente, o Leonardo, somos responsáveis para dar apoio a um grupo de Educadores, realizando reuniões semanais com eles.

No início, a Débora e eu conversávamos para planejar o modo como iríamos encaminhar o trabalho com o grupo de Educadores. Logo percebi que nós iríamos nos dar muito bem, porque percebi na Débora a mesma inquietude e preocupações minhas. Uma expectativa de fazer as coisas direito, pelo menos tentar... Então decidimos nos reunir antes dos encontros com os Educadores para prepararmos as ações. Resolvemos que primeiro iríamos observar o grupo e sentir quais seriam as suas ansiedades, dificuldades e esperanças. Trabalharíamos a partir das manifestações deles. Eles apontariam quais seriam as metas.

No primeiro encontro decidimos deixar o grupo falar e observar. Seríamos apenas as mediadoras. Nos apresentamos e falamos como iríamos encaminhar as reuniões.

¹⁵⁶ Os nomes são fictícios.

Pedimos para cada um falar um pouco sobre os seus grupos de alfabetização, como estavam indo os trabalhos, quais as dificuldades e expectativas etc... Cada um foi falando, relatando suas dificuldades, o medo de não dar conta do trabalho, as inseguranças por não terem às mãos um método para seguir, uma cartilha; a violência nos bairros... Uma Educadora disse que se sentia angustiada e inquieta, pois achava que não estava fazendo o suficiente, que poderia fazer mais. Eu lhe disse: “Que bom que você se sente assim, porque é isso que nos ajuda a crescer como educadora e ser humano. Essa inquietude é que não nos deixa parar e ficar na mesma sempre... nos ajuda a buscar formas diferentes para compartilharmos”.

A Débora falou que não iríamos trabalhar com cartilhas, porque nós é que construiríamos nossas próprias cartilhas e método através da nossa vivência e troca de experiências. Quanto à violência urbana, o próprio grupo apresentou ideias de como conviver com ela, como “superar” isso. O que não poderíamos fazer era desistir por conta da violência.

No final da reunião a Débora sugeriu que cumprimentássemos uns aos outros com um aperto de mão ou com um abraço. Todos nós nos abraçamos, um fortalecendo o outro, dando e recebendo força.

A Débora e eu saímos da reunião fragilizadas, com a emoção “à flor da pele”. Sentimos que teríamos que dar muito apoio para o grupo de Educadores, fortalecer os laços e também promover momentos de relaxamento.

Conversamos com o Gil, estagiário do LETRAVIVA, que faz um trabalho muito bonito como “Clown”, para participar conosco da próxima reunião e fazer uma apresentação. Ele concordou. A sua apresentação foi muito “legal”. Os Educadores riram muito, participaram, conversaram. A Débora falou um pouco sobre a importância das letras, o que está “por trás” delas... como incluir no contexto das letras a violência, o medo etc.

Para acalmá-los um pouco, apresentei algumas ideias sobre alfabetização, na intenção de que eles pudessem criar as suas próprias ideias. Alguns Educadores também apresentaram ideias excelentes relatando as suas experiências no grupo. Terminamos nos abraçando.

No terceiro encontro levamos as informações sobre a “Campanha de combate ao tráfico dos seres humanos” que está sendo feita em nível nacional. Discutimos que informação também é uma forma de educação. A conscientização através da informação ajuda o aluno a ter uma atitude crítica. Fizemos trabalhos em grupos nesse dia. Entregamos o material de divulgação e perguntamos: “de que maneira poderíamos levar esse assunto para ser discutido nos grupos?” Todos discutiram nos pequenos grupos e, ao final, reunimos em um grande círculo para compartilhar os debates. Uma Educadora confessou ter sido estuprada na infância. Ela disse que nunca havia tocado nesse assunto em público, mas que naquele momento sentiu-se à vontade para falar. Contou como toda essa situação afetou a sua vida! Quando ela terminou, ficou um silêncio total! Eu senti um aperto no peito, a boca seca. Até pensei em dizer alguma coisa que a confortasse, mas, dizer o quê? Como? A Débora levantou-se quebrando aquele silêncio e disse: “Vamos terminar nos abraçando”. E, nos abraçamos, nos confortamos e nos demos força, uns para os outros.

Ninguém quis levar o material da “Campanha contra o tráfico de seres humanos” para trabalhar nos grupos. Disseram que era uma discussão muito difícil, pois envolve sexo e eles não sabiam como abordar o assunto. Aceitamos a decisão.

Na reunião seguinte resolvemos trabalhar em pequenos grupos com o tema: “Quem são os nossos educandos?” e “Quem somos nós, os educadores?”. A Débora e eu fizemos uma pequena homenagem a eles pela comemoração do “Dia dos Professores”. A Débora levou um bolo doce e eu um bolo salgado. O pessoal do Centro Poveda (onde realizamos esses Encontros de Formação Permanente) ofereceu gentilmente, o suco e o vinho. Foi um momento muito especial.

Então, é isso! Trabalhar com Educação Popular é não ter respostas prontas para tudo. É criar e reinventar, como diz o Romualdo, nosso mestre. É amar o próximo! É alegrar o infeliz. É dar esperança aos desiludidos. É acreditar que através da educação, seremos capazes de mudar o Brasil, ou pelo menos, ajudar muita gente desesperançada a crer na vida, a viver com dignidade, ou lutar por isso. É a revolução das letras.

Formadora Gabriela

Campinas, 03 de novembro de 2004.

O nosso aprendizado do respeito às escolhas das educadoras e educadores também é importante. Às vezes achamos que nossas sugestões de trabalho são muito boas, mas ao colocarmos o tema em discussão, outras visões emergem e somos tomadas de assalto por situações difíceis, por isso, o diálogo como via de acesso às construções partilhadas, na nossa opinião, era sempre o caminho a trilhar. Vocês sabem que esse movimento foi difícil, não é mesmo?

Trabalhar no campo da Educação Popular é estar aberta ao risco e isso, na minha opinião, faz toda a diferença. É claro que não estou defendendo o espontaneísmo, mas sim, a possibilidade de traçar planos juntos. No LETRAVIVA nós tínhamos definidas algumas linhas de ação a partir do Curso de Formação Inicial e posteriormente, nos Encontros Semanais de Formação Continuada, o “roteiro” inicial era acrescido, ampliado, em virtude das muitas outras situações e debates dos grupos.

Na Educação Popular o *outro*, o educando e a educanda, os educadores, não são apenas nomes ou números em diários de classe. Não são abstrações, teorizações ou categorias de análise para serem estudadas em trabalhos acadêmicos. São rostos com os quais nós nos encontramos e vivemos os dramas cotidianos, por isso nossos planos de trabalho clamam pela contextualização. Seres em relação são aprendentes e construtores de uma história que fazemos e da qual também somos feita.

A educação popular lida com rostos que tornam o seu rosto, entre tantos outros, popular. Ao escolher ir aos que ficaram à margem, ao convocá-los ao círculo de diálogo e não à monotonia das carteiras em filas silenciosas, o educador desta escolha aprende a viver a sua realidade. Ao dizer aos seus estudantes que digam o que pensam para que daí algo se construa da maneira mais solidária possível, o educador popular aprende a lidar, com o mistério do outro [...] (BRANDÃO, 2002, p. 43).

Paulo Freire afirmava que somos seres inconclusos e produtores dos sentidos para nossos trabalhos e para a nossa história: “fazer a história é estar

presente nela e não simplesmente nela estar representado” (1993, p. 40)¹⁵⁷, pois “é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável nessa reinvenção. Assumirmo-nos como sujeitos e objetos da História nos torna seres da decisão, da ruptura. Seres éticos” (FREIRE, 2006, p. 40).

As vozes dos sujeitos são importantes para compreendermos como produzem os significados acerca do trabalho realizado, por isso a minha decisão por partilhar os registros que vocês criaram.

Estamos vivendo um tempo de muitas mensagens desqualificadoras dos processos sociais em que a criatividade se faz presente. Em nome da “racionalidade econômica” ou do “progresso científico e da nação”, teóricos do neoliberalismo informaram, no final do século passado, que a história havia chegado ao fim. Eduardo Galeano, aquele autor que estudamos um texto no Curso de Formação Inicial, afirmou que esse despropósito não é novidade para nós, povos latinoamericanos, pois há mais de 500 anos os europeus decretaram que “eram delito a memória e a dignidade na América” (GALEANO, 1990, p. 73). Houve uma tentativa de aniquilamento de nossa ancestral história, por isso estamos tendo que escrevê-la a duras penas, em ações diárias de resistência ao apagamento da memória, de luta pela sobrevivência e pelo respeito à nossa dignidade.

Precisamos deixar registrada a nossa experiência. Não podemos relegá-la ao abandono:

O positivismo inaugurou também uma história de fatos progressivos, que apagou a memória social. Impôs o presente como a dimensão do tempo, implantou o futuro como a medida do progresso, recuperou apenas o “instrumental” do passado e ignorou a memória coletiva e a história viva que os povos produzem. Tempo e espaço do poder congelaram esta história. A atemporalidade e a a-historicidade das categorias herdadas desta ciência dão resultados funestos se recordamos suas origens (EZPELETA; ROCKWELL, 1989, p. 18).

¹⁵⁷ Julgo importante reproduzir a nota de rodapé que Paulo Freire registrou em seu texto quando fez essa afirmação: “Saliento, com satisfação, que as expressões *estar presente na História* e nela simplesmente *estar representado*, no sentido usado no texto, escutei de meu amigo Maurício Tragtenberg, num debate de que participei na PUC, em 1981” (FREIRE, 1993, p. 40).

No Brasil de início do século XXI persistem desigualdades sociais gritantes, como se pode observar especialmente nas grandes metrópoles. Bolsões de miséria nos quais seres humanos sobrevivem em condições precárias, ao lado de grandes “*shopping centers*”, templos do consumismo e da alimentação de uma cultura do desperdício e do esbanjamento dos recursos naturais. “Condomínios fechados” com altos muros e cercas elétricas reproduzem guetos da soberba e do desprezo pelos que nada têm, e que estão bem ao lado, com seus casebres apoiados nos muros e nas cercas elétricas.

Nas universidades, realizam-se pesquisas de ponta na genética ou na robótica, produzindo-se um conhecimento científico depuradíssimo, caro e pago pelos pobres que transitam nos domínios das cidades universitárias como párias portadores de uma língua materna estranha e “primitiva”. Nesses *campi* se esbarram cidadãos de classes e direitos distintos. Alguns dos membros mais ilustres da academia têm um olhar naturalizado para os funcionários **analfabetos**. Os que limpam as salas de aulas, que cuidam dos jardins ou erguem os prédios nos quais vão realizar as referidas pesquisas.

Vocês estão lembradas que criamos classe de alfabetização de jovens e adultos dentro da Cidade Universitária da UNICAMP, não é mesmo?

Para a gente tentar desnaturalizar estas situações, acredito que os poetas e músicos nos ajudam muito. A arte tem o poder de penetrar nas entranhas de nosso ser e de mostrar, de um modo singular, o que a violência do cotidiano naturaliza. Chico Buarque¹⁵⁸ cantou em 1984:

A novidade
que tem no Brejo da Cruz
É a criançada
Se alimentar de luz
Alucinados
Meninos ficando azuis
E desencarnando

¹⁵⁸ BUARQUE, C. Brejo da Cruz. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, C. *Chico Buarque*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1984. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 2.

Lá no Brejo da Cruz
 Eletrizados
 Cruzam os céus do Brasil
 Na rodoviária
 Assumem formas mil
 Uns vendem fumo
 Tem uns que viram Jesus
 Muito sanfoneiro
 Cego tocando blues
 Uns têm saudade
 E dançam maracatus
 Uns atiram pedras
 Outros passeiam nus
 Mas há milhões desses seres
 Que se disfarçam tão bem
 Que ninguém pergunta
 De onde essa gente vem
 São jardineiros
 Guardas-noturnos, casais
 São passageiros
 Bombeiros e babás
 Já nem se lembram
 Que existe um Brejo da Cruz
 Que eram crianças
 E que comiam luz
 São faxineiros
 Balançam nas construções
 São bilhereiras
 Baleiros e garçons
 Já nem se lembram
 Que existe um Brejo da Cruz
 Que eram crianças
 E que comiam luz.

A pesquisadora Margareth Brandini Park, do Centro de Memória da UNICAMP, defende que “a escolha pela literatura/música indica a busca de linguagens que podem se somar buscando sentidos amplos, próprios das áreas artísticas. Uma escrita gravitacional” (2001, p. 51). Como superar a compreensão angustiada e gritante dos Titãs? “Miséria é miséria em qualquer canto. Cores. Raças. Castas. Crenças. Riquezas são diferenças”¹⁵⁹... É difícil dizer, cantar, tocar de modo tão intenso como o fazem os artistas. Park continua em sua reflexão: “Sensibilizar tocando na carne, cobrando posturas. Mostrando a dignidade da miséria e a brutal necessidade de sua superação” (2001, p. 52).

¹⁵⁹ ANTUNES, A.; BRITTO, S.; MIKLOS, P. Miséria. Intérpretes: Banda Titãs. In: *TITÃS: Ô Blésq* Blom. Rio de Janeiro: Wea, 1989. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 2.

Os registros que vocês fizeram podem dar a ver essa luta diária pela superação da miséria assim como as maneiras que encontravam para realizar o trabalho nos grupos de alfabetização.

A seguir relaciono mais dois textos de educadoras do LETRAVIVA, produzidos entre 2003 e 2004.

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Campinas, 30 de abril de 2004.

J., 33 anos, analfabeto, quando criança não gostava de estudar e aos 8 anos foi expulso da escola e nunca mais voltou. Quando tinha 12 anos fugiu de casa. Viveu como mendigo por um tempo. Só bebia. Conheceu uma mulher especial que o ajudou. Foram morar juntos. Ele largou o vício, transformou-se em um profissional serralheiro, tiveram um filho, vão à Igreja e vivem bem.

Ele ficou sabendo do Projeto LETRAVIVA durante a mobilização de porta em porta e resolveu entrar. Tem dificuldades, mas com esforço consegue ler algumas coisinhas... “Todas as noites fazemos nossa oração agradecendo a Deus a oportunidade de conhecermos as letras.”

Dia 26 de abril de 2004 (quatro meses no LETRAVIVA). J. tomou uma decisão: entrar no curso de uma autoescola, pois ele dirige sem habilitação e sempre falamos do perigo de um policial prender o seu carro. Nesse dia ele deu o depoimento: “Com fé em Deus e a ajuda do grupo, ele conseguirá realizar um de seus sonhos: dirigir sem medo de uma blitz policial”.

J. é evangélico, mas frequenta a Igreja Católica com a esposa de vez em quando. Ele quer, depois de legalizar a habilitação (pois é o seu “ganha pão”), ler a Palavra de Deus. Ele diz que sente demais não saber ler a Bíblia, mas com certeza irá conseguir, pois tem muita força de vontade.

Ontem, 29 de abril, ele não foi ao grupo de alfabetização, pois sua irmã de 28 anos, que mora em São Paulo, irá fazer uma cirurgia. Ela está com problemas no coração, mas J. teve a preocupação de ir à casa de uma colega avisar o motivo de sua ausência. J. diz que se arrepende de muitas coisas que já fez, menos de ter entrado no LETRAVIVA. No que depender de mim, educadora, vou ajudá-lo no que for possível.

Essa é uma pequena parte da história de mais um brasileiro que se sente excluído por não saber ler e hoje acredita que com força de vontade e fé tudo pode acontecer. Nós sempre repetimos: “Eu faço, eu posso, eu creio em Deus”. Essa frase nos ajuda a enfrentar as dificuldades do dia a dia.

Educadora Lígia

No texto a seguir, a educadora quis fazer uma “Autobiografia”. Achei interessante ela compartilhar este registro conosco, da Coordenação, porque sua participação no LETRAVIVA foi muito significativa. A começar pelo fato de ser uma estrangeira, falante de outra língua. Ela mesma relata suas dificuldades e apreensões. No início, confesso que também fiquei pensativa: como será que ela irá enfrentar tamanho desafio?

AUTOBIOGRAFIA

Meu nome é Sara, nasci no Peru em uma cidade chamada Iquitos, que faz parte da Amazônia Peruana e fronteira com o Brasil. De criança eu já estudava muitas músicas em português e algumas histórias de Monteiro Lobato.

Depois fui para Lima (capital de Peru), a fazer Faculdade; me formei em Psicologia. Meu trabalho sempre foi orientado na Psicologia Clínica Social com Adultos Maiores.

Cheguei ao Brasil em 1992, por motivos profissionais ficando desde o início em Campinas, onde moro há 12 anos. Tenho dois filhos brasileiros.

Fiquei sabendo do Projeto LETRAVIVA pelo Centro Cultural Poveda, motivada pelo desejo de contribuir na diminuição do analfabetismo, “doença” de que padecem muitos países de Latino América. Embora seja falante de espanhol, eu sabia que os desafios iam a ser maiores, como foi na prática, mas também foi de um grão enriquecimento mútuo.

Não posso deixar de falar dos educandos, foram eles que me mostraram sentimentos de acolhida, aceitação e respeito, descobrindo juntamente com eles novos conhecimentos, fazendo uso da criatividade na sala de aula, escutando e percebendo as motivações, respeitando o processo de cada um com afeto e humildade, provocando sempre *em eles* o interesse pelas letras e abrindo espaço para que eles mostrem o que sabem e se sintam pessoas dignas com esperança e fé na VIDA. Eu aprendi muito com eles e só tenho que agradecer e continuar *em aquilo* que eu acredito por convicção A PESSOA.

Agradeço a equipe do Projeto LETRAVIVA, aos educadores do Centro Poveda pela acolhida e abertura e fazer dessa experiência parte da minha vida. Muito obrigada.

Educadora Sara

Campinas, 14 de Agosto de 2004.

Sara participou do LETRAVIVA no grupo que se reunia no Centro Cultural Poveda¹⁶⁰. Nesse espaço o trabalho de alfabetização era feito em equipe. Uma equipe composta por profissionais ligadas ao próprio Centro, sendo que algumas participavam também do LETRAVIVA (como a Lídia, a Débora). Assim, acredito que essa situação diferenciada também favoreceu o desenvolvimento do trabalho pedagógico de Sara, porque não ficou sozinha no grupo, pode dialogar o tempo todo com uma parceira e aprender com os educandos, conforme ela mesma ressaltou.

¹⁶⁰ O Centro Cultural Poveda é uma organização cultural ligada à Instituição Teresiana, de confissão católica. Tem como eixo fundamental favorecer a interação fé-culturas-justiça, conforme explicitado em seu material de divulgação. Localizado à Rua Dr. Quirino, 1733, centro de Campinas.

Outra pessoa muito criativa, cheia de energia e alegria era a Adonária. Nós a conhecemos no início da mobilização para criar o LETRAVIVA. Ela veio para fazer parte da Equipe de Apoio e se envolveu completamente com o Projeto. Não sei se vocês já tiveram a oportunidade de ler estes textos escritos por ela. Vejam:

AS EXPERIÊNCIAS SÃO MOMENTOS DE VIVÊNCIAS QUE IMPREGNAM NOSSA PELE E NOS TORNAM SENSÍVEIS:

Todas as sextas-feiras reúno-me com as educadoras da Região Ouro Verde para estudar, aprofundar e partilhar o trabalho desenvolvido com os educandos. Compartilhar o que cada uma faz. São momentos riquíssimos de aprendizado. Verdadeiras oficinas pedagógicas, humanas, de escuta, de fala e escrita.

A partilha acontece naturalmente. As conversas espontâneas geram os temas de reflexão. Percebo como a fala de cada uma é bem vinda e aproveitada em cada detalhe. Já fizemos várias vivências: Dobraduras acompanhadas de textos, de acordo com a figura escolhida; desenho de uma pessoa, o que nos levou a fazermos a reflexão sobre o nosso corpo e as marcas que carregamos.

Quando alguém partilha as atividades feitas com os educandos, logo as demais buscam alargar suas atividades, e na sexta-feira seguinte conta: “Fiz a atividade que você partilhou conosco. Foi o maior barato”. Exemplo: “A sopa do neném”; o desenho do corpo. Uma educanda deitou-se no chão e todas as outras desenharam (contornaram) o seu corpo. Depois pintaram, escreveram as partes do corpo, deram um nome para o desenho, fizeram eleição e escolheram o nome de Hortência. Pintaram a boca com batom e, ao final, terminaram pintando-se também. Fizeram a maior festa com a Hortência. É muito bonito ver o trabalho criado por cada uma, as atividades desenvolvidas... Os laços criados entre educadora e educando, a amizade entre educando com educando.

Hoje muitos já conseguem fazer coisas que jamais imaginavam que conseguiriam fazer; como por exemplo: tomar ônibus sozinho, assinar o nome, identificar preços etc. Também fazem festinhas entre eles.

Todos estes momentos são compartilhados com muita intensidade nos encontros das sextas-feiras. Todas sentem a energia transmitida e recebida. Como falou uma educadora: “esses encontros são como um poço cheio de água saborosa que nunca se acaba”!

E é mesmo! Cada sexta-feira temos experiências diferentes. Cartas de Amor que a educadora ajuda casais escreverem um para outro. Educanda contadora de história e tocador de violão... Estes são saberes vivenciados, experienciados e compartilhados com todas.

Eu fico emocionada quando cada educadora partilha suas vivências. Sinto nascer das minhas entranhas uma alegria muito forte a cada dinâmica feita no grupo, os laços afetivos que vamos criando umas com as outras. Isto é vida, saber, criação. É arte de educar. Educar com o corpo, a pele e o coração. Transmitir saber é saber fazer o saber acontecer na vida de cada pessoa tornando-a criadora e criativa, sendo responsável pela vida.

Formadora Adonária

Campinas, Outubro de 2004.

Não sei qual educadora proferiu esta frase reproduzida por Adonária em seu texto: “Esses encontros são como um poço cheio de água saborosa que nunca se acaba”. Mas, também não tem importância, porque afinal este é o sentimento que pudemos cultivar, presenteando-nos mutuamente. “Isto é vida, saber, criação. É arte de educar. Educar com o corpo, a pele e o coração”.

E Adonária escreveu mais. Vejam este outro registro:

A VIDA EDUCA / EDUCAÇÃO É VIDA

Quando penso em educação logo imagino uma escola, professora, alunos, normas estabelecidas pela direção da escola. Pensando assim a educação fica longe, distante. “Estudar é para quem pode”, dizia minha mãe.

Quando eu era pequena tinha muita vontade de ser freira. Minha mãe achava um absurdo; não queria alimentar em mim aquele sonho. Um dia disse: “Ei minha ‘fia’, para ser freira tem que estudar muito, se formar. Isso não é pra você que é filha de pobre. Quando que o seu pai vai poder botar você para estudar?” Cada vez que minha mãe falava dessa forma, eu, com minha imaginação e inocência de criança, pensava: “um dia eu vou estudar”.

Minhas brincadeiras, na maioria das vezes, eram representações de brincar de estudar. Estudei até aos 16 anos a 2ª série por não ter professora para ensinar a 3ª série. Sou uma testemunha de que a educação no Brasil, enquanto letramento, nunca foi prioridade, principalmente para o povo da roça.

Aos 17 anos fui para a cidade. Meu desejo era estudar, me formar e voltar para o sítio. Ser professora para não acontecer de uma criança ficar 10 anos na mesma série, igual eu fiquei. Trabalhei muito como empregada doméstica. Não precisei fazer a 3ª e 4ª, pois consegui uma transferência direto para a 5ª. Terminando a 8ª série fui morar com as irmãs Vedruna. Lá terminei o 2º grau. Para surpresa da minha mãe, cheguei a ser freira. Um dia ela disse que quando a pessoa quer, nada é impossível.

Para mim, ser educadora é primeiramente ser e se sentir pessoa capaz de vencer os desafios que a vida nos traz. É estar aberta às novidades e surpresas, sem nunca perder a alegria e o gosto de viver. Fazer de cada momento um motivo para aprender das mais diversas maneiras.

Uma vez fui passar o final de ano na casa da minha família. Comecei a reclamar do tanto de louças e panelas que se sujavam durante o dia. Minha mãe disse: “Muita panela suja é sinal de variedades de comidas, antigamente era apenas uma, no máximo três. Hoje, graças a Deus temos fartura”. Aprendi que ter muitas panelas no fogo é

muito bom. Quando será que todas as pessoas vão ter seus fogões repletos de panelas exalando cheiros e sabores deliciosos?

Para mim, ser educadora é se preocupar com a outra pessoa, criar laços de relações, estabelecer vínculos. Morei seis meses no MT. Lá dei aula numa escola que tinha crianças e adolescentes indígenas. O pouco tempo que tive com eles foi importante para sentir o quanto a escola está distante da cultura indígena. Quando me despedi deles, um jovem exclamou: “Não vai, não. A senhora é tão legal!” Hoje me pergunto o que fiz de bom para aquele jovem dizer que eu era boa. Será que era a forma de olhar para eles e, na hora da merenda sentar na mesa com eles? Acho que sim. Essas coisas não eram a prática de outras professoras. Hoje fico inquieta por não ter feito algo mais. Ah! Se eu pudesse voltar no tempo, faria muito mais coisa. Ser educadora é nunca se conformar com o estabelecido, mas buscar estar mais atenta aos detalhes; envolver-se de corpo e pensamento naquilo que é fundamental: a vida.

O ensino de jovens e adultos na perspectiva da Educação Popular é ajudar a perceber a vida no seu dia a dia. O belo da vida, mesmo que haja tragédia. É quebrar com as barreiras do individualismo, do medo e do preconceito.

Formadora Adonária

Campinas, 25 de Outubro de 2004.

Estes textos me fazem, cada vez mais, concordar com Paulo Freire (2003, p. 79): “*Mudar é difícil, mas é possível*” porque “o educador é o sujeito de sua prática, cumprindo a ele criá-la e recriá-la” (p.80). E “a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje” (p. 143).

Quando iniciei meus estudos no Mestrado convidei-as para me acompanharem no trabalho e, além dos textos que já tinha em mãos, perguntei se poderiam escrever uma narrativa autobiográfica que abordasse o trabalho no LETRAVIVA. Fiz isso motivada pelo desejo de acrescentar outra visão sobre o

trabalho. Um olhar retrospectivo. Algumas de vocês aceitaram o desafio e produziram as narrativas que apresento a seguir. Acho que este é um modo de explicitarmos a nós mesmas como percebemos a nossa transformação ao longo de nossa vida.

Guilherme Prado e Rosaura Soligo, em um texto recente, retomam Clarice Lispector para defender a necessidade do registro escrito: “É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia” e continuam “por isso que nós, educadores, precisamos escrever. Para tomar consciência do quanto sabemos e nem sabemos que sabemos. E do quanto ainda não sabemos, mas podemos com certeza aprender” (PRADO, SOLIGO, 2005, p.61).

No “Almanaque do Aluá”, número 2¹⁶¹, são apresentados pequenos depoimentos de educadoras sobre o registro e socialização de suas experiências. Um em especial destaque aqui. É da autoria de Maria do Socorro Calhau e Maria Luiza Benício: “Quando uma experiência é registrada e, sobretudo, socializada, além da reflexão, cria laços que vão da simples troca à cumplicidade” (Almanaque do Aluá, 2006, p. 65).

Acredito que a disponibilização, no circuito acadêmico, destes escritos, pode vir a favorecer uma olhada mais atenciosa sobre os processos vividos e os conhecimentos recriados.

Em primeiro lugar, apresento a cartinha que enviei pelo correio para vocês, e depois algumas das respostas.

¹⁶¹ O Almanaque do Aluá é uma publicação da SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade) em parceria com o SAPÉ (Serviços de Apoio à Pesquisa em Educação). Segundo informação constante na “orelha” da própria publicação, o Almanaque faz parte de “uma política que incentiva a elaboração de material especificamente para os milhões de jovens e adultos que estão iniciando essa grande aventura da leitura”.



Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

PROPOSTA DE ESCRITA

Sobre a experiência de vida, de formação e do trabalho desenvolvido no Projeto LETRAVIVA.

Campinas, 25 de Novembro de 2007.
Queridas amigas educadoras,

Sinto uma alegria enorme por voltar a me comunicar com vocês com mais frequência. Nossos laços de amizade e carinho ultrapassaram em muito o relacionamento profissional e, também por esse motivo, sinto-me 'autorizada' a solicitar a colaboração de vocês no desenvolvimento de minha pesquisa educacional.

Tal como comentei em contato telefônico, estou realizando uma pesquisa que busca registrar a experiência vivida no Projeto LETRAVIVA e, ao mesmo tempo, contribuir com o debate sobre as possibilidades de ressignificação da vida a partir da educação popular no contexto atual da Educação de Jovens e Adultos. Assim, além dos textos e depoimentos que vocês já produziram durante a vigência do LETRAVIVA, os quais compartilhamos com os educadores e educadoras nos Encontros de Formação, gostaria de propor a vocês que elaborassem um registro pessoal, sobre a repercussão desse trabalho na vida de vocês, educadoras.

A minha sugestão é que criem uma narrativa autobiográfica e nela seja incluída a temática da formação anterior à chegada ao Projeto LETRAVIVA, como também o relato da experiência nos grupos de alfabetização, tendo em vista a formação inicial, através do Curso de Formação Inicial e depois a formação continuada que realizávamos nos encontros às Sextas-Feiras.

Agradeço antecipadamente a atenção e a generosidade com que receberam a minha proposta quando ainda conversávamos por telefone. Desejo reafirmar que a participação de vocês é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

A identidade de cada uma será preservada. Não serão divulgados os dados pessoais e nem qualquer outra informação que possa identificar os grupos. Todos os registros serão utilizados com pseudônimos.

Quero dizer que vocês são muito importantes para a história da educação de Campinas e de nosso país. Obrigada pela participação, porque ela faz toda a diferença!

Um abraço fraterno,

Aninha

Campinas, 17 de Março de 2008.

Uma vez durante a noite, acordei e escutei meu pai e minha mãe conversando. A conversa dos dois se referia aos filhos que tinham maior ou menor disposição para o trabalho na roça, claro que eu pertencia com maior evidência àqueles que o trabalho da roça não era o mais forte, minhas irmãs sempre foram mais afoitas, eu mais retraída. Meu pai falava que eu não pagava, com o trabalho da roça, o que comia. Desde pequena gostava de ler, achava o máximo os recortes dos jornais que vinham nas compras, normalmente embrulhando a barra de sabão, e quando aparecia uma revista velha, guardava tudo, primeiro por achar bonito o colorido, depois as letras. Na minha casa tinha poucos livros. Alguns de história, português, geografia. Minha irmã estudava e trazia os livros.

Meu primeiro livro que ganhei foi em 1986 tinha 15 anos de idade, um primo mandou de São Paulo, por minha mãe, um livro encantador. Adorei ler, li várias vezes: Pequeno Príncipe. E meu irmão ganhou um sobre São Francisco. Claro que li também.

No Sítio tinha só uma Escola, a professora, Francisquinha de Mariano Zeca, mãe de muitos filhos, era contratada para dar as aulas. Havia alunos de todas as idades, uns mais avançados e outros com inúmeras dificuldades de aprendizado. Eu, de acordo com a Professora, não tinha idade suficiente para frequentar a escola, mas abriu uma exceção.

Andávamos todos os dias 8 quilômetros. Havia dia que íamos de jegues. Precisávamos deixá-los na roça, que era caminho da escola. Adorava quando isso acontecia. Adorava ir para escola, mas me cansava muito. Fizemos isso de 77 até 81. Lá aprendi o alfabeto, a contar os números de 1 a 100. Minha maior alegria foi quando a professora pediu que meu pai comprasse a “Carta de ABC” para mim. Eu ia ter a minha própria carta, até no momento ficava “mendigando” dos meus irmãos, era muito chato. Pai não comprava porque eu era só ouvinte. Essa foi minha segunda vitória dentro do processo de aprendizado. A primeira foi a professora me aceitar como ouvinte e a segunda ter minha própria cartilha. Quando a prefeitura mandava livros, nossa, era como se Deus tivesse descido do Céu, e quando dava para cada aluno um, a alegria era maior ainda. Não via a hora de chegar em casa para folhear, rapidinho lia todo. A Professora tomava a lição do aluno, todo dia fazia isso, era uma lição para cada dia.

Lembro da bronca que recebi dela, por eu querer a cada momento ir lá para que ela tomasse minha lição. Em casa sentava no batente da porta da cozinha e enquanto mãe fazia a janta eu lia em voz alta para ela ouvir. Às vezes ela não dava muita bola. Adorava ir para casa do vô materno (Padim Elia) ele gostava de escutar eu lendo e ainda me fazia elogios, dizia que eu lia como se estivesse falando.

Em 82 minha irmã começou a ensinar, tinha chegado à quarta serie. Estudou com professora formada, portanto era considerada pela redondeza, sabida. Dava aula durante o dia para as crianças e à noite para os adultos (MOBRAL). De dia eu estudava e à noite era a professorinha, assim que alguns alunos me chamavam. Ensinava as letras, soletrar palavras, era muito legal.

Obs: Tanto a Francisquinha como minha irmã davam aulas em casa. A escola era ligada ao ambiente familiar. Nesse período, década de 80, as Comunidades Eclesiais de Base estavam no auge. Vinha ajuda de muitos lugares. O povo se organizava para rezar, fazer mutirão na roça uns dos outros. Ô tempo bonito! Minha caminhada de comunidade começou nesse período. Aí a comunidade sentiu necessidade de ter um espaço para celebrar, foi construído, em mutirão, um grupo. O local era muito longe da minha casa, dava uns 4 quilômetros. Lá acontecia tudo. Escola para crianças durante o dia, e os adultos à noite. Reuniões, celebrações, catequese. Os jovens fizeram um campo de futebol. O domingo era um divertimento só.

Fiquei de 82 a 85 na primeira e segunda série. Em 86 fui morar em um outro município, com o meu avô paterno (padim Beija). Meu avô era cego e bebia muito. A mulher dele era muito ranzinza. Lembro perfeitamente a data, 3/2/1986, dia de São Brás, protetor da garganta. Tempo chuvoso, meu pai e eu viajamos 5 horas, montados na burra, herança do meu avô materno. Chegamos na casa do meu avô, pequeno vilarejo chamado Barra de São Pedro. Almoçamos e fomos à casa da professora.

Meu pai me apresentou, me recomendou à professora, e voltou embora no mesmo dia. Juro que me deu um aperto no peito de saudade da minha casa.,. mas a emoção de estudar em uma escola grande, no momento, era maior. Nessa época tinha 14 anos.

No outro dia meu avô me acordou bem cedo para tomar café, comer queijo assado na brasa com café. Muito chique. Na minha casa não tinha essas coisas.

Não conhecia ninguém a não ser a professora que tive contato no dia anterior. Logo fiz amizade, a professora me colocou na primeira série para ver meu desenvolvimento. Fiquei só dois dias, passei para o 2º período da tarde. Fiquei uns 15 dias e ela me encaminhou para a terceira e a quarta. Era tipo um supletivo, os alunos todos adultos. O horário das 17 às 20. Saía correndo de uma escola para a outra, meu avô começou a implicar, pois chegava em casa de noite.

Fiquei nessa vida de estudante apenas 2 meses. Não aguentei as saudades da minha família. Meus professores ficaram tristes com a minha decisão de sair, mas concordaram que morar com aqueles dois velhos não era nada fácil.

Fui embora sem consultar meus pais. Em uma sexta-feira, Mariano Zeca passou pelo vilarejo com seu carro de feira e eu me mandei. Cheguei em casa já estava escurecendo. Meu pai estava com dor de coluna e diz ele que sarou só de alegria, pois todos estavam com saudades.

Voltei a frequentar a escola da minha irmã, novamente na segunda série. Em novembro do mesmo ano fui morar na Cidade de Ouricuri, em casa de família. A intenção era de estudar no ano seguinte. Fiquei com esta família de novembro de 86 a janeiro de 87. Voltei mais uma vez para casa, morrendo de saudade.

Final de 87 fui incentivada a pegar uma turma de crianças para ensinar. Ao me apresentar para a secretária da educação com a lista dos nomes das crianças, ela me olhou de cima em baixo, e disse: Adonária, você poderia estudar, se formar, aí, sim, você poderia voltar para o sítio e ensinar.

Saí de lá pensativa. Na casa que minha amiga trabalhava precisava de uma pessoa para ajudar cuidar das crianças. Minha irmã conhecia a mulher, pois era professora. Minha irmã me deu muito incentivo.

Sáimos da secretaria da Educação e fomos direto para a casa dessa mulher, Gorethe e seu esposo Elias. Tinham três filhos: Eliana de 6 anos, Eliaquim de 3 e Elievertom, de 2 meses. Conversamos com ela. Minha colega adorou a ideia de morarmos juntas. Ficou acertado que eu iria final de novembro. Ainda faltava falar com meus pais.

Os dois concordaram, com uma ressalva: essa seria a última vez que eu sairia de casa para estudar, não poderia mais voltar, se voltasse, sem chance de sair novamente.

Dona Gorethe e minha irmã forjaram uma transferência, direto para a quinta série, ou seja, no meu currículo escolar conta que fiz a a 3 e 4, mas na realidade a 3 não terminei e a 4º nunca fiz.

Morei com essa família 2 anos. Na cidade de Ouricuri concluí o ensino fundamental, naquela época se chamava ginásio. Em Ouricuri, morei também com minha prima.

Saí da casa de Dona Gorethe porque não gostei de Petrolina, ela se mudou para lá, eu fui, mas só fiquei 3 meses. Nessa época estava fazendo a 6ª série. Ao retornar para Ouricuri fui morar com minha prima. Foi muito bom, nos dávamos muito. Tinha 4 filhos todos pequenos. Morei com ela mais de um ano. Saí da casa dela porque nos dias de sábado precisava sair para os encontros vocacionais.

Nesse período comecei a participar da comunidade, do grupo de jovens, coisa que quando morava com dona Gorete tinha deixado de participar por falta de tempo. Só que na minha prima tinha um pequeno problema: justo dia de sábado ela precisava mais de mim para ficar com as crianças. Ela trabalhava o sábado todo, e era justo os sábados que eu precisava sair. Como fomos sempre combinadas, arrumamos uma outra prima dela que precisava estudar (caso parecido com o meu). Só saí da sua casa quando a menina chegou.

Fui morar com dona Maria Natal, já estava tudo combinado. Dona Natal era a coordenadora da pastoral vocacional, participante das atividades da comunidade, e tinha muito contato com as irmãs. E a proposta de eu ir para sua casa foi justamente de poder participar mais ativamente da comunidade, fazer retiro, passar final de semana na casa das irmãs. O que me motivou a ser freira – o desejo muito grande de servir.

Pensava que sendo freira jamais iria ter obstáculo para me dedicar a tudo que dentro da minha concepção é viável para construção do reino de Deus. O meu contato com as Irmãs tenho desde meus 7 anos de idade. Irmã Idalina e Irmã Socorro, tenho uma paixão por elas, até hoje as outras irmãs dizem que sou filha das duas. As duas tinham um trabalho muito bonito nas comunidades do sertão. Não havia tempo ruim. Andavam quilômetros

para se encontrar com o povo. Se reuniam debaixo das árvores, nas casas e ali aconteciam os encontros regados de afetividade, atenção e troca de experiência. Nunca vi dizendo que sabiam. Sempre elas partiam da vida dos trabalhadores. As histórias de cada trabalhador elas escutavam como se fosse a única. Isso me cativava cada vez mais para ser freira, e dizia abertamente: Quero ser como a Soco e a Lina.

Fiquei um ano e 4 meses com dona Maria Natal, ela me deu todo apoio. Eu retribuía com o serviço doméstico, limpava e fazia comida durante a semana. Final de semana era ela. Foi um período muito bom. Tive oportunidade de ter outras vivências. Comecei a dar catequese, coordenar grupo de jovens, me envolvi na liturgia. E passei a representar a PJ (Pastoral da Juventude) na Diocese. Podia ir a festa e viajar.

No dia 9 de fevereiro de 1992 fui morar com as irmãs em Salgueiro. Nessa época éramos em 9 jovens, 3 logo se mudaram para BH. Nesse período que fiquei em Salgueiro, trabalhei com os guardinhas, adolescentes que vinham de família desajustada (trabalho remunerado). Fazia a parte da secretaria. Na Pastoral trabalhando com crismandos, jovens que se preparavam para receber a Crisma, fiz uma experiência linda com 12 jovens, onde eles eram os responsáveis pela formação. Todos esses jovens assumiram trabalho na comunidade. O dia que eu não podia me reunir com eles, o encontro acontecia do mesmo jeito. Cada encontro ficavam dois responsáveis para preparar.

Trabalhei também com os jovens da zona rural. Passava finais de semana no Sítio fazendo encontro com esses jovens. Em Salgueiro morei um ano e meio. Em 15/06/2003 me mudei para BH, para continuar a segunda etapa de formação para a vida religiosa. Em Salgueiro foi um período de Experiência.

Voltando aos estudos escolares: o 2º grau fiz. Já estava morando com as irmãs, 1 ano e meio em Salgueiro - 92 a junho de 93, e 1 ano e meio em Belo Horizonte – julho de 93 a 94. De 95 a 97 fui obrigada a interromper por decisão das irmãs, pois as outras jovens tinham dificuldade de conciliar os estudos da escola e os da formação para a vida religiosa. Até hoje não consegui perdoar essa decisão.

Cheguei à Campinas em outubro de 97. Concluí, em 98 no Colégio Evolução, o 2º grau. De 99 à 2001, fiz Ciências Religiosas, na PUCC. O dia que fui fazer o vestibular

para o curso, me emocionei. Pensei: Será que sou eu mesma, vou estudar em uma universidade?

Aquela ideia de estudar, se formar e voltar ao Sítio para dar aulas tinha tomado outro rumo. Garanto que a essência continuava viva.

Essa foi um pouco da minha trajetória para conseguir estudar. Não foi fácil. Quando eu via um jovem que morava com os pais, tinha todas as chances para estudar e não estudava, isso me dava uma revolta. Se ele soubesse a dureza que passo para estudar! Engoli sapos e outros mais, muitas vezes humilhada, trabalhava muito, sem ganhar nada. Só queria um tempo, livros, cadernos e lápis. Hoje percebo o quanto fui explorada.

Sempre tive uma concepção: conhecimento é para ser passado adiante, seja em sala de aula ou de outras formas. Me identifico com a educação popular. Me identifico com inúmeras pessoas que não tiveram, e se tiveram foi com muita dificuldade, chance de estudar, por isso abracei o projeto LETRAVIVA em 2003. Corre em meu sangue as alegrias por cada vitória e as tristezas por sofrer tanto para adquirir um direito meu, garantido na Constituição. A minha luta não terminou: quando vou fazer o curso universitário que tenho vontade?

No LETRAVIVA acompanhava as educadoras. Foi bem legal o processo que desenvolvemos. Coletivamente fomos descobrindo a melhor forma de trabalhar com os educandos, todos carregados de histórias, dificuldades e saberes. E as educadoras, as histórias de muitas não eram diferentes da minha. Criamos laços afetivos e de confiança. O que ajudou nesse processo todo foram as rodas de conversa informal. Cada uma chegava contando suas histórias. Era lindo! Mexia com o coração. Tínhamos momentos de estudo, que desembocavam nos fatos da vida.

Os encontros eram desenvolvidos de forma criativa. Cada encontro era coordenado por uma educadora e já decidíamos o que iríamos fazer no próximo e quem coordenaria. Relembro um encontro que aprofundamos sobre o corpo, uma educadora deitou sobre um papel e as demais, desenhamos o seu corpo. Após o desenho, fomos descrevendo quem é essa mulher, o que passa pela cabeça, coração, pernas, corpo como um todo. A surpresa foi perceber que aquela mulher desenhada era cada uma de nós. As educadoras levaram essa atividade para os educandos. Foram feitas muitas descobertas,

tanto na escrita como na criação de texto, e deixar sair as emoções e os problemas que estavam entalados.

Fazíamos muita atividade de criação de texto. Normalmente criávamos texto através de um tema escolhido na hora pelas educadoras. Temas esses que refletiam as dificuldades e avanços com os educandos e a própria história de vida das educadoras.

Os encontros com as outras articuladoras e a equipe de Coordenação eram todos muito ricos. As atividades sempre desenvolvidas com dinâmicas, criatividade. Estudávamos pra caramba. Nada era pronto de cima para baixo, tudo era construído, decidido junto. Oh, tempo bom.

Fui reafirmando com essa experiência que quando um grupo resolve contar com a sabedoria de todos o aprendizado é bem mais rápido, rico e humano. Não existe “eu te dou a receita”, mas vamos descobrir e saborear juntas.

A cada dia me convenço que se a educação não levar em conta a história de vida do aluno, ela está destruindo vida em vez de construir. Vejo com tristeza o número de analfabetos de letras que temos no Brasil. Minha mãe, tias e tios não sabem ler em escrever. Precisa de projeto que contemple essas pessoas.

Formadora Adonária

Através dos relatos de vida como este, da abordagem experiencial, a pessoa produz uma reflexão compreensiva de si (JOSSO, 2006, p. 8). Esta pesquisadora afirma

Não é inútil repetir aqui que o trabalho biográfico não é um remoer do passado, mas uma reconfiguração do presente e do futuro graças a esse olhar retrospectivo de um lado e, de outro lado, ao fato de que cada evento ou contexto singular remete imediatamente para referenciais coletivos, quer se seja consciente disso ou não (JOSSO, 2006, p. 11).

A ação de registrarmos as experiências desenvolvidas por vocês, educadoras, é das mais importantes para o reconhecimento do trabalho significativo realizado.

Assim, recordar pode ser compreendido como vitalizar, oxigenar, reavivar as memórias guardadas. É a 'arte' de por em movimento as ideias, impressões e conhecimentos disponíveis [...] No ato de anotar as coisas lembradas ou de registrar partes essenciais de uma questão, usamos a escrita, a linguagem escrita. Ao narrar as coisas lembradas, os acontecimentos passados assumem vários matizes e nos dobramos sobre a própria vida. Ao recordar, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cercam. Vamos nos inscrevendo numa história que não está mais distante e, sim, impregnada das memórias que nos tomam e da qual muitos outros fazem parte (PRADO; SOLIGO, 2005, p. 55 e 56).

Vários estudiosos do campo da educação têm defendido a investigação narrativa porque a partir dela podemos compreender a maneira como os seres humanos experimentam o mundo, de acordo com Connelly y Clandinin:

[...] la investigación narrativa se utiliza cada vez más en estudios sobre la experiencia educativa. Tiene una larga historia intelectual tanto dentro como fuera de la educación. La razón principal para el uso de la narrativa en la investigación educativa es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismos que, individual y socialmente, vivimos vidas relatadas. El estudio de la narrativa, por lo tanto, es el estudio de la forma en que los seres humanos experimentamos o mundo. De esta idea general se deriva la tesis de que la educación es la construcción y la reconstrucción de historias personales y sociales; tanto los profesores como los alumnos son contadores de historias y también personajes en las historias de los demás y en las suyas propias [...] (1995, p. 11 – 12).

Vejam a narrativa que Sílvia escreveu, depois de aceitar o meu convite. Ela se mudou de Campinas e demorei um pouquinho para achá-la. Desde Agosto de 2007 tentava falar com ela e, consegui no dia 05 de Outubro de 2007. Liguei

na Casa das Irmãs Vedruna e me informaram que ela havia mudado para Custódia, em Pernambuco. Para Custódia liguei algumas vezes, até conseguir encontrá-la. Os seus horários são difíceis porque está fazendo um Curso Técnico de Enfermagem. No dia que conversamos fiquei muito feliz. Ela mostrou-se contente com o meu contato e alegre por ter sido lembrada para participar da pesquisa. Contou-me que além do Curso de Enfermagem iria Coordenar um Projeto de Alfabetização na cidade de Custódia.

Vejam a narrativa que me enviou no dia 03 de Fevereiro de 2008:

EXPERIÊNCIA DE VIDA, DE FORMAÇÃO E DO TRABALHO NO PROJETO LETRAVIVA.

Meu nome é Sílvia, natural de uma pequena cidade do interior de Mato Grosso, Reserva do Cabaçal. Sou a 2ª filha de uma família de três irmãos e duas irmãs, sendo uma “in memorian”. Sou de família simples e lutadora. Com 16 dezesesseis anos deixei minha família em busca de realizar minha vocação, meu estado de vida. Fui morar numa Congregação Religiosa em São José dos Quatro Marcos – MT; depois fui para Cuiabá, capital do Estado onde dei continuidade aos estudos cursando o 1º ano do segundo grau. Logo depois fui para POCONÉ-MT, estudei o 2º ano, ambos em escola particular. No ano seguinte voltei para São José dos Quatro Marcos e terminei o 3º ano. Dando continuidade à minha formação voltei novamente para Cuiabá onde morei por dois anos, regressando definitivamente para São José dos Quatro Marcos-MT, para junto da minha família novamente.

Depois de tudo isso convivi com minha família por três anos e resolvi novamente deixá-la, desta vez para mais distante – Belo Horizonte - MG. Chegando lá recebi as orientações para a minha formação religiosa. Morei em Belo Horizonte quatro anos. Terminada minha formação, fui transferida para Campinas-SP. Chegando a Campinas, a luta pela conquista do Projeto LETRAVIVA estava em andamento. Até então, eu apenas ouvia falar do Projeto, pois convivia com uma pessoa que estava participando

como educadora. Somente em 2003 foi que passei a conhecer o projeto participando dos encontros de formação oferecidos pela Equipe Central. Aos poucos formei o meu grupo e fui adentrando-me cada vez mais no Projeto, participei de todas as formações oferecidas inclusive de um curso orientado pelo Professor Romualdo, da Faculdade de Rio Claro, foi um tempo muito bom. As formações eram verdadeiros encontros, além dos conteúdos trazidos pelos orientadores havia muita troca de experiência. O LETRAVIVA foi um Projeto que tinha como objetivo levar o Educador a valorizar cada momento da vida do Educando(a), foi o que aprendemos, e eu, particularmente pratiquei com o meu grupo.

Os encontros foram de grande valia, digo “encontros”, porque não eram cursos formais, como disse acima, havia troca de experiência. Tudo era conduzido de uma certa forma que possibilitava a todos(as) participarem.

Para mim foi uma graça trabalhar partilhando com um grupo de mulheres de várias etapas da vida, desde 22 até 72 anos. Foi uma riqueza muito grande, pois pude conviver quatro dias por semana e na sexta-feira participar da Formação Continuada com a coordenadora de turmas, o que era também, por sinal, muito rico.

No início do grupo, algumas alfabetizadas tinham muito medo, tudo era estranho, tudo era novo. A ansiedade era por aprender a ler e escrever. A conquista por ambas as partes foi acontecendo aos poucos, passo a passo, sem ferir e tirar a liberdade de cada pessoa.

Nossos encontros aconteciam de maneira dinâmica, havia momento para várias atividades: Brincadeiras e jogos, lanches, momento de contar histórias, momento de contar experiências... Não tínhamos material didático, nosso material era tudo que ia surgindo no dia a dia do grupo, isso era muito interessante. Trabalhávamos muito a questão do valorizar-se a si mesmas, e ainda, que eram capazes de realizar muita coisa, isso dava muita segurança a todas elas. Era muito emocionante ouvir que depois da participação no LETRAVIVA algumas já tomavam ônibus sozinhas, não colocavam mais a sua digital e sim assinavam seu próprio nome, lutavam pelos seus direitos, enfim, o trabalho que desenvolvíamos possibilitava a cada uma a ir criando em si mesmas a coragem de se expressar, e, conseqüentemente isso se refletia na família, na sociedade... no ambiente em que viviam.

O contato com a leitura e escrita acontecia à medida que iam partilhando suas experiências e também dos livros que continham imagem e pequenos textos que as mesmas levavam para casa. Depois contar para o grupo no dia seguinte, era bonito de se ver o esforço e a vontade de aprender a ler e escrever que elas traziam consigo. Todas participavam com alegria, independentemente das dificuldades e limitações de cada uma.

Bom, para as alfabetizadas com as quais trabalhei, ou melhor, trabalhamos mutuamente, foi um tempo de grande valia e aprendizado recíproco. No LETRAVIVA não se ensinava, apenas, se trocava experiências, e as mesmas tornavam-se conteúdo para leitura e escrita. Foi um tempo bastante rico, tenho dentro de mim um novo método, um novo conceito de como “ensinar”, segundo Paulo Freire – conhecer e trocar experiências com o grupo. Eu não ensino. O grupo tem muito a contribuir. Aprendi a respeitar a história de cada pessoa, pois é sagrada. Fui apenas instrumento de transformação do oral para o escrito, elo de ligação entre o grupo, sinal de unidade na diversidade.

Educadora Sílvia

03 de Fevereiro de 2008.

Sabem, uma das perguntas que me foram feitas, várias vezes, dizia respeito ao porquê eu havia convidado a vocês, que estão colaborando comigo nesta pesquisa, e não a outras educadoras. E respondi às pessoas, porém aqui, nestas cartinhas, acho que ainda não havia comentado.

É porque vocês fizeram um trabalho tão rico e demonstravam tanta alegria em compartilhar conosco, da Coordenação, que era quase impossível não querer retomar estes contatos. A gente olhava o material que vocês traziam, feitos pelos seus educandos e educandas, e ficava impressionada!

Não sei se ainda estão guardados na Coordenação do Projeto LETRAVIVA os trabalhos dos educandos. Quando nós nos desligamos da Coordenação, em 31 de Dezembro de 2004, deixamos arquivadas as produções, conforme o MEC exigia. Vocês devem estar lembradas que precisávamos arquivar uma produção mensal de cada educando, educanda. E nós organizamos

estes documentos em pastas, de acordo com as datas e as turmas de cada educador, educadora. Não tive oportunidade de voltar a pesquisar este material porque o tempo do Mestrado é muito reduzido, porém, No “Baú de Achados e Guardados” que tenho comigo, estão alguns dos textos de educandos que foram produzidos e entregues para nós, da Coordenação, naquela época. São textos que foram elaborados, além daqueles exigidos pelo MEC e foram entregues especialmente para mim e para a Dulce.

Nós sabemos das dificuldades existentes no processo de alfabetização então, o modo como vocês desenvolviam o trabalho me parece que sugere pistas importantes para melhorarmos nossas práticas. Por exemplo, vocês podem estar se perguntando por que fui procurar a Sílvia, que está morando tão longe... E respondo: a Sílvia fazia um trabalho com jogos com a sua turma e por meio de sua narrativa podemos perceber que alcançou o resultado desejado!

Para falar bem a verdade, sinto muita dificuldade para escolher um ou outro registro ou foto dos trabalhos desenvolvidos por vocês, porque a quantidade é enorme. Foram muitos trabalhos significativos e sou limitada, meu tempo é limitado e preciso fazer escolhas... Isso dói! No dia do meu Exame de Qualificação comentei sobre esta situação. É difícil demais fazer escolhas em meio a tantas vivências e aprendizados significativos.

Para me acalmar e também para informar a vocês, quero dizer que organizei os documentos, textos, fotos, meus escritos e anotações, tudo o que pude coletar da experiência vivida no LETRAVIVA, em pastas onde estão alguns originais e também cópias de muitos trabalhos. E este material todo está à disposição de vocês, está bem?

Acredito que muita coisa ainda poderemos aprender consultando este rico material. O meu desejo, por ora, é que este trabalho amplie nosso olhar e se reverta em novos horizontes para todas nós e também para aquelas pessoas que com ele tiverem contato. Sabemos que o saber da experiência precisa ser estudado para com ele poderemos tirar lições.

Ao escrever, no prefácio do livro “Sentidos do Trabalho”, de Maria Emília Caixeta de Lima sobre os saberes da lida, saberes da vida, o Prof. João Wanderley Geraldi e a Prof^a Corinta Geraldi advertiram:

Não se creia que as lições que a vida ensina estão no ar, livres a voar, bastando que nossa boa vontade as leia. Elas não estão escritas e expostas. Compreendê-las demanda gestos de interpretação, sempre resultantes de diálogos entre o mundo da vida onde as ações acontecem e o mundo da cultura onde elas adquirem sentidos: os sentidos não estão aí a bailar, soltos e solitários esperando seus interpretantes; as chaves com que se (re)constroem os sentidos são trabalhosas, demandam mãos hábeis no bordado, porque, às vezes insignificantes, nos escondem os elos necessários para (re)significar a vida. De novo, não apenas se aprende: produz-se o que se aprende. Conhecimento novo, de gema (2005, p. 10).

As lições da vida foram sendo re-elaboradas por muitas educadoras e através das narrativas podemos perceber a diversidade de vivências e de modos de compreender a vida e o trabalho educativo. Lídia é uma das educadoras que aceitou o meu convite para produzir um relato sobre o seu trabalho no LETRAVIVA.

Minha experiência no Projeto LETRAVIVA

Antes de narrar esta experiência começarei fazendo minha apresentação pessoal.

Sou Lídia, nascida na Espanha e com naturalização brasileira. Moro no Brasil desde 1966, sou formada em Biologia pela Universidade de Madrid e lecionei na PUC de Campinas durante 35 anos. Formo parte da Equipe do Centro Cultural Poveda que deve seu nome ao educador Poveda e que tem como objetivo geral promover um diálogo fé-culturas-justiça.

Quando em agosto de 2003 o Centro foi convidado pela Prefeitura de Campinas para participar do Programa LETRAVIVA, não duvidamos em responder a este pedido pois respondia a nossos desejos: “unir forças com outros educadores para que a educação não seja um privilégio e sim um direito de todos”. Assim estaríamos respondendo ao pedido do MEC “um Brasil alfabetizado”.

No Poveda formamos uma Equipe de Professoras voluntárias dedicadas a realizar o Programa LETRAVIVA articulando com os objetivos do Centro. Como membro da Equipe fui para a rua procurando saber onde estavam os analfabetos ou melhor, onde estavam as pessoas que nas suas vidas não tiveram oportunidade de aprender a ler e escrever. Fui dialogando com os varredores de rua, domésticas dos prédios vizinhos, empregados dos estacionamentos... e assim constituímos a 1ª e 2ª turma de alunos. Eles tinham visto entrar no Poveda estudantes, professores universitários... e nos primeiros dias sentiam vergonha, mas depois pudemos perceber a alegria nos seus rostos ao dizer “esta é a minha escola” e a felicidade de uma aluna ao conseguir escrever a palavra “amiga”. Nesta ocasião lembrei de Paulo Freire falando da escola como lugar onde se faz amigos, pois foi isso que também fui percebendo. Na troca de saberes, eles aprendiam as letras e resgatavam sua dignidade humana e eu aprendia dados novos da realidade... Mas como preparar estas aulas? Posso afirmar que me levavam tanto ou mais tempo que a preparação das aulas da PUCC. Também posso afirmar que o Poveda é diferente antes e depois do Programa LETRAVIVA. Agora os diferentes Grupos que participam das Atividades estabelecem redes de solidariedade. Os Profissionais Cristãos mais favorecidos economicamente, ajudam à turma de alfabetização e eles interpelam ao Grupo mostrando os dados da realidade que vivenciam.

Educadora Lídia

Campinas, Fevereiro de 2008

O contato com Lídia foi maravilhoso para mim. Aprendi muito com ela e com seu jeito doce e meigo de tratar as pessoas. Durante nosso trabalho no LETRAVIVA eu a entrevistei, como fiz com muitas outras educadoras. Um aspecto importante que ela fez questão de destacar foi o do desafio a que se

propôs de aprender com os educandos e a equipe de formação a produzir as aulas e o material de trabalho. Ela me disse que ficava horas e horas estudando, preparando, para tentar “dar conta”. Depois desta experiência o Centro Cultural Poveda se renovou. Sou testemunha desta mudança.

O Centro Cultural Poveda se desligou do Projeto LETRAVIVA, porém incorporou à sua dinâmica o trabalho de alfabetização de jovens e adultos, mantendo regularmente uma turma.

Continuei encontrando com Lídia com regularidade porque nossas residências são próximas. Ela me convidou para participar do grupo de educadores do Poveda e aceitei. Realizamos uma reunião mensal, aos sábados, para estudar e refletir sobre os trabalhos que estamos desenvolvendo. É um grupo bem heterogêneo formado por profissionais que atuam em escolas públicas, privadas e movimentos sociais. Enfim, um grupo que procura manter acesa a chama da indignação e une forças para enfrentar os desafios diários emergentes nos diferentes ambientes de trabalho.

Vejam, agora, a narrativa da educadora Cristina:

MUDANÇAS DE VIDA

Dia 25 de Maio de 2003, um acontecimento mudou minha vida.

Meu irmão com 46 anos, em plena atividade, com projetos e sonhos a realizar, voltando de uma viagem, foi assaltado e levou três tiros, causando sua morte.

Este fato me deixou depressiva, sem vontade de viver, as coisas normais perderam o sentido.

Três meses depois, fui convidada para participar de uma reunião sobre um projeto novo de alfabetização de adultos. Lá fiquei sabendo das parcerias que estavam fazendo com as entidades, escolas, igrejas, associações etc...

Na comunidade que participo tem um local disponível e logo fui convidada para fazer as formações e ser uma educadora.

Não acreditei que pudesse dar certo, mas como estava com tempo vago, fui participar.

Em uma das formações foi-nos pedido para escrever um texto ou frases, ou poesia sobre o momento que estávamos vivendo.

Escrevi o seguinte:

E, outra vez me vejo a sonhar
Dias, de estudo a se formar
Sei que não posso mais fugir
Onde quero me encontrar
Mesmo sabendo que posso errar

Gritando, feliz, a sonhar
Onde vai se realizar
Mais vidas a amar
E com alegria os sorrisos
Sempre a brotar

Onde me encontrar
Lado a lado caminhar
Indo ao encontro ensinar
Vidas e vidas a buscar
Entre amigos, vou realizar
Impelida pelos desafios
Realizações e compromissos
A quero sonhar

Esta foi a poesia que escrevi com as letras iniciais do nome do meu irmão. Abria-se ali um novo caminho do qual fui a maior beneficiada.

Terminaram as formações e iniciaram as inscrições. Muitas pessoas idosas se inscreveram, querendo aprender a ler e escrever. Não tiveram oportunidade de estudar quando jovens.

As aulas começaram, pessoas muito simples e humildes, com muita dificuldade de escrever, mas com muita determinação. Que felicidade as primeiras letras, o nome, tudo era motivo de alegria.

O presente maior que recebi foi quando Dona T., com 83 anos, leu muito devagar uma frase escrita por ela, todos nós ficamos felizes.

Pela determinação dos educandos, percebi que ainda posso sonhar e voltar a estudar, fazer uma faculdade.

De todas as coisas que vi e aprendi, o maior exemplo de dedicação à educação aprendi com Dulce e Aninha, duas pessoas batalhadoras, atenciosas e carinhosas.

Muito obrigado, por vocês terem passado na minha vida, deixando um pouco de vocês.

A amizade faz descobrir talentos inusitados. E a coragem para avançar até onde nunca imaginamos que fôssemos capazes, a fim de provar a doçura da vida.

Abraços,

Educadora Cristina

Campinas, 05 de Dezembro de 2007.

Vocês notaram que a Cristina escreveu a poesia completa nesta narrativa? A outra, que ela entregou no Encontro de Formação, feita como um desafio para se escrever sobre o momento de vida, foi recortada. Confesso que

fiquei comovida com este relato e com a confiança que depositou em mim, a ponto de compartilhar o poema completo.

Telefonei para ela para confirmar se poderia registrar aqui o texto na íntegra e, ela autorizou.

Vocês estão percebendo quanta semelhança nas histórias de vida de vocês? De perdas irreparáveis e de recomeço... Ao juntar todas estas histórias fui refazendo aqueles momentos, aquelas vivências! Nem tudo a gente compreende na hora que acontece e muitas perguntas vão atravessando a nossa mente.

Um dia estava no prédio da Coordenação do LETRAVIVA próxima à mesa onde ficava o telefone, realizando algum trabalho com a Edna, estagiária. O telefone tocou e atendi. Do outro lado uma voz perguntou: “É você, Aninha?” E eu respondi: “Sim, sou eu”. Ela me disse: “Aninha, eu te amo! Aninha, eu te amo!”.

Fiquei totalmente fora do ar! Como pode uma pessoa ser assim tão espontânea!? Fiquei encantada. “Por que você está me dizendo isto, assim sem introdução? De sopetão?” perguntei a ela. Ao que me respondeu: “Oras, porque é verdade!” E eu pude dizer também: “É verdade, eu também te amo!” Depois falou sobre o motivo da ligação, mas eu não lembro. Minha memória coou. Só lembro desta maravilhosa declaração de amor. Lá na cartinha que escrevi sobre a minha vida, contei para vocês sobre a atmosfera de amor que minha mãe vivia com seus alunos, vocês estão lembradas? E eu queria viver aquilo também. Pois então, no LETRAVIVA eu vivi!

A narrativa que a Cristina escreveu foi remetida pelo correio. Algum tempo depois, recebi outra cartinha dela. Estava escrito assim:

PROJETO LETRAVIVA

Quando iniciei no projeto não tinha experiência como educadora. Tudo o que aprendi, foi ensinado nas formações do projeto, com testemunho de professores, trabalhos em grupos, com orientadores etc...

Mas as dificuldades apareceram quando as aulas começaram. Os alunos com idade acima de 50 anos, com problemas de visão, audição e coordenação motora.

Para facilitar o aprendizado deles, passei a escrever pouco na lousa. Montamos um alfabeto com letras grandes e todos participaram, recortando e pintando as letras. Depois fizemos os crachás e todos os dias líamos o alfabeto e os crachás.

Passamos para as palavras e era sempre com um recorte, exemplo:

Panela – figura de panela.

Ou a palavra com um desenho feito por eles, sempre objeto de uso diário, usamos revistas, jornais, encartes de mercados, rótulos, caixa de remédios etc...

Com os encartes dos mercados montamos uma lista de compras para pesquisar preços, peso, marcas, data de validade, as características dos produtos etc...

Outro trabalho interessante foi sobre o meio ambiente, água e a decomposição da matéria, papelão, plástico, alimento orgânico etc...

Nos encontros de formação continuada às sextas-feiras, ideias iam surgindo e foi assim que passei a ter mais confiança nas preparações das aulas.

Pesquisamos as plantas medicinais, as senhoras conheciam muitos chás, trocaram receitas umas com as outras.

Trabalhar com projetos é muito interessante, principalmente quando é de uso coletivo. Todos dão sua parte de contribuição, engrandecendo o projeto.

Na simplicidade das pessoas encontrei grandes exemplos de vida e dedicação.

Obrigado LETRAVIVA.

Educadora Cristina

Campinas, 31 de Janeiro de 2008.

Outras duas narrativas que recebi pelo correio são as das educadoras Dirce e Regina:

Meu nome é Dirce, vou dar meu depoimento da minha passagem pelo Projeto LETRAVIVA.

Trabalhei com creches em São Paulo de 1977 a 1994, foi quando foi fechada a unidade onde eu trabalhava durante esses anos.

Tive outros trabalhos, não com educação, mas infelizmente passei a fazer parte na lista de desempregados.

Tenho uma irmã que mora aqui em Campinas, convidou-me para vir pra Campinas morar com ela até conseguir um trabalho, quando um amigo da família falou sobre o projeto para uma das minhas sobrinhas, só sei que ela não aceitou.

Procurei saber dele sobre esse projeto novo, e me interessei, pois seria alfabetizar jovens e adultos. Tive que sair à procura de alunos, consegui um pouco, aí veio a preocupação com o local. Consegui o Salão Paroquial da igreja que fica na Vila Georgina.

Como a maioria dos alunos residiam próximos ficou mais fácil.

Para mim era um desafio, teria de trabalhar com pessoas idosas, a maioria acima de 60 anos, só que a vontade deles em aprender era grande.

Alguns alunos já sabiam pelo menos escrever o seu nome, outros não sabiam o que era uma vogal.

Ouvi o relato de cada um.

As mulheres contavam que moravam na zona rural e os pais diziam que elas tinham que trabalhar na roça e fazer serviços de casa, e que só os homens é que precisavam aprender a ler e escrever, na época não tinha escola na zona rural.

Cada um com a sua história.

Essa atenção que é dada ao idoso é muito importante, às vezes eles não tem isso na própria casa, eles são carentes de tudo.

Trabalhei em cima das dificuldades de cada um, no caso daqueles que não tinham nenhum conhecimento, trabalhava as vogais durante 15 dias, era o suficiente, acho que era vontade de aprender. Era tão grande que eles aprendiam, aí já ensinava as consoantes.

Já estavam conseguindo juntar as letras e escrever o nome, os olhinhos deles até brilhavam de alegria.

Trabalhei muito com recorte das letras do alfabeto.

Eu escrevia as palavras na lousa (quadro) e eles sabiam formar todas, isso ajudou muito no aprendizado deles. Me surpreendi com a capacidade de cada um, durante o tempo que fiquei com eles.

Essa troca de experiência foi muito gratificante, foi um novo aprendizado pra mim, foi uma lição de vida.

Por motivos particulares eu tive de interromper um trabalho tão bonito.

Nós passamos por situações difíceis e temos de saber trabalhar com cada uma delas.

Com tudo de bom que aprendi, passei a entender melhor, não a terceira idade e sim a idade nova. Nesse estágio da vida eles precisam de atenção, muito afeto, que não sofram tanto descaso das pessoas.

Me sinto muito feliz em ter dividido um pouco com eles, mais aprendi do que ensinei, essas pessoas são muito especiais, pra mim foi muito gratificante.

Educadora Dirce

Campinas, Dezembro de 2007.

Na sequência, o registro produzido pela educadora Regina:

26 de Setembro de 2008.

Para a amiga Aninha:

Minha experiência com o Projeto LETRAVIVA foi assim: já tinha trabalhado com projeto de alfabetização em minha igreja: Adventista do 7º Dia, pelo ministério da mulher. Foi uma experiência muito boa.

Há alguns anos havia feito magistério e queria dar aulas, minha amiga me telefonou dizendo que no Salão da Sanasa ia ter uma reunião e que muitos professores iriam ser admitidos.

Eu fui, ao chegar tinha muita gente, não conseguia ouvir nada, me propus a ficar até o final para saber detalhes. Após uma informação dada, as pessoas começaram sair e o salão ficou com poucas pessoas, entrei e pude ouvir que a palavra que fez muitas pessoas saírem foi trabalho voluntário.

Teríamos que fazer pesquisa nos lares se houvesse alguém não alfabetizado, orientá-los quanto à necessidade e inscrevê-lo no projeto. Iriam aprender a ler e escrever de uma forma agradável. Consegui inscrever muitos educandos. Uma das orientadoras do curso dizia que éramos como garimpeiros atrás de ouro.

Bem, as reuniões aconteciam semanalmente para troca de experiências entre os educadores.

Eu tive sede nos seguintes locais:

Igreja Adventista do 7º Dia

Minha residência

Comunidade São José

5º Distrito Policial

Comunidade Bom Pastor

A alfabetização era realizada através do cotidiano do educando. Uma receita, leitura da Bíblia, cartas que o fizesse interessar-se. Uma das formas que usei foi através da Bíblia, uma vez que todos meus alunos eram cristãos das igrejas: Católica, Batista, Deus é Amor, Presbiteriana, Assembleia de Deus etc.

Vários grupos do Projeto LETRAVIVA foram visitados e um saíria no jornal publicado, e o meu grupo saiu no jornal com fotos e entrevista com alunos.

Foi experiência maravilhosa. Ia nos lares quando o educando não podia vir.

Uma experiência que vou relatar: meu primeiro grupo ia funcionar das 14:00 às 16:30, mas tinha uma educanda com muita vontade de aprender ao menos seu nome e só poderia à noite. E eu me propus abrir uma exceção para esta senhora. Ela ia em minha casa, e sua mão era pesada, tinha dificuldade até para segurar no lápis.

Ela começou escrever letras, reconhecer, escrevia seu nome e por motivos particulares eu terminei a fase e parei de dar aulas pelo projeto.

Mantenho contatos com educandos quando posso.

Terminei minha faculdade de Letras e estava dando aula eventual na escola Procópio Ferreira, quando estava participando da reunião de pais, chega uma mãe que era a educanda que mencionei sua experiência. Para minha alegria eu a vi assinando a ficha de seu filho.

Esta foi uma fase de minha vida muito gratificante, acreditar que tudo é possível.

Ana, lembro-me dos nossos encontros, da ótima equipe que fazia parte do projeto e dos sonhos e objetivos alcançados.

Com carinho,

Educadora Regina

Campinas, 26 de setembro de 2008

Preciso dizer que algumas cartinhas, escritas durante o período de realização da pesquisa, foram enviadas através do Correio e outras, por meio de correspondência eletrônica. Estão neste último grupo as mensagens da Sílvia, que está em Custódia, da Marta, da Adonária, do Gil, da Cecília e da Dulce.

A cartinha da Cecília vem a seguir e logo depois a da Dulce.

12 de Março de 2008.

Aninha, desculpe a demora em responder a sua solicitação. Não estou encaminhando como anexo, pois no meu trabalho, o programa utilizado é outro e não conseguia enviar.

Espero que seja dessa forma que você queria!

Um grande beijo

Cecília.

Em minha infância gostava muito de brincar de escolinha e sempre que possível, eu era a professora e, os pais não reclamavam de nossa brincadeira, pois, como eu era a mais velha, sempre ajudava as outras crianças com as tarefas escolares, brincando e ao mesmo tempo, aprendendo e ensinando.

Com o término da 8ª série, acabei prestando vestibulinho em algumas escolas, como o COTUCA¹⁶², onde prestei enfermagem; no Colégio Bento Quirino, Contabilidade e, no Colégio Culto à Ciência, o Magistério. Passei em todos, o que deixou minha mãe muito feliz, pois acreditava que iria escolher enfermagem, mas ela sempre nos deixou escolher, então, optei pelo que mais me agradava e deixava feliz, escolhi o Magistério.

¹⁶² COTUCA – Colégio Técnico de Campinas, mantido pela UNICAMP. Como todas vocês devem saber, passar no vestibulinho do COTUCA ou do ‘Bentão’- o Colégio Técnico do Centro Paula Souza, é o sonho de muitos adolescentes e de suas respectivas famílias! Essa escolha da Cecília deve, realmente, ter deixado muita gente decepcionada...

Quando estava fazendo Magistério tive a oportunidade de ensinar minha avó a ler e escrever. Foi meu primeiro contato com alfabetização de adultos e adorei, principalmente por ser uma pessoa muito querida.

No ano de 2003, tive a oportunidade de fazer um curso em Limeira sobre alfabetização de adultos, mas era um programa destinado a alfabetização individual, no máximo duas pessoas. Após o curso, alfabetizei uma senhora de 75 anos em sua casa, o que acabou despertando o interesse de sua filha mais velha, que acabou iniciando as aulas comigo também. Mas, não pude terminar com a alfabetização, pois ela veio adoecer.

No ano seguinte conheci o Projeto LETRAVIVA e acabei me tornando uma educadora. No processo de conquistas de alunos, corri quase toda a região próxima de minha casa, pude perceber que muitas pessoas não sabiam ler nem escrever e que tinham muito interesse em aprender.

Comecei a turma com aproximadamente 20 alunos, mas com o passar do tempo, ela foi diminuindo. Isso ocorreu por vários motivos: mudança de cidade, de horário de trabalho etc. O que me deixou muito triste, mas soube depois que muitos acabaram procurando outros grupos ou escolas para se matricularem e poder dar continuidade aos estudos. Outros continuaram sem estudar.

No grupo tínhamos também dois surdos, um casal, que queriam aprender, isso dificultou um pouco o trabalho, mas nos trouxe grandes contribuições, no que se refere à inclusão. O grupo foi muito receptivo e soube aceitar bem as diferenças de dificuldades de cada um, pois todos apresentavam suas limitações. Os dois acabaram indo para um outro grupo, que tinha intérprete, pois mesmo que eu soubesse um pouco, era complicado interpretar e dar aulas ao mesmo tempo.

Com o grupo, não realizei apenas as aulas, mas pude, em parceria com o Centro de Saúde, realizar o exame de vista e alguns com dificuldades foram encaminhados a UNICAMP, para adquirirem os óculos. Outros que não tinham seus documentos, foram encaminhados a retirarem e ficaram muito felizes, pois puderam assinar seus nomes no R.G.

Algo que me marcou também, dentre muitos, foi quando duas alunas puderam assinar o nome na reunião da escola ou no trabalho do filho, quando relataram o ocorrido, emocionaram muito a turma. Mas a fato mais marcante para todos, foi quando, após quatro meses, ao escrever um texto na lousa, os alunos foram lendo o que eu estava escrevendo e quando terminei o texto, todos nós estávamos chorando de alegria pela conquista.

Tivemos que terminar com o grupo antes dos 6 meses. Ocorreu que o local onde tínhamos as aulas era um tanto perigoso, um dos dias, tivemos um tiroteio num bairro próximo e os alunos queriam sair correndo embora. Não deixei, por ser perigoso e quando o tiroteio parou, pude liberar todos. Isso causou muito medo nos alunos e o grupo parou, nos causando muita tristeza.

Ainda hoje, encontro com algumas pessoas do grupo e elas sempre perguntam quando vou voltar a dar aulas para elas... mas... hoje não tenho essa possibilidade, mas gostaria muito, pois é uma área que me instiga muito: Alfabetização de adultos, ocorre uma troca muito valiosa.

Para minha vida, foi uma experiência muito importante e que me trouxe grande contribuição e alegria em estar com aquelas pessoas. Eu trabalhava o dia todo, mas mesmo cansada, ia com grande prazer ensiná-los e aprender a viver com eles. Agradeço a Deus por essa experiência marcante em minha vida, foi algo maravilhoso!

Em 26 de Março Cecília enviou outra mensagem com o seguinte conteúdo:

Um outro fragmento:

Como meu grupo estava realizando as aulas em um período próximo ao Natal, achei necessário realizarmos uma programação diferente, em comemoração a essa data especial para mim e para os alunos.

Combinamos que cada aluno levaria um prato doce ou salgado, claro que somente aqueles que pudessem fazer isso. Acabei conseguindo algumas pessoas para contribuir com o Natal dos alunos e realizamos uma cerimônia diferente.

Cada aluno falou um pouco sobre o que era o Natal para ele, em seguida realizamos uma cerimônia de velas. A primeira pessoa falava sobre o que esperava para o próximo ano e acendia a vela do outro. Em seguida, este fazia a mesma coisa, sucessivamente, até que todos terminassem a fala. Alguns alunos se emocionaram com as falas dos colegas, pois foi algo marcante!

Depois desse momento, falei um pouco sobre o que significava o Natal para todos os cristãos, realizamos uma oração e alguns alunos falaram sobre o Natal para suas famílias. A melhor parte chegou: fomos todos comer e beber, ou melhor, realizar a nossa “Ceia Natalina”.

Cecília é uma menina encantadora e cheia de vida como vocês puderam perceber através de seus escritos. Atualmente trabalha em uma escola, na Educação Infantil e concluiu, em 2008, a Licenciatura em Pedagogia, na PUC-Campinas.

Outra educadora que produziu um registro autobiográfico para colaborar com a pesquisa foi a Dulce. E estou fazendo questão de misturar todas as narrativas. Educadoras, estagiários, formadoras e agora, coordenadora, porque na minha compreensão, são todas educadoras e educadores do LETRAVIVA. Sem hierarquia. Pessoas importantes e fundamentais, cada qual com sua singularidade e expressividade, para que o trabalho desenvolvido tivesse tanta ressonância e repercussão na vida de cada uma.

Vamos ao texto da Dulce:

Querida amiga Aninha,

Ao receber sua carta senti uma grande alegria! Mas, tenho que confessar que o seu pedido, de relatar minha vivência no LETRAVIVA, me deixou inquieta, pois uma coisa é falar sobre o vivido, outra é revisitar minha memória e escrever uma *narrativa autobiográfica*, como você me solicitou em sua carta.

Sei que somos seres de palavras, mas entre dizer e escrever existe um vazio imenso... Entre o vivido no LETRAVIVA e o que escrevo aqui, também existe uma grande distância, mas como você bem sabe a vivência no Projeto LETRAVIVA foi uma experiência inédita para mim e, acredito que para todos e todas que se permitiram passar pela experiência de afetar e ser afetado pelo outro, experiência que mesmo distante permanece viva.

Aninha, você me pede para escrever e não para falar...

Foi por isso que demorei tanto para responder sua carta, pois “ando devagar porque já tive pressa...” e mesmo quando quero ser mais rápida as palavras não me acompanham. Parece que eu sempre preciso de um tempo longo para escolher as palavras e neste tempo de silêncio e colheita fui revisitando minha memória e tecendo mentalmente um pouco do que disponibilizo aqui para você.

Minha história na Educação Popular começa quando tinha lá meus 17 anos em 1981, quando fazia magistério. Nesta época conheci um grupo de Educação Popular que alfabetizava adultos baseados na proposta de Paulo Freire. Tive oportunidade de participar de alguns encontros de educadores populares organizados por eles e desde então assumi comigo o desejo de criar um outro jeito de educar seja na escola ou fora dela.

Em 1991, fui convidada para colaborar na elaboração do projeto de alfabetização de jovens e adultos que o Sindicato da Construção Civil de Campinas queria criar, e, depois para coordenar o trabalho. Aceitei o desafio e neste projeto permaneci por dez anos. Durante esta vivência fui entendendo o que já tinha lido nos livros do Paulo Freire: que não era necessário “encher” o educando com discursos, mas reconhecê-lo como ser criador e portador de saberes.

Neste projeto atuei como educadora e como coordenadora, fizemos receitas, listas de compras, paródias, escalamos montanhas, celebramos as conquistas sempre com muita alegria e festa. Participamos do movimento “Fora Collor”. Debates sobre a mulher, a saúde, assistimos filmes, criamos encontros culturais, exposições, saraus, declamamos textos da literatura de cordel, cantamos canções, enfim, pudemos dar linguagem a muitas inquietações e desejos presentes na nossa vida.

Buscando apoio para a nossa prática, criamos um momento de estudos e trocas de experiência entre as educadoras, assim, passamos a nos reunir semanalmente. Vários temas estiveram presentes nas nossas rodas de conversa como, por exemplo, os significados do ato de ler e escrever, bem como as teorias sobre o processo de construção da escrita, o papel do educador no processo de construção da escrita, os saberes da experiência dos educandos. Promovemos oficinas, vivências, participamos de encontros e feiras de alfabetização.

Em 2002, fui convidada pela Corinta para coordenar a elaboração e a implantação de um projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos que deveria ser discutido com um coletivo de educadores da rede e apresentado ao Ministério da Educação. Foi neste contexto que te conheci e juntas com outras educadoras e educadores criamos o Projeto LETRAVIVA.

Como você já estava presente nesta parte da minha história de formação acredito que poderá me ajudar a lembrar e a reescrever com seu trabalho de mestrado esta vivência que foi realmente um grande acontecimento em nossas vidas. Aliás, lembro-me do Romualdo dizendo que nós não queríamos construir monumentos, mas desassossegamos as pessoas, colocamos-nos em movimento.

As palavras acesas pelo Romualdo foram fundamentais!!! A partir de suas palavras começamos a pensar num processo educativo como uma vivência, tempo e espaço, em que as pessoas, juntas, pudessem se permitir viver um movimento de criação, em que o exercício da leitura e da escrita acontecesse junto com um processo de construção de sentidos para viver e de estilos de vida.

Maluquinhas como somos, nos permitimos correr riscos... E quantos riscos corremos, até mesmo sem saber que corríamos perigo!!! Entre a ingenuidade e o nosso

desejo de reinventarmo-nos no mundo lançamos num movimento de criação... Não sabíamos onde iríamos chegar com toda aquela “aventura”, mas sentíamos prazer no criar cada encontro, cada reunião, cada bilhete, cada texto... às vezes nos sentíamos exaustas e com medo, vivíamos cada acontecimento com o corpo todo!!! Entre choros e risos algo inédito foi acontecendo conosco.

Diante da intensidade desta vivência fomos descobrindo quão desafiador é lidar com o humano, com o ser gente de carne e osso, com o que ri e chora, que acolhe e exclui. Como é prazeroso e difícil lidar com nossa fragilidade, incompletude, inconclusão e intolerância.

No LETRAVIVA pudemos nos reafirmar como pessoas, passíveis de acertos e erros, alegres e tristes, animadas e desanimadas, criativas ou cristalizadas, humanas apenas. Desta experiência saí modificada...

Saí mais leve, descobri que “não sou Deus”!!! Lembra? rrsrrsr Que bom!! Pois assim não preciso acertar sempre, nem tenho que ser super mulher e estar em todos os lugares ao mesmo tempo resolvendo os problemas. Romualdo, com seu jeito mineiro, me provocou desassossegos, que me ajudaram a revelar o meu potencial criador. Ao sentir na carne este movimento de criação, este gosto de criar, uma infinidade de saberes caíram por terra. Ficaram muitas perguntas... e a crença no potencial criador das pessoas.

Ao passar por esta experiência que eu chamo de dialógica e criativa pude sentir o quanto preciso das pessoas... pois este processo de criação só é possível no encontro com os outros no momento em que “negociamos” os espaços de poder e que descobrimos o quanto é mais gostoso o poder compartilhado.

Esta experiência marcou a minha vida como pessoa e como educadora, pois reaprendemos a trabalhar a partir da fragilidade humana, da necessidade do outro. Descobrimos nosso potencial criador, criamos vínculos, alfabetizamos com graça e arte e contribuímos com o processo de empoderamento tanto dos educandos e educandas, como dos educadores e educadoras.

HOJE levo em meu corpo as marcas do vivido, estou mais irreverente, mais sapeca.....mesmo que, às vezes, não possa expressar minha sapequice (você sabe como é a vida rrsrrsr).

“LETRAVIVA”! Viva letra! Muitas vezes ouvimos essa frase nos encontros com educadores, educadoras, educandos, educandas, esta e tantas outras expressões, vinham de dentro de nós carregadas de sentidos. Pudemos viver dias intensos, vividos com o corpo todo, mergulhamos no desafio de forma ousada. Pudemos nos reinventar no mundo...

Como não poderia deixar de ser uso as palavras da nossa querida amiga Adonária, que durante muitos encontros pode nos encantar:

Assim é o LETRAVIVA, tão vivo quanto o canto do sabiá
 Que quando abre o bico, acorda a passarada do lugar
 Não é coisa de luxo, não. É simples, popular e caseiro
 Desperta o sonho adormecido de um povo sempre guerreiro
 A sala é um bonito palco de artistas respeitados,
 Onde a cada momento revivem o seu passado.
 De tudo acontece ali, riso, canto e lamento.
 História de todo dia, passado e futuramente.

LETRAVIVA É VIVALETRA, ARTE QUERIDA DO SABER
 RESGATA A HISTÓRIA DE UM POVO QUE LUTA PRA SOBREVIVER!

Pois é minha amiga, LETRAVIVA é vida, é sobreviver, e sobreviver, LETRAVIVA para mim não é mais um projeto que aconteceu, mas um jeito de viver Letras Vivas...

Desejo que suas letras sejam vivas e que você possa com este trabalho dar vida a outras letras, ou a outras vidas...

Um abraço carinhoso,

da sua amiga

Charlene Dulce¹⁶³

Várzea Paulista, Agosto de 2008.

Bom, esta é a Dulce que todas vocês conhecem. O nome diz tudo. Sempre digo isso a ela. Com essa “*figurinha*” maravilhosa “aprendi novas palavras e tornei outras mais belas...” E ela queria falar muitas palavras. Não queria escrever, mas eu arranjei uns argumentos para convencê-la e então, ela nos fez uma concessão. Para nós todas, ainda bem!

A gente vive a crueza das situações fronteiriças na educação, e a carta da Dulce ajuda a compreender que brincar com o vivido e com as situações complicadas, buscando a superação, é parte de um aprendizado difícil, mas possível! Trabalhar com alfabetização de adultos é emblemático da desigualdade social. Ajustar nosso olhar para acolher educadoras, educandos e estagiários em posições, às vezes antagônicas, demandava de nós muita energia criativa. E dentro da Secretaria de Educação a multiplicidade de atravessamentos dessas realidades é surpreendente. A nossa própria realidade pessoal, minha e da Dulce, também é diversa. Campo propício para novas experimentações, novos desafios, concordam?

Vocês estão percebendo que a Dulce e o Romualdo não tiveram os seus nomes alterados, não é mesmo? E explico a razão: os dois são figuras

¹⁶³ Dulce e eu temos uma relação de amizade de total descontração e alegria. Desde que nos conhecemos no LETRAVIVA nos tornamos inseparáveis. E é impressionante o que acontece comigo: se encontro alguém na rua, logo a pessoa vai dizendo para eu mandar um abraço pra Dulce! Como se todos soubessem... Acho que sabem! Toda essa descontração permite muita brincadeira e provocação... Uma das provocações que sempre faço a ela é de que vive na Pré-História, no tempo da Família Dinossauro, porque demora meses para responder a um ‘*email*’, e quando responde, toda atrapalhada, mistura datas e assuntos. E ela fica me dizendo que gosta de escrever com lápis, apontar lápis, apagar o escrito, re-escrever, como no filme “Narradores de Javé”. Entenderam o porquê da Charlene, não é mesmo? A filha adolescente da família Dinossauro, assumida pela Dulce na assinatura!

públicas que produziram textos assinados e publicados sobre o LETRAVIVA. A Dulce assinou relatórios enviados ao MEC e nestes relatórios foram anexados textos do Romualdo Dias, assessor da SME. E mais, ambos já tiveram trabalhos publicados por conta das atividades que desenvolvem como professores.

Parece contraditório, não é mesmo? Eu gostaria muito – e minha orientadora também - que o verdadeiro nome de vocês aparecesse em cada um dos textos, mas precisei atender ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, para poder publicar os registros que vocês criaram. Por este motivo, estão todos com nomes fictícios. Para preservar uma identidade que nós gostaríamos que fosse pública!

Esta mesma observação pode ser extensiva à utilização das fotos. Tenho comigo tantas fotos de atividades nos grupos de alfabetização, nos Encontros de Formação de Educadores, nos Cursos de Formação Inicial e... elas não estão disponibilizadas neste registro de pesquisa porque não tenho a autorização de todas as pessoas! Para apresentá-las teria que “borrar” as faces de algumas pessoas que não autorizaram a divulgação, justamente porque não as encontrei e, assim, não posso divulgar fotos dos grupos e das atividades desenvolvidas. E, convenhamos: “borrar” a face das pessoas para esconder as suas identidades não é um procedimento razoável em um trabalho que procura afirmar a identidade, autoria e o saber dos sujeitos.

O sociólogo Boaventura de Sousa Santos em um trabalho intitulado *“Um discurso sobre as ciências”* (2006), traça uma arqueologia do discurso acadêmico que pretende silenciar as vozes dos sujeitos em nome de uma pretensa neutralidade da investigação científica. Esse trabalho foi publicado pela primeira vez em 1987 e causou uma polêmica muito grande.

Nos debates ocorridos durante o meu Exame de Qualificação, no diálogo estabelecido com a banca e com os autores que fundamentam este trabalho investigativo, chegamos ao consenso de que seria importante registrar aqui que precisamos compreender a pretensão de silenciamento dos sujeitos da pesquisa como uma tentativa de desassujeitá-los, de suprimir as

heterogeneidades e as vozes dissonantes. Porque na pesquisa convencional, o sujeito é realmente, objeto, inclusive em muitas pesquisas das ciências humanas e sociais. Esta é a maneira como a academia tenta produzir conhecimentos. As exigências do Comitê de Ética são feitas para evitar constrangimentos aos sujeitos, mas claro, em outras situações em que eles podem ser expostos, como por exemplo, em pesquisas na área médica. Não no nosso caso, pois o que gostaríamos é justamente o contrário: de fazer as vozes das educadoras ouvidas, amplificadas, reverberadas na academia.

Eu desejo expor a autoria de todas nós neste percurso investigativo, porque a nossa história é coletiva, esta produção de pesquisa não seria possível sem o atravessamento das diversas vozes. Todas estas vozes são sujeitos nesta pesquisa, por isso tento revelar a autoria. Como não pude fazê-la no corpo do texto, onde foram utilizados os pseudônimos, nos Agradecimentos registro os nomes verdadeiros de todas vocês, na tentativa de (com)partilhar, (co)dividir as lições aprendidas na vivência, tanto no LETRAVIVA, como nesta trajetória de estudos.

Acredito que existem, por exemplo, alguns tipos de “acontecimentos” nas nossas vidas que ficam registrados indelévelmente em nossa memória e já tratamos deste tema aqui. Todas as pessoas já experimentaram, pelo menos algumas vezes na vida, situações emblemáticas, demarcatórias. Pois então, o meu Exame de Qualificação foi um desses momentos demarcatórios, tamanha a intensidade com que todos o vivenciamos.

Para meu espanto e admiração os membros da Banca, Prof. Guilherme do Val Toledo Prado, Profa. Corinta Maria Grisolia Geraldi, Profa. Adriana Varani e minha querida orientadora, Profa. Graziela Giusti Pachane, trataram de tudo nesse momento. Especialmente da vida!

Atrás dos sonhos
atrás das luzes
atrás da lona
os operários fabricam o circo:
batendo pregos

fincando estacas
costurando e remendando,
como a aranha fabrica a teia,
como a noite fabrica o dia.¹⁶⁴

Eles são também os operários que comigo construíram as possibilidades de abordagem teórica, de percurso acadêmico, de diálogos possíveis e impossíveis. Eles estão por detrás dos sonhos e da lona, como também do difícil percurso de aprendizagem. Eles, para mim, são autores como nós, Educadoras Populares. Porém, o código acadêmico não me permite afirmar isso. Não vou poder registrar em lugar nenhum que eles todos são coautores como meus professores queridos, como orientadores de leitura, como parceiros de dúvidas e questionamentos... Eles são tudo isso na minha vida, no meu percurso acadêmico. Ensinarão-me a ler, me apresentaram autores, descortinaram horizontes... Eles são importantes no percurso inteiro deste trabalho investigativo. Então, pergunto: vocês não acham que eles também são sujeitos nesta pesquisa? Eu acho! E precisava dizer isso.

Este é um aprendizado difícil e faz parte do que encontrei de novo/antigo na vivência acadêmica. Estou expondo aqui os problemas e encantos de tentar produzir conhecimento conjugando experiências múltiplas, de muitos sujeitos, não só o meu. Acredito que registrar estes impasses também colabora para aprofundarmos a reflexão sobre os lugares e os sentidos da produção do conhecimento. A quem se destinam, para quem e a favor de quem estamos realizando pesquisas educacionais?! De novo Paulo Freire a nos iluminar os caminhos...

Como afirma Elizeu Clementino de Souza, um autor que conheci nestes anos de estudos:

¹⁶⁴ MURRAY, R. Os operários. In: MURRAY, R.; CARABETTI, I. M. *O circo*. São Paulo: Miguilim, 1986, p. 3.

A escrita da narrativa nasce, inicialmente, de questionamentos dos sujeitos sobre o sentido de sua vida, suas aprendizagens, suas experiências e implica reflexões ontológicas, culturais e valorativas de cada um. Por isso, enquanto atividade psicossomática, as narrativas – porque aproximam o ator de si através do ato de lembrar-narrar, remetendo-o às recordações-referências em suas dimensões simbólicas, concretas, emocionais, valorativas -, podem ser definidas como experiências formadoras (SOUZA, 2007, p. 17).

Queridas amigas, agradeço por terem aceitado compartilhar comigo esta vivência, esta autoria, a vida!

Um abraço,

Aninha

8. Ampliando o debate sobre as “Educações Populares”.

*Há homens que lutam um dia, e são bons;
Há outros que lutam um ano, e são melhores;
Há aqueles que lutam muitos anos, e são muito bons;
Porém há os que lutam toda a vida
Estes são os imprescindíveis.*

Bertold Brecht

Campinas, Dezembro de 2007.

Queridas amigas educadoras,

Gostaria de dialogar com vocês, nesta correspondência, sobre algumas questões relativas à Educação Popular porque talvez sinta necessidade de contextualizar, um pouco mais, onde está inserida esta pesquisa. Abordar este assunto poderia, no meu entendimento, ampliar a nossa compreensão das práticas criadas e recriadas no campo da Educação Popular. Porque Educação Popular é recriação contínua por parte daquelas pessoas que se comprometem a viver a educação *desse jeito*. Então, minha intenção é abrir o debate e não encerrar este trabalho...

Em um tempo em que as metanarrativas deixaram de fazer sentido ou que são drasticamente questionadas em nome de uma interpretação dos fenômenos sociais a partir do complexo, irracional, subjetivo e particular, é possível constatar, contrariamente, que a base de sustentação da sociedade capitalista continua intocada. Podemos até mesmo continuar nos referenciando em Marx e Engels, a partir do velho Manifesto Comunista, de 1848, quando registraram: “A moderna sociedade burguesa, que surgiu do declínio da sociedade feudal, não aboliu as contradições de classe. Ela apenas colocou novas classes, novas condições de opressão e novas formas de luta no lugar das antigas” (MARX; ENGELS, 1998, p.8).

Contemporaneamente novos modos de opressão são utilizados para reafirmar e manter um processo de desenvolvimento desigual entre as nações, em que a base de sustentação dessa sociedade “pós-moderna” continua sendo a mesma: a exploração do trabalho. De acordo com Mészáros (2005), no Ocidente todo o sistema educacional formal foi consolidado para **internalizar** nas pessoas a lógica do capital. No Brasil de hoje, por exemplo, estamos vivendo um tempo em que o “risco-país” é baixo. O sistema educacional está completamente conformado à manutenção da ordem vigente.

Mészáros defende a ideia de que precisamos de uma **contra-internalização**, coerente e sustentada, que não se esgote apenas na negação do sistema do capital, mas que vá além, e seja uma alternativa abrangente concretamente sustentada ao que já existe. (MÉSZÁROS, 2005, p. 56). O papel da educação é vital para romper com a internalização predominante e, segundo sua análise, cabe aos educadores participar deste movimento, e para isso, citando Marx de “A ideologia alemã”, afirma que “os educadores também têm de ser educados” (p. 77), pois

A transformação social emancipadora radical requerida é inconcebível sem uma concreta e ativa contribuição da educação no seu sentido amplo [...] a educação não pode funcionar suspensa no ar. Ela pode e deve ser articulada adequadamente e redefinida constantemente no seu inter-relacionamento dialético com as condições cambiantes e as necessidades de transformação social emancipadora e progressiva em curso (p. 76-77).

Então, para os teóricos que defendem uma lógica na qual “a história chegou ao fim” o autor vem confrontar:

É, na realidade, totalmente inconcebível sustentar a validade atemporal da ordem política socioeconomicamente estabelecida. Na realidade, é completamente inconcebível sustentar a validade atemporal e a permanência de qualquer coisa *criada historicamente* (p. 63).

Paulo Freire, em *“Pedagogia da Autonomia”*, também recusa esse fatalismo proclamado pelos teóricos do mundo globalizado:

Sempre recusei os fatalismos. Prefiro a rebeldia que me confirma como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanismos que o minimizam.

A proclamada morte da História que significa, em última análise, a morte da utopia e do sonho, reforça, indiscutivelmente, os mecanismos de asfixia da liberdade. Daí que a briga pelo resgate do sentido da utopia de que a prática educativa humanizante não pode deixar de estar impregnada tenha de ser uma sua constante (2003, p.115).

A sociedade brasileira, do início do século XXI, vive a herança e os dramas de todo o continente latino-americano espoliado, expropriado, vilipendiado pela pilhagem colonial. Apesar desta constatação, sabemos que a ideologia liberal é para o mundo todo, e neste caso, não faz diferença entre ser colonizado ou não.

O modo atual de opressão invisível e mais eficaz, “clica” nas nossas mentes, em larga escala e por meio de diversas mídias, valores liberais, ou seja, individualistas. Conforme afirmou o Prof. José Luiz Sanfelice em palestra proferida na PUC-Campinas¹⁶⁵ “os liberais desenvolveram a nova Pedagogia do Consenso. As pessoas comuns estão pensando conforme a ideologia liberal”.

Também a subjetividade foi moldada, segundo Sanfelice, dentro dessa lógica. Essa subjetividade, resultado de um processo histórico, foi sendo sedimentada e organizada para a competição e o consumo: para “passear no shopping, o templo do consumo, e ‘refrescar’ a cabeça!” Assim, naturalizou-se uma concepção de vida assentada no individualismo, no consumismo desenfreado e na competitividade. O professor lembrou, ainda, que hoje até mesmo escolas são construídas dentro de *“shopping center”*, naturalizando a concepção da educação como mercadoria.

¹⁶⁵ Referência feita a partir de anotações da palestra proferida durante o I Seminário sobre produção do conhecimento em Educação, realizado em 10 de Dezembro de 2008 - Salão Nobrinho da PUC-Central de Campinas, SP.

Na contramão dessa concepção de sociedade, de mundo e de educação, foi criado o Projeto LETRAVIVA. Poderia utilizar aqui uma metáfora para referenciar esse movimento vivido, a *piracema*. Botar os ovos acima da correnteza, na esperança de que os filhos dessa gravidez sejam também portadores de uma esperança militante de que um outro mundo é possível. Para além da mediocridade que mutila a vida em favor do lucro e da acumulação do capital.

“Faz escuro mas eu canto”¹⁶⁶ porque é possível e preciso construir uma contraconsciência combatente dessa lógica hegemônica. Não quero e nem pretendo ser educadora e ou pesquisadora complacente com esse estado de coisas. “Um outro mundo é possível se a gente quiser”, foi profissão de fé que expressamos na música-tema¹⁶⁷ do Fórum Social Mundial (FSM) de 2002, em Porto Alegre. O movimento criado a partir do FSM é hoje referência para todas as pessoas que trabalham para a edificação de uma outra ordem.

As gritantes condições existenciais da maioria das populações que sobrevivem ao Sul da linha do Equador não permitem alheamento. É sabido que a exigência intrínseca ao capitalismo é sua a expansão, ou seja, a procura de novos mercados onde o lucro se realize. Não há mais fronteiras terrestres para esse movimento. Então, há que se colonizar outros planetas?...

Sugestivo o nome de um filme de Ruy Guerra, do início dos anos 80, do século XX: “Plantar nas estrelas”, mas, contrariamente ao movimento expansivo do capital, o filme de Ruy Guerra contava a história do povo moçambicano após a revolução. Tudo estava degradado. Tudo esfacelado. Recomeço e reconstrução eram as vivências diárias, porém enquanto reconstruíam, onde iriam plantar para alimentar a fome de toda uma nação? “Plantar nas estrelas” foi o sonho acalentado pelo cineasta militante juntamente com seu povo. Assisti a esse filme em 1985, logo após a minha vinda para a

¹⁶⁶ Título de um livro de poesias de Thiago de Mello.

¹⁶⁷ Confirmam a letra da Música-tema do Fórum Social Mundial no Baú de Achados e Guardados, p. 348.

cidade de Campinas. Nunca esqueci. Porque Campinas e todas as metrópoles têm modos de acolher o migrante de acordo com sua condição social.

Quem não sentiu a sensação de abandono, de solidão ou de desespero ao chegar a uma cidade desconhecida e hostil para aqueles que não têm recursos financeiros para se hospedar? E esse abandono será agudizado se a pessoa estiver sozinha. Experiência singular é passar um final de semana nas proximidades da estação rodoviária observando a chegada de famílias inteiras, carregando tudo nas costas... Cena dramática e corriqueira aqui na “nossa” Campinas.

“Faz escuro mas eu canto” porque ainda tenho forças para dizer *não*, como Galeano em sua manifestação, juntamente com mais 300 intelectuais, contra a ditadura de Pinochet no Chile de 1988¹⁶⁸. Não à educação para o mercado. Não à educação como capacitação para aquisição de novas competências técnicas dirigidas aos jovens sobreviventes em uma sociedade de desemprego estrutural. E penso que sempre podemos retomar Paulo Freire clamando contra o adestramento a que se reduzem algumas propostas curriculares:

O mundo da cultura que se alonga em mundo da história é um mundo de liberdade, de opção, de decisão, mundo de possibilidade em que a decência pode ser negada, a liberdade ofendida e recusada. Por isso mesmo a capacitação de mulheres e homens em torno de saberes instrumentais jamais pode prescindir de sua formação ética. A radicalidade desta exigência é tal que não deveríamos necessitar sequer de insistir na formação ética do ser ao falar de sua preparação técnica e científica (FREIRE, 2003, p. 56).

“Faz escuro mas eu canto” porque acredito que uma pesquisa educacional possa ser feita para produzir conhecimento a favor do povo. Trabalho em um campo da educação onde a formação humana é assumida como um esforço ético e também estético. Como dizia Paulo Freire: “não há como separar a

¹⁶⁸ GALEANO, E. *Nós dizemos não*. Tradução Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Revan, 1990.

decência da boniteza. A educação enquanto busca de boniteza necessariamente procura a decência. A decência do ser”. Ele fez essa afirmação em uma de suas últimas entrevistas gravadas para um jornal de TV, em 1997, retomando insistentemente sua radical opção por uma educação libertadora, apresentada desde os primeiros escritos, inclusive no emblemático *“Pedagogia do Oprimido”*, de 1970. A decência do ser tem a ver com uma educação entendida como formação da pessoa humana.

Esta concepção de educação para a liberdade, contudo, não é defendida unanimemente. Existem modos de pensar e realizar a educação a serviço da manutenção do *‘status quo’*. Todavia, nos mesmos espaços onde se dão a legitimação da ordem vigente, estão presentes as contradições, as brechas, as frestas. Ou seja, os interstícios não são eliminados... ‘A verdade’ da instrumentalização para o controle pode ser questionada e tensionada por um conhecimento que se adquire na prática social. Então, a educação é sempre um campo de possibilidades para o pesquisador e o educador inconformado com a ordem vigente. Faz parte do capitalismo a contradição, por isso, podemos atuar, criar, mobilizar para transformar!

Quero partir da certeza de que ela é um direito e uma tarefa histórica de pessoas humanas simples como nós, e da imensa maioria das pessoas até hoje excluídas, como o povo. Quero partir da ideia de que, longe de qualquer fundamentalismo pedagógico, cabe também à educação a responsabilidade de abrir as portas da mente e do coração, e de apontar horizontes de construção partilhada de sociedades humanas mais humanizadas. Isto é: para além do capitalismo (BRANDÃO, 2002, p. 22).

Neste contexto esta pesquisa educacional se apresenta como uma tentativa de pensar e viver a educação de um modo contra-hegemônico. Para além da objetividade “crua” dos resultados expressos em números, o que busco neste momento é a aproximação dos resultados mais subjetivos, também importantes de serem “enxergados” nas pesquisas.

Conforme ressalta Michel Thiollent “a pesquisa não perde sua legitimidade científica pelo fato dela estar em condição de incorporar raciocínios imprecisos, dialógicos ou argumentativos acerca de problemas relevantes”, visto que ao escolhermos estar ao lado e com quem foi ficando à margem, “quando queremos interferir no mundo precisamos de conceitos, hipóteses, estratégias, comprovações, avaliações e outros aspectos de uma atividade intelectual” (Thiollent, 1994, p. 28).

Por isso fui registrando nesta correspondência que “Faz escuro mas eu canto”, como corajosamente escreveu o poeta Tiago de Mello. Nestes tempos obscuros, em que “os ombros suportam o mundo”¹⁶⁹, podemos ver a re-existência emergir a partir de um trabalho de educação! Para mim, isso faz muito sentido e diferença.

Escolher vivenciar a Educação Popular significa estar ao lado daqueles e daquelas que estão às margens do mundo. O primeiro Cadernos ‘Cedes’¹⁷⁰, publicado em 1980 trouxe como título: “*Concepções e experiências de educação popular*”. Na contra-capa uma advertência:

Só há um tipo de educação popular coerente: aquela que tem por horizonte a formação do indivíduo como classe. A educação popular, ou é pensada do ponto de vista do povo, ou do sistema. Não há meio termo. E aquela do ponto de vista do sistema é contra o povo.

Uma das maneiras de conciliar um trabalho nesta linha, no mundo e no momento histórico em que vivemos, na minha percepção, é tentando criar espaços de uma prática pedagógica que possa ser assumida pelas classes populares e nos colocarmos a serviço dela.

O debate acerca das práticas e das concepções existentes no âmbito da Educação Popular se esparramou pelo mundo, especialmente este que toma

¹⁶⁹ ANDRADE, C. D. Os ombros suportam o mundo. In: ANDRADE, C. D. *Poesia e prosa*: organizada pelo autor. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1988, p. 67.

¹⁷⁰ Caderno Cedes, Campinas, ano I, vol. 1, 1980.

como foco de discussão as alternativas de cunho emancipatório desenvolvidas a partir das experiências educacionais brasileiras nos primeiros anos da década de 60, do século XX¹⁷¹.

Este debate não se encerrou, pelo contrário, continua vivo e atual, a ponto de o Centro de Estudos de Educação e Sociedade da UNICAMP, que publica a Revista Educação e Sociedade e os Cadernos “Cedes”, trazer à luz, no ano de 2007, um segundo número, após 26 anos de publicação do primeiro, abordando o tema Educação Popular. Na apresentação é ressaltado que:

A publicação do Caderno n. 1 da Série *Cadernos CEDES*, em 1980, *Concepções e experiências de educação popular*, organizado pela professora Sílvia Maria Manfredi, “com o intuito de criar uma maior possibilidade de comunicação e intercâmbio entre aqueles que se interessam pela Educação Popular (...)”, representou um marco para a educação popular na história da educação brasileira.

Argumentando a favor de um segundo caderno tratando do mesmo tema, o organizador apresenta a intenção de dar continuidade às contribuições teóricas do primeiro, incorporando ao debate outras e novas reflexões desenvolvidas a partir das práticas resultantes de trabalhos desenvolvidos em diferentes regiões do país. Questões inquietantes, apresentadas por Carlos Rodrigues Brandão, na publicação de 1980, continuam pertinentes na atualidade.

Entender a Educação Popular como um desafio à democratização da escola pública é uma das maneiras de se atualizar o debate:

pois a escola defendida como direito, por meio de uma histórica luta da classe trabalhadora, também vai se constituindo, como instituição socialmente produzida, em um espaço de luta entre a reprodução das desigualdades sociais e a produção de possibilidades mais democráticas. O conjunto de acontecimentos

¹⁷¹ Estou me referindo às experiências desenvolvidas pelo Movimento Popular de Cultura do Recife (MPC); o Movimento de Educação de Base (MEB) promovido pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) em parceria com o governo federal, a partir de 1961, e também, no governo do Presidente João Goulart, o Programa Nacional de Alfabetização coordenado por Paulo Freire. Experiências interrompidas ou reorientadas a partir do golpe militar de 1964.

cotidianos, em que se entrelaçam atração e repulsa, possibilidades e obstáculos, expressa a ambivalência com que se tece a complexidade de suas práticas. A escola está constituída por desejos opostos por ser lócus de produção e legitimação de conhecimentos, valores e práticas sociais; espaço tramado com os sujeitos e processos que ali se entrecruzam, se interpelam, se interpretam, enfim, dialogam e se confrontam nos espaços liminares de suas várias fronteiras (ESTEBAN, 2007, p. 12).

Entre debates antigos e atuais, se há uma metáfora que possa servir para visualizar o que seja *Educação Popular*, talvez a do mosaico ou da colcha de retalhos seja bastante pertinente. Realizada e praticada por muitos grupos, em diversos continentes, é rica em interpretações e proposições, mas em todas há uma convergência: a de ser uma educação a serviço da transformação social, todas portanto, “refletem uma recusa da educação do colonizador” (GADOTTI; TORRES, 1994, p. 9).

A criação da Educação Popular, ou das Educações Populares, já que são muitas, no contexto latino-americano demonstra uma **vontade de liberdade**. Uma busca de superação da herança colonial tão severamente imposta aos povos deste continente. Talvez esta seja a razão pela qual alguns autores como Carlos Alberto Torres e Moacir Gadotti terem afirmado que esta é uma educação:

mestiça, bronca, gaúcha, marginal, surgida de um ato violento. A *educação popular* surge como alternativa político-pedagógica para confrontar-se com os projetos educativos estatais que não representavam ou até afetavam os interesses populares. Pouco mais de vinte anos depois da *Pedagogia do Oprimido*, a qual codifica em uma frase uma história da oposição pedagógica, a educação popular segue inextricavelmente vinculada ao realismo mágico dos setores populares, e quem sabe, por isso mesmo, a educação popular é um dos marcos teóricos e práticos mais férteis da experiência latino-americana, e suas ressonâncias podem ser constatadas em realidades sociais distintas, fora da região, do Canadá à África do Sul (GADOTTI, TORRES, 1994, p. 8).

A Educação Popular que vivemos apresenta uma *utopia libertadora* porque provoca uma atitude criativa e comprometida dos sujeitos envolvidos com a prática social da qual tomam parte e na qual se inserem. “É um *paradigma teórico* que surge no calor das lutas populares” (GADOTTI; TORRES, 1994, p.8) e por isso mesmo almeja colaborar com essas lutas, colocando-se a seu serviço.

“A forma própria da educação popular”, afirma Carlos Rodrigues Brandão (1994, p.47), “é o movimento emergente de contestação”, assim, ela é constante recriação, é movimento e não cristalização de ideias, programas ou métodos.

O que dá sentido político à *educação popular* é sua capacidade de não só comprometer-se como uma dimensão pedagógica de produção-circulação do saber necessário com os movimentos populares, mas a de reproduzir-se, ela própria, como um movimento pedagógico. Melhor ainda, como um movimento político de expressão pedagógica (BRANDÃO, 1994, p. 48).

No início dos anos de 1980, no Simpósio sobre “Perspectivas Teóricas da Educação Popular” realizado em São Paulo, Vanilda Paiva, afirmava que, sob seu ponto de vista, a questão central em relação à Educação Popular era: “o de como pode ser a educação popular um instrumento de fortalecimento da sociedade civil” (PAIVA, 1984, p. 79), tendo em vista que setores organizados da sociedade brasileira atuavam vigorosamente num movimento pela redemocratização do país, após os longos e sufocantes anos de ditadura militar.

Essa é uma questão central quando se trata de Educação Popular, principalmente dessa que, após a década de 60 do século XX, constituiu-se como um campo de lutas pela democratização do país e, ao seu lado, pela universalização do ensino, incluindo o ensino formal destinado aos adultos e às crianças e adolescentes em idade escolar. Essa luta é antiga e ao mesmo tempo atual. A Constituição Brasileira em vigor desde 1988 proclama a educação como direito fundamental, no entanto, os pobres, desempregados, trabalhadores explorados em geral, precisam levar adiante, diariamente, a cobrança e a luta por

um direito não respeitado, ao contrário, negado a uma parcela significativa da população pobre.

A educação, como toda prática social, é forjada nos embates entre grupos antagônicos e, em nosso país as mudanças educacionais também são historicamente constituídas em contextos sócio-econômicos concretos. A história da educação destinada aos setores populares no Brasil não tem uma evolução linear. Modelos aparentemente ultrapassados, muitas vezes convivem e até interagem com modelos mais “modernos” ou emergentes. “Velhas campanhas de alfabetização dos começos do século podem, a todo momento, re-emergir do silêncio” (BRANDÃO, 1994, p.45). A existência de projetos antagônicos no campo educacional é bastante acentuada especialmente quando se faz referência à educação popular.

Alguns autores como Luiz Eduardo Wanderley¹⁷² apresentam uma tipologia da educação popular caracterizando-a em três vertentes: **1.** Educação Popular com orientação de *integração*; **2.** Educação Popular com a orientação *nacional-populista* e **3.** Educação Popular com a orientação de *libertação*. Contudo, queremos neste momento trabalhar com a oposição entre *educação popular x educação de adultos*, conforme apresentada por Brandão, pois ele chama a atenção para uma constatação importante, qual seja a do:

¹⁷² Luiz Eduardo W. Wanderley em um artigo denominado “*Apontamentos sobre Educação Popular*” apresentado no “Simpósio sobre a cultura do povo” promovido pela PUC-São Paulo e publicado em 1982 apresenta a seguinte tipificação da Educação Popular:

1. “*Educação Popular*, com a orientação de *integração*. Engloba as experiências cuja ideologia se expressava no desejo da obtenção da “democracia” através da difusão da educação para todos, da educação permanente para o desenvolvimento, e da extensão dos direitos de cidadania e seus correspondentes deveres (às vezes ficavam só nos deveres)”.

2. “*Educação Popular*, com a orientação *nacional-populista*. Congrega as experiências do período populista, caracterizado pela ideologia nacional-desenvolvimentista, onde governos, partidos e movimentos políticos mobilizaram setores das classes populares em alianças com setores modernos das classes dominantes, na luta principalmente pela industrialização e por uma participação ampliada das classes populares nas esferas social, econômica e política”.

3. “*Educação Popular*, com a orientação de *libertação*. Compreende as experiências que, com maior ou menor consciência de seus agentes, objetivaram estimular as potencialidades do povo e valorizá-las como eixo central em suas atividades educativas, tentaram uma crescente identificação com o povo e sua realidade cotidiana e forneceram meios para que o próprio povo se autossustentasse e autopromovesse”. WANDERLEY, L. E. W. Apontamentos sobre educação popular. In: VALLE, E.; QUEIRÓZ, J. J. (Org.). *A cultura do povo*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 1982, p. 71- 73.

tipo de acumulação de poder, através da acumulação de saber, a que o trabalho do educador serve. Esse é o sentido em que a *educação de adultos* tem sido, entre nós, tomada como um meio simbólico de reprodução de um poder dominante. É também o sentido pelo qual a *educação popular* se define como um trabalho pedagógico de construção de uma hegemonia popular (BRANDÃO, 1994, p.43, itálico registrado pelo autor).

Segundo a compreensão de Brandão a educação de adultos foi sempre trabalhada como a educação do *outro*.

Instrumento de reprodução da desigualdade, ela funda seu ser na reprodução da diferença entre o lado do educador e o lado do educando, entre a fonte de poder a que serve e o sujeito popular que controla, parecendo servir. A educação de adultos sonha fazer do sujeito popular um *outro* educado; um sujeito à imagem do educador, desde que uma imagem subalterna e domesticada. (*Ibid.*, p. 49).

Por seu turno, a Educação Popular se funda em uma outra lógica, a que se constitui enquanto uma *prática* dos movimentos populares, não se prestando a ser uma mera instrumentalização de poderes constituídos, apresentando-se, sim, como uma experiência de produção do saber popular, em que educandos e educadores mediatizados pela relação com o mundo recriam seus conhecimentos e compreensão da realidade, promovendo a “*leitura de mundo*” (Freire), crítica e contestadora das desigualdades sociais.

De acordo com Leonardo Boff, essa leitura do mundo poderia ser assim identificada:

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que

experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. (1999, p.9).

Este é o projeto e procedimento de uma educação que se afirma popular, de ler o mundo contextualizando historicamente as situações vivenciadas pelos sujeitos do processo educativo, sem meias-verdades ou com a intencionalidade de manter fora do seu alcance uma verdadeira educação, formadora da pessoa humana em sua plenitude.

Do período final do governo de Juscelino Kubitschek até 1964, diversas experiências ligadas aos movimentos populares foram realizadas pelo país afora e algumas foram subvencionadas pelo governo federal, como é o caso do MEB (Movimento de Educação de Base), ligado à CNBB, criado em 1961. Muitos projetos, experiências e movimentos foram desenvolvidos nesse período tão fértil de renovação na história da educação no Brasil.

Segundo Brandão (1986, p. 11)

pela primeira vez, entre muitos tropeços e atropelos, mas sem meias-verdades, procurava-se pensar a educação às avessas e associá-la de fato a um tipo de prática descaradamente política, a que se acostumou chamar, de lá para agora, de *libertação popular*. Aquele foi o começo do tempo da transformação da ideia e da prática de uma *Educação de Adultos* inocente, vinculada a programas de *Desenvolvimento Comunitário* aparentemente despolitizados, logo a serviço da política oficial de dominância, numa *Educação Popular* cuja teoria, desde Paulo Freire, faz a denúncia dos usos políticos da educação opressora e cuja prática converte o trabalho pedagógico do educador em favor do trabalho político dos subalternos, vinculado aos movimentos populares e às práticas de classe.

A década de 1960 no Brasil foi um tempo de ampla mobilização em torno da democratização da educação e da participação popular. Desse período em diante a Educação Popular foi ressignificada, pois se começou a criar um

“espaço de prática política popular através da educação”, no dizer de Brandão (1986, p. 12).

Movimento estudantil, universidades, Igrejas, setores organizados da sociedade desenvolveram programas de Educação Popular. A educação foi levada tão a sério “a ponto de haver sido uma das práticas sociais mais direta e impiedosamente reprimidas quando a noite escura de 1964 caiu sobre o país” (*Ibid.*, p. 12). Segundo Moacir Gadotti, o primeiro ato da Ditadura Militar, sob a Presidência de Ranieri Mazzili, em 14 de Abril de 1964, foi extinguir o Plano Nacional de Alfabetização dirigido por Paulo Freire.

A partir de então, as práticas de Educação Popular tiveram que aprender a re-existir no contexto da ditadura militar. Experiências foram, aos poucos, sendo recriadas, mas o governo federal também buscou ampliar suas bases junto às camadas populares. O MOBRAL (1967) foi criado pelos militares com a finalidade de desqualificar as práticas educativas populares, juntamente com a promessa de erradicar o analfabetismo em 10 anos... Desqualificou práticas emancipatórias, reorganizando os processos pedagógicos em metodologias burocratizadas e ocultadoras de um regime político de exceção.

Em 1971, a nova LDB regulamentou o Ensino Supletivo, para suprir a escolarização regular e promover oferta de educação continuada àqueles aos quais a sociedade negou o direito a uma educação formal na idade adequada, além de tentar suprir as demandas do capital e atender às necessidades da indústria.

Com a transição democrática nos anos de 1980, a Educação de Jovens e Adultos passou a ser de responsabilidade da Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos – Fundação EDUCAR, criada durante o governo de Fernando Henrique Cardoso.

A experiência da Fundação EDUCAR, hoje constituída como ONG, revela os seus propósitos. Segundo a própria lei de criação, a sua missão era:

desenvolver atividades educacionais próprias para garantir o mínimo educacional a grupos sociais específicos como, por exemplo, os funcionários públicos municipais, populações jovem e adulta dos assentamentos rurais, presidiários, tripulações embarcadas e populações de conjuntos habitacionais. Lei de criação da Fundação Educar. (Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 1985).

Então é essa a missão desse tipo de “*educação*”, afirmado com todas as letras no texto legislativo: **desenvolver o mínimo educacional**.

Para os pobres, os cidadãos de “segunda categoria”, uma educação também de “segunda classe”, conforme tão bem observou Brandão:

Esta Fundação assumiu papel de fomentar o subsistema do Ensino Supletivo, política da Educação de Jovens e Adultos, buscando aperfeiçoar os educadores e construir material didático. Embora representasse algum avanço na retomada das práticas de organização popular, ainda tinha como ponto central de seu processo a formação de um cidadão mínimo, conduzido pelos outros, de forma a manter-se num túnel de caça-palavras, fazendo muitas voltas em torno do labirinto. (BRANDÃO, 2001, p. 56).

“Quem vai impedir que a chama saia iluminando o cenário...”¹⁷³

Desde que Paulo Freire afirmou a “Educação como prática da liberdade” (1967) não mais foi possível pensar em educação neutra. Ou se trabalha em uma perspectiva pedagógica libertadora, ou se trabalha para a domesticação e manutenção da ordem vigente.

Experiências como as promovidas pela Fundação EDUCAR ainda estão sendo praticadas e levadas adiante em nosso país. Inúmeras “Fundações Comunitárias” subvencionadas por governos ou pela iniciativa privada centralizam

¹⁷³ MILANÉS, P. Canción Por La Unidad De Latino América. Intérprete: Pablo Milanés. In: *Pablo Milanés ao vivo no Brasil*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1984. 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 5.

ideias e propostas que um dia foram emancipatórias, convertendo-as em práticas pedagógicas rotinizadas e domesticadoras. Apresentam-se com o propósito de “integrar” os sujeitos e “promover” as comunidades, contudo o que realmente praticam é a reafirmação do poder autoritário nas mais distantes e precárias periferias das grandes cidades.

Segundo Brandão (1994, p. 32-33):

Ao lidar com um *menos* social, ela se torna um sinal igualmente negativo daquilo que é a educação. Excluídos da escola e defasados da educação, sujeitos das classes populares são para não serem regularmente educados, porque, em uma sociedade capitalista dependente, uma igualdade social de oportunidades de educação ameaçaria a necessidade política e econômica da desigualdade de oportunidades de participação na vida, no trabalho e no poder. [...] Ela precisa ser uma educação não acidentalmente (porque o governo “não tem mais dinheiro para investir aí”), mas estruturalmente compensatória e, ao mesmo tempo, ocultadora de sua vocação de compensação atualizadora da desigualdade.

Felizmente, ao lado de trabalhos nitidamente voltados à manutenção da ordem, patrocinados por diferentes organismos sociais, coexistem experiências inovadoras e de cunho emancipatório, tal como ocorreu no início do século XX nesse mesmo Brasil.

As experiências de Educação Popular se esparramaram pelo nosso país, especialmente após as eleições de governos populares em alguns estados e municípios. Uma das mais alentadoras é a que foi construída no Rio Grande do Sul¹⁷⁴ como também a que foi criada na cidade de São Paulo, na gestão de Luiza

¹⁷⁴ No livro “*De Angicos a Ausentes: 40 anos de Educação Popular*” pode-se ler nas ‘orelhas’ a seguinte informação sobre algumas das experiências de Educação Popular no RS: “Este livro é fruto do trabalho dos/as Coordenadores/as Regionais do MOVA-RS, nas vinte e nove (29) Coordenadorias Regionais de Educação (CREs), durante estes dois anos de práxis do MOVA-RS. O coletivo de trabalho na escrita deste livro, organizou o texto a partir do contexto das 29 regiões em que está estruturada a Secretaria de Educação, desde agosto de 2000. O Primeiro MOVA-RS: Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, foi criado em São Paulo, em 1989, época em que Paulo Freire foi Secretário Municipal da Educação. Depois disso, muitos outros seguiram a ele. No entanto, o MOVA-RS é o primeiro com atuação estadual, abrangendo todo o Rio Grande do Sul. É uma ação do Governo do Estado no sentido da superação do analfabetismo entre as

Erundina (1989-1992), durante o tempo em que Paulo Freire foi Secretário Municipal de Educação, o MOVA (Movimento de Alfabetização).

No trabalho *“De Angicos a Ausentes”*, obra que traça o percurso da Educação Popular no Rio Grande do Sul, organizada por Carlos Rodrigues Brandão, há a seguinte afirmação:

‘De Angicos a Ausentes: 40 Anos de Educação Popular’ demarca uma trajetória no tempo, de 40 anos, que supera os espaços geográficos das suas distâncias, aproximando-as através da Educação Popular que começa a sedimentar-se nas experiências dos Círculos de Cultura em Angicos, década de 50, no Rio Grande do Norte, constituindo-se em um arcabouço de características que vão se fortalecendo e alimentando os movimentos populares e a sociedade civil organizada até Ausentes no Rio Grande do Sul, nos meados do século XXI. Nesta caminhada, a Educação Popular foi construindo na sua concepção elementos “suleadores”¹⁷⁵ da sua prática: dialogicidade, humanidade, realidade contextualizada, construção coletiva do conhecimento, criticidade, autonomia e cultura como eixos importantes para o resgate da cidadania interdita num dos direitos básicos, qual seja, o ato de ler e escrever a palavra e o mundo (BRANDÃO, 2001, p.11).

Várias obras coletivas foram publicadas no Brasil e na América Latina nos últimos anos, dando notícias de experiências que conjugam Educação Popular e Pesquisa Participante, alimentando os sonhos e as práticas de tantos educadores e educadoras que ainda insistem em lutar e trabalhar para a

peças acima de 15 anos. Segundo Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar PNAD/IBGE, de 1995, o Rio Grande do Sul é o Estado brasileiro que possui menor índice de analfabetismo, pois 7,8% da população não sabe ler e escrever. Entretanto, em maio de 1999, o Governo do Estado criou o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos do Rio Grande do Sul MOVA-RS como uma política pública para a Educação de Jovens e Adultos encaminhada através da Secretaria de Educação. O MOVA-RS fundamenta-se em Paulo Freire, pois realiza uma alfabetização Libertadora como Ação Cultural, construindo a leitura e a escrita a partir da realidade do/as educandos/as. Garante um intenso processo de formação pedagógica continuada para todos aqueles que fazem o Movimento, através da realização de cursos, reuniões e encontros semanais em todas as Coordenadorias Regionais de Educação, além de Seminários Estaduais em Porto Alegre”.

¹⁷⁵ Nota de Rodapé original do texto: “Suleadores, para Paulo Freire, significa apontar a direção contrária, a direção apontada para o Norte, onde está situada a maioria dos países considerados desenvolvidos”.

construção de um outro mundo possível, onde a justiça e a solidariedade sejam a regra e não isolada exceção.

Durante o primeiro mandato do Presidente Lula, o MEC, em parceria com a UNESCO, publicou uma obra muito interessante, em 2005, intitulada: “Educação Popular na América Latina: desafios e perspectivas”¹⁷⁶. Nela estão relacionados textos apresentando o debate teórico e as experiências locais. Alguns dos autores expressivos no campo da Educação Popular apresentam suas contribuições, como é o caso de Oscar Jara, Pedro Pontual, Conceição Paludo, Jesús Balbin, Carlos Rodrigues Brandão, entre outros. Esta obra está disponível no site do MEC. Quando a encontrei fiquei muito feliz e a utilizei em vários trabalhos que fiz, desde então.

Sobre a experiência no Rio Grande do Sul, foram publicadas algumas obras. Em Porto Alegre a Secretaria Municipal de Educação criou em 1989 o SEJA – Serviço de Educação de Jovens e Adultos, um trabalho significativo nessa área, e em 1998 publicou um livro sobre essa experiência, intitulado: “*Falando de nós: o SEJA. Pesquisa Participante em Educação de Jovens e Adultos*”¹⁷⁷. Liana Borges, apresentando o projeto afirma:

Vimos para romper e construir outra lógica à instituição “Escola”, para contribuir com a organização de uma outra perspectiva de sociedade, orientada em valores solidários, igualitários e cooperativos em contraposição às alternativas neoliberais que têm sido impostas no Brasil.

Queremos mais! Queremos uma Escola Pública que encontre lugar para fazer pesquisa, já que esta não deve ser apenas privilégio das academias; que recupere a própria história da produção do conhecimento, já que as possibilidades de explicação das ciências não nascem separadas da prática para explicar o mundo (1998, p. 11).

¹⁷⁶ EDUCAÇÃO Popular na América Latina: desafios e perspectivas. Brasília: UNESCO; MEC; CEAAL, 2005. (Coleção Educação Para Todos, n. 4).

¹⁷⁷ SEJA – Serviço de Educação de Jovens e Adultos. *Falando de nós: o SEJA. Pesquisa Participante em Educação de Jovens e Adultos*. Porto Alegre: Ed. SEMED: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1998.

Apenas por este pequeno fragmento já é possível perceber o posicionamento ético-político do programa. O livro apresenta os sujeitos, as concepções teóricas que fundamentam as ações e também produções dos educandos.

Sobre a experiência realizada em São Paulo, calcada nos princípios da Educação Popular, foi publicado: “*Educação de Jovens e Adultos: a experiência do MOVA-SP*”¹⁷⁸. Esse livro trata da criação do MOVA-SP: Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da cidade de São Paulo, lançado em 29 de outubro de 1989, por Paulo Freire, então Secretário da Educação.

O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) mantém um programa de Formação de Educadores fundamentado nos princípios da Educação Popular. Eles têm publicado muitos subsídios de apoio ao trabalho dos educadores. Um livro significativo, nesse contexto, é: “*Formação de Educadoras e Educadores: o planejamento na alfabetização de jovens e adultos*”¹⁷⁹, publicado em 2003. Existem ainda várias obras produzidas pelo MST e estou citando apenas uma.

Na cidade de São Paulo acontecem muitas experiências fundamentadas nas propostas da Educação Popular. Em 23 de Agosto de 2008 foi realizado o Seminário “*História e Memória da Educação Popular: contribuições de Paulo Freire e da Teologia da Libertação*”, promovido pela AEC-SP (Associação de Educação Católica de São Paulo). Dulce e eu temos participado de encontros regulares envolvendo educadores populares ligados ao “Centro de Estudos em Educação: Vereda”¹⁸⁰. A ideia desse Seminário nasceu neste grupo de trabalho e nós pudemos contribuir participando como coordenadoras de

¹⁷⁸ GADOTTI, M. (Org.) *Educação de Jovens e Adultos – a experiência do MOVA-SP*. São Paulo: Instituto Paulo Freire; MEC, 1996.

¹⁷⁹ GENKE, M.; ZANETTI, M. A.; SCHWENDLER, S. F. (Org.). *Formação de Educadoras e Educadores: o planejamento na alfabetização de jovens e adultos*. Curitiba: Gráfica Popular, 2003.

¹⁸⁰ O que é o Vereda na voz de seus fundadores: “Quando Paulo Freire voltou ao Brasil e se fixou em São Paulo, em 1980, um grupo de educadores que se inspiravam em suas ideias se reuniu em torno dele. Três anos depois, alguns destes educadores fundaram, sob a presidência de Paulo Freire, o Vereda-Centro de Estudos em Educação. O Vereda nasceu com o propósito de contribuir na construção de uma educação democrática que possa intervir na realidade para criação de um mundo mais justo e humano”. Estas informações estão contidas no folheto de divulgação que atualmente o Vereda disponibiliza.

Grupos de Diálogos. Dulce coordenou o Grupo “Educação de Jovens e Adultos: Educação Formal e Informal”; e eu coordenei o Grupo “Diversidade e Educação”. Nesse Seminário pudemos entrar em contato com inúmeras experiências que estão acontecendo e outras, sendo gestadas, na cidade de São Paulo. Um relatório do encontro está sendo elaborado a partir das anotações dos Coordenadores dos sete Grupos de Diálogos. Os demais temas debatidos nos grupos foram: “Movimento de Moradia e Educação”; “Movimento de Saúde e Educação”; “Movimento Eclesial de Base e Educação”; “Movimentos Populares e Educação”; “Pastoral do Migrante e Educação”.

Uma visita ao ‘site’ da ANPED, no GT 6, de Educação Popular e no GT 18 de Educação de Pessoas Jovens e Adultas¹⁸¹, oportuniza a leitura de textos que relatam experiências de trabalhos realizados nos mais variados e distantes lugares do nosso país. Trabalhos que se afirmam como novas possibilidades de converter o direito à educação como uma realidade para muitos que até então estiveram excluídos da escola.

Três publicações da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, são também bons exemplos de notícias sobre trabalhos alternativos em Educação de Jovens e Adultos. São livros muito bonitos, com as vozes e as produções dos sujeitos, ou seja, de educandos, educadores e educadoras. Foram publicados em 2003. São eles: “*Aprender não tem idade*”; “*Cultivando possibilidades: caminhos na alfabetização de jovens e adultos em Campinas*” e “*Semeando oportunidades: sentidos da alfabetização de jovens e adultos em Campinas*”.

Estas contradições evidentes em nossa sociedade podem provocar em nós, educadores e educadoras, a busca de elementos “*suleadores*”, conforme

¹⁸¹ Cito aqui apenas dois exemplos, mas nas Referências vocês poderão encontrar outros.
BARRETO, S. N. O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres. 29. REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. Caxambu, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT18-2685--Int.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2008.
BEZERRA, A. A educação alternativa hoje. *Revista de Educação de Jovens e Adultos – REVEJA*. Belo Horizonte, v.1, n.1, dez. 2007. Disponível em: <http://www.reveja.com.br/revista/1/artigos/REVEJ@_1_AidaBezerra.htm>. Acesso em: 08 fev. 2008.

defendia Paulo Freire, isto é, opostos aos “*norteadores*”, sempre identificados com a cultura colonialista, imperialista e bélica situada ao norte do planeta Terra.

Podemos manter, a despeito da intensa propaganda neoliberal, uma ***esperança militante***, que se afirma diariamente em contraposição aos desmandos do capital, tornado deus dos humanos, e por isso idolatrado como uma entidade eterna, acima das classes e fora da história.

Conforme nos ensinou Paulo Freire com seus escritos e com sua prática, a história é possibilidade. A história não é, *está sendo*, por isso podemos criar, viver e praticar a educação como afirmação da vida e da humanização dos seres humanos. Podemos, como ele, fazer de nosso trabalho, onde quer que se realize, uma experiência de educação como prática da liberdade.

Nossa vivência no Projeto LETRAVIVA deu mostras da possibilidade de se *nadar na contracorrente*, como na piracema... Que os frutos desta vivência possam ser espalhados e recriados em outros tempos e espaços do nosso querido Brasil.

A vocês, meu sincero agradecimento e reconhecimento pela partilha da vida e das possibilidades de nos reinventarmos. De re-existirmos.

Um abraço,

Aninha

9. Conclusões abertas podem “esticar horizontes...”

*O maior apetite do homem é desejar ser.
Se os olhos veem com amor o que não é, tem ser.*

Pe. Antônio Vieira

Queridas amigas educadoras,

O encantador poeta Manoel de Barros é um *esticador de horizontes*. Ele escreveu: “*Andando devagar eu atraso o final do dia*” (2001, p. 85), tentando alongar as potencialidades da existência.

Acredito que a opção de como vivemos a educação pode ser também um modo de alargar horizontes.

Sem conclusões herméticas que enclausurem as novas possibilidades e opções a serem criadas e reinventadas, penso que uma investigação científica também pode buscar a sua superação.

Eu queria avançar para o começo.
Chegar ao criancimento das palavras.
[...] Abrir um descortínio para o arcano (BARROS, 2001, p. 47).

Um descortínio para o mistério, para a vida nas suas infinitas possibilidades é nossa *vocação*, se é que posso usar uma palavra assim tão forte.

Educadoras e educadores são seres convidados para descortinar o arcano. Como o poeta, não precisam do fim para chegar (2001, p. 71), precisam

do *durante* para criar sonhos comungados com seus pares, transformando-os, obstinadamente, em realidade.

A partilha dos fragmentos de histórias vividas foi feita encorajada pelas transformações provocadas em nós e também para dar a ver como experiências singulares, não burocratizadas, podem se transformar em opções para a criação de *currículos vivos*. Currículos com gente dentro.

O aprendizado durante o percurso da pesquisa tem se convertido em momento singular para mim, de re-encontro com a minha própria subjetividade, de questionamento das concepções teóricas, dos valores, das crenças e de intensificação do diálogo, alargado para além do nosso grupo de Educadoras Populares, pois ao convidar outros sujeitos para participar do círculo de diálogos, naturalmente promovemos a sua inclusão,

O pesquisador que trabalha com narrativas interroga-se sobre suas trajetórias e seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional, mediante a escuta e a leitura da narrativa do outro. A perspectiva colaborativa da pesquisa com narrativas de formação implica aprendizagens e teorizações sobre as práticas tanto do pesquisador quanto dos pesquisados (SOUZA, 2007, p. 19).

Na narrativa elaborada até aqui procurei trazer à luz alguns dos movimentos vividos, pois concordo com Larrosa (2003, p.39) quando afirma que a experiência “conduz até onde não estava previsto, à consciência de que o eu não é senão uma contínua criação, um perpétuo devenir: uma permanente metamorfose”. Todavia, ele observa, em outro texto, que o saber da experiência é intransferível, para compreendê-lo, é preciso, de algum modo revivê-lo:

O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma singular de estar no mundo que é, por sua vez, uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria (LAROSSA, 2004, p. 130).

Fiz a opção por trabalhar com a investigação narrativa por ser uma das possibilidades de tratarmos da experiência que vivemos no Projeto LETRAVIVA. E também porque, como afirmou a Profa. Corinta na arguição durante o Exame de Defesa, na investigação narrativa temos a possibilidade de tirar lições do vivido e da experiência, pois são estas lições que produzem o conhecimento.

Ao estudar os textos de Larrosa compreendemos que uma coisa é a vida, a experiência. A narrativa da experiência é outra. Ao narrar, passamos a nos enxergar de forma diversa e, talvez, também possamos afetar ao outro, pois a leitura de nossas narrativas pode vir a ser uma *experiência* para a pessoa que nos lê.

A narração é o exprimível da experiência. Na experiência nós nos refazemos durante o percurso e depois, ao narrar, podemos perceber que nossa consciência foi se modificando, porque não estava pré-fixada no passado.

Nos contatos que tivemos durante a realização desta pesquisa, pude sentir a alegria que vocês demonstraram e a disponibilidade para compartilhar seus registros, depoimentos, vivências, expondo inclusive momentos dramáticos de suas vidas, ao mesmo tempo, encharcando de significado os seus atos educativos.

“*Vamos fazer da nossa vida uma obra de arte?*” convidava nosso amigo e companheiro de trabalho, Romualdo Dias. Optamos por seguir vivendo, cada qual com seu jeito e possibilidade, a vida como uma obra de arte inconclusa, pois como cantou Gonzaguinha¹⁸², maravilhosamente:

Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
É tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente
Onde quer que a gente vá
É tão bonito quando a gente sente que
Nunca está sozinho por mais que pense estar.

¹⁸² GONZAGUINHA. Caminhos do coração. In: GONZAGUINHA. *Caminhos do coração*. [S.l.] EMI-Odeon, 1982. 1 CD. Faixa 10.

Por isso tudo, reitero a hipótese subjacente a este texto e, que fui deixando vestígios ao longo do percurso narrativo, de que educadoras e educadores são sujeitos produtores de conhecimentos, e o respeito aos seus saberes vivenciais é fundamental para **continuarmos alimentando e colhendo sonhos** na educação de jovens e adultos, mas na educação, de modo geral também. Porque o quadro que vivemos hoje não é animador. Segundo reportagens veiculadas em setembro de 2008, o IBGE estimou em 14,1 milhões o número de analfabetos no Brasil, com base em dados de 2007, o que representa 10% da população acima de 15 anos¹⁸³.

São números inaceitáveis resultantes de uma histórica dívida social imposta às classes populares e empobrecidas deste país. E para agravar o quadro, a pesquisa revela que 2,1 milhões de crianças matriculadas nas redes de ensino, que já passaram por processo de alfabetização, não sabem ler e escrever¹⁸⁴.

Assim, tomar a questão da formação dos educadores bem como da alfabetização de jovens e adultos, como tema para estudo, debate, investigação e trabalho árduo, diário, nas salas de aula, requer também, para nós educadores e pesquisadores, a ousadia para retomar proposições feitas por Paulo Freire nos idos de 1970, quando trouxe à luz a primeira edição de “Pedagogia do Oprimido”.

Pensar uma alfabetização com o cotidiano é tentar descobrir e abrir-se para aceitar histórias contidas e não contadas, opiniões e sonhos abortados pela desigualdade, tendo o cuidado de não confundir desigualdade com diferença (GERALDI, 2006, p. 65).

¹⁸³ Disponível no ‘site’ da Agência Estado:

<http://int.estadao.com.br/Multimedia/ShowImpressao.action?xmlPathname=not_eco244356,0.xml>
Acesso em: 21 out. 2008.

¹⁸⁴ Disponível no ‘site’ da Agência Estado:

<http://int.estadao.com.br/Multimedia/ShowImpressao.action?xmlPathname=not_ger247286,0.xml>
Acesso em: 22 out. 2008.

Uma das grandes contribuições que o campo da Educação Popular tem trazido para a construção de um país mais justo e solidário é exatamente a da acolhida ao saber da educadora, do educador popular e dos educandos.

O conhecimento das educadoras do mundo dos oprimidos, dos excluídos da cidade das letras (GERALDI, 2006) é fundamental para a superação deste quadro de *'apartheid'* social. Vocês estão lembradas das observações feitas pela Mariana, no seu diário pessoal, não é mesmo?¹⁸⁵ Através de seu aguçado depoimento podemos perceber claramente que muitas professoras do ensino regular não aceitavam trabalhar em um bairro distante da periferia urbana e ela, por ser moradora da mesma região, vivendo sob as mesmas condições econômicas, sociais, culturais, revelava um modo solidário e criativo de enfrentar os desafios da sala de aula e produzir situações de aprendizagem a partir do diálogo constante com a merendeira e com seus educandos e educandas.

Paulo Freire chamou de invasão cultural à pretensão de silenciamento aos saberes do povo. “Daí que seja necessário ao invasor descaracterizar a cultura invadida, romper seu perfil, enchê-la inclusive de subprodutos da cultura invasora” e continua mais adiante: “Para que os homens simples sejam tidos como absolutamente ignorantes, é necessário que haja quem os considere assim” (1977, p. 42; 46).

Para que a educação seja humanizadora é necessário que haja o diálogo, tratado por Freire como o “encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam” (1977, p. 43).

Apesar de todas as estatísticas do IBGE e dos Indicadores Sociais, sabemos que nesta sociedade profundamente marcada pela desigualdade, há também uma luta constante pela sua transformação. Nas próprias instituições de ensino, precarizadas pelas infundáveis modalidades de abandono do poder público e da sociedade, existem educadores e educadoras engajados no movimento de superação do fracasso escolar que atinge, como que por “encanto”,

¹⁸⁵ Página 139.

sempre os mesmos grupos sociais, segundo irônica e dramática observação de Regina Leite Garcia (1992, p. 8).

Na luta pela construção de uma sociedade democrática e solidária a reinvenção do legado de Paulo Freire depende de nós, da reflexão sobre a nossa prática, da tentativa de ajustarmos cada vez mais nossos discursos às nossas ações cotidianas. Assim, poderemos ver o que antes não víamos, como no poema da formadora Ana Cláudia, do Projeto LETRAVIVA.

LETRAS

Não via!
Mas estavam em todas as vias,
Todos os dias!
Mas eu não via!

Passava por ti todos os dias!
Mas eu não via!
Como não via,
Se estavam nas vias
Todos os dias?
Mas eu não via!
Não percebia.
Mostraram para mim
LETRAVIVA.
Agora vejo!
Na via, todos os dias.
Vejo letras maiúsculas,
Minúsculas
Que antes eu não via,
Eu nem percebia.
Agora me fazem falta
Antes, eu nem percebia.

Formadora Ana Cláudia

06 de Dezembro de 2003

Acredito que a contribuição de Paulo Freire, neste ano em que comemoramos 41 anos da publicação de *“Pedagogia do Oprimido”*, continua a

nos desafiar. Sobre as demandas da Educação Popular no mundo contemporâneo, Pedro Garcia (2001, p. 87) afirma,

Em termos políticos, buscamos dar ênfase à luta cultural por uma nova subjetividade, campo por excelência da educação popular. Hoje não se trata de atingir um ponto de chegada predeterminado. Trata-se de formar sujeitos que possam navegar sem bússola para o desconhecido, buscando um conhecimento que, a cada passo, é necessário rever e reavaliar. Humor, ironia, solidariedade e a esperança de aportar em um porto seguro é o que desejo a todos nós.

Com esperança militante, vamos alimentando e também colhendo sonhos, pois as experiências de formação que compartilhamos neste trabalho representaram um marco na trajetória da vida de todas as pessoas que com ela estivemos implicadas. “As lembranças grupais se apóiam umas às outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal” (BOSI, 1987, p. 336).

O trabalho com as histórias de vida dos educandos, educandas e dos educadores, possibilitou que o repertório individual destes sujeitos cognoscentes fosse acrescido por meio de novas aproximações do real e do vivido.

As experiências de formação e de autoformação confirmam que há uma “*práxis biográfica (trans)formadora*”, no dizer de Josso (2006, p. 12), no trabalho que acolhe a todos como sujeitos produtores do conhecimento. Podemos seguir construindo um outro futuro possível, sem esquecer ou talvez aprender continuamente, *no caminho*, a viver a educação como prática social comprometida com a transformação dos cenários desumanizantes.

Vivenciando o diálogo teremos mais oportunidade de aprender e também de compreender nossas contradições e limitações, e quem sabe, superá-las.

Ao referir-se ao diálogo, em “*Cartas a Cristina*”, Paulo Freire afirmou: “Um melhor conhecimento dos núcleos entre si, a possibilidade concreta de

intercâmbio entre eles, a ajuda mútua, maior eficácia do trabalho [...] Maior abertura ao diálogo ao lado de maior compreensão das limitações de cada um de nós” (1994, p. 128). Diálogo, ajuda mútua, compreensão das limitações e dos desafios à superação, no nosso entendimento, são constitutivos do *ser educadora, educador*. Dialogando, convivendo, aprendendo com o outro, seremos capazes de seguir tentando fazer da educação uma prática da liberdade.

Após a *experiência* no Projeto LETRAVIVA e a outra *experiência* de narrar a minha compreensão do vivido, só posso dizer: “*Nada será como antes*”¹⁸⁶. E como “*já estou com o pé nesta estrada*”¹⁸⁷, gostaria de apresentar alguns pontos que considero importantes destacar, em função do diálogo que viemos estabelecendo entre nós, autores, artistas, amigos, familiares, enfim, também com o conjunto de situações vividas durante a realização da pesquisa. São algumas das *lições do vivido e da experiência*:

- ☉ O respeito, acolhida e diálogo com o saber do outro são fundamentais para se construir novos conhecimentos, novas aprendizagens. Não há educação significativa, comprometida com a vida da pessoa que possa prescindir de sua ação de sujeito. A alardeada “*formação*” de professores ou educadores que recusa o diálogo e se concretiza através de “*treinamento*”, “*reciclagem*” e “*capacitação*”, muito comum em nossos dias, reafirma a adequação das redes de ensino, sobretudo as de caráter “*supletivo*”, às estruturas sociais. Esse tipo de “*formação*” não só reproduz o processo de divisão social, como participa ativamente dele. Com Paulo Freire reafirmamos que a educadora, o educador, que está em contínuo processo de formação, necessita ser respeitado como sujeito de sua aprendizagem/formação, porque ninguém pode “*transferir*” conhecimentos e, sim, (com)partilhar, (co)produzir.
- ☉ O conhecimento vivencial das Educadoras Populares é fundamental e determinante para estabelecer o vínculo com os adultos e jovens

¹⁸⁶ NASCIMENTO, M.; BASTOS, R. Nada será como antes. Intérprete: Elis Regina. In: REGINA, E. *Elis*. Rio de Janeiro: PolyGram-PHILIPS, 1985. 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 3.

¹⁸⁷ *Ibid.*, 1985, Lado 1, faixa 3.

analfabetos, visto que elas compartilham o mesmo universo cultural dos oprimidos, sendo elas próprias a expressão do *'apartheid'* social produzido no mundo capitalista.

- As narrativas autobiográficas, os registros pessoais, diários, as poesias e pequenas crônicas, produzidas pelas Educadoras Populares são potentes para dar a ver os seus movimentos de recriação de saberes construídos ao longo da vida. Os escritos reflexivos e autobiográficos, escritos *a 'posteriori'* da experiência vivida, revelam a sua compreensão da história pessoal imbricada na história social, da qual são sujeitos/objetos. O *"caminhar para si"*, de Josso (2004) se expressa nestes escritos.
- A pesquisa autobiográfica é profícua para pesquisadores da educação porque possibilita uma compreensão implicada do seu próprio trabalho de educador, educadora, e de como vai sendo modificado à medida que avança nos estudos e nas pesquisas.
- O difícil, tênue e contraditório equilíbrio entre o institucional e o popular dentro de um governo também é uma importante lição aprendida. E esta é uma lição que a Profa. Corinta fez questão de ressaltar, na sua arguição no Exame de Defesa. Como ela mesma afirmou, esta lição está subjacente ao texto, mas aqui, neste espaço de explicitação da experiência vivida, ela precisa ser destacada como uma possibilidade que acontece em alguns momentos históricos, em determinadas condições, e não está isenta de contradições. É possível lidar com todas as contradições e capturar "raios de luz", como escreveu Adonária em seu pequeno poema, registrado logo mais adiante. No LETRAVIVA nós capturamos os raios de luz e os transformamos em possibilidades novas para a vida se expressar. Um movimento todo se organizou em função destas vivências, apesar das condições precárias do Programa Brasil Alfabetizado, e de todas as demais dificuldades. Este é o nosso "inédito-viável". E neste sentido é uma lição que merece ser reafirmada, porque ela tem um alcance teórico bastante importante para a própria discussão do que é uma gestão democrática e popular e do que é ser governo.

Talvez fosse importante mencionar aqui alguns dos movimentos que foram interrompidos em função da alternância de equipes gestoras nos órgãos da administração pública. Estas interrupções provocam as descontinuidades nas políticas públicas a que fiz referência em outro momento desta pesquisa. Três opções desenvolvidas na Secretaria Municipal da Educação foram abandonadas ou alteradas completamente no governo seguinte: O LETRAVIVA; “Capoeira na Escola” e “Escola é Nossa”. Também a forma de funcionamento dos Conselhos Municipais foi alterada. Na gestão 2001-2004, os Conselhos tinham o total poder de deliberação. O dinheiro, a verba toda da Secretaria Municipal de Educação era controlada por meio deles. Apresento algumas informações relativas à Capoeira na Escola e também sobre as Monitoras de Educação Infantil, para dar a ver alguns dos movimentos que ocorreram e suas repercussões posteriores.

“Capoeira na Escola”: Um grupo de militantes do Movimento Negro propôs, em uma das rodadas do Orçamento Participativo, que deveria ser incluída a Capoeira no currículo das Escolas Municipais. Essa demanda foi votada e aprovada no Orçamento Participativo. A equipe gestora da SME considerou que para organizar atividades de Capoeira na Escola deveria, evidentemente, ser no contexto da cultura da Capoeira. Ora, o professor da Capoeira é o Mestre da Capoeira. Existe uma hierarquia, uma sabedoria e um processo de organização para chegar a ser Mestre. Esse tipo de formação do Mestre de Capoeira é muito diferente da formação convencional de professores. A equipe gestora da SME defendeu a ida do Mestre de Capoeira para a escola e não um professor de Educação Física que poderia ter no currículo 60 horas de capoeira. Essa foi uma luta muito grande nos bastidores da SME para se conseguir dar consistência a determinadas ideias que parecem simples, mas que demandam opção política.

“As monitoras de Educação Infantil”: As monitoras compunham o quadro de pessoal da Secretaria Municipal de Educação como educadoras, na gestão do governo democrático e popular. Uma das grandes tristezas da Profa. Corinta, enquanto ex-secretária da Educação foi com essa

descontinuidade. Uma das medidas do novo governo foi transferir as Monitoras para os Serviços Gerais, para alegria das Especialistas, dos Médicos, dos Engenheiros, dos Procuradores, que conseguiram mudar o salário, e novamente se diferenciar. Elas foram alijadas do quadro da Educação, justo elas que convivem com as crianças de 0 a 6 anos e têm um papel educativo fundamental com estas crianças. E elas foram remanejadas para o Quadro Geral, classificadas como Serventes. De todas as alterações, essa foi muito séria. Por quê? Porque as monitoras moravam nos bairros. Como as Educadoras Populares, elas eram mães das outras crianças. Mas qual era a formação delas? Elas tinham um grupo no COLE¹⁸⁸. Elas tinham direito de fazer especialização. Contudo também é preciso registrar que foram levadas a efeito muitas lutas para que elas conseguissem o direito de entrar no Curso de Pedagogia da UNICAMP, especialmente organizado para atender às redes municipais da Região Metropolitana de Campinas. A Secretaria Municipal de Educação formulou um texto que dava um determinado resguardo institucional, afirmando que elas trabalhavam com crianças de 0 a 6 anos em Unidades Educacionais, regularmente, e esse foi aceito como critério para poder ingressar nesse curso de Pedagogia. Muitos Secretários da Educação, segundo a Profa. Corinta, não queriam que as Monitoras de Educação Infantil tivessem direito a participar desse curso.

Assim, explicitando estas contradições e dificuldades, é possível revelar a tese da convivência entre o institucional e o popular, nestas condições e momento histórico específico. E esta, talvez, seja uma maneira de trabalhar como se dá a descontinuidade de uma forma menos dura, ou seja, pela lição. E esta é uma lição afirmativa deste trabalho de pesquisa.

- Há mais uma lição a ser destacada aqui. “Esticar horizontes” e a lição subjacente: “manter a fé e a alegria pelo encontro com o outro”. Se existe

¹⁸⁸ COLE – Congresso de Leitura do Brasil, criado em 1978. Realizado a cada dois anos na UNICAMP.

um princípio pedagógico que é forte nestas experiências de formação do LETRAVIVA, e que é mais uma lição a ser compartilhada, é do que se tomava em consideração para formar a Educadora Popular: a opção. Ninguém era obrigado a participar. O envolvimento, que não era o do compromisso profissional, era antes de tudo, o envolvimento de gente e por isso produzia “*saberes encarnados*”. Existe um momento na narrativa desta pesquisa que fica explícito este princípio pedagógico: a cena do estupro que foi revelada em um momento de Formação Continuada. Era um conhecimento encarnado. Naquele momento, as pessoas que participavam não tinham muito o que dizer porque todas sentiram. Viveram. Aprenderam, na carne, o que é lidar com o corpo e com a fragilidade humana. Esta experiência de *encarnar* o conhecimento não se separa. Não é possível falar em razão e sensibilidade. Estes saberes são intensos e completos. E complexos! E a Profa. Corinta afirmou que precisava “dar luz”, dar força e visibilidade a estas vivências, saberes e conhecimentos produzidos, porque eles aparecem no texto e esta é a característica da “re-existência”! Por isso há a transformação. Porque o tipo de vivência e o tipo de formação parte deste princípio pedagógico de saberes encarnados.

E para revelar um pouquinho mais dos “saberes encarnados”, gostaria de fazer referência ao “*Círculo de Diálogos: Experiências de Educação Popular – Alfabetização de Jovens e Adultos*” promovido durante a 3ª Feira do Livro dos Movimentos Sociais, Sindical e Popular do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região, no dia 25 de Outubro de 2007. Alguns membros da Diretoria do Sindicato haviam me convidado para um debate sobre Educação Popular e então, pensei: Nada mais justo que todas as vozes que fazem Educação Popular dialogarem sobre o que é e como vivem a Educação Popular. Convidei Educadoras e Educadores Populares, Educandos e Educandas, Ex-estagiários do LETRAVIVA e demais pessoas interessadas no assunto. Convidei também, para dialogarem, do lugar de gestoras do LETRAVIVA, a ex-Secretária Municipal de Educação, Profa. Corinta e a Dulce, como uma das Coordenadoras. Assim, pensei em um encontro no qual todas as vozes pudessem se pronunciar e dizer dos seus

saberes e conhecimentos sobre Educação Popular. Segundo afirmação da Profa. Corinta foi um momento mágico! E a construção do encontro a partir da exibição de fotos de experiências no LETRAVIVA foi um ponto forte para o desenvolvimento desta nova e outra vivência. A Profa. Corinta cobrou com veemência a referência a este Círculo de Diálogos e, assim se referiu a ele no Exame de Defesa¹⁸⁹: “Eu acho que essa tática, esse modo... A Aninha, em vez de passar a palavra para nós, botou um conjunto de fotografias e deixou passar essas fotos. Vocês se lembram? Eram fotos das pessoas em grupos, das pessoas se abraçando... Na medida em que foram passando, as pessoas foram se reconhecendo e conversando... E todo aquele jeito ‘posudo’ que tinha antes, depois daquelas imagens, se perdeu. Tanto que, qual foi a primeira pessoa que falou? Foi uma alfabetizanda do Poveda. Eu nunca vou esquecer. Eu me lembro disso, pra mim é uma coisa, assim, que está encarnada. Ela chegou, para vocês, que não participaram e disse assim: Eu queria dizer para vocês que eu entrei no ginásio. Eu fui aluna do LETRAVIVA e eu entrei no ginásio. E aí começou a contar tudo o que ela aprendeu como mulher, como gente e do mundo das letras... E ela disse assim: até a possibilidade de enfrentar esse público agora. Ela abriu o Seminário, certo? Abriu. Os doutores da UNICAMP... Aquela Secretária que ficou invisível nisso. Porque o meu trabalho era sempre de bastidor. A parte boa eu não aproveitava! E aí, de repente, eu vi ali a dignidade de um trabalho, da “produção” e “produtividade”, se quiserem, do que é o trabalho e do resultado do trabalho, naquela apresentação. Foi aí que começou minha choradeira naquela noite. E eu não conseguia parar. Porque... eu acho que você não falou nada desse encontro. Sabe? Você se lembra dele... E eu acho que foi mágico! Porque ali não tinha mais relações de poder, nem com governo. Todo mundo estava fora do governo. Todo mundo foi convidado. Chovia a cântaros! Não sei como é que o povo chegou. E mesmo assim os

¹⁸⁹ Fiz a transcrição do áudio e depois a textualização de parte do depoimento em que a Profa. Corinta fez referência ao “Círculo de Diálogos”, ou seja, retirei marcações coloquiais da linguagem oral, as palavras que não têm peso semântico para a compreensão da frase.

depoimentos foram uma coisa! E eles foram suscitados pelas vivências todas mas, naquele momento, pelas imagens. E eu, hoje, como estou olhando mais pelas imagens, eu fiquei sensibilizada para te dizer isso. Aninha, muito obrigado. Muito obrigado por te conhecer, por conhecer você e a Dulce. Por me dar o direito de estar vivendo hoje coisas tão lindas que aprendi com vocês. E acho que você não pode parar. Tem que publicar esse trabalho. Vai ter que dar uma reduzida na parte inicial, que está muito grande. Você deve publicar a tese em um livro. Acho que a gente tem que conseguir fazer divulgar isso porque são conhecimentos preciosos que você conseguiu trazer à tona. Só você mesmo podia fazer isso. Parabéns!”

Decidi registrar também alguns dos comentários feitos durante o Exame de Defesa porque eles constituem parte do trabalho construído no diálogo. Também a carta que o Prof. Guilherme me endereçou, no Exame de Defesa, está disponível no “Baú de Achados e Guardados”, às páginas 357-361, porque não posso desejá-la somente para mim. É para ser partilhada com todos os leitores e leitoras.

Acredito que para nós, Educadoras Populares, o movimento de re-existência e ressignificação ganhou relevância em nossas vidas. Novos laços afetivos foram sendo tecidos a partir daqueles primeiros encontros em 2003. Outros modos de compreender e participar dos movimentos sociais, na cidade de Campinas, foram sendo gestados.

Para muitas educadoras, a participação no Projeto LETRAVIVA significou também o redirecionamento da vida profissional, conforme algumas de vocês me relataram. Faço referência somente a algumas de vocês neste trabalho, pois não tive condições de me comunicar com todas, depois de 2004.

Raquel concluiu neste ano de 2008 a Licenciatura em Educação Artística, tendo retomado as suas aulas na rede de ensino do Estado já em 2004.

Sílvia voltou a trabalhar com alfabetização de jovens e adultos, em Custódia, PE, levando a experiência vivida no LETRAVIVA para uma região muito distante de Campinas. Está também fazendo o Curso Técnico de Enfermagem.

Marta voltou a estudar e está cursando Administração, a fim de responder aos desafios novos encontrados em sua trajetória como religiosa.

Mariana iniciou o curso superior na área da Educação, mas neste momento está afastada, em virtude de problemas de saúde. Continua trabalhando com alfabetização de jovens e adultos. Sua paixão.

Gabriela e Cristina iniciaram o Curso de Pedagogia, contudo precisaram interromper temporariamente, por conta de dificuldades financeiras para dar prosseguimento aos estudos. Estavam prestando o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) para tentar uma bolsa de estudos do PROUNI (Programa Universidade para Todos) do Governo Federal.

Gabriela voltou a trabalhar na alfabetização de jovens e adultos no Projeto desenvolvido pelo Sindicato da Construção Civil de Campinas.

Tina concluiu o Curso de Letras e está dando aulas nas redes municipal e estadual.

Cecília concluiu o Curso de Pedagogia em 2008 e trabalha, atualmente, em uma escola de ensino fundamental.

Elaine também está cursando Pedagogia e deverá concluir o curso em 2009. Trabalha como estagiária na Prefeitura Municipal de Campinas.

Lídia aposentou-se da docência em nível superior e continua trabalhando com alfabetização de jovens e adultos, no Centro Cultural Poveda.

Gil em 2003-2004, estagiário de Ciências Sociais no LETRAVIVA, está hoje cursando a Pós-Graduação em Antropologia, na UFSCar (Universidade Federal de São Carlos).

Edna, estagiária de Pedagogia, terminou o curso e trabalha na educação infantil em um colégio confessional, em Campinas. Fez especialização em psicopedagogia e disse-me, outro dia, que gostaria muito que nos reuníssemos novamente como um grupo de trabalho, porque a experiência foi marcante em sua vida.

Silas, estagiário da área de Comunicações afirmou, no “Círculo de Diálogos” que realizamos em 2007, que o LETRAVIVA foi decisivo para ele compreender que a educação pode fazer a diferença na vida da pessoa. No seu depoimento, afirmou que seu curso lhe oferecia uma visão “capitalista” da sociedade e participar do LETRAVIVA possibilitou contextualizar o seu próprio trabalho na sociedade.

Encontrei essa semana com o Gilmar, estagiário da área da Economia. Ficou feliz em me encontrar na rua. Abraçou-me demais e disse que nunca vai esquecer a experiência que viveu conosco no LETRAVIVA. Está prestando o exame de seleção para o Mestrado em Engenharia da Produção, na UNICAMP.

Débora, formadora do LETRAVIVA, pedagoga, prestou concurso para o magistério na cidade de Várzea Paulista. Efetivou-se em 2007.

Dulce concluiu seu doutoramento: *“Revisitar Paulo Freire: uma possibilidade de re-encantar a educação”*, em 2006 e trabalha na docência em nível superior. Contou-me, um dia desses, que passou no concurso para a Direção de Escola Municipal, da Secretaria Municipal de Educação de Campinas. Deve assumir o posto de trabalho em breve. Dulce e eu continuamos juntas, militando na Educação Popular, aliás, nunca mais nos separamos. Atualmente estamos realizando um trabalho voluntário para a recuperação da memória e dos trabalhos educativos do “Centro de Estudos em Educação: Vereda”.

Gostaria de testemunhar que, pessoas que não se conheciam, se encontraram para criar um projeto de alfabetização de jovens e adultos e

tornaram-se amigas, amigos, formando uma “*comunidade de destino*”¹⁹⁰ bastante singular. Sempre nos encontramos, com muita alegria e espontaneidade, para reavivar a chama que nos uniu: a *palavra acesa, a letra viva*. Em um recente encontro, Adonária trouxe um pequeno escrito para nos presentear. Temos feito o trabalho cuidadoso de continuar tecendo os vínculos que nos une. Essa é, no meu entendimento, uma das potentes maneiras de ‘*esticar horizontes*’: manter a fé e a alegria pelo encontro com o outro.

Eis o escrito de Adonária:

Estamos reunidas, adoro nossos encontros, nem que seja por alguns instantes. Eu sou feliz, tenho vocês, minhas melhores amigas. Considero amiga aquela que tenho afinidade, simpatia, sem criar dependência. Somos amigas.

Amizade

A – Amiga e amigo ‘*é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito, dentro do coração*’. Vocês são maravilhosas e cada uma tem um espaço especial em minha vida.

M - Mulheres comprometidas com a vida, ousadas, que reinventam o cotidiano, cada uma com suas dimensões, qualidades, jeitos e afeições.

I – Ímpar. Somos únicas, incríveis, parece que quando a coisa não tem mais saída, a gente encontra uma brecha e pega o raio do sol com uma sensualidade incrível.

Z – Zelasas, afetuosas, cuidadosas, tudo é muito bom e precisa ser preservado, amado, e respeitado.

A – Apaixonadas, amantes e amadas...

D – Doidas, doadas, degustadoras dos improvisos da vida.

E – Elegantes, espertas, **ETERNAMENTE TU, EU, NÓS.**

¹⁹⁰ BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1987. Talvez a *comunidade de destino* possa ser compreendida como o compartilhar de um jeito especial de olhar o mundo, de se relacionar com a vida e com as pessoas.

Carinhosamente,

Adonária.

Campinas, 03 de Julho de 2008.

Apesar da afetividade e do carinho que nos une os descaminhos também estão presentes, os desvãos e os sofrimentos. Não podemos negar, não é mesmo?

Depois de tanta luta e dificuldade para criar um ambiente propício à ampliação das oportunidades para jovens e adultos se apropriarem dos conhecimentos a eles sonegados; depois que educadoras e educadores populares revelaram para si e para os habitantes da *“cidade das letras”* o quão significativa é sua contribuição para a humanização dos processos educativos; depois de tanta alegria por ver as pessoas sendo alfabetizadas apesar das precariedades, precisamos conviver com a descontinuidade. Talvez esta seja uma das mais difíceis e dolorosas das aprendizagens.

A alternância nos cargos de direção do Executivo, uma das importantes conquistas do nosso povo, após longos e massacrantes anos da ditadura militar, conquista pela qual empenhamos apaixonadamente nosso tempo, trabalho, suor, de outro lado, facilita a desarticulação de equipes e de trabalhos exitosos.

Esta situação estamos tendo que aprender.

Contradições não faltam neste nosso mundo de democracia liberal. De direitos virtuais, proclamados, mas nunca assegurados aos pobres e trabalhadores que são obrigados a vender a sua força de trabalho para sobreviver. Neste contexto vivemos os descompassos, as idas e vindas das políticas públicas.

Contradições são desafios à nossa inteligência e energia criativa.

Contradição e movimento parecem ser a marca de minha vida. Ednardo cantou assim e me ajuda a pensar: *“Nada parado, nada seguro, nada infinito ou puro”*¹⁹¹ ...

Nos últimos meses do ano de 2008 tenho vivido situações por demais contraditórias em relação às minhas concepções e práticas na área da educação. No início do ano decidimos transferir nosso filho caçula para uma escola que acreditávamos ser alternativa, em função da divulgação que se promove a seu respeito. Pensávamos, João e eu, que seria uma oportunidade para uma vivência humanizadora, porque as escolas tradicionais, nós já conhecemos, já vivemos nelas, já carregamos as suas marcas como “barricadas” em nossos corpos. Nossa decepção e desencanto, porém, não tardou a se manifestar. Logo no primeiro trimestre percebemos que o ano seria a repetição enfadonha das experiências anteriores.

O nosso primeiro filho estudou em escola tradicional a vida toda. “Educação bancária” assumida, mas foi levando, como todas nós. Tem um perfil de pessoa concentrada que resolve as coisas por si mesmo, parece até que não precisa muito de professor. Sobreviveu e agora chegou ao vestibular.

O filho caçula, por sua vez, não vive a experiência escolar com tranquilidade. Não admite ficar imobilizado em uma carteira horas e horas seguidas. Na primeira série já tivemos que realizar a primeira transferência de escola.

Ele me dizia: “Mãe sabe do que eu mais gosto da escola? – Do recreio e das férias!”

É um garoto muito ativo, não se submete às arbitrariedades com a facilidade com que professores, coordenadores e diretores julgam ser adequada

¹⁹¹ EDNARDO; BRANDÃO. Amor de estalo. Intérprete: Ednardo. In: EDNARDO. *Cauim*. Rio de Janeiro: WEA, 1978. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 3.

para um *aluno*. Ele gosta do movimento. Tem energia saindo pelos poros. Ficar sentado, escutando o “*mestre explicador*”¹⁹² definitivamente não lhe é aceitável.

Já no primeiro trimestre de 2008 conversei com a Coordenadora sobre o modo como as disciplinas estavam sendo abordadas e pelas avaliações pontuais e imobilizadoras, mas minha voz não teve ressonância. O fato é que o garoto chegou ao final do ano exausto por este tipo de procedimento e, nós todos, como família, vivendo o seu drama pessoal.

Segundo Heller, vivemos imersos na cotidianidade:

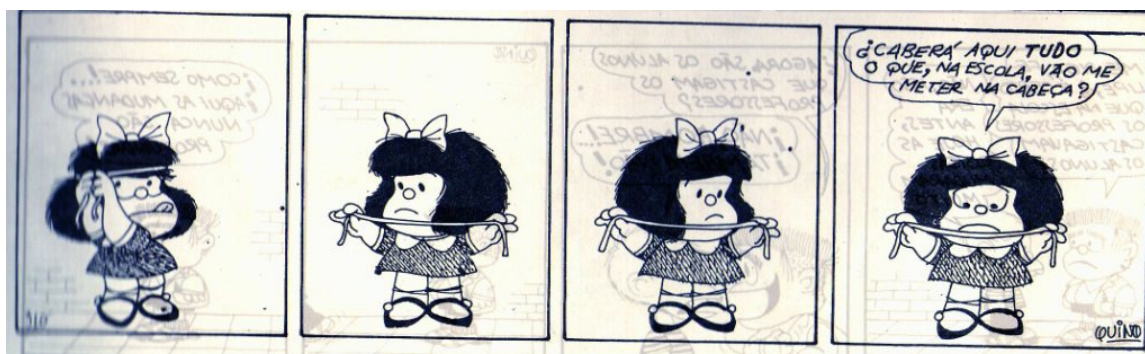
A vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social. [...] As necessidades humanas tornam-se conscientes, no indivíduo, sempre sob a forma de necessidades do *Eu*. O ‘Eu’ tem fome, sente dores (físicas ou psíquicas); no ‘Eu’ nascem os afetos e as paixões ([1988?], p. 20).

A experiência que estou vivendo mais este ano com meu filho caçula me parece um balde de água fria nas minhas crenças, vocês concordam comigo? Depois de tudo que criamos juntas. Depois de tudo que vimos acontecer na vida das pessoas; das possibilidades de construção de conhecimento através do diálogo e da partilha dos saberes... É simplesmente um desalento ver que a educação, até nos ambientes autoproclamados alternativos, continua a ser a velha “*educação bancária*”...

Mas, também a gente precisa tentar olhar os problemas com uma certa ironia e humor, não é mesmo? Meus filhos sempre me ensinam e abrem frestas... Ao conversar com o Pedro sobre estes momentos difíceis que estamos vivendo

¹⁹² RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual*. Tradução Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. Nesta obra, Jacques Rancière apresenta um estudo sobre um pedagogo francês que viveu à época da Revolução Francesa. A inusitada maneira de trabalhar do pedagogo Joseph Jacotot é detalhadamente estudada por Rancière. Um dos problemas em questão é, justamente, o pressuposto ordinariamente reproduzido nos sistemas de ensino de que o professor sabe e que o aluno não sabe, por isso ele se coloca na posição hierarquicamente superior à do aluno e passa a produzir as suas explicações, acreditando que o aluno irá aceder ao conhecimento por essa via. “É preciso inverter a lógica do sistema explicador. A explicação não é necessária para socorrer a incapacidade de compreender”, afirma (p. 23).

em família, ele comentou: “Mãe, essa história toda me faz lembrar da Mafalda...”¹⁹³



É bom ter com quem dividir as inquietações, vocês não acham?

Encontrei-me hoje com a Mafê e, como sempre, a questão das nossas relações com o trabalho educativo se projetaram à frente de tudo. Ela estava inconformada e triste porque há bastante tempo um grupo, na escola onde trabalha, tenta construir uma comunidade de diálogo e parceria e, neste final de ano, algumas pessoas, não suportando mais os desgastes vividos no cotidiano escolar, resolveram pedir transferência da escola... Quanta dificuldade para criar novas oportunidades em velhas estruturas!

Será que sempre vamos viver na piracema? Nadando contra a maré, acreditando ser possível construir conhecimento a partir do diálogo, do respeito às diferenças? Mafê lembrou, com muita pertinência, da poesia que postou na nossa lista de diálogos *'online'*¹⁹⁴.

¹⁹³ QUINO. *Mafalda*: tiras de Quino 2. São Paulo: Global, [1980?], tira 310.

¹⁹⁴ BARRETO, V.; VIÁFORA, C. A cara do Brasil. Intérprete: Ney Matogrosso. In: MATOGROSSO, N. *Vivo*. Rio de Janeiro: PolyGram, 2000. 1 CD. Faixa 14.

A cara do Brasil

Eu estava esparramado na rede
 Jeca urbanóide de papo pro ar
 Me bateu a pergunta meio a esmo:
 Na verdade, o Brasil o que será?
 O Brasil é o homem que tem sede
 Ou o que vive na seca do sertão?
 Ou será que o Brasil dos dois é o mesmo
 O que vai, é o que vem na contra mão?

O Brasil é o caboclo sem dinheiro
 Procurando o doutor n'algum lugar
 Ou será o professor Darcy Ribeiro
 Que fugiu do hospital pra se tratar?

A gente é torto igual a Garrincha e Aleijadinho
 Ninguém precisa consertar
 Se não der certo a gente se virar sozinho
 Decerto então nunca vai dar

O Brasil é o que tem talher de prata
 Ou aquele que só come com a mão?
 Ou será que o Brasil é o que não come
 O Brasil gordo na contradição?
 O Brasil que bate tambor de lata
 Ou que bate carteira na estação?

O Brasil é o lixo que consome
 Ou tem nele o maná da criação?
 Brasil Mauro Silva, Dunga e Zinho
 Que é o Brasil zero a zero e campeão
 Ou o Brasil que parou pelo caminho:
 Zico, Sócrates, Júnior e Falcão

A gente é torto igual a Garrincha e Aleijadinho
 Ninguém precisa consertar
 Se não der certo a gente se virar sozinho
 Decerto então nunca vai dar

O Brasil é uma foto do Betinho
 Ou um vidro da Favela Naval?
 São os Trens da Alegria de Brasília?
 Ou os trens de Subúrbio da Central?
 Brasil Globo de Roberto Marinho?
 Brasil bairro, Carlinhos Candéal?
 Quem vê, do Vidigal, o mar e as ilhas

Ou quem das ilhas vê o Vidigal?
 Brasil encharcado, palafita?
 Seco açude sangrado, chapadão?
 Ou será que é uma Avenida Paulista?
 Qual a cara da cara da nação?

Acho que a gente realmente é muito torta. Nós existimos como uma comunidade de destino utópica. O que nos une é o nosso jeito de olhar e, talvez, consigamos dialogar sobre o que nos aflige e perturba porque nos amamos e procuramos, obstinadamente, maneiras de realizar os sonhos gestados em comunhão. Uma tenta amparar a outra, mesmo estando fisicamente distante:

Para falar em comunidade de destino e para vivê-la é preciso crer, como dissera Benjamin, que o porvir não é um ponto objetivo previsível, nem o tempo, uma linha homogênea e vazia, mas que o porvir é o possível e o tempo, o que há de vir, pois nele cada momento conta porque é a porta estreita por onde poderá passar o Messias (CHAUÍ, 1987, p.XXX)¹⁹⁵.

Vivemos uma comunidade de destino porque cremos em outros horizontes possíveis de serem vividos, criados, inventados. Educação é trabalho coletivo. Construção partilhada. Ninguém faz nada sozinho. Precisamos do grupo.

“Isso significa:

1. que ninguém educa a ninguém;
 2. que ninguém tampouco se educa sozinho;
 3. que os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”
- (FREIRE, 1974, p.18).

¹⁹⁵ Esta significativa reflexão sobre *comunidade de destino* foi feita por Marilena Chauí na Apresentação do livro “Memória e Sociedade”, de Ecléa Bosí, várias vezes referenciado nesta pesquisa.

Temos, sim, muitas perguntas. Muitas perguntas e perplexidades diante dos cenários de desalento criados pelos que utilizam o mercado como parâmetro de governança social. Muitas questões e algumas respostas...

Precisamos cada dia mais dos poetas para poder enxergar, vislumbrar algum sentido e caminhos possíveis. “Saiba que os poetas como os cegos podem ver na escuridão”, cantou o Chico Buarque¹⁹⁶.

O momento atual de minha vida cotidiana está em erupção, como o vulcão a que fiz referência em outro momento desta narrativa:

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular. Ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude (LARROSA, p. 129-130).

Viver a vida tentando manter a coerência entre nosso discurso e a nossa prática é muito difícil. Muito custoso, como diria minha amiga mineira Betânia. Mas, estou tentando. “*Vivendo e aprendendo a jogar*”, como cantou Elis Regina¹⁹⁷.

Viver a contradição cotidiana é o meu desafio nos horizontes da vida e, sobreviver a ela, tentando em comum com outras pessoas, criar o “*inedito-viável*”. E conto, para isso, com as amigas que tanto me ensinaram durante a vivência no LETRAVIVA e também outras amigas e amigos, de tantos lugares, de tantas aventuras. Umas sonhadas, outras vividas.

¹⁹⁶ BUARQUE, C.; LOBO, E. Choro bandido. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, C. *Paratodos*. São Paulo: BMG-Ariola, 1993. 1 CD. Faixa 2.

¹⁹⁷ ARANTES, G. *Vivendo e aprendendo a jogar*. Intérprete: Elis Regina. In: REGINA, E. *Trem azul*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1988. 2 discos sonoros. Disco 1. Lado A, faixa 1.

Preciso lembrar mais uma vez Manoel de Barros (2001, p. 67):

“Sou muito preparado em conflitos”.

E também da lição que Larrosa (2003, p. 41) escreveu no texto *“Paradoxos da autoconsciência”*: “Não sejas nunca de tal forma que não possas ser também de outra maneira”.

Isso aprendi com vocês, educadoras do LETRAVIVA: a não sucumbir diante das tragédias existenciais e, no diálogo, procurar as maneiras de elaborar a re-existência, pessoal e coletiva, pois o nosso maior apetite é desejar ser¹⁹⁸, não é mesmo?

Pelo transbordamento de vida, pelas lições ao longo do caminho, por *“tanto amor, por tanta emoção”*¹⁹⁹, agradeço a companhia e a presença de vocês em minha vida, pois como afirmou Ecléa Bosi, “uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa” (1987, p. 2).

Apesar dos desencontros a vida também nos reserva re-encontros, como este que pudemos viver durante a realização desta pesquisa. Um re-encontro desejado...

Eles partiram por outros assuntos, muitos
Mas no meu canto estarão sempre juntos, muito
Qualquer maneira que eu cante esse canto
Qualquer maneira me vale cantar

Qualquer maneira de amor valerá...²⁰⁰

Nos subterrâneos desta narrativa muitas vozes ecoam, muitas lições aprendemos – compartilhamos, mas talvez a que toma a memória como trabalho, eu sinta necessidade de reafirmar, e peço licença a vocês para fazer isso.

¹⁹⁸ Este escrito do Pe. Vieira garimpei no livro do poeta Manoel de Barros, *“Poesia sobre nada”*. De acordo com as convenções acadêmicas devo registrar assim: Vieira *apud* BARROS, 2001.

¹⁹⁹ MAGRÃO, S.; SÁ, L. C. Caçador de mim. Intérprete: Milton Nascimento. In: NASCIMENTO, M. *Caçador de mim*. Rio de Janeiro: FONOBRA-Bras-Clay, 1982. 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 1.

²⁰⁰ NASCIMENTO, M.; VELOSO, C. Paula e Bebeto. Intérprete: Milton Nascimento. In: NASCIMENTO, M. *Minas*. Rio de Janeiro: EMI-ODEON, 1985. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 5.

“Memória não é sonho, é trabalho”, afirmou Ecléa Bosi (1987, p. 17), e acredito que, para nós, educadoras e educadores, este trabalho seja essencial. Não perdermos de vista o aprendizado vivenciado e, ao mesmo tempo, ofertá-lo a outros. Mas, para que esta ação seja feita, é preciso do trabalho da memória. Este que realizamos aqui.

É um trabalho difícil, ao mesmo tempo gratificante e doloroso, porque expõe nossas potencialidades e mazelas. Por debaixo de nossos sonhos se insinuam nossos medos e inseguranças. Avançar exige de nós determinação e ousadia. Como o poeta (ANDRADE, 1988, p.68):

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

De mãos dadas vamos, nutrindo grandes esperanças, considerando a enorme realidade, tateando um futuro desejado no presente.

Uma das lições dolorosamente difícil de ser encarnada, por mim, neste momento, é a da provisoriedade da produção do conhecimento científico. Como é bonito escrever, conversar, debater sobre a provisoriedade do conhecimento. E como é difícil viver! Admitir que não foi possível elaborar um estudo mais abrangente, acolhedor de muitas outras vozes. Tudo é parcial e recortado. Provisório. É o que tenho a oferecer neste momento.

Por saber e sentir que aguardam a ampliação de nosso aprendizado de grupo, fiz-me escriba, (co)autora de uma história escrita a muitas mãos.

Poesia e vida. Vida e poesia compõem, juntamente com outros tipos de fios, as tramas de nossas vidas.

Obrigada, queridas amigas.

Aceitem meu abraço de reconhecimento e gratidão e, para encerrar, tomo de empréstimo mais alguns fios para serem entremeados nas urdiduras de nossa composição pessoal, na tentativa de ampliar os horizontes. Estes foram criados pela poeta Roseana Murray (1997, p.44):

RECEITA de olhar

nas primeiras horas da manhã
desamarre o olhar
deixe que se derrame
sobre todas as coisas belas
o mundo é sempre novo
e a terra dança e acorda
em acordes de sol

faça do seu olhar imensa caravela

Aninha

Campinas, 13 de Dezembro de 2008.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. (Org.). *Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º COLE*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

ALMANAQUE DO ALUÁ. Rio de Janeiro: SAPÉ. n. 2, jan. 2006. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 03 mai. 2007.

ALMEIDA, M. L. Sujeitos não-alfabetizados: sujeitos de direitos, necessidades e desejos. In: SOARES, L. (Org.). *Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.39-63.

ALMODÓVAR, P. *Tudo sobre minha mãe*. Produção de Augustin Almodóvar. Direção de Pedro Almodóvar. Espanha/França. Sony Pictures Classics Presents, 1999.

ANDRADE, C. D. *Poesia e prosa: organizada pelo autor*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

_____. Canção amiga. In: ANDRADE, C. D. *Poesia e prosa: organizada pelo autor*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p.186 .

_____. Mãos dadas. In: ANDRADE, C. D. *Poesia e prosa: organizada pelo autor*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p.68.

_____. Os ombros suportam o mundo. In: ANDRADE, C. D. *Poesia e prosa: organizada pelo autor*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p.67.

_____. Poema de Sete Faces. In: ANDRADE, C. D. *Poesia e prosa: organizada pelo autor*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p. 04.

ANTÔNIO, S. *A utopia da palavra: linguagem, poesia e educação: algumas travessias*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ANTUNES, A.; BRITTO, S.; MIKLOS, P. Miséria. Intérpretes: Banda Titãs. In: *TITÃS: Õ Blésq Blom*. Rio de Janeiro: Wea, 1989. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 2.

ANTUNES, A.; TATIT, P. O seu olhar. Intérprete: Arnaldo Antunes. In: ANTUNES, A. *Ninguém*. Rio de Janeiro: Sony BMG, 1994. 1 CD, faixa 9.

ARANTES, G. Amanhã. Intérprete: Guilherme Arantes. In: ARANTES, G. *Ronda noturna*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1977. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 1.

ARANTES, G. Vivendo e aprendendo a jogar. Intérprete: Elis Regina. In: REGINA, E. *Trem azul*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1988. 2 discos sonoros. Disco 1. Lado A, faixa 1.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023: Informação e documentação – referências – elaboração*. Rio de Janeiro, 2002a. 24p.

BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

BARON, D. *Alfabetização cultural: a luta íntima por uma nova humanidade*. São Paulo: Alfabio, 2004.

BARROS, M. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. *Livro sobre nada*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BARRETO, S. N. O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres. 29. REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. Caxambu, 2006. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT18-2685--Int.pdf>>

Acesso em: 06 set. 2008.

BARRETO, V.; VIÁFORA, C. A cara do Brasil. Intérprete: Ney Matogrosso. In: MATOGROSSO, N. *Vivo*. Rio de Janeiro: PolyGram, 2000. 1 CD, faixa 14.

BEZERRA, A. A educação alternativa hoje. *Revista de Educação de Jovens e Adultos – REVEJA*. Belo Horizonte, v.1, n.1, dez. 2007. Disponível em:

<http://www.reveja.com.br/revista/1/artigos/REVEJ@_1_AidaBezerra.htm>

Acesso em: 08 fev. 2008.

BÍBLIA SAGRADA. *Evangelho de Marcos*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: SBB, 1969.

_____. *Evangelho de Mateus*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: SBB, 1969.

BOFF, L. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1987.

BRANDÃO, C. R. Da educação fundamental ao fundamental da educação. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 1, ano1, p. 5-34, 1980.

_____. (Org.). *A questão política da educação popular*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. (Org.). *De Angicos a Ausentes: 40 anos de educação popular*. Porto Alegre: MOVA-RS: CORAG, 2001.

_____. *A educação popular na escola cidadã*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *O jardim de todos*. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. *Aprender o amor: sobre um afeto que se aprende a viver*. Campinas: Papyrus, 2005.

BRASIL. Decreto nº 91.980, de 25 de novembro de 1985. Dispõe sobre a criação da Fundação Educar. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, 26 de novembro de 1985. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 66. p.58, set/dez, 1985.

BRECHT, B. Há homens que lutam um dia e são bons. Disponível em: <<http://www.astormentas.com/din/poema.asp?key=1496&titulo=H%E1+homens+que+lutam+um+dia%2C+e+s%E3o+bons>>. Acesso em: 03 fev. 2008.

BUARQUE, C. Bom Conselho. Intérprete: Chico Buarque. In: VELOSO, C.; BUARQUE, C. *Caetano e Chico juntos e ao vivo*. Rio de Janeiro: Polygram, 1972. 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 1.

BUARQUE, C.: HIME, F. Meu caro amigo. In: BUARQUE, C. *Meus caros amigos*. Rio de Janeiro: PolyGram/ Philips, 1976, 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 5.

BUARQUE, C. O que será: à flor da terra. Intérpretes: Chico Buarque e Milton Nascimento. In: BUARQUE, C. *Meus caros amigos*. Rio de Janeiro: PolyGram / Philips, 1976. 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 1.

_____. Brejo da Cruz. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, C. *Chico Buarque*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1984. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 2.

_____. Lola. In: BUARQUE, C. *Francisco*. Rio de Janeiro: BMG Ariola, 1987. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 3.

BUARQUE, C.; BASTOS, C. Todo sentimento. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, C. *Francisco*. Rio de Janeiro: BMG ARIOLA, 1987. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 2.

BUARQUE, C. Romance. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, C. *Paratodos*. São Paulo: BMG Ariola, 1993. 1 CD. Faixa 8.

BUARQUE, C.; LOBO, E. Choro bandido. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, C. *Paratodos*. São Paulo: BMG-Ariola, 1993. 1 CD. Faixa 2.

CADERNOS CEDES. São Paulo: Cortez; Campinas, CEDES. v. 1, n. 1. 60 p. 1980.

CADERNOS CEDES. Campinas, v. 27, n.71, p.112, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br/caderno/cad/cad71.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2008.

CAMPINAS (SP). Secretaria de Educação, FUMEC/ Secretaria de Recursos Humanos. *Aprender não tem idade*. Supervisão geral Corinta M. G. Geraldi; Carlos Fernando B. M. de Oliveira. Campinas: SME/SMRH, 2003.

CAMPINAS (SP). Secretaria da Educação, FUMEC. *Cultivando possibilidades: caminhos na alfabetização de jovens e adultos em Campinas*. Supervisão geral Corinta M. G. Geraldi; Cristiane Machado. Campinas: SME, 2003.

_____. *Semeando oportunidades: sentidos da alfabetização de jovens e adultos em Campinas*. Supervisão geral Corinta M. G. Geraldi; Cristiane Machado. Campinas: SME, 2003.

CAMPOS, A. M. Projeto LETRAVIVA: A educação como possibilidade de ressignificação da vida. In: V SEMINÁRIO MEMÓRIA, CIÊNCIA E ARTE: razão e sensibilidade na produção do conhecimento, 2007, Campinas-SP. *Comunicação em Grupo de Trabalho*. Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em: <<http://www.preac.unicamp.br/memoria/textos/Ana%20Maria%20de%20Campos%20-%20completo.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2008.

CAMPOS, C. M. *Rua e escola: o Hip Hop como movimento porta voz dos sem vez*. 2007. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UNICAMP, Campinas, 2007.

CÉSAR, C. À primeira vista. Intérprete: Chico César. In: CÉSAR, C. *Cuscuz Clã*. São Paulo: PolyGram, 1996. 1 CD, faixa 11.

_____. MPB's. Intérprete: Chico César. In: CÉSAR, C. *Cuscuz Clã*. São Paulo: PolyGram, 1996. 1 Cd, faixa 15.

CHALUH, L. N. *Formação e alteridade: pesquisa na e com a escola*. 2008. 288f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

CHAUÍ, M. Os trabalhos da memória. In: BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1987, p. XVII-XXXII.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, J. et al. *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995, p.11-59.

CORALINA, C. Dona Otília. In: CORALINA, C. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. Goiânia: Ed. UFGO, 1983.

COSTA, M. V. (Org.). *Educação popular hoje*. São Paulo: Loyola, 1998.

COSTA, M. V.; FLEURI, R. M. *Travessia: Questões e perspectivas emergentes na pesquisa em educação popular*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

CROMBERG, R. U. Psicanálise: contribuições à prática em educação. *Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 5, n. 9, p. 159-168, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.interface.org.br/revista9/entrevista1.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2008.

EDNARDO; BRANDÃO. Amor de estalo. Intérprete: Ednardo. In: EDNARDO. *Cauim*. Rio de Janeiro: WEA, 1978. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 3.

EDNARDO. Alfa beta ação. Intérprete: Ednardo. In: EDNARDO. *Terra da luz*. São Paulo: EMI-ODEON, 1982. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 2.

EDUCAÇÃO Popular na América Latina: desafios e perspectivas. Brasília: UNESCO; MEC; CEAAL, 2005. (Coleção Educação Para Todos, n. 4).

ESTEBAN, M. T. Educação popular: desafio à democratização da escola pública. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 27, n. 71, p. 9-17, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n71/a02v2771.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2008.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. *Pesquisa participante*. Tradução Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. São Paulo: Cortez, 1989.

FILIZOLA, F.; CHAGAS, J. Palavra acesa. Intérpretes: Grupo Quinteto Violado. In: *20 músicas do século XX*. São Paulo: PolyGram / Universal, 1999. 1 CD. Faixa 19.

FIORI, E.M. Aprender a decir su palabra. In: FREIRE, P. *Pedagogía del oprimido*. 8. ed. Buenos Aires: Siglo XXI: Tierra Nueva, 1973, p.9-26.

FONSECA, S. G. *Ser professor no Brasil: história oral de vida*. Campinas: Papyrus, 1997.

FREIRE, P. *Uma educação para a liberdade*. 4. ed. Porto: Dinalivro, 1974 (Coleção Textos Marginais, 8).

_____. *Pedagogia do oprimido*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. *Extensão ou comunicação?* Tradução Rosiska Darcy de Oliveira. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Cartas a Cristina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. A importância do ato de ler. In: ABREU, M. (Org.). *Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º COLE*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 27 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. *A educação na cidade*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *À sombra desta mangueira*. 8. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

FREITAS, A. L. S. A urgência de uma práxis transformadora e viável na educação do século XXI. *Revista de Educação da AEC*, Rio de Janeiro, n. 143, p. 07-20, abr./ jun. 2007.

FREITAS, M. F. Q. Educação de jovens e adultos, educação popular e processos de conscientização: intersecções na vida cotidiana. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 29, p. 47- 62.

GADOTTI, M. (Org.). *Educação de Jovens e Adultos – a experiência do MOVA-SP*. São Paulo: Instituto Paulo Freire; MEC, 1996.

GADOTTI, M. Educação de jovens e adultos: correntes e tendências. In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (Org.). *Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta*. São Paulo: Cortez; IPF, 1995, p. 25-35.

GADOTTI, M.; TORRES, C. A. (Org.). *Educação popular: utopia latino-americana*. São Paulo: Cortez; EDUSP, 1994.

GALEANO, E. *O livro dos abraços*. Tradução Eric Nepomuceno. Porto Alegre: LP&M, 2006.

_____. *Nós dizemos não*. Tradução Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Revan, 1990.

GARCIA, P. B. Educação popular: algumas reflexões em torno da questão do saber. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *A questão política da educação popular*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GARCIA, R. L. (Org.). *Alfabetização dos alunos das classes populares: ainda um desafio*. São Paulo: Cortez, 1992.

GARCIA, R. L. *Cartas londrinas e de outros lugares sobre o lugar da educação*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

GENKE, M.; ZANETTI, M. A.; SCHWENDLER, S. F. (Org.). *Formação de Educadoras e Educadores: o planejamento na alfabetização de jovens e adultos*. Curitiba: Gráfica Popular, 2003.

GERALDI, C. M. G. Desafios da pesquisa no cotidiano da/na escola. In: GARCIA, R. L.; ZACCUR, E. (Org.). *Cotidiano e diferentes saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 182-222.

GERALDI, J. W. Alfabetizações cotidianas: as letras da cidade e a cidade das letras. In: GARCIA, R. L.; ZACCUR, E. (Org.). *Cotidiano e diferentes saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 59-71.

_____. A aula como acontecimento. Palestra proferida na Semana da Prática Pedagógica, Universidade de Aveiro, CIFOP, 2003.

GERALDI, J. W.; GERALDI, C. M. G. Saberes da lida, saberes da vida. In: LIMA, M. E. C. C. *Sentidos do trabalho: a educação continuada de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GIL, G. Se eu quiser falar com Deus. Intérprete: Elis Regina. In: *ELIS: Trem Azul*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1988. 2 discos sonoros. Lado B, faixa 1, Disco 1.

GIL, G. O seu amor. In: *DOCES BÁRBAROS*: Caetano, Gal, Gil, Bethânia. São Paulo: PHILIPS, 1989. 2 CDs. CD 1, faixa 4. Remasterizado em digital.

GIOVANETTI, M. A. G. C. A formação de educadores de EJA: o legado da educação popular. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A. G. C.; GOMES, N. L. (Org.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 243-253.

GOVERNO investe na educação básica: sai MOBREAL, entra Fundação Educar. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.66, n.154, p. 581, set./dez. 1985.

GONZAGUINHA. Caminhos do coração. In: GONZAGUINHA. *Caminhos do coração*. [S.l.] EMI-Odeon, 1982. 1 CD. Faixa 10.

GULLAR, F. Poema sem título apresentado no encarte do disco "Milton Nascimento, ao vivo". Rio de Janeiro: PolyGram, 1983.

GULLAR, F. Traduzir-se. In: GULLAR, F. *Toda poesia* (1950-1980). 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, [1988?].

HERRMANN, B. Um outro mundo é possível. In: II FÓRUM SOCIAL MUNDIAL. Porto Alegre, 2002, 2 CDs. CD 1, faixa 1.

JOSSO, M. C. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, E.C.; ABRAHÃO, M. H.M.B. (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. Tradução de José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, J. (Org.). *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: GERALDI, C. M. G.; RIOLFI, C. R.; GARCIA, M. F. (Org.). *Escola viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social*. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 113-132.

LIMA, E. S. *Apropriação da leitura e da escrita*. Trecho de palestra proferida no MEC em 2007. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/semialflet_elvira.pdf>

e <<http://elvirasouzalima.blogspot.com/>>. Acesso em: 15 mar.2008.

_____. Entrevista concedida ao Jornal das Ciências. Ano 1, n. 3, 2001.

Disponível em:< <http://ctc.fmrp.usp.br/casadaciencia/bibliotecas/jornal/pdf/jc3.pdf>>

Acesso em: 29 fev.2008.

LOBATO, M. *Memórias da Emília*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

LUFT, L. *Pensar é transgredir*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MACHADO, M. M. A atualidade do pensamento de Paulo Freire e as políticas de Educação de Jovens e Adultos. *Revista de Educação de Jovens e Adultos – REVEJA*. Belo Horizonte, v.1, n.1, dez. 2007. Disponível em:

<http://www.reveja.com.br/revista/1/artigos/REVEJ@_1_%20MargaridaMachado.htm>. Acesso em: 08 fev. 2008.

MAGRÃO, S.; SÁ, L. C. Caçador de mim. Intérprete: Milton Nascimento. In: NASCIMENTO, M. *Caçador de mim*. Rio de Janeiro: FONOBRA- Barclay, 1982. 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 1.

MATOSO, M. C.; DUBOIS, M. C. T. *Orientações para apresentação de trabalhos acadêmicos*. 2. ed. Campinas: PUC-Campinas, 2008.

MARX, K; ENGELS, F. O manifesto comunista. In: REIS Fº, D. A. (Org.). *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto; SP: Fundação Perseu Abramo, 1998.

_____. *A ideologia alemã*: Feuerbach – a contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista. Tradução Frank Müller. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MAUTNER, J. Vampiro. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, C. *Cinema transcendental*. Rio de Janeiro: PolyGram-PHILIPS, 1979, 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 5.

MELLO, T. *Faz escuro mas eu canto*: porque a manhã vai chegar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

_____. A vida verdadeira. In: MELLO, T. *Faz escuro mas eu canto*: porque a manhã vai chegar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

MELODIA, L. Amor. Intérprete: Luiz Melodia. In: MELODIA, L. *Maravilhas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1976. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 5.

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

MILANÉS, P. Canción Por La Unidad De Latino América. Intérprete: Pablo Milanés. In: *Pablo Milanés ao vivo no Brasil*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1984. 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 5.

MINAYO, M. C. S.(Org.). *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MURRAY, R. Os operários. In: MURRAY, R.; CARABETTI, I. M. *O circo*. São Paulo: Miguilim, 1986.

_____. *Receitas de olhar*. Ilustrações Elvira Vigna. São Paulo: FTD, 1997.

NASCIMENTO, M.; BRANT, F. Caxangá. Intérprete: Elis Regina. In: REGINA, E. *Elis*. Rio de Janeiro: PHONOGRAM/PHILIPS, 1977. 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 1.

NASCIMENTO, M.; CASALDÁLIGA, P.; TIERRA, P. Estamos chegando (A de Ó). In: NASCIMENTO, M. *Missa dos quilombos*. Rio de Janeiro: Ariola, 1982. 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 1.

NASCIMENTO, M.; BASTOS, R. Nada será como antes. Intérprete: Elis Regina. In: REGINA, E. *Elis*. Rio de Janeiro: PolyGram-PHILIPS, 1985. 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 3.

NASCIMENTO, M.; VELOSO, C. Paula e Bebeto. Intérprete: Milton Nascimento. In: NASCIMENTO, M. *Minas*. Rio de Janeiro: EMI-ODEON, 1985. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 5.

NASCIMENTO, M.; BRANT, F. Maria, Maria. Intérpretes: Milton Nascimento e Wayne Shorter. In: NASCIMENTO, M. *A Barca dos Amantes*. Rio de Janeiro: PolyGram-Barclay, 1986. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 4.

NASCIMENTO, M.; BRANT, F. Bola de meia, bola de gude. Intérprete: Milton Nascimento. In: NASCIMENTO, M. *Miltons*. Rio de Janeiro: CBS, 1988. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 4.

O MUNDO DA CRIANÇA. Tradução Vera Braga Nunes. Rio de Janeiro: Delta. [1970?]. 15 v.

PACHANE, G. G.; GOMES, V. R. D. A importância do Programa de Alfabetização Solidária para o desenvolvimento pessoal do alfabetizador: sentidos de uma experiência. Disponível em:
<http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_GrazielaGiustiPachane.pdf>.
Acesso em: 02 set. 2007.

PAIVA, V. Estado e educação popular: recolocando o problema. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *A questão política da educação popular*. 4. ed. Brasiliense, 1984, p. 79-87.

PALUDO, C. Da raiz/herança da educação popular à pedagogia do movimento e a educação no e do campo: um olhar para a trajetória da educação no MST. 29. REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. Caxambu, 2006. Disponível em:
<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalhos_encomendados/GT06/Texto-Conceição%20Paludo.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2008.

PARK, M. B. Possibilidades de uso da fotografia na elaboração de projetos pedagógicos. *Resgate: Revista interdisciplinar de cultura*. Campinas: CMU – UNICAMP, n. 10, 2001, p. 39-58.

PEREIRA, D. F. F. *Revisitar Paulo Freire: uma possibilidade de re-encantar a educação*. 2006. 209f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UNICAMP. Campinas, 2006.

PINK FLOYD: *The Wall*. Produção de Alan Marshall. Direção de Alan Parker. Inglaterra. MGM Home Entertainment, 1982.

POETAS Românticos Brasileiros. São Paulo: Lumen, [1970?].

POLITY, E. Educação e Psicanálise: da aprendizagem nos casos-limite. *Revista Psicopedagogia On line*. Publicado em 12 dez. 2002. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=388>>. Acesso em: 28 mar. 2008.

PRADO, A. Com licença poética. In: PRADO, A. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. (Org.). *Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações*. Campinas: Graf. FE / UNICAMP, 2005.

PRADO, G. V. T.; CUNHA, R. B. (Org.). *Percursos de autoria: exercícios de pesquisa*. Campinas: Alínea, 2007.

PRADO, G. V. T.; CUNHA, R. B.; SOLIGO, R. Memorial de formação: uma narrativa pedagógica de profissionais da educação. In: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. N. *Memórias e memoriais: pesquisa e formação docente*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008, p.135-152.

QUINO. *Mafalda: tiras de Quino 2*. São Paulo: Global, [1980?], tira 310.

RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual*. Tradução Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RESTREPO, L. C. *O direito à ternura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

RIBEIRO, V. M. (Org.). *Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Ação Educativa, 2001.

RODRIGUES, L. Felicidade. Intérprete: Caetano Veloso. In: *Homenagem a Lupicínio Rodrigues*. Rio de Janeiro: Som Livre-RCA, 1978. 1 disco sonoro, Lado A, faixa 4.

SÁ-CHAVES, I. (Org.). *Os 'portfólios' reflexivos (também) trazem gente dentro: reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos formativos*. Porto: Porto Editora, 2005.

SAINT-EXUPÈRY, A. *O Pequeno Príncipe: com aquarelas do autor*. 17. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

SANTOS, B.; SAMPAIO, R. A Carta. Intérpretes: Erasmo Carlos e Renato Russo. In: RUSSO, R. *Série BIS*. Rio de Janeiro: EMI, 1999. 2 CDs. CD 1, faixa 1.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, B. S. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: 'um Discurso sobre as Ciências' revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *O Fórum Social Mundial: Manual de Uso*. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Um discurso sobre as ciências*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, L.; MOTTA, N. Como uma onda (zen-surfismo). Intérprete: Lulu Santos. In: SANTOS, L. *O ritmo do momento*. Rio de Janeiro: Universal Music, 1983. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 4.

SEJA – Serviço de Educação de Jovens e Adultos. *Falando de nós: o SEJA. Pesquisa Participante em Educação de Jovens e Adultos*. Porto Alegre: Ed. SEMED: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1998.

SOARES, L. (Org.) *Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L. (Org.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, L. O educador de jovens e adultos: um estudo sobre a habilitação de EJA dos cursos de Pedagogia no país. In: XIV ENDIPE, Porto Alegre-RS. Anais do XIV ENDIPE. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. CD-ROM 1.

_____. Alfabetização de Jovens e Adultos: um pouco da História. Salto para o Futuro-TV Escola. Disponível em:
<<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2003/baf/tetxt1.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2008.

_____. O educador de jovens e adultos em formação. In: 29. REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. Caxambu, 2006. Disponível em:
<<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT18-2030--Int.pdf>>
Acesso em: 06 set. 2008.

SOARES, M. *Metamemórias – memória: travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 1991.

SOLIGO, R. Venho por meio desta... In: PRADO, G.V.T.; SOLIGO, R. (Org.). *Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações*. Campinas: Graf. FE / UNICAMP, 2005, p. 343-384.

_____. *Quem forma quem? A instituição dos sujeitos*. 2007. 213f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, UNICAMP. Campinas, 2007.

SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

SOUZA, E. C. História de vida e práticas de formação: escrita de si e cotidiano escolar. In: *Histórias de vida e formação de professores*. SEED-MEC. Boletim 01, Março, 2007.

STRECK, D. R. A educação popular e a (re)construção do público. Há fogo sob as brasas? *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11 n. 32, p. 272-372, maio/ago. 2006. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a06v11n32.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2008.

TEIXEIRA, R.; SATER, A. Tocando em frente. Intérprete: Almir Sater. In: SATER, A. *Almir Sater ao vivo*. Rio de Janeiro: Sony Music, 1991. 1 CD, faixa 2.

TITÃS. *Tudo ao mesmo tempo agora*. Rio de Janeiro: WEA, 1991. 1 disco sonoro.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

TORRES, C. A. Estado, políticas públicas e educação de adultos. In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (Org.). *Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta*. São Paulo: Cortez; IPF, 1995, p. 16-24.

VALLE, E.; QUEIRÓZ, J. J. *A cultura do povo*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 1982.

VANDRÉ, G.; BARROS, T. Disparada. Intérprete: Jair Rodrigues. In: RODRIGUES, J. *20 músicas para uma nova era*. Rio de Janeiro: Universal Music, 2005. 1 CD, faixa 5.

VANDRÉ, G. Pra não dizer que não falei das flores. Intérprete: Geraldo Vandré. In: VANDRÉ, G. *Pérolas*. São Paulo: Som Livre, 2000. 1 CD, faixa 1.

VARANI, A. *Da constituição do trabalho docente coletivo: re-existência docente na descontinuidade das políticas educacionais*. 2005. 307 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UNICAMP. Campinas, 2005.

VASCONCELOS, E. M. Educação Popular em tempos de democracia e pós-modernidade: uma visão a partir do setor da saúde. In: COSTA, M. V. (Org.). *Educação Popular hoje*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 63-97.

VELOSO, C. Alegria, alegria. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, C. *Caetano Veloso*. Rio de Janeiro: PHILIPS, 1967. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 4.

_____. Cajuína. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, C. *Cinema Transcendental*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1979. 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 3.

_____. Lua de São Jorge. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, C. *Cinema Transcendental*. Rio de Janeiro: PolyGram-PHILIPS, 1979. 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 1.

_____. Oração ao Tempo. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, C. *Cinema Transcendental*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1979, 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 2.

_____. Língua. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, C. *Velô*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1984. 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 5.

_____. Dom de iludir. Intérprete: Caetano Veloso. In: VELOSO, C. *Totalmente demais ao vivo*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1986. 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 3.

VIOLA, P. Sinal fechado. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, C. *Sinal fechado*. Rio de Janeiro: PHONOGRAM-PHILIPS, 1974. 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 6.

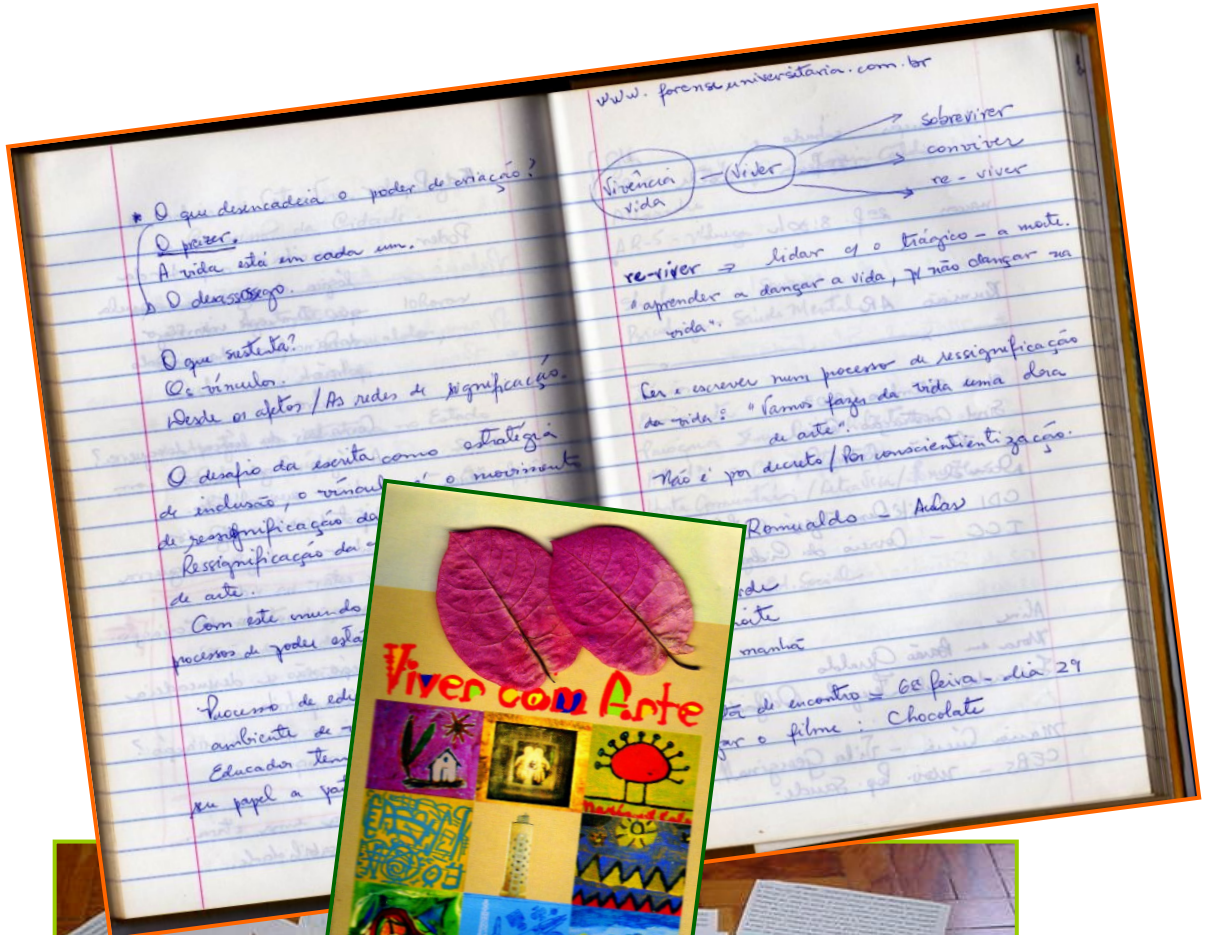
_____. Rumo dos ventos. Intérprete: Paulinho da Viola. In: VIOLA, P. *A toda hora rola uma história*. Rio de Janeiro: Transamérica, 1982. 1 CD. Faixa 1.

_____. Dança da Solidão. Intérprete: Paulinho da Viola. In: VIOLA, P. *Dez Anos*. Rio de Janeiro: EMI-ODEON, 1985. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 3.

WANDERLEY, L. E. W. Apontamentos sobre educação popular. In: VALLE, E.; QUEIRÓZ, J. J. (Org.). *A cultura do povo*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 1982.

ZACCUR, E. Fala português, professora. In: GARCIA, R. L. *Alfabetização dos alunos das classes populares: ainda um desafio*. São Paulo: Cortez, 1992, p.14-30.

"BAÚ DE ACHADOS E GUARDADOS"



11.1. Carta da amiga Regina Flora:

O fragmento que vamos ler foi retirado do texto de "Diálogo com quem ousa educar educando-se :cartas pedagógicas entre educadoras e educadores populares":apresentado p/r Ana Maria de Campos à Comissão Julgadora da Fac. de Ed. da Puc Campinas no Exame de Qualificação p/ obtenção do título de Mestre em Educação na Área de Concentração: Práticas Educativas e Formação de Educadores

Carta aos leitores e leitoras

Campinas, 13 de Fevereiro de 2006.

Meus caros amigos, minhas caras amigas ...

Não pretendo provocar nem atizar suas saudades Mas acontece que não posso me furtar a 'lhes(s)' contar as novidades ...

Chico Buarque / Francis Hime

Se me permitem vou tentar lhes remeter notícias de uma pesquisa educacional ...

Querido leitor, querida leitora, busco a companhia de vocês movida pela intenção de ampliar o espaço de circulação de um saber *metodicamente produzido e, na maioria das vezes, enclausurado nos círculos restritos do mundo acadêmico*. Desejo me comunicar também com as pessoas que vivem do lado de fora das universidades e que creem, como algumas e alguns de nós, ser possível fazer da educação uma 'obra de arte' a serviço da transformação social.

Escolhi a carta como instrumento de registro da pesquisa, pois ela favorece uma 'prosa' mais próxima, talvez mais afetiva, visto que não é um tipo de escrita impessoal, burocrática ou genérica: Não existe para cumprir apenas um ritual ou demanda de trabalho, ao contrário, requer a *presença* do outro que lê responde, critica, sugere, concorda ou discorda ...

Penso que nós escrevemos cartas para aquelas pessoas com as quais temos afinidades e queremos bem.

... desejo dialogar compartilhando saberes e dúvidas

Escrevo-te estas mei traçadas linhas, meu amor

*Porque veio a saudade visitar o meu coração
Espero que desculpes os meus erros, por favor,
Nas frases desta carta que é uma prova de afeição.
Talvez tu não as leias, mas quem sabe até darás
Resposta imediata, me chamando de "meu bem..." - "A Carta"- conhecida pela gravação feita por Erasmo Carlos e R. Russo.*

... redigir a dissertação no formato de epístolas, à moda das famosas cartas do apóstolo Paulo endereçadas aos romanos, cristãos de Corinto ou de Éfeso, me parece ser uma maneira de demonstrar respeito e acolhida aos saberes por elas(educadoras) produzidos ao longo da vida ...

O que busco ao me aproximar de vocês?

Responder a uma *necessidade básica*: a de me *comunicar para tentar compreender um pouco melhor a vida que estamos vivendo e como a estamos vivendo* ... E o faço através dessa "carta que é uma prova de afeição" pelo trabalho de vocês, educadores e educadoras do nosso Brasil.

*Palavra quando acesa não queima em
vão,*

*deixa uma beleza posta em seu carvão
e, se não lhe atinge como uma espada
peço, não me condenes,
oh! minha amada!*

*Pois as palavras foram
pra tí, amada. ("Palavra Acesa" , gravada p/ Quinteto Violado)*

Aceitem meu sincero agradecimento ...

Um abraço, Aninha

Campinas,05 de julho de 2006

Cara amiga Aninha

Já que v. se propôs a escrever esta carta aos seus leitores e mais, às "educadoras deste Brasil" ,eu que pertença a ambos os casos, resolvi que esta seria uma boa hora pra respondê-la, aproveitando-me desta atividade que inventei!

Confesso ante de tudo porém, que tal invenção não foi premeditada para tanto .

Mas acontece que a cabeça da gente vai tendo idéias na hora em que estamos montando nossos projetos (v. sabe muito sobre isso!) E assim surgiu mais esta idéia aqui:homenageá-la dizendo que v. foi e é uma professora que muito marcou minha vida como colega,amiga e aluna que somos desde o 1º momento em que nos cruzamos aqui nesta igreja onde estamos neste momento.Muito embora talvez este nosso 1º encontro tenha sido em uma aula de E.B.D. na qual você "se fazia" de aluna e eu de professora.

Inúmeras foram,as vezes depois disso que os papéis se misturaram.

E foi nesta mistura toda que se processaram os muitos ensinamentos e aprendizagens :nos cafezinhos em finais de tarde na sua cozinha,nos intervalos entre as aulas do "Matosinho",na porta,no portão e na calçada da igreja,na sala de aula de EBD e andando pelos caminhos...

Em fim, a resposta que tenho para sua carta não é uma resposta.Mesmo porque sua carta não faz indagações que exijam respostas,ela se propõe a dar notícias(muito boas por sinal).Sendo assim,o que tenho a dizer é muito obrigada!

Obrigada pela amizade, pelos ensinamentos a partir das muitas "provocações" e dicas ,pelo carinho de amiga,de colega e de educadora em tempo integral que você é.

Obrigada por me ter dado o privilégio de ser uma leitora de suas cartas e de poder participar de momentos tão singulares seus que tanto orgulho provocaram em mim, como quando na sua qualificação por exemplo.

Obrigada por ter vindo aqui hoje e mais uma vez me deixar aprender compartilhando com você de mais este trabalho de formação que sei, é a sua "praia" mais prazerosa.

Você foi,digo,é ,uma das mais marcantes professoras de minha vida,agora(parabéns!) Mestra.

Abraço carinhoso, Regina Flora.

11.2. Diário Oficial do Município:

Até ontem, os carteiros passaram entregando, além das correspondências habituais, 100 mil informativos de divulgação da ação nos bairros envolvidos na campanha.

No domingo, eles passam recolhendo doações de alimentos não-perecíveis, das 9h às 13h. Durante a coleta, os voluntários e carteiros estarão identificados com crachás e adesivos dos Correios com a seguinte mensagem: "Eu faço minha parte. Fome Zero. Iniciativa Cem". Mais de 100 veículos, entre motos, perua e carros, estarão envolvidos na atividade. Os produtos doados serão levados ao Centro de Entrega e Encomendas dos Correios, que fica no Jardim do Lago.

Banco de Alimentos. A meta é arrecadar 20 toneladas de alimentos que serão entregues ao Banco de Alimentos de Campinas. O Banco funciona na Central de Abastecimento S.A. (Cemasa), desde 19 de maio deste ano e distribui doações em alimentos para entidades que atendem famílias carentes.

Quem quiser doar e não estiver incluído na lista de bairros visitados, pode encaminhar sua doação para qualquer uma das quinze agências dos Correios e Telegrafos de Campinas ou ligar para o telefone do Fome Zero Campinas 0800-7726544 para maiores informações.

LISTA DE BAIRROS

Vila Costa Silva, Santa Genebra, Miguel Vicente Cury, Jardim Chapadão, Vila Boa Vista, Vila Padre Manoel Nóbrega, Jardim Garcia, Jardim Nossa Auxiliadora, Cidade Jardim, Pompéia, Parque Universitário, Parque Dom Pedro II, Vista Alegre, Profilurb, DIC I, Jardim São Bernardo, Parque Industrial, Ponte Preta, Vila Castelo Branco, Jardim Proença, Parque São Quirino, Vila Nogueira, Vila Georgina, Jardim Nery, Vila Santana, Vila Anhanguera, Jardim Parque, Jardim Angela Marta, Jardim do Lago, Vila Trinta de Março, Parque Taquaral, Jardim Conceição, Jardim Horácio, Jardim Tulli, Vila Paraíso, Jardim Carlito, Jardim das Oliveiras, Vila Marieta, Jardim Leonor e Jardim Santana.

Seiscentas entidades fazem o Dia de Mobilização

Mais de 600 entidades estarão envolvidas neste sábado, ao lado da Prefeitura de Campinas, no Dia Municipal de Mobilização pela Alfabetização. A estratégia faz parte da segunda fase de implantação do Projeto Letraviva – Campinas Alfabetizada, um programa que contará com recursos do governo federal para no prazo de seis meses alfabetizar 20 mil jovens acima de 15 anos e adultos que não sabem ler nem escrever.

O Letraviva já cadastrou mais de 700 voluntários que se propõem a trabalhar como educadores no programa. A partir de segunda-feira começa a seleção dos educadores que se apresentaram para trabalhar como voluntários.

As entidades vão trabalhar com pontos fixos e volantes para identificar e convencer jovens e adultos considerados analfabetos totais, a ingressarem no programa. Caberá também aos voluntários fazer a inscrição dos alunos no projeto de alfabetização, baseado no método do educador Paulo Freire.

Os setores eclesial, dos empresários da indústria e comércio, as universidades, os conselhos municipais, as entidades assistenciais e também os movimentos popular, sindical e estudantil foram os principais parceiros a se envolver na campanha de mobilização.

A fase mais difícil do programa começa agora: encontrar o aluno e convencê-lo de que ainda é possível aprender. O analfabeto total normalmente é alguém que não teve oportunidade de acesso à educação formal. A proposta para atraí-los é ter pontos descentralizados, preferencialmente locais onde já haja alguma identificação como igrejas, templos, sindicatos, sedes de associações, onde os alunos procurem espontaneamente e se inscrevam para o programa.

Pontos de inscrição. Terminais de ônibus Central, Mercadão, Moraes Sales, Barão Geraldo, Campo Grande, Ouro Verde e Vida Nova. No Jardim do Lago II, a Igreja São Judas Tadeu. Na região do Florence, a Igreja Santa Maria dos Oprimidos (avenida Nelson Ferreira de Sousa s/n). Comunidade Nossa Senhora de Fátima, no Jardim América; e Centro Comunitário da Vila Independência, em Barão Geraldo.

Diário Oficial Prefeitura Municipal de Campinas – Avenida Anchieta, 200, Centro – tel. (19) 3735-0766
Portal: www.campinas.sp.gov.br – E-mail: decorn@campinas.sp.gov.br – (veja expediente na penúltima página)

11. 3. Diário Oficial do Município informando sobre o início da Primeira Turma, e a entidade parceira que abriga o grupo. Existe também outra versão, da imprensa local. Na sequência, notícias sobre o encerramento da 1ª etapa e início da 2ª etapa do Projeto LETRAVIVA.

de outubro, ficamos com uma dotação de verba que permitiu dobrar o número de vagas", explicou ela. A previsão para 2004 já é de 400 vagas.

A lista com os nomes dos 400 beneficiados é publicada hoje no Diário Oficial do Município e também está disponibilizada no portal da Prefeitura (www.campinas.sp.gov.br) e em todas as Administrações Regionais (ARs), Subprefeituras, no serviço 156 e na Coordenadoria da Juventude, no 3º andar do Paço Municipal.

No total, 8,3 mil jovens se

conhecer os principais pontos de Campinas e as secretarias municipais que desenvolvem trabalhos sociais. "Para trabalhar como agente comunitário é preciso conhecer bem a cidade onde se vive", ressalta ela.

Projeto. Lançado pelo Governo Democrático e Popular no início de setembro, o Primeiro Emprego é voltado para jovens entre 16 e 24 anos que não possuem nenhuma experiência profissional e que buscam conquistar a primeira vaga no concor-

tao encontrando para conseguir o primeiro emprego", pondera Andréia.

A coordenadora da Juventude afirma ainda que muitas empresas da região têm procurado a equipe da coordenadoria para a realização de parcerias. "Estamos trabalhando para podermos encaminhar aqueles que não foram selecionados em nosso projeto para estas empresas", diz. Os interessados em firmar parcerias com a Prefeitura devem enviar um fax para a Coordenadoria da Juventude. O telefone é (19) 3735-0702.

Segundo Andréia, famílias com baixa renda e pessoas com baixo índice de escolaridade e com idade mais elevada foram priorizadas. Além disso, 10% das vagas foram reservadas para portadores de necessidades especiais.

Dos 400 selecionados, 40 são portadores de necessidades especiais. "A grande maioria é de jovens que pos-

feitura Municipal de Campinas, desenvolvido em grande parte com ferramentas não proprietárias.

Peça-Fácil. Também será possível acessar ferramentas em ambiente Linux, além de soluções tecnológicas desenvolvidas pela própria IMA, como o Peça-Fácil, software que permite a otimização no atendimento e gerenciamento do suporte aos equipamentos de informática da Prefeitura de Campinas.

As experiências da IMA na área de Gerenciamento Eletrônico de Documentos (GED) também serão apresentadas na feira, que reúne sob o mesmo teto diversas empresas da região para divulgar seus produtos, serviços e soluções tecnológicas a um público muito variado, composto por estudantes do nível fundamental e médio, universitários, empresários, e interessados por ciência e tecnologia.

Começa primeiro grupo do Letra Viva

VALÉRIA SALEK

A Comunidade Bom Pastor, no Jardim Roseiras, região sudoeste de Campinas inicia, hoje, o primeiro grupo de alfabetização dentro do projeto Letra Viva. Ao todo já são dois mil alunos inscritos no projeto, que conta com recursos do Ministério da Educação e Cultura (MEC), dentro do programa Brasil Alfabetizado. Outro grupo que também inicia aulas nesta semana é o do Centro Comunitário Santa Maria dos Oprimidos, no Jardim Florence II.

No sábado, dia 4, mais

100 educadores começam o curso de formação, para já a partir do dia 13 iniciarem novos grupos de alfabetização. Dentro do convênio assinado com o MEC, o Município se responsabiliza pela formação e atualização dos educadores, fornece os kits para os educandos e gerencia as parcerias com as entidades. Cada educador receberá uma ajuda de custo do MEC equivalente a R\$ 15,00 mensais, por aluno que frequentar os grupos de alfabetização.

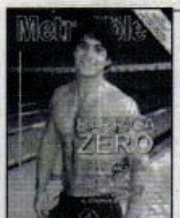
Mapa. As turmas de alfabetização estão concentra-

das nas regiões pertencentes às Administrações Regionais 2 (Chácara da Barra), AR 4 (Jardim Chapadão), AR 6 (São Bernardo), AR 7 (Campos Elíseos), AR 9 (Jardim São Pedro), AR 10 (Jardim Ouro Branco), AR 12 (Jardim Cristina), AR 13 (Parque Valença I), Subprefeitura de Barão Geraldo, Vila Modesto Fernandes e Subprefeitura de Nova Aparecida, Vila Padre Anchieta. Lançado em julho deste ano, o Letra Viva é parte do programa Brasil Alfabetizado, do governo Federal e terá até dezembro um repasse de R\$ 1,8 milhão. O Letra Viva é um

projeto da Prefeitura de Campinas mantido pelo convênio com o Ministério da Educação, dentro do programa Brasil Alfabetizado.

A meta de Campinas é alfabetizar 36,8 mil jovens acima de 15 anos e adultos, considerados analfabetos totais, que não sabem ler nem escrever.

A Fundação Municipal para Educação Comunitária (Fumec), da Secretaria de Educação é a gerenciadora do convênio e também responsável pelo desenvolvimento, formação e acompanhamento do Letra Viva.



Metrópole

Suplementos

- Classificados
- Criança
- Charge
- Motor
- Revista
- Turismo

ASSINE

CORREIO POPULAR

Tabelão
Brasileirão
Série 2
Anuncie
Produto

X

CONFIRA A
PROGRAMAÇÃO NOS
CINEMAS DE CAMPINAS

CORREIO
ESCOLA

Clique para ampliar

CORREIO POPULAR



CORREIO POPULAR

Campinas - Quarta-Feira, 24 de Setembro de 2003 - <http://www.cpopular.com.br> - Ano V

Voluntários antecipam aulas do LetraViva

Nice Bulhões
Da Agência Anhangüera
nice@rac.com.br

Uma classe do Projeto "LetraViva - Campinas Alfabetizada" começou a funcionar no Jardim Satélite Íris II antes mesmo de a Prefeitura de Campinas oficializar o início das aulas para os cerca de 2 mil inscritos. A antecipação se deu ao esforço da Associação de Moradores do bairro, que correu atrás dos alunos, do espaço para as aulas e agora busca a ajuda da iniciativa privada para distribuir material escolar e um lanche para os cerca de 40 participantes. A vida deles mudou desde o início das aulas, na segunda-feira passada. "Conquistarei o direito de pelo menos escrever o meu próprio nome", disse o lavrador aposentado Geraldo Vieira.

A educadora-voluntária é Maria Benedita Cruz da Silva, de 48 anos, que faz parte da associação do bairro. Foi ela quem afixou cartazes pelo bairro e na escola estadual, localizada no próprio Satélite Íris, convocando os analfabetos a aprenderem. "Sou servidora pública do Estado, com cargo de servente, mas exerço a função de inspetora de alunos. Tenho o Ensino Médio", disse. Por ser servidora não poderá ganhar os R\$ 15,00 por aluno mesmo após a Prefeitura firmar o convênio com o Governo Federal. "Não me preocupo com o dinheiro. Isso é um compromisso da associação."

O gesto de Maria Benedita também despertou a cidadania no filho Luís Henrique da Silva, de 24 anos. Silva leciona na sala ao lado da mãe. Mãe e filho participaram de um curso de capacitação, dado pela Prefeitura, antes de entrarem em sala. "É uma obrigação da gente ensinar um pouco a essas pessoas. Os alunos enxergam a gente como pessoas acima deles, o que não é verdade." O presidente da associação do bairro, Isaac Martins da Silva, de 42 anos, sabe da importância que é para essas pessoas aprenderem a ler e a escrever.

"A minha mãe, de 65 anos, está ansiosa para as aulas começarem no bairro onde mora. Ela sonha em aprender a ler e a escrever", contou Silva. As aulas, que acontecem das 19h às 21h30, são ministradas na escola estadual do bairro, que não funciona à noite por falta de iluminação pública. "A iluminação foi aprovada no Orçamento Participativo de 2002 e estão fazendo a licitação", disse. Para a coordenadora do projeto, Dulcinéia Pereira, da Secretaria de Educação, o gesto da associação é "bonito".

VITRINE

testo

Colunas

- Albert Zeitouni
- Bate Bola
- Cecílio Elias
- Célia Farjallat
- Cidadania
- Delphim
- Di Franco
- Emerson Gasperlin
- J. Toledo
- João Nunes
- Joaquim Motta
- José Roberto
- José Pedro
- Marcos Inhauser
- Maria de Fátima
- Moacyr Castro
- Paulo Castro
- Roberto Romano
- Roberto do Valle
- Rubem Alves
- Tadeu Fernandes
- Societá
- Xequê Mate

ESPECIAIS

CENÁRIO XXI

saúde
catapora

cidadão

CAMPINAS
SÉCULO
XXI

O "LetraViva" surgiu de um convênio assinado entre o Município e o Ministério da Educação (MEC), em julho passado. O município tem 36.839 pessoas analfabetas, que representam 5% dos 736.787 moradores com idade a partir dos 15 anos, conforme o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). A Administração Municipal remeterá o cadastro dos cerca de 2 mil inscritos ainda esta semana ao MEC. Só após o aval do órgão que as aulas começam.

Lavrador sonha escrever o próprio nome

"Quero aprender a ler e a escrever porque sem isso a gente se sente humilhado. Eu não sei nem escrever o meu nome." O desabafo é do lavrador aposentado Geraldo Gonçalves Vieira, de 58 anos. Vieira nunca foi à escola. Quando completou 10 anos, os seus pais o entregaram a uma outra família, que tinha um pouco mais de recursos financeiros. "Eles me deram porque não tinham como sustentar os filhos", contou. "Eu fiquei ajudando esta família." Para ele, o projeto LetraViva trouxe uma nova perspectiva de vida. "Conquistarei o direito de pelo menos escrever o meu próprio nome."

Aos 52 anos, Maria Vieira da Silva deixará de depender de favores dos outros para saber o que está escrito pelas ruas, nos livros, enfim, no mundo que a cerca. Cooperada de uma cooperativa de reciclagem de lixo, ela espera resgatar na escrita e na leitura o seu direito de cidadã. "Depender dos outros é a coisa mais ruim do mundo." Assim também pensa o carpinteiro José Margarido dos Reis, de 36 anos. "Eu decorei como escreve o meu nome", revelou. "Eu parti agora para o ramo do comércio e isso (ler e escrever) me faz uma falta muito grande. Por isso, resolvi participar das aulas."

O operador Geraldo Rodrigues de Souza, de 35 anos, sabe escrever o nome e chegou a ir algumas vezes na escola, como brincou, a passeio. "Mas, eu ia um dia da semana e faltava o resto. O meu pai não me deixava ir na escola para trabalhar na fabricação de cachaça. Ele tinha dó de pagar para alguém." A coisa que mais gosta de fazer é viajar. "Não sabia e não sei até hoje ver as placas das estradas. Então, vou indo pelas informações que me passam." Apesar de não saber ler e escrever, Souza disse que nunca sofreu qualquer dificuldade no emprego. "Mas, espero aprender um pouco de leitura para mexer mais na vida."

[voltar](#)

[Como anunciar](#) | [Expediente](#) | [Fale conosco](#) | [Assine](#)

RAC
Rede Anhangüera de Comunicação

A versão on-line é parte do jornal impresso. Confira a edição completa do Correio Popular nas bancas



Notícia sobre a finalização da 1ª Etapa e início da 2ª Etapa do Projeto LETRAVIVA.

Prefeitura alfabetiza mais de 2,4 mil para entrada no ensino fundamental



O projeto Letraviva/Campinas Alfabetizada certifica neste sábado, às 10 horas, 2459 jovens e adultos como aptos a ingressar em classes da 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, dentro do programa Educação de Jovens e Adultos, da Fundação Municipal de Ensino Comunitário (Fumec). Foram seis meses de aulas com educadores populares, com um índice de frequência e aprovação dificilmente visto na educação formal – algo próximo de 89%

Água e verde – A Semana do Meio Ambiente começa em Campinas, neste domingo, com o plantio de mudas nativas e caminhada em Sousas. O direito à água é o tema da Semana. Na foto, o rio Atibaia, em Sousas

PÁGINA 2 PÁGINA 3

D. O. M. 29.05.2004 – p. 01.

Terça-feira, 1º de junho de 2004

Diário Oficial 3

Secretário assina documento para destinar recurso para o Letraviva

Henriques também prevê mais verbas para outros programas ligados à educação

VALÉRIA SALEK

O secretário nacional de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação, Ricardo Henriques, anunciou, no último sábado, durante a formatura dos alunos do Letraviva, que irá se empenhar pessoalmente pela ampliação de recursos para os projetos de Campinas voltados para a educação e inclusão.

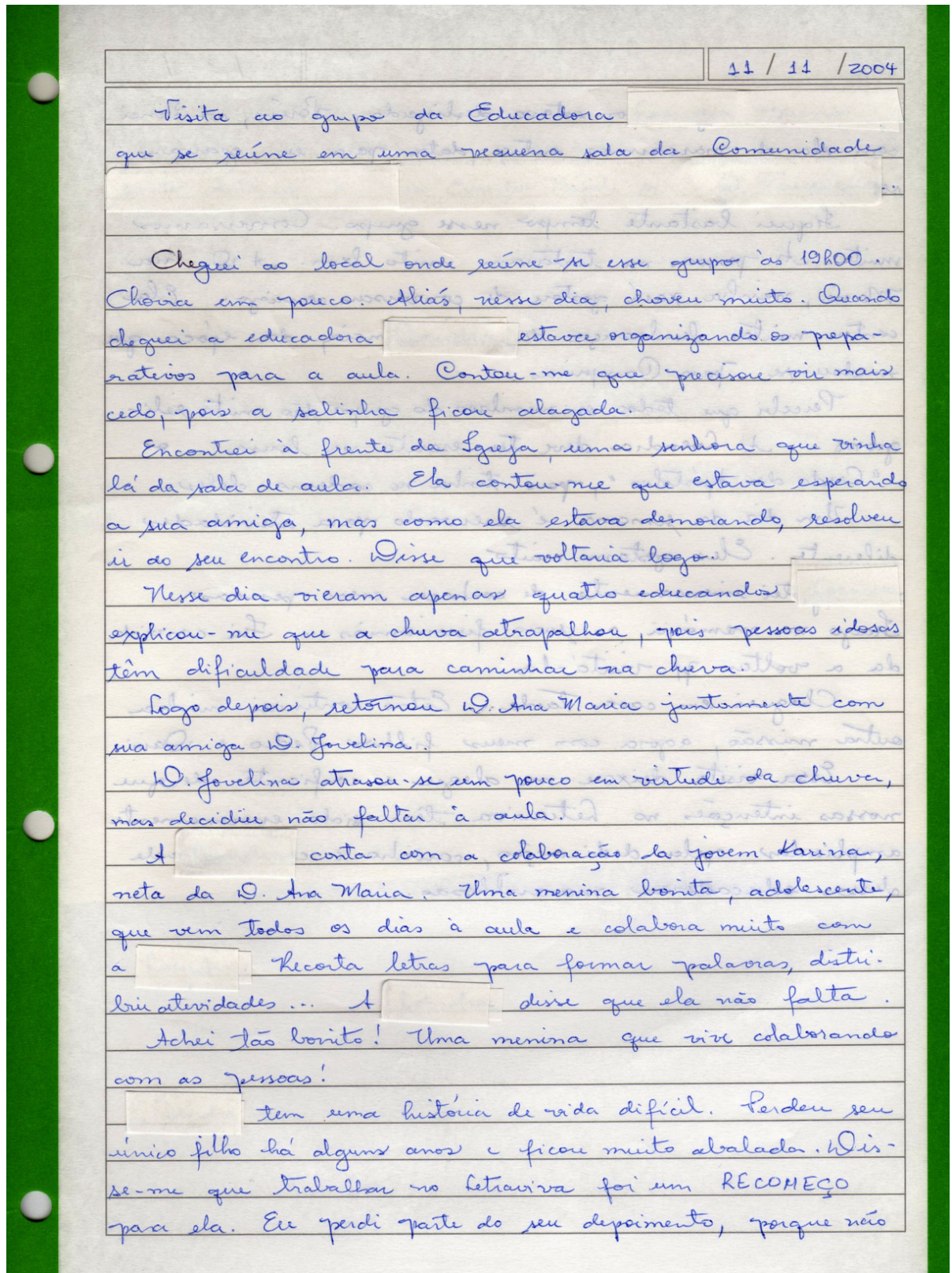
Henriques aproveitou também para assinar o termo de compromisso de liberação de novos recursos para a segunda etapa do projeto Letraviva/Campinas Alfabetizada.



Ricardo Henriques entrega diploma para formanda: programa servirá como referência para o Ministério da Educação

D. O. M. – 01.06.2004 – p. 03.

11.4. Notas do Diário de Campo:



Vocês poderão notar que existem lacunas que visam preservar as identidades das educadoras. Este expediente foi adotado para atender às exigências do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Campinas.

percebi que o gravador estava desligado. Porém, combinei com ela de marcarmos outra data para eu gravar seu depoimento.

Fiquei bastante tempo nesse grupo. Conversamos muito. As pessoas me trataram muito bem. A D. Ana Maria, minha xará gostou de conversar comigo. Ela contou muitas lembranças de sua infância, da época que mudou-se para Campinas.

Percebi que todos os membros do grupo são muito religiosos. A [] deve ter escrito na lousa o "Credo dos Apóstolos", pois tinha no caderno deles.

Um dia da semana é reservado para atividades diferentes. Eles gostam muito.

Gostei imensamente de conhecer essas pessoas.

Trago na memória as suas fisionomias. Fui convidada da a voltar pp visitá-los.

Cheguei em casa tarde. Então continuei minha outra missão, agora com meus filhos Pedro e Davi.

Essa visita deixou-me alegre e confiante de que nossas intenções no Letraviva têm sido enormemente ampliadas pela dedicação, carinho e criatividade dessas educadoras maravilhosas.

①

10 / 11 / 2004

10 / 11 / 2004

Visita aos grupos que se reúnem no Núcleo Cambaia, DIC IV, também chamado de CEHEFEJA.

[redacted] em frente ao [redacted] dos

Horários das aulas: 13h00 às 16h00

Cheguei ao local por volta das 13h00.

Visitei em primeiro lugar a sala da Educadora

[redacted]. Estavam presentes

13 educandos, além de quatro crianças que fazem trabalhos de desenhos, no fundo da sala.

Fui muito bem recebida pela [redacted] e todos os

presentes. Ela logo passou a descrever o perfil

de seus educandos. É um grupo composto de pessoas

com bastante dificuldade financeira. A D. Neide

mora em um barraco em condições muito precárias,

com risco de desalojamento. Tem quatro filhos e o

esposo, todos vivendo em um único cômodo. D. Neide

recolhe papulão na rua. Não tem os dentes e apesar

de toda essa dor é uma pessoa muito sorridente.

A [redacted] disse que ela não falta às reuniões e colabora

muito com a organização dos trabalhos em sala.

[redacted] notou que uma das alunas estava ausente,

foi quando uma pessoa afirmou que o sobrinho

dessa senhora tinha sido assassinado e ela tinha

ido ver a situação.

A [redacted] é também auxiliar de enfermagem e já

foi agente de saúde. Leva para o grupo, todos os

dias, o equipamento de medir a pressão. Mede

a pressão regularmente de todos os educandos e

também os da sala ao lado, da educadora [redacted]

[redacted]. Enquanto me explicava os procedimentos já

10 / 11 / 2004

mediu a minha pressão e ensinou-me como se registrar. Eu estava com 7 por 10. Muito bom.

Contei aos educandos os objetivos do letreiro e perguntei se ali alguém poderia gravar um depoimento para registrar a memória daquele grupo. Então a [redacted] foi de carteira em carteira, com o meu gravadorzinho na mão, gravando o depoimento de cada educando presente. Tirei fotos da turma e fiz um desafio: pedi que eles escrevessem em um papel um pouco da história de cada um. Fiquei surpresa, pois eles disseram que já tinham escrito um pouco! A [redacted] disse que mostraria os textos. Elogiei o grupo e incentivei a todos continuarem.

A D. Zilda trouxe, pela primeira vez o seu esposo, que estava todo concentrado na lição que tinha iniciado.

A [redacted] é uma pessoa maravilhosa. Contou como arrecadou material nas papelarias. Foi às papelarias e descreveu o seu trabalho. Ganhou pastas com elástico nas quais colocou um caderno, um lápis e uma borracha. Tudo conseguido através de doações. O excedente ela distribuiu para os educandos da [redacted].

Contou-me que a maior dificuldade foi a de conseguir o local para reunir o grupo. Está muito contente por ter conseguido esse espaço. A noite funcionam duas salas da FUNEC.

Disse que atende 6 (seis) educandos em casa, por motivos de doença. D. Maria Franca e sua filha Franca Maria, ^{elas} têm problemas das pernas.

1005 / 11 / 01

10 / 11 / 2004

e têm muita dificuldade γ caminhar. A mais nova usa muletas e a mãe tem problemas de circulação.

[redacted] disse que tem ajudado as pessoas a procurarem o posto médico. Quando alguém falta, vai até a casa para saber o motivo e incentivar a voltar γ o grupo.

Tem conseguido progressos na alfabetização e está muito contente.

Fez cartazes com as letras do alfabeto e colou na parede. Mostrou-me o caderno dos educandos. Realmente é visível o progresso desses pessoas.

No grupo tem uma educanda jovem, de uns 22 anos. Ela tem mais dificuldade, mas mostrou também o seu caderno. Começou a frequentar as aulas essa semana.

[redacted] visitou as pessoas e convidou-as γ frequentarem as aulas.

Tem um dia da semana que é reservado para uma das educandas contar histórias. Ela disse que a educanda gosta de contar fábulas e pequenas histórias.

O guarda emprestou um toca-fitas. Combinaram de juntar as 2 classes hoje, para cantar o hino nacional. Elas fazem essa cerimônia todas as quintas-feiras mas, como eu estava presente, resolveram cantar hoje, para eu poder participar.

Foi uma visita maravilhosa. Fiquei emocionada com tanto trabalho e dedicação.

Depois dessa visita fui até à sala da Educadora

No momento em que cheguei, estavam fazendo trabalhos com jornais. Procuravam as palavras combinadas e recortavam para colar no caderno.

[redacted] colocou vários jornais no chão e eles pe-

10 / 11 / 2004

gavam para ler e recortar. Ela fez também cartões (do tamanho de 1 folha sulfite) com todas as letras do alfabeto. Colocou no chão, embaixo da lousa e todos olhavam as letras e as figuras correspondentes.

Eu cheguei e fui bem recebida. Perguntei pela atividade que estavam realizando e a Angélica descreveu.

Essa turma é composta de pessoas mais idosas. A senhora ~~meu~~ tem 85 anos! A ~~meu~~ faz a medição da pressão de todos esses educandos também.

Falei um pouco sobre os grupos do Letraviva nas várias regiões da cidade, das pessoas idosas que não resistiam de estudar e incentivei-os a continuarem. Perguntei se eles concordavam em contar um pouquinho da história pessoal e concordaram. Foi incrível!

A primeira que quis falar é justamente a contadora de histórias. Comecei perguntando sobre o motivo de não ter estudado na infância e ela passou a relatar sua história. Ficou muito emocionada ao lembrar dos pais, dos parentes; até pensei que teria dificuldade para continuar, mas ela continuou contando tudo e nós ficamos ouvindo atentamente.

Fiquei encantada com a senhora de 85 anos. Muito disposta e alegre. O que me chamou a atenção foi a noção que ela tem do seu direito de estudar! Os filhos perguntaram: "Mãe, o que é que você vai fazer na escola nessa altura da vida?". Ela respondeu com a maior segurança: "A mesma coisa que vocês fizeram. Eu tenho direito de estudar. Eu dei estudo para vocês todos, agora é minha vez!" Contou-me que tem uma "cabeça boa". Entende tudo. É lúcida! Está muito animada com as aulas

③

10 / 11 / 2004

e "professora."

Percebi que todos chamam a "professora" de irmã. São pessoas evangélicas que frequentam a mesma igreja da [redacted]. É a Congregação Cristã no Brasil. Só alguns educandos não vão à igreja.

Depois de ouvir a história de todos que quisessem relatar, comecei a conversar e gravar a entrevista com a [redacted].

Essa educadora surpreendeu-me muito com sua alegria e cuidado no trabalho.

Contou-me que foi professora da FUNEC por doze anos e depois perdeu a classe. Disse que quer voltar o ano que vem, se Deus quiser.

Falou-me que hoje é uma nova professora. O letivativa é muito importante para ela porque valoriza seu trabalho. Está apaixonada pelo modo como temos conduzido a Formação. Gostou muito do Curso de Formação Inicial e dos encontros de Formação Permanente, às sextas-feiras. Ela se reúne com o grupo da [redacted], na AR-12.

Disse que tem feito muito trabalho com música, que está muito alegre.

Perguntei-lhe como começou o trabalho com esse grupo. Relatou-me um fato interessante. Disse que não era Educadora do letivativa. Um dia duas senhoras jovens de sua igreja pediram para que ela desse aulas particulares para elas, pois queriam aprender a ler. Lembrou-se que tinha ouvido falar do letivativa e foi procurar mais informações. Também avaliou que para as duas "irmãs" pagarem aulas particulares ficaria muito "pesado", isto

é, bastante caro para elas arcarem com essa despesa. Pensou que outras pessoas da igreja também não sabiam ler, então, veio até a Coordenação e pediu explicações. Contou-me que correu muito para fazer as fichas dos educandos porque o prazo estava se encerrando. Entregou as fichas no último dia. Fez o Curso de Formação Inicial e começou as aulas em sua própria residência. Depois percebeu que, às vezes, queria ficar à vontade em casa e a reunião estava tirando um pouco a sua liberdade. Foi quando procurou um local. Então, passou a fazer os encontros nessa sala de aula, do CENEFEJA.

Faz bastante atividade conjunta, e a [redacted] e está muito feliz. Disse que agora sim, "encontra-se" como "professora".

Eu gostei muito da [redacted]. Para mim foi um grande incentivo o seu depoimento, a sua alegria em trabalhar com o grupo de idosos, a sua paciência. Aliás, todos os educandos elogiaram a sua paciência e tranquilidade para ensinar-lhes.

A [redacted] veio nos avisar que já tinha pego o aparelho de som para cantarmos o hino Nacional. Nesse momento, os educandos da [redacted] foram entrando todos em fila, as crianças na frente, e se colocaram todos em frente à lousa. Em primeiro lugar ouvimos uma música que um dos alunos cantou, num dia anterior e a [redacted] gravou. Uma música linda, do Luiz Gonzaga. A [redacted] disse que já trouxe o violão para cantarem juntos também.

Chegou, então, a hora do hino Nacional. Cantamos todos juntos.

(4)

Depois do cântico do hino, as aulas foram encerradas e fomos tomar um lanchinho.

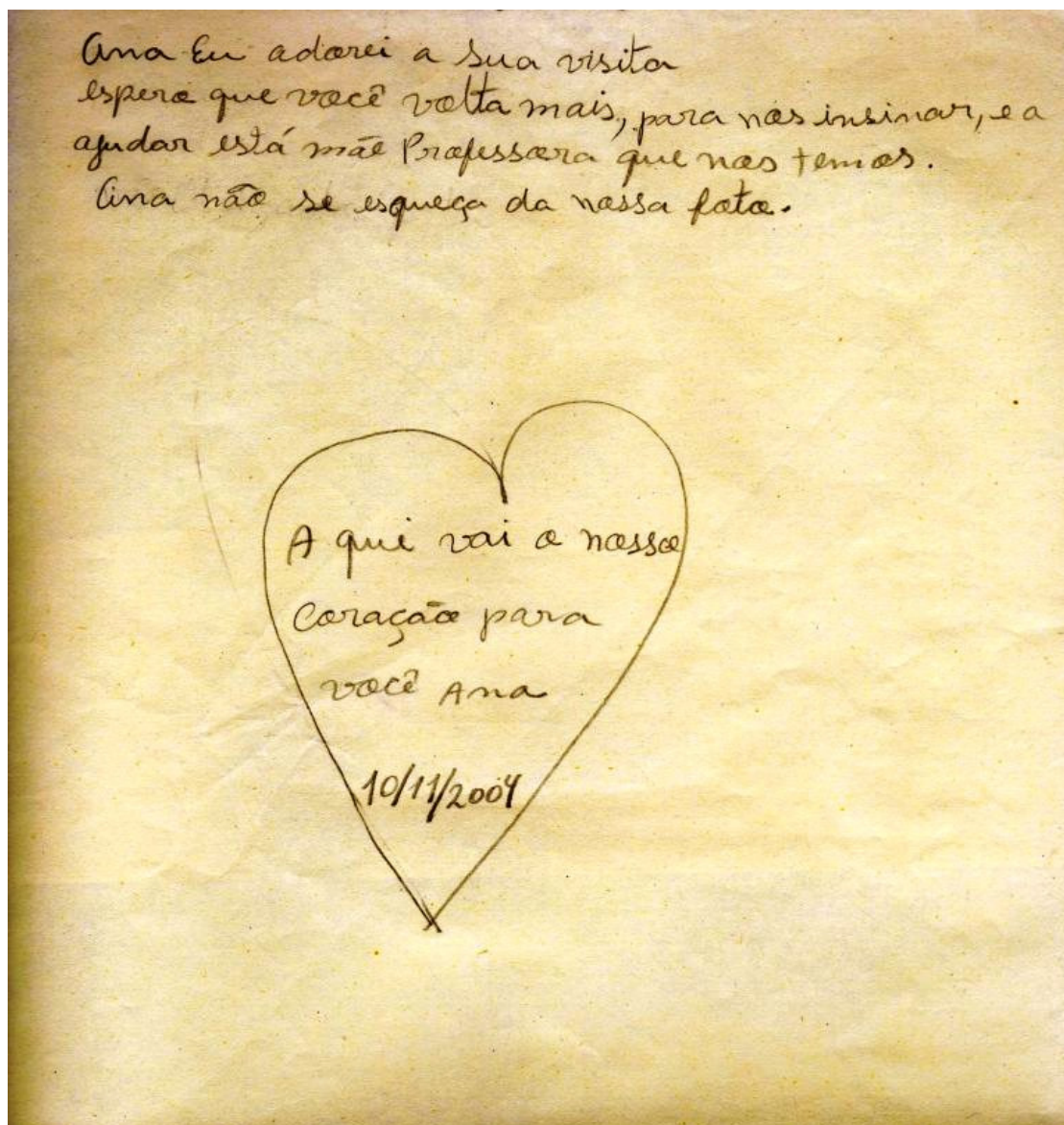
Conversei com o guarda da FUNEC e ele disse que o trabalho do Letivara é muito lindo e que está feliz pelo fato de os grupos se reunirem ali.

Enquanto tomávamos o lanche, chegaram as professoras da FUNEC, que dão aulas à noite. Uma delas pediu para a [redacted] medir a sua pressão. Fomos todas de volta para a classe porque elas queriam trocar materiais de alfabetização. A [redacted] mostrou alguns materiais seus e continuaram a conversa. Eu agradeço a acolhida e me despedi.

Ah! Esqueci um fato importante:

Enquanto eu visitava o grupo da [redacted], os educandos da [redacted] escreveram mensagens para mim e me entregaram antes de cantarmos o hino Nacional. Fiquei tão contente! Tão emocionada! Não esperava um presente tão maravilhoso assim! Agradeço muito a todos e fiquei muito emocionada ao ler!

Esse presente eu ganhei porque fiz um desafio no grupo da [redacted]: para eles escreverem um pedacinho de sua história a qual não foi a minha surpresa que eles disseram que já fizeram uma atividade como essa! Então brinquei que iria pensar outro desafio e o assunto correu solto e acabei esquecendo de lançar o tal desafio! Eles então, fizeram os bilhetinhos enquanto eu estava na outra sala!



M. L. L. – Grupo de Alfabetização do Núcleo Cambarás – 10.11.2004.

Para Ana
 Ana foi muito importante a sua
 visita com agente obrigado
 Volte sempre que puder.

Ana nessa foto

Grande abraço

S. B. - Grupo de Alfabetização do Núcleo Cambarás – 10.11.2004.

para Ana do leito Viva
 Gastei muito do seu
 leite espero você outra vez
 muito obrigado da visita
 Volte sempre deixo

N. R. S. – Grupo de Alfabetização do Núcleo Cambarás – 10.11.2004.

11.5. Roteiro do Curso de Formação dos Formadores e do Curso Inicial dos Educadores.

A Câmara Municipal autorizou o uso da Tribuna Livre para apresentar oficialmente a proposta aos vereadores e cidadãos campineiros.

A Associação do Comércio de Campinas (ACIC) e o SINDVAREJISTA patrocinaram cartazes e folders para a mobilização de grupos de alfabetização.

A Secretária Municipal, Diretora Executiva da FUMEC e coordenadoras do Projeto LETRAVIVA foram entrevistadas inúmeras vezes pela TV local e jornais de circulação regional.

Foram enviados e-mails com todas as informações sobre o Projeto LETRAVIVA para centenas de endereços eletrônicos disponibilizados pela Secretaria de Serviço Social da Prefeitura Municipal e pela FEAC (Federação de Entidades Assistenciais de Campinas).

Estas ações foram responsáveis pelas 22 parcerias⁶ que estabelecemos nesta primeira etapa do LETRAVIVA em Campinas; 185 alfabetizadores e 2760 educandos foram cadastrados no MEC.

3.2.2. Processo de formação para os capacitadores/articuladores:

O curso de formação para os articuladores/capacitadores que atuaram no Projeto LETRAVIVA baseia-se no princípio de que a Educação é um processo de construção de saberes vivenciado por homens e mulheres abarcando três dimensões: estética, política e ética.

A dimensão estética refere-se ao movimento de criação experimentado no tempo e espaço da vivência no interior dentro do processo educativo. Há um estilo de educar e ensinar articulado com o estilo de vida do educador.

A dimensão política refere-se ao trabalho de construção de possibilidades para a vida se realizar com todo o seu potencial. Educar, portanto, é construção de poder. Quem aprende a ler e escrever desenvolve o poder da leitura e da escrita.

A dimensão ética refere-se ao cuidado com o educando desde o momento em que ele é convidá-lo para fazer da própria vida uma obra de arte. O movimento de criação exige cuidado e depende também da prudência, pois queremos defender a vida em qualquer lugar até mesmo, onde ela está sendo ameaçada. A prudência e o cuidado são princípios éticos para educadores e educandos que se lançam no movimento da criação.

⁶ Entidades Parceiras –(anexo 3)

A relação com as palavras também está envolvida nas dimensões estética, política e ética, pois, entendemos que as nossas relações com as palavras são relações de poder. Por meio das palavras nós construímos os sentidos para vida e re-significamos permanentemente o modo de estar na vida. Nossa relação com a palavra é também um movimento de criação. A palavra é uma linguagem disponível para expressarmos nossas vivências de alegria, dor, prazer e de sofrimento. Expressamos também nossa percepção do que é justo e do que é injusto.

No Projeto LETRAVIVA/Brasil Alfabetizado organizamos o processo educativo como um movimento de criação, de tal modo que a relação com a apropriação da leitura e escrita esteja a serviço da construção de maiores possibilidades para a vida se realizar.

3.2.2.1. Roteiro do Curso de formação para capacitadores/articuladores:

Letura do texto e discussão:

1º DIA: Concepção Pedagógica do Projeto LETRAVIVA:

- *Acolhida*
- *Música: Brincar de Viver – Gravação de Maria Bethânia.*
- *Dinâmica do Painel Integrado com base no texto⁷ elaborado por Romualdo*

Dias (Assessor do Departamento Pedagógico da SME)

Quando optamos por trabalhar com o referencial da Educação Popular não desconsideramos a ciência e seus métodos, mas adotamos o princípio de criação a partir do debate e das histórias de vida de cada educador. Não queremos cartilhas prontas mas pessoas em movimento na praça, na rua, na vida.

Este projeto possibilita uma releitura do mundo em 3 aspectos:

Estético

Político

Ético

Letura e discussão de texto do relato da educadora:

⁷ Texto Romualdo Dias (anexo4)

1. O processo educativo não acontece apenas na escola, mas também fora dela; na vida
2. Educação é construção de poder;
3. Educação é também resgate de valores humanos.

O LETRAVIVA é um projeto com educadores criativos. Um dia não é igual ao outro, uma aula não é igual à outra. O tema central do trabalho é a vida.

Procuramos re-significar três dimensões da vida:

Sobrevivência/ Convivência/ Revivência.

De Tripé: sob Ler - Escrever - Poder grupos

2º DIA: Metodologia de acompanhamento das turmas: Apoio e Educadores é que

sustenta e mantém instigante o movimento de criação dos educadores e educandos. Assim, a

aqui **Leitura do texto e discussão:** como um movimento oritivo e o desafio de fazer da sua

ARRUDA, Marcos . **O feminino criador: socioeconomia solidária e educação.**

O alfabetizador proporciona a possibilidade aos educandos de experimentarem uma

vida **Temas que a discussão do texto fomentou:**

- Necessidade de humanizar a humanidade;
- Quem só trabalha para sobreviver perde a dimensão da vida;
- A sobrevivência tem sido mais forte que a vivência e a revivência (entendida como o resgate da memória e do sonho)
- Cada sujeito tem sua particularidade;
- O afeto é tratado de forma banalizada;
- O capitalismo está transformando o afeto em mercadoria;
- Estamos vivendo o poder da multidão;
- Desejamos resgatar o poder da vivência, da experiência partilhada com o

semelhante em uma visão bem *mineira*.

Experiência de uma educadora: Texto da educadora Fátima Aparecida Camargo

alfabetização.

Leitura e discussão de texto do relato da educadora:

1. Não ter arrogância;

A Fátima tem uma pedagogia. Ela e seus educandos dividem as experiências de vida. Ela se interessou e buscou conhecer a vida de cada um.

Nesse texto é possível constatar que a relação afetiva entre educadora e educandos quebra as barreiras de comunicação. Percebemos que é necessário o desenvolvimento da habilidade de comunicação como ferramenta para aquisição da leitura e da escrita. É possível vislumbrar o “empoderamento” do grupo. Ler e escrever é ter poder; sentimento expresso pela educadora e educandos.

7. Nosso papel é de cidadão;

Reflexão sobre o acompanhamento dos grupos:

Acreditamos que o vínculo entre a Coordenação, Equipe de Apoio e Educadores é que sustenta e mantém instigante o movimento de criação dos educadores e educandos. Assim, a aquisição da leitura e escrita é vivida como um movimento criativo e o desafio de fazer da sua própria vida uma obra de arte vai se tornando realidade visível.

O alfabetizador proporciona a possibilidade aos educandos de experimentarem uma vida menos sem graça, mais cheia de charme.

Precisamos, no Projeto LETRAVIVA, garantir o trabalho de sustentação dos grupos por meio de um acompanhamento mais sistemático por parte da Coordenação do Projeto e a sua Equipe de Apoio, a que visita e acompanha o cotidiano dos grupos de alfabetização.

Ao aprender a ler e escrever estamos compartilhando um exercício de poder, o poder da leitura e da escrita. Não é um poder para a guerra, mas sim, para a criação de novos campos e possibilidades para a vida se expressar e se reinventar. Para que este movimento aconteça, não podemos descuidar do corpo. Precisamos ouvir e respeitar seus sinais e assim, no coletivo, criar as possibilidades de comunicação e aprendizagem. Esse trabalho envolve três dimensões: Corpo/Criação/Poder. Percebemos que a aprendizagem é também do educador popular que se “descobre” como tal.

Trabalho em grupo: Discussão sobre o acompanhamento e suporte aos grupos de alfabetização.

• Como ser realmente um colaborador para os alfabetizadores

1. Não ter arrogância;

2. Ter um grupo fixo de educadores para o estabelecimento de vínculo;
3. Disponibilidade – juntar forças para facilitar;
4. Investigar sempre a necessidade do grupo de educadores e educandos;
5. Buscar observar questões e dificuldades que brotam dos grupos – Ex: erros ortográficos, postura. Não discutir durante o período da aula; apenas anotar as questões para posteriormente trabalhar nos encontros de formação permanente com os educadores;
6. Oficinas com uso do dicionário;
7. Nosso papel é de cuidado;
8. Encontrar maneiras de ajudar os educadores a estimularem os educandos para que não desistam do sonho de aprender a ler, escrever e dar continuidade aos estudos;
9. LETRAVIVA não quer fazer supervisão, dar receitas ou ter postura autoritária. O acompanhamento dos trabalhos nos grupos é justamente para oferecer parceria e colaboração;
10. Realizar oficinas com os educadores que já têm experiência;
11. No grupo, o formador que faz parte da Equipe de Apoio, é catalizador das dificuldades e também das soluções, por isso é preciso que ele fique atento às inquietações dos educadores;
 - o que querem saber do mundo da leitura;
 - o que está sendo vivenciado no grupo, quanto ao conteúdo;
 - de que maneira realizar a discussão sobre questões referentes à alfabetização, como por exemplo o uso de cartilhas, lições prontas, etc.

3º DIA : Planejamento

Acolhida

Música : Valsinha e Cotidiano, interpretadas por Chico Buarque.

Discussão sobre o Planejamento:

- Como deve ser o acompanhamento aos grupos de alfabetização
- Como ser realmente um colaborador para os alfabetizadores

- Como deve ser feito o debate de idéias e sugestões para que o processo de alfabetização seja entendido como uma vivência.

A vivência é entendida como momento para a construção de poder a partir do grupo – poder fazer da vida uma obra de arte. Corremos o risco, inclusive, de o educando rejeitar a nossa proposta. Isso significa que a nossa verdade não é absoluta.

Propomos a Vivência para que todos os envolvidos no Projeto enxerguem a vida em três dimensões:

sobrevivência (eu): Corpo – trabalho para a manutenção da vida.

Convivência (outro): Vínculo - criação de laços entre as pessoas / convívio com os semelhantes no espaço familiar, de trabalho, de estudo, de lazer ou de fé/religioso.

Revivência (nós): Memória como resgate de identidade e possibilidade de gestão de sonhos.

A sobrevivência é a dimensão da vida que tem no corpo a centralidade. Traz à tona a necessidade material do trabalho para a manutenção da vida. Diz respeito à como a vida está sendo vivida.

A nossa teimosia é a de rejeitar o fim, por isso, na convivência fazemos arte, cultura, resgatamos o nosso passado, projetamos e sonhamos o futuro.

LETRAVIVA \rightleftharpoons VIVÊNCIA

Poder $\begin{cases} \nearrow \text{Ler - escrever} \\ \searrow \text{Fazer da vida uma obra de arte - criação.} \end{cases}$

Contra a miséria do poder propomos a alegria do ser. Esta é a revolução que nenhum poder controlará. O educador cria as coisas mais simples – nada exagerado. Não fala muito. Ele cochicha no ouvido do educando:

“Tente você é capaz. Você consegue. Você carrega o dom de ser feliz.”

Propostas que passam pela vivência:

Sobrevivência:

- Estimular a utilização de recursos baseados na recreação, com a promoção de Cursos de palhaço, *clown*, confecção de brinquedos, etc.
- Estimular a criação de cooperativas de compras e de cozinha comunitária, hortas comunitárias, hortas medicinais, reciclagem de objetos de metal, papel, plástico, etc.
- Procurar os Agentes da Pastoral da Criança para fazer palestras sobre aleitamento materno, alimentação infantil e combate à desnutrição.
- Massagens – técnicas simples que ajudem as pessoas a estarem atentas às manifestações do corpo e suas necessidades de descanso e reposição das energias vitais. Não descuidar do corpo, ele é sagrado. É condição para estarmos no mundo.
- Agendar horário no posto de saúde do bairro para conhecer o local, os médicos, os serviços públicos oferecidos.
- Fazer pesquisa e elaborar material explicativo dos recursos existentes no município, incluindo os serviços oferecidos pelo poder público, como por exemplo: agenda cultural e esportiva, serviços de saúde, educação, geração de renda, etc. Buscar conhecer as manifestações da cultura e religiosidade popular.
- Planejar com os educadores uma pesquisa no bairro para localizar as Associações de Moradores, os projetos culturais, os equipamentos públicos disponíveis para a população, etc.

Existem muitos recursos para serem mapeados. O LETRAVIVA pode ser o instrumento que possibilite as descobertas.

Convivência :

- Trabalhar com Dinâmicas de grupo.

- Promover festas significativas para o grupo.
- Incentivar a participação nas Festas de Aniversário dos membros do grupo, bem como das celebrações religiosas de casamentos, batizados e afins.
- Incentivar o cultivo do cuidado ao cumprimentar as pessoas; quando for permitido, beijar, abraçar, demonstrar carinho e afeto.
- Promover o exercício cotidiano da delicadeza nos pequenos gestos habituais.
- Incentivar o carinho nos filhos e familiares.
- Promover brincadeiras e jogos que possibilitem a participação de todas as pessoas do grupo.
- Dar valor ao Humor: recuperar casos engraçados; contar piadas; *causos*; inclusive recolher as memórias do grupo para escrever um livro.
- Incentivar o relato e registro de casos verídicos acontecidos com educandos/educadores.

BIBLIOGRAFIA DO CURSO:

- Contar histórias. As conversas podem ser transformadas em pequenos textos. Relatar passeios pela cidade e as visitas a pontos turísticos. Tirar fotos.
- Fazer levantamento de atrativos da região. Elaborar um guia turístico com os educandos.
- Incentivar e promover a prática de esportes, danças, lazer, canto coral.
- Resgatar e valorizar os momentos de descanso.
- Incentivar e valorizar a criação artística em toda e qualquer manifestação: poesia, música, teatro, artes plásticas, artesanato, etc.
- Valorizar os movimentos de rua e os movimentos sociais.
- Estimular a criação de rádio comunitária / jornal comunitário.

Revivência:

- Elaborar pesquisa sobre as comemorações do bairro.
- Elaborar pesquisa sobre a História da migração no bairro.
- Promover um grande evento de Moda de Viola para o LETRAVIVA.
- Pesquisar a obra de Carlos Gomes : “tão longe de mim distante...”.

- Escrever biografias: fazer um trabalho de pesquisa sobre a vida das lideranças políticas e dos movimentos sociais, dos artistas e heróis do povo.
- Recolher Fotografias para a realização de mostras fotográficas dos grupos de alfabetização.
- Conhecer e estudar os objetos de recordação: coisas que fazem recordar o passado e relembrar tempos vividos; escrever as histórias dos objetos.
- Promover o desfile de um bloco de carnaval para celebrar a memória do LETRAVIVA nesta festa popular .

Encerramento:

Música : “ É preciso saber viver” . Roberto/Erasmus

BIBLIOGRAFIA DO CURSO:

- ARRUDA, Marcos. O feminino criador: socioeconomia solidária e educação.** Texto apresentado na Reunião Anual da ANPED, set. 1998.
- BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e leitura.** São Paulo: Cortez, 1991.
- BARRETO, Vera. Alfabetização: permanência e mudança.** São Paulo: Vereda - Centro de Estudos em Educação, 1996.
- DIAS, Romualdo. Construindo a organização popular.** São Paulo: CEPIS, 1985.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade.** 13ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- _____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1983.
- _____. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FERRERO, Emília. A alfabetização em processo.** São Paulo: Cortez, 1986.
- LEITE, Sergio Antonio da Silva. Alfabetização e letramento.**
- MEC. Orientações gerais do Programa Brasil Alfabetizado.** 2003
- RESTREPO, Luis Carlos. O Direito à ternura.** 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2001.
- SOARES, Magda B. Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SILVA, Maria Alice S. Souza. *Construindo a leitura e a escrita. Reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização*. São Paulo: Ática, 1995.

3.2.3. Processo de formação inicial dos Alfabetizadores:

O Curso de Formação Inicial, bem como a Formação Permanente dos educadores do Projeto LETRAVIVA segue os mesmos princípios apresentados no Curso de Formação dos articuladores/capacitadores. Tem como ponto de partida a nossa concepção de educação. Para nós a Educação de Jovens e Adultos é um processo de desenvolvimento de homens e mulheres abrangendo três dimensões: estética, política e ética.

Entendemos que não é necessário “encher” o educando com discursos *sobre* a igualdade na relação, pois esta estará presente na forma como se manifesta, atua e se relaciona com os outros e com o mundo. Reconhecemos o educando como ser criador e portador de saberes, por este motivo *“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção (...) para isso é preciso que desde o começo do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se ao ser formado”* (Freire, 1996:25).

3.2.3.1. Roteiro do Curso de Formação Inicial para os Educadores/Alfabetizadores do Projeto LETRAVIVA

1º Dia : (8 horas)

- Acolhida
- Abertura:

Música : “Tocando em Frente” (Almir Sater)

Momento para compartilhar os sentimentos que a música desperta e sua relação com o LETRAVIVA.

- Leitura do texto:

“Direito ao Delírio” de Eduardo Galeano, 1999.

Momento para compartilhar as reflexões sobre o texto.

- Rodada de apresentação dos participantes.
- Dinâmica de integração:

Brincadeira de roda, em pares: "1,2, 1,2,3, 1,2,3, 1,2,3, gira, gira uma vez, cumprimenta e passa a vez...."

- Intervalo para o café.
- Relato de Experiências:

Momento em que educadoras com experiência em alfabetização de Jovens e Adultos compartilham suas vivências e os *novos* Educadores/Alfabetizadores anotam o que mais lhes chama a atenção, o que é significativo, os "estalos" que vão tendo à medida que ouvem os relatos. Momento em que começam a elaborar os seus próprios *ensaios* do que poderão realizar nos seus respectivos grupos de alfabetização.

- Trabalho em Grupos:

Momento para compartilhar as anotações, os "estalos" e simular coletivamente o 1º Dia de aula no grupo de alfabetização do Projeto LETRAVIVA.

- Almoço

- Retorno :

Música: "Dia Branco" (Geraldo Azevedo)

• Apresentação dos trabalhos e propostas desenvolvidas pelos Grupos para o 1º Dia de aula do Projeto LETRAVIVA.

- Dia Encerramento:

- Proposta de Leituras a serem realizadas em casa⁸
- Proposta de criação de um texto na forma de poema, narrativa, história em quadrinho, cordel, etc sobre o tema: "o que é o LETRAVIVA para você?"
- Orientações e informações gerais sobre o Projeto LETRAVIVA.

Textos que foram criados a partir da vivência nas Oficinas Pedagógicas.
 Questões e idéias ("os estalos") que tiveram sobre o como alfabetizar no Projeto LETRAVIVA.

LETRA 2º DIA: (4horas)

- Dinâmica da Futur

⁸ As leituras e a criação do texto sobre o Letraviva bem como a confecção de material pedagógico totalizam 8h de trabalhos em casa.

Uma pessoa vem nos visitar e queremos contar a ela o que é e como é o LETRAVIVA, mas esse

- **Acolhida:** nossa língua. Pensamos em mostrar-lhe uma foto, mas não temos máquina.

Distribuição de bombons de chocolate para todos os participantes.

- **Projeção do Filme: "Chocolate"** (lápis de cor, giz de cor, tesoura, cola, revistas e jornais).

- **Momento de compartilhar:** (papel atômico, fita adesiva, etc.)

"De que maneira a mensagem apresentada através da história desse filme está relacionada ao LETRAVIVA e à nossa vontade de reinventar o jeito de ser e estar no mundo?"

Apresentação dos Grupos:

3º Dia: (4 horas) Caderno: "Fazendo de vida, fazendo História" elaborado para o Grupo de Alfabetização do Sindicato da Construção Civil de Campinas.

- **Oficinas pedagógicas:**

Momento em que os educadores/alfabetizadores vivenciam um grupo de alfabetização sob a coordenação de educadores que já trabalham com alfabetização de Jovens e Adultos. Esse é um tempo/espço de partilha de experiência e apresentação de sugestões, dúvidas e questionamentos dos novos educadores que estão se preparando para assumir os seus próprios grupos de alfabetização.

É um momento também de inventar, construir e elaborar coletivamente as atividades, jogos, materiais que possam ser utilizados ou reinventados no processo de alfabetização. Exemplo: Crachás, cartazes com o nome dos aniversariantes, caixas de palavras, textos, letras, etc.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982. (p.11-24)

GALEANO, Eduardo. De pernas pro ar: A escola do mundo ao avesso. Trad.

BARRO, Sérgio. Acolhida. São Paulo: L&PM Editores, 1999. (p. 341-344)

- **Música: "Tocando em frente"** (Almir Sater)

- **Momento de compartilhar:**

Textos que foram criados a partir da vivência nas Oficinas Pedagógicas.

Questões e idéias ("os estalos") que tiveram sobre o como alfabetizar no Projeto LETRAVIVA.

- **Dinâmica da Foto:** com Maria Bethânia

Os participantes são convidados a formar pequenos grupos para "criar" uma foto do LETRAVIVA, recebendo a seguinte orientação:

Uma pessoa vem nos visitar e queremos contar a ela o que é e como é o LETRAVIVA, mas essa pessoa não fala nossa língua. Pensamos em mostrar-lhe uma foto, mas não temos máquina fotográfica. Precisamos, então, criar aqui com o material de criatividade a nossa foto.

(O material de criatividade é: papel Kraft, lápis de cor, giz de cor, tesoura, cola, revistas e jornais para recortar, cola colorida, pincel atômico, fita adesiva, etc.)

Há um tempo destinado para os participantes criarem as suas fotos.

- Intervalo
- Apresentação dos Grupos.
- Entrega do Caderno: "Falando da vida, fazendo História" elaborado para o Grupo de Alfabetização do Sindicato da Construção Civil de Campinas.
- Música:
"Brincar de Viver" (com Maria Bethânia)
- Encerramento do curso.
- Informes Finais

BIBLIOGRAFIA:

BARRETO, José Carlos. Um sonho que não serve ao sonhador. São Paulo Centro de estudos Vereda. S/D.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1982. (p.11-24)

GALEANO, Eduardo. De pernas pro ar: A escola do mundo ao avesso. Trad. FARACO, Sérgio. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 1999. (p. 341-344)

LETRAVIVA. Como tornar o ambiente alfabetizador (elaborado pela coordenação).

MEC. Orientações gerais do Programa Brasil Alfabetizado.

Músicas:

- "Brincar de Viver" com Maria Bethânia
- "Dia Branco" - Geraldo Azevedo
- "Tocando em Frente" - Almir Sater

Também tem o papel de ajudar os alfabetizadores a olharem para as suas inquietações e juntas, através da troca e da experiência de cada um, dar sustentação para o movimento de criação que vai nascer “Chocolate” com o processo de alfabetização.

Filme:

• “Chocolate”

Direção: LASSE HALLSTRÖM, MIRAMAX INTERNATIONAL, 2000.

Para que o trabalho de acompanhamento e formação não se perdesse, criamos um encontro semanal entre os articuladores/capacitadores, Coordenação do Projeto e Assessoria Pedagógica, em que cuidávamos da Equipe de Apoio como um todo. Este cuidado era coletivo, pois nestes encontros o princípio do cuidado esteve sempre presente.

OBS:

O vínculo entre a Equipe de Apoio/Coordenação foi sendo construído paulatinamente, conforme Optamos por oferecer o curso a todos os possíveis educadores do LETRAVIVA, pois entendemos que o próprio curso se constitui como elemento sensibilizador para as pessoas que pretendiam ser educadores(as). Salientamos, todavia, que muitos(as) não conseguiram mobilizar os educandos ou encontrar um local adequado para o funcionamento das turmas.

Lembramos que para efeito de repasse da bolsa-auxílio para capacitação só foram utilizados os valores referentes aos educadores que montaram turmas e foram cadastrados no MEC. A Formação Permanente ocorreu de forma bastante criativa. A tônica era a vivência e a partir dela o movimento de criação e a reinvenção do jeito de alfabetizar. O princípio do

3.2.4. Processo de Formação Permanente e acompanhamento das turmas:

educadores compartilhavam suas conquistas e crises e também suas dificuldades. Refletiam sobre as suas práticas e sentiam-se mais capacitados para enfrentar os desafios que se abriam.

Para a realização do trabalho de Formação e acompanhamento das turmas, convidamos algumas pessoas para atuarem no Projeto LETRAVIVA como articuladores/capacitadores. Articuladores no sentido de articular e mobilizar as turmas e capacitadores no sentido de participar da capacitação inicial e permanente dos educadores, bem como de acompanhar os grupos em andamento.

Os articuladores/capacitadores buscam a construção do vínculo com os educadores e educandos e juntamente com o grupo de educadores. Nos encontros de Formação Permanente, vivenciam novas possibilidades de solidariedade e aprendizagem.

Através do princípio do cuidado e da prudência acompanham os educadores e suas turmas, colaborando para que a chama de um trabalho criativo se mantenha sempre acesa. expressavam a criatividade dos educadores e seus diferentes grupos de alfabetização.

11.6. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Estagiária Edna.

SUMÁRIO

| | |
|---|-------|
| INTRODUÇÃO | p. 5 |
| ESCRITÓRIO DO PROJETO LETRAVIVA | p. 7 |
| PROJETO LETRAVIVA: PORQUE LETRAVIVA? | p. 7 |
| EQUIPE LETRAVIVA | p. 8 |
| CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL E PERMANENTE..... | p. 9 |
| DIVERSIDADE CULTURAL | p. 12 |
| GRUPOS DE ALFABETIZAÇÃO | p. 16 |
| CONCLUSÃO | p. 18 |
| BIBLIOGRAFIA..... | p. 19 |
| ANEXOS..... | p. 20 |

Ela está no horizonte

Me aproximo dois passos

Ela afasta dois passos

Caminho dez passos

E o horizonte corre dez

passos

Por mais que caminhe

Jamais a alcançarei

Para que serve a utopia?

Serve para isso

Para caminhar!

Eduardo Galeano

INTRODUÇÃO

Trabalho realizado através da disciplina Prática Supervisionada da Ação Educativa A, que tem como objetivo analisar criticamente a prática educacional e também identificando as diferentes concepções de educação.

A prática deste 1º semestre foi realizado no LetraViva que é um projeto da Prefeitura de Campinas pelo convênio com o Ministério da Educação, dentro do programa Brasil Alfabetizado que foi criado pelo Governo Federal. A meta de Campinas é alfabetizar 36,8 mil jovens acima de 15 anos e adultos, considerados analfabetos totais, que não sabem ler nem escrever.

No ano de 2003 foram 2760 educandos que foram divididos em 185 grupos com no máximo 25 educandos por grupo. E a partir do 2º semestre de 2004 a projeção de atendimento é de 34.000 educandos. Os grupos funcionam manhã, tarde ou noite de segunda à quinta-feira sendo os encontros com duração de 2h30min, sendo que a maioria funciona à noite, pois os educandos trabalham em regime de período integral.

A situação sócio econômica dos educandos é muito difícil, pois pertencem à uma camada social da de baixa renda, ou seja tem uma vida com muitas dificuldades, porém revestida de muita dignidade e esperança. São muitas pessoas idosas e que tem dificuldades para se locomoverem para outro local e quando não são pessoas idosas não tem condições para pagar um transporte, então que nada comprometa os educandos de estudarem, portanto os grupos de alfabetização funcionam nos bairros onde moram, bem próximos às suas residências. Então, pode-se observar que a arquitetura do projeto já é criado, transformado de uma outra forma, pois não tem a mesma "arquitetura da escola" (DAYRELL, 1996), que de qualquer forma tem uma hierarquia, ou seja, nos corredores salas de aulas, a diretoria bem longe para não ser incomodado. O projeto LetraViva não é como a escola que tenta se fechar em seu próprio mundo, com suas regras, ritmos e tempos, por isso que os educandos são alfabetizados no próprios bairros onde moram, e em um local que não precisa ser propriamente sala, com lousa, carteiras, mesa do professor(a), mas que pode ser "criado, modificado, reinventado" (FREIRE, 1992).

É muito importante a "dimensão do encontro" (DAYRELL, 1996), que no projeto LetraViva no desenrolar do processo alfabetizador proporcione ao educando contato com diversos tipos de aprendizados como textos, poesias, listas, ditos populares, receitas, bilhetes e dimensões da vida como sobrevivência, convivência e revivência.

Dentro dessas dimensões são oferecidas várias propostas para o educador.

- Dinâmicas de grupo;
- Festas;
- Aniversários;
- Rituais: batizados, casamento, enterro;
- Cumprimentos: - quando houver permissão, beijar, abraçar;
- Delicadeza: exercícios, gestos;
- Incentivar carinhos nos filhos;
- Brincadeiras e jogos;
- Culinária: Livros de receitas, remédios caseiros;
- Pesquisas das comemorações do bairro;
- Fotografias;
- Trabalhar com objetos de recordação – coisas que fazem lembrar e reviver, escrever histórias dos objetos; e entre outras propostas.

ESCRITÓRIO DO PROJETO LETRA VIVA

O escritório do Projeto LetraViva, está situado no centro da cidade, rua Dr. Quirino, 1562 6º andar – Edifício Aquarius, que é um anexo pertencente a Prefeitura de Campinas e funciona durante horário comercial.

PROJETO LETRAVIVA: Porque LetraViva?

Foi realizada uma conversa informal com uma das coordenadoras do projeto, e ela explicou que houve uma discussão para a escolha do projeto e foi optado por "Letramento Cidadão", mas a discussão é que teria que ser algo que ultrapassasse o senso comum de educação.

O nome tinha que representar a cara do grupo, ou seja ser significativo, então fomos brincando com as palavras que então surgiu "LetraViva", porque a vida está em primeiro lugar e que vão trabalhar com as letras e as letras também tem vida. Quem sabe ler e escrever vive de forma diferente, tem outros significados. Então que a letra possa trazer mais vida e a vida com letras poderia ser vivida, recriada a cada dia. O projeto tem como lema "Uma Campinas mais humana". Pretendem nesse projeto de alfabetização reinventar formas de ser e estar no mundo.

O LetraViva é um projeto de alfabetização de jovens e adultos que tem como fundamentos e idéias do educador Paulo Freire sobre educação de jovens e adultos. Não é chamado de professor e aluno, mas sim educador popular e educando, é chamado de educador popular porque é um projeto social e é ele que conhece a realidade do bairro e também é o educador popular que monta um grupo para alfabetizar. O grupo pode ser de no mínimo 10 educandos e no máximo 25 educandos.

O educador também tem que conseguir um local para alfabetizar, e também uma entidade que queira ser parceira com o projeto. A entidade pode ser uma Igreja, Associação Amigos de Bairro, ONG e etc. A necessidade da entidade formar parceria com o projeto é que o educador tem uma ajuda de custo, ou seja uma bolsa-auxílio que no convênio de 2003 era de R\$15,00 por educando e agora para o novo convênio de 2004 vai ser de R\$ 120,00 durante 8 meses e mais R\$ 7,00 por cada educando, então a bolsa-auxílio é passada para a conta

da entidade que deve ser providenciada e a entidade repassa para os educadores vinculados a ela.

O educador popular tem que ter disponibilidade de dedicar 15 horas semanais ao projeto e fundamentalmente, que tenham um compromisso com a vida.

Ao final deste trabalho o projeto Letraviva pretende garantir à todos (as) aqueles (as) que quiseram se alfabetizar e aqueles (as) que se interessam por dar continuidade aos estudos no Ensino Fundamental tenham esse direito garantido.

EQUIPE LETRATIVA

A equipe é formada por duas coordenadoras, estagiários de diferentes cursos e a equipe de apoio que auxilia os educadores no processo de alfabetização.

Os grupos de alfabetização são visitados pela equipe de apoio para acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem, bem como o processo de ensino instalado pelos educadores, como está indo o andamento do grupo, dificuldades dos educadores.

Algo a ser comentado e dado muito valor é o processo de auto estima dos educandos que a resgatam de modo significativo, pois ficam muito contentes quando se apropriam do conhecimento, dominam as letras, o significado das mesmas e também quando recebem visitas de um membro da equipe coordenadoras que geralmente levam motivação, carinho e reconhecimento pelo esforço e entusiasmo desses adultos maravilhosos, que apesar da idade e outras dificuldades QUEREM APRENDER, QUEREM SUPERAR.

A relação das coordenadoras com os educadores, educandos, equipe de apoio e estagiários é de muito respeito e amizade. É um grupo com bastante interação, como diz uma das coordenadoras "Família LetraViva", sempre que algum educador procura as coordenadoras para conversar, dúvidas, dificuldades ou até mesmo um bate-papo sempre estão prontas a atender, assim também é com os estagiários e equipe de apoio.

É muito importante trabalhar em grupo, equipe, e as coordenadoras dão muito valor ao trabalho em grupo, pois um ajuda o outro. Há o trabalho individual, pois é importante, mas no geral o trabalho é realizado no coletivo, das idéias discutidas e etc.

No projeto LetraViva não tem a superioridade, tudo é "construído juntos, valorizando o trabalho coletivo ou seja, idéias, imaginação de todos". (Makarenko, 1920-1928).

CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL E PERMANENTE

As pessoas interessadas em serem educadores populares fazem um curso de formação inicial com carga horária de 30h, gratuito que é oferecido pelo projeto.

O curso de formação não tem preocupação teórica, mas sim a vivência, músicas, poesias, contos e etc. Os educadores compartilham as experiências para reflexão e a partir daí ser reinventado, pois não há uma cartilha ou uma receita. É por isso que o curso de formação do projeto LetraViva tem um outro olhar, pois Paulo Freire (1992) defende a idéia de que a educação não pode ser um depósito de informações do professor sobre o aluno. Esta "pedagogia bancária", segundo Freire, não leva em consideração os conhecimentos e a cultura dos educandos.

Então se o educador respeitar a linguagem, a cultura e a história de vida dos educandos pode-se levá-los a tomar consciência da realidade que os cerca., discutindo-a criticamente.

Portanto Paulo Freire cultiva o nexa escola/vida, respeitando o educando como "sujeito da história". (FREIRE, 1992).

O projeto LetraViva mostra que as pessoas podem não ser letradas mas todas estão imersas na cultura, e quando o educador consegue fazer a ponte entre a cultura dos educandos, estabelece-se o diálogo para que novos conhecimentos sejam construídos.

No curso de formação um dia são realizadas oficinas pedagógicas, experiências de pessoas que trabalharam e trabalham com alfabetização de jovens e adultos, mas a idéias das oficinas pedagógicas são para troca de experiências e não modelos para ser copiados e sim para ser transformado, recriado. Portanto pode-se observar a praxis pedagógica que é a ação pedagógica transformadora e é isso que o projeto LetraViva quer que as pessoas que não tiveram oportunidade de ler e escrever possam ampliar suas

possibilidades na vida. Também tem a formação permanente que são espaços de trocas de saberes e experiências, que podem contribuir para os alfabetizadores criarem novas práticas educativas, que sempre acompanhadas de reflexões teóricas. Portanto, são espaços de vida, momentos criativos, críticos, prazerosos, que tenham significado para todos.

SUGESTÕES PARA ALFABETIZAÇÃO PROPOSTAS PELO GRUPO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES POPULARES

GRUPO 1

- Descoberta
- Buscar o novo, o novo está dentro de cada um
- Troca de saberes
- Valorização da diferenças
- Valorização cultural
- Cores, expressões
- Gráficos da vida
- Criação de recreação
- Diálogo

GRUPO 2

- O que marcou?
- Criatividade
- Imaginação
- Motivação e produção
- Crescimento pessoal
- História de vida
- Expressão
- Sentimentos
- Sonhos

GRUPO 3

- Crescimento pessoal
- Textos: Leitura de imagens, sons, letras
- Não existe um método específico para a aprendizagem – pode ser criado a partir da realidade do educando
- O educador estar atento ao estágio de cada educando

GRUPO 4

- Criar histórias relacionadas ao que vai ensinar
- Conseguir materiais básicos (doações) ex: mapas, revistas...
- Tomar cuidado com abordagem infantil
- Respeitar o tempo e as expectativas
- Usar músicas, textos, poesias, imagens que resgatem a origem do educando
- Identificar letras do alfabeto através de rótulos
- Usar a criatividade para transpor barreiras
- Oficinas de artes
- Criar histórias usando o contexto de vida dos educandos
- Trabalhar interdisciplinaridade

Então, todo esse processo foi criado por educadores que fizeram o curso de formação, então é a questão da criatividade, da troca de experiência e que o grupo é o espaço de re-significar o modo de estar no mundo, pois Paulo Freire fala que o "ser humano é inacabado, ou seja, não está pronto, acabado, e o processo de construção do conhecimento é no dia-a-dia, no cotidiano".

O educador tem que trabalhar com o educando a "partir do que ele conhece, pois todos têm uma história de vida, e então pode ser discutido, estudado, reinventado, criado, transformado". (FREIRE, 1992).

DIVERSIDADE CULTURAL

Quem são esses jovens e adultos? O que vão buscar no projeto LetraViva? O que significa para eles o projeto? Qual o significado das experiências vivenciadas neste espaço?

O que faz o projeto LetraViva ser diferente é que estão ali para aprender, para trocar experiências, saber que não é só o educador que sabe, mas que um vai aprender com o outro. É trabalhado com o educando a partir do que ele já sabe, da sua cultura, história de vida, cotidiano.

O projeto quer construir a Pedagogia do Oprimido e não do opressor (Freire, 1970), ou seja transformar a sociedade no sentido de que as camadas populares possam também ser favorecidas, beneficiadas pelo processo educacional tão presente nas classes média e alta do país. Que elas tenham acesso ao sistema educativo plenamente e assim diminuir as distâncias sociais; "dando" competência e desenvolvendo habilidades entre os educandos do povo contribuindo para o desenvolvimento social mais justo e pacífico. Menos violento e mais produtivo.

Educação para aqueles que, hoje, à margem do sistema com enorme massa de desempregados possa competir, participar ativamente e mais conscientemente do sistema de produção econômica, cultural e social do nosso país.

Portanto a avaliação não é em forma de provas e notas como a escola que se reduz apenas ao "passar de ano" (DAYREEL, 1996). No Projeto LetraViva o processo de avaliação é tratado como movimento permanente, através dos movimentos tiramos os elementos para reinventar o processo, sempre com o objetivo de valorizar as conquistas. É através dos erros, de onde podem brotar novas perguntas e novas criações.

*Pode ampliar!
Vai um frente!*

GENTE LINDA

Sylvia Helena Heinrich (educadora)

12 de fevereiro de 2004

| | |
|------------------------------------|---------------------------------|
| Gente simples | um mundo maior |
| Gente humilde | |
| Unida num mesmo ideal | Gente humilde |
| Tomar a letra mais viva | Gente simples |
| Tomar o mundo maior | Que parte e reparte |
| | O pouco que tem |
| Gente linda | Tudo o que sabe |
| Gente simples | Re-inventando a vida |
| Gente que sabe | Redescobrimdo o jeito do ser |
| Que pouco sabe | Permitindo um novo jeito de ver |
| Mas quer repartir seu conhecimento | |
| Tomando o mundo melhor | Gente simples |
| | Gente linda |
| Gente humilde | Que dá vida à letra que é viva |
| Gente linda | Letra que tem força e poder |
| Que leva no gesto, no sorriso | Poder pra mudar |
| Na garra, na luta | Poder pra transformar |
| Liberdade e felicidade | Poder pra revelar |
| Um novo raio de sol | Um mundo maior |
| Que ilumina e desvenda | Um mundo melhor |
| O novo sentido de tudo | No sentido de tudo |
| Do mundo então escondido | Um novo sentido de vida |
| Da letra que é viva | Que vale a pena ser vivida. |
| E que ganha muito mais vida | |
| Quando diverte e revela | |

São as relações sociais que verdadeiramente educam, isto é, formam, produzem os indivíduos em suas realidades singulares e mais profundas. Nenhum indivíduo nasce homem. Portanto, a educação tem um sentido mais amplo, é o processo produção de homens num determinado momento histórico... (DAYRELL, 1992, p.2)

Pode-se observar então, que a educação se dá em todos os lugares, portanto como diz DAYRELL "o homem não nasce homem", ou seja ele é construído a partir das relações sociais, na relação com o outro, e também que o (ISSO É LINDO...) homem não é um ser acabado, toda vida está em construção, portanto não se pode definir o homem, pois, está em transformação. Só se pode definir objeto, pois, está pronto. O homem é o único que se constrói de dentro para fora porque por mais que se mostre nunca se esgota. Paulo Freire também fala que não "Não há educação neutra, toda educação é um ato político", portanto a educação é um ato amoroso e um ato político. O ato de educar é o ato de fazer cultura. Toda prática humana – trabalho de humanização.

→ com-corda!

SER COM OS OUTROS

Nenhum homem é uma ilha. Vivemos nosso ser cotidiano em contínua imbricação com o ser dos outros. Por isso, o ser humano é essencialmente sociável; sozinho não pode vir a este mundo, não pode crescer, não pode educar-se; sozinho não pode nem ao menos satisfazer suas necessidades mais elementares nem realizar as suas aspirações mais elevadas; ele pode obter tudo isso apenas em companhia dos outros.

Toda essa experiência é partilhada com os outros. O eu só toma-se eu mediante a presença dos outros (a sociedade). A comunicação, as trocas, os contatos, a interação com os outros são permanentes. Nunca estamos a sós. Não há o isolamento absoluto. O mundo é sempre e por toda parte encontro com os outros, um estar com os outros, intensamente praticado nas ocupações, nos discursos do saber, no uso e manuseio dos instrumentos. Ninguém pode fugir desse encontro. O ser um contra o outro, o descuido mútuo, a indiferença... são um fadigoso estar junto...

Todos estamos na partilha um com o outro, bem ou mal sucedidos, sorteados ou malogrados, satisfeitos ou insatisfeitos.

Somos o único animal que precisa ser educado. Somos aquilo que a educação faz de nós. Não nascemos humanos nem sociais pela educação que recebemos da sociedade. Não podemos esquecer o quanto, por exemplo, a educação e a cultura são essenciais no processo de socialização entendido como respeito ao outro, as normas vigentes na sociedade, a busca por justiça e dignidade de todas as pessoas.

Pensamos que só há sociedade a partir de algumas condições essenciais; justiça, acesso a educação, à cultura, aos bens materiais, aceitação do outro, vida política. A negação, a ausência destas condições desintegra a sociedade. Ser social implica também responsabilidade. Por isso, enquanto seres sociais, somos responsáveis pelo mundo em que vivemos.

Não podemos ficar indiferentes frente às questões relevantes para nosso bem estar presente e futuro. A problemática da água, da geração de empregos, do acesso à terra, a corrupção política, a educação, a preservação da natureza, a justiça social, o terrorismo, a guerra, a fome, a paz, a ética e outros...são problemas social, somos responsáveis por tudo e por todos.

É a única forma de humanizarmos as relações sociais tornando-as mais éticas e justas.

(Jornal "Mundo Jovem" – Abril 2004)

↓ de que cidade?

Muito bom.

GRUPOS DE ALFABETIZAÇÃO

Foram vivenciados alguns momentos em grupo de alfabetização do projeto Letra Viva. E foi observado que os educadores trabalham com os educandos a partir da sua cultura, sua história de vida. São compartilhadas idéias, conhecimentos, pensamentos e sobre a "Importância do ato de ler" (FREIRE, 1982), então isso só é possível através de uma educação que estimule a colaboração, que seja valorizado a ajuda mútua, que seja desenvolvido o espírito crítico e a criatividade, e isso os educadores aprendem desde a equipe LetraViva que começa pela coordenação que é formada por duas pessoas, então isso mostra a ajuda mútua, companheirismo e que é trabalhado com os educandos que todos tem algo para aprender e também para ensinar.

E o ato de ler não é apenas ler, e sim saber o que está sendo lido, interpretar, formar pensamento crítico, que nem sempre devemos concordar com a idéia do autor.

É essencial valorizar a cultura popular em que o educando está inserido, partindo desta cultura, e procurando aprofundar seus conhecimentos, para que participe do processo permanente da sua libertação.

*Educação é o encontro de
pessoas que juntas buscam
saber mais, mediatizados pelo
mundo (realidade)*

Paulo Freire

O cuidado com o educando é muito importante, pois esta relação passa a ser uma motivação a mais para novos desafios.

Então, ao ser convidado para se lançar num movimento de criação, ele não está sozinho, pois vai descobrindo seus saberes, descobre que os saberes são diferentes, e que dúvidas, descobertas podem ser compartilhados com os outros.

"O processo de aprendizagem na alfabetização de jovens e adultos está envolvida na prática de ler, de interpretar o que lêem, de escrever, de contar, de aumentar os

conhecimentos que já têm e de conhecer o que ainda não conhecem, para melhor interpretar o que acontece na nossa realidade”(FREIRE, 1965)

No fundo o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem, mas sabem que sabem.

*Para compreender o outro, é necessário conhecê-lo.
(Malinowski)*

O projeto LetraViva trabalha muito com a “dimensão do conhecimento” (SALVADOR, 1994), que não são aquelas aulas “chatas”, ou seja que o aluno está apenas de corpo presente, ou só para ter presença, são momentos agradáveis que além de aprender, tem momentos de afetividades, comemorações, diálogo, desabafo e etc.

É um espaço amplo e tem uma formação ampla, que envolve o processo de humanização, que além de alunos são em primeiro lugar ser humano.

CONCLUSÃO

Portanto, tudo indica que o projeto de alfabetização de jovens e adultos LetraViva, tem um compromisso com a educação, muito respeito com o educando e valorizando o que ele já tem como cultura, história de vida. Por isso, é muito importante o olhar sobre o que estamos observando, e principalmente o processo educacional, as relações, vínculos. É muito pouco 34 horas de observação, mas dá para ter um conhecimento do projeto LetraViva que é um projeto audacioso, e até uma utopia de ter quase 37 mil pessoas alfabetizadas. Mas é esse sonho, essa "Pedagogia da Esperança" (FREIRE, 1992) que está sendo possível um grande sonho se tornar realidade. O projeto LetraViva é um aprendizado para a vida.

Simone,

Ah! que enfim alguém investiu e está desenvolvendo p/ a Universidade a História do Projeto Letra Viva. Gostei da articulação que você fez e/ as leituras.

Em agosto conversei mais com você, por ora fica o desafio: desenvolva seus futuros trabalhos de pesquisa no "Letra Viva" quem sabe daí nas saí uma pós graduação? ¹⁸ Eu

CONCLUSÃO

Portanto, tudo indica que o projeto de alfabetização de jovens e adultos LetraViva tem um compromisso com a educação, muito relacionado com a educando e valorizando o que ele já tem como cultura, história de vida. Por isso, é muito importante o olhar sobre o que estamos observando, e principalmente o processo educacional, as relações, vínculos. É muito pouco as horas de observação, mas dá para ter um conhecimento do projeto LetraViva que é um projeto autônomo, e não uma tática de ter duas 37 mil pessoas alfabetizadas. Mas o que são, essas "Pedagogias da Esperança" (FREIRE, 1992) que está sendo possível um grande sonho se tornar realidade. O projeto LetraViva é um grande sonho para a vida.

Ja estou saindo e isso
 (já você). Vale?
 e carinhos
 Eduarda

BIBLIOGRAFIA

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1983.

_____ **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____ **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____ **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RODRIGUEZ, MARGARIDA VICTÓRIA. **Para uma releitura do "mestre" Makarenko: Notas de uma pedagogia concreta**, 2002.

http://novaescola.abril.com.br/ed/162_mai03/html/pensadores.htm 09/06/2004

11. 7. Letra da música-tema do Fórum Social Mundial:

Um outro mundo é possível

Beto Herrmann

Caminhando nessa estrada, lado a lado, vamos lá!
Construir um novo mundo e o planeta transformar
Com humanidade, solidariedade nós vamos vencer
Com muita coragem esta nossa luta pode nos dizer

Que aqui um outro mundo
é possível se a gente quiser

E vejam só, há quem só vê
Exclusão e lucro pra manter o poder
Anti-social, neoliberal

Mas com a gente vai ser diferente porque

Aqui um outro mundo
é possível se a gente quiser.

HERRMANN, B. Um outro mundo é possível. In: *II FÓRUM SOCIAL MUNDIAL*. Porto Alegre, RS, 2002, 2 CDs. CD 1, faixa 1.

11.8. A seguir disponibilizo alguns dados do Projeto LETRAVIVA a partir de materiais institucionais de divulgação.



Folheto de divulgação. Frente.

"APRENDER PARA NÓS É CONSTRUIR,
RECONSTRUIR, CONSTATAR PARA MUDAR,
O QUE NÃO SE FAZ SEM ABERTURA AO
RISCO E À AVENTURA DO ESPÍRITO".

Paulo Freire

Informações LETRAVIVA:

Telefone: (19) 3231 – 1344
Rua Dr. Quirino, 1562 – 6º Andar, Centro
Campinas-SP
letraviva@campinas.sp.gov.br

Apoio:



Folheto de divulgação. Verso.

O ANALFABETISMO EM CAMPINAS

A cidade de Campinas tem 36.839 jovens e adultos analfabetos (INEP/2003). O Governo Democrático e Popular entende que o analfabetismo é reflexo de injustiça social e econômica e não falta de vontade da pessoa que não se alfabetizou. Por este motivo apóia e abraça a iniciativa do Governo Federal criando no município o **LETRAVIVA**, que é o BRASIL ALFABETIZADO EM CAMPINAS.



LETRAVIVA, porque a vida está em primeiro lugar!
Jovens e adultos poderão se encantar com a possibilidade de ler e escrever originalidades, reinventando o jeito de ser e estar no mundo.



OBJETIVOS DO PROJETO:

- Mobilizar a sociedade civil para ir ao encontro dos jovens e adultos que não sabem ler e escrever;
- estabelecer parcerias com as instituições sociais do município;
- formar educadores populares para atuarem nos grupos do **LETRAVIVA**;
- alfabetizar jovens e adultos.



COMO SER PARCEIRO DO LETRAVIVA:

- Mobilizando os jovens e adultos para participarem do **LETRAVIVA**;
- Oferecendo local para os encontros dos grupos de alfabetização;
- Doando material pedagógico e de criatividade para os grupos;
- Colaborando na divulgação e mobilização de parceiros e educandos;
- Publicando a experiência do **LETRAVIVA**.
- Patrocinando encontros de educadores e educandos.

QUEM É O EDUCADOR:

Agentes comunitários que morem no bairro, conheçam a realidade e tenham disponibilidade de dedicar 15 horas semanais ao Projeto **LETRAVIVA** e fundamentalmente, que tenham um compromisso com a vida.



Material produzido para ser apresentado na Câmara de Vereadores.

Dados do Analfabetismo

- 36.839 jovens e adultos analfabetos em Campinas (INEP/2003).
- Resultado de históricas injustiças sociais e econômicas
- O Governo Democrático e Popular em parceria com o Governo Federal cria no Município o **LETRAVIVA** para alfabetizar jovens e adultos.

TODOS PODEM AJUDAR: Seja um educador ou divulgue para quem não pôde ler

Ministério da Educação



Números do Projeto

- 2760 Educandos
- 160 Educadores e Educadoras
- 185 Grupos
- 22 Entidades Parceiras

Ministério da Educação



Extensão da Atuação

- Grupos de Alfabetização por todas as Regiões da Cidade de Campinas.
- Mobilização da sociedade civil para ir ao encontro dos jovens e adultos que não sabem ler e escrever.
- Estabelecimento de parcerias com as instituições sociais do Município.
- Formação de Educadores populares para atuarem nos Grupos do **LETRAVIVA**.

Ministério
da Educação



Financiamento do Projeto

- **MEC/FNDE**
Educador: R\$ 15,00 por Educando mensalmente.
Equipe de Apoio: R\$ 80,00 repassado uma única vez para Formação e Acompanhamento permanente dos Grupos.
- **SME/FUMEC**
Infra-Estrutura: Local para funcionamento da Coordenação Central, Estagiários, Assessoria Pedagógica, Divulgação e Mobilização na Cidade
Formação Permanente e Acompanhamento dos Grupos

Ministério
da Educação



Parceiros na Execução do Projeto



✓ Câmara Municipal de Campinas
 ✓ PUC-Campinas
 ✓ SINDUSCON
 ✓ Assoc. Moradores do Núcleo Res. Eldorado dos Carajás
 ✓ Igreja Presbiteriana
 ✓ Igreja Divino Salvador
 ✓ Faculdades Fleming
 ✓ ACIC
 ✓ SINDIVAREJISTA
 ✓ CEAC Alan Kardec
 ✓ Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil
 ✓ Administrações Regionais e Sub-Prefeituras
 ✓ Secretarias e Autarquias da Prefeitura Municipal de Campinas

Ministério da Educação



Como Colaborar com o Projeto



- Mobilizando jovens e adultos para os grupos do **LETRAVIVA**;
- Oferecendo local para os grupos de alfabetização;
- Doando material pedagógico e de criatividade;
- Divulgação e mobilização de parceiros e educandos;
- Patrocinando encontros de educadores e educandos

Ministério da Educação



LEGISLAÇÃO

Projeto LETRAVIVA é a versão do Programa Brasil Alfabetizado, em Campinas, SP.

O Programa Federal está baseado na **Lei nº 10.880, de 9 de junho de 2004**, que instituiu o Programa de Apoio aos Sistemas de Ensino para Atendimento à Educação de Jovens e Adultos e dispôs sobre o repasse de recursos financeiros do Programa Brasil Alfabetizado aos Estados e Municípios.

Carta do Arcebispo Metropolitano solicitando a participação das comunidades católicas no Projeto LETRAVIVA.



Dom Gilberto Pereira Lopes
Arquidiocese de Campinas

Apelo às Comunidades Católicas

A Prefeitura Municipal de Campinas, através do programa *Letraviva*, em convênio com o MEC e FNDE, se mobiliza com a finalidade de promover a inclusão dos não alfabetizados no processo de cidadania. O objetivo é mobilizar a sociedade civil de Campinas para a criação de grupos de alfabetização em espaços comunitários. O projeto é aberto à participação de toda a sociedade civil.

Diante disto, solicitada a participação de nossa Igreja, vimos dizer uma palavra de apoio a esta iniciativa.

Estamos convencidos de que este programa vem de encontro ao pensamento e prática da Igreja no Brasil, expressos em seus Documentos e diretrizes pastorais.

Neste sentido, desejamos fazer um apelo às Paróquias, Comunidades, Escolas e Universidades Católicas, aos Movimentos e outros segmentos e instituições da Igreja que dêem todo o apoio e colaboração para a realização desta importante iniciativa de inclusão social e cidadania, seja na divulgação e mobilização do povo para a compreensão do assunto em questão, seja na indicação de candidatos a professores, seja ainda, na cessão de espaços físicos.

Para uma adequada e eficiente participação no projeto, é conveniente que os interessados procurem obter mais informações junto à coordenação do projeto *Letraviva*.

"A Igreja defende o direito de todos a uma educação de qualidade e apóia decididamente todo o esforço empreendido para a realização desse direito fundamental" (cf. *Educação, Igreja e Sociedade*, CNBB, n. 47).

+ Gilberto Pereira Lopes
Dom Gilberto Pereira Lopes
Arcebispo de Campinas

Campinas, 12 de agosto de 2003

11.9. Carta do Prof. Guilherme do Val Toledo Prado:

Cara Ana,

Estou com um pouco de dificuldade para escrever para ti. Não porque não tenha nada a dizer ou porque tenho algo a lhe dizer e não consigo. Mas é que minhas fontes de inspiração estão enclausuradas – meus livros estão encaixotados devido à mudança de casa neste momento de escrita missivista.

Deixo claro que fiz a leitura de sua coletânea epistolar dialogal em dois momentos: nos dias que se seguiram após recebê-la e dois dias antes do dia de sua defesa.

Quando da primeira leitura, tive a mesma impressão que teve sua amiga Regina Flora: tive ensinamentos e provocações.

E na segunda leitura, não só os ensinamentos e provocações foram retomados, mas também o entendimento da força-repercussão das epístolas com o conteúdo que você produziu... Ah! É isso. Começarei minhas considerações com isso!

Vamos lá!

Como estou escrevendo à lápis – e estou sem o recurso do “recorta e cola” computacional – farei uso da linearidade da leitura para citar as marcas de leitura que deixei na minha leitura.

De primeiro, também agradeço-te. Por duas coisas: por me fazer sonhar em vôos e militância e por me ensinar generosidade e amorosidade acolhendo minha orientanda – Carla Helena Fernandes. Sou-lhe grato e tens minha gratidão!

Em seu resumo, o verbo *estudar* abre com força seu movimento investigativo no tempo/espço (em um tempo/espço) que sinaliza potencialidades no uso das dimensões éticas, políticas e estéticas na produção de uma educação outra a favor da constituição humanizadora dos sujeitos que a constroem.

Na metáfora do palimpsesto, a evidenciação do seu percurso metodológico e seu implicado trabalho de raspar o inscrito e raspar-se no escrito, produzindo não só uma explicação possível e também uma “compreensão

encarnada” (p. 39), em que a possibilidade de escolha cria não só compromisso mas comprometimento com a vida alheia, solidária e comunitária.

Como você disse: “Talvez sejam estes aportes emblemáticos que nos empurrem para um certo tipo de militância, de opção pela vida, de trabalho pelo bem comum. Por isso também não posso deixar de ser profana, de estar próxima do povo, de aninhar em mim sua cultura e seus modos de existir” (p. 33).

Modos de existir que “acenderam a chama” em muitas pessoas para o canto e o conto, para o acolher e festejar, para o aprender e ensinar, tão bem relatado e dito nas cartas das educadoras. Aninhamento que não foi só acolhida mas foi dureza para o aprendizado da lição que, com amorosidade, profanou o solo sagrado do encontro e gerou um “aporte emblemático” em outras pessoas – educadoras e educandos.

Mesmo os “outros” da memória – rastros da vida – são acolhidos com prudência e ressignificados no afeto e na análise a favor da vida e sua permanência junto aos valores do Bem, objetivando, pela arte – apresentada no seu texto pelas imagens e letras de músicas, poemas e poesias – e pela ciência – produzida na academia e nas instâncias reflexivas da vida cotidiana.

E seu texto, suas palavras, suas criações foram - e estão – me cativando e me fazendo criar laços e novos sentidos para a educação.

Uma educação vincada no trabalho e no labor e não no servilismo estéril e incauto. Uma educação marcada pela artesanaria da elaboração manual e pelo diálogo intelectual que produz uma cultura cotidiana cheia de cores e sabores, como a “Sopa” – prova de afeição – produziu em todos os envolvidos que a fizeram e a provaram (p. 152).

E neste diálogo epistolar, as muitas vozes presentes na sua escrita missivista, ganham fortes traços, cores marcantes, cheiros inebriantes, como a voz de Paulo Freire: curiosidade epistemológica, invasão cultural, transformação social... palavras que vivificam nossa memória, nossos sentimentos, nosso comportamento... inteiros, inconclusos que somos, quando somos em comunhão!

E mesmo tomando como norte a “abordagem experiencial”, você aporta-nos no contexto da emergência do Projeto LETRAVIVA, situando-o e ressignificando-o pela elaboração que suas análises produziram na reflexão dos seus “achados e guardados”.

Mas tenho que admitir que são suas “pequenas histórias de vidas simples” que me arrebataram e me levaram para o mundo sonhado esteticamente e vivido eticamente, do qual Paulo Freire falava. Como que a história da educadora Raquel não arranca-nos do confortável farol que vivemos/vive-se na academia para usufruirmos dos acontecimentos e escolhas que uma pessoa vive e, mesmo assim, produz o bem comum, em comunhão, com esperança e fé... Como não passar isso adiante?

Porque a união e suas pessoas entram no jogo poderoso que a vida material na sociedade capitalista produz e não cria materiais condições para viver eticamente o que propõe esteticamente?

É Aninha, são escolhas!!! Que bom que ainda podemos escolher e produzir, mesmo que em pequena escala e de modo singular o que vivenciamos educadoras como Raquel e educandas como D. Sebastiana ou Dona Albina. Escolhas que levaram a reflexões que geraram o seguinte escrito (p. 126): “Um dos maiores danos para a autoimagem das pessoas é a introjeção e naturalização da inferioridade, por isso uma das questões fundamentais da Educação Popular é lançar luz sobre este processo a fim de colaborar com o resgate da **humanidade roubada**, como enfatizou Paulo Freire: “É importante ter sempre claro que faz parte do poder ideológico dominante a inculcação nos dominados da responsabilidade por sua situação” (FREIRE, 2000, p. 84).

Inéditos-viáveis – precioso diamante da mina reflexiva de Paulo Freire – que foram vividos por educadoras como Ester ou Cristina e que geraram a retomada humanizadora de vidas, como de Dona Salete, Carla.

Viáveis-inéditos, porque foram pela escrita sensível, pela acolhida do encontro, pelo gesto afetivo, capazes de mobilizar outro/outros a irmanarem-se pelo não-saber e juntos caminharem sem medo na aridez das letras para produzirem oásis de compreensão viva a leitura e a escrita.

E assim, educadoras, apoiadores e gestão puderam favorecer e construir novas possibilidades vivas de transformarem vidas, como a de André e Dona Joelina.

E seu aprendizado com novas palavras, tornando-as mais belas, foi produzindo em mim o sentimento de que a Educação Popular pode tornar-se uma possibilidade outra de educação, se mesclada, entretecida e

entretida com essas pequenas histórias – nossas e de outros – em que os conflitos, tensões, prazeres e alegrias são constituidores do compromisso dos educadores em suas relações com os educandos. Em que o compartilhar, com os educandos, é o exercício para podermos compartilharmos nossas vivências e experiências entre nós educadores e vice versa.

Encontro em que o parar para pensar junto, pensar devagar, divagar coletivamente e dizer-se, é potente para não só despertar novos e outros pensamentos e sentimentos mas também para apertar nossos laços e culturas, virtudes, e compreendermos nossas limitações, como tão bem apresentou a Gabriela (p.181-183) e você arrematou/alinhavou: “Seres em relação são aprendentes e construtores de uma história que fazemos e da qual também somos feita” (p. 184).

Feitura e fato que Adonária tão bem registrou na carta resposta (p. 197-203) de sua carta-pedido (p.196) ou a que produziu Charlene Dulce (p. 224-228), inclusive citando a poesia *LETRAVIVA*, de Adonária.

Educadoras - e seus educandos – que precisam ser ouvidas e lidas para terem o potencial de gerar novas esperanças e novos caminhos para transformar o mundo da Educação Popular, que quer transformar o mundo onde estão aqueles com quem querem atuar.

É essa a “contra-internalização” que podemos oferecer. No lugar da morte, mais vida. No lugar do individual, o singular em comunhão. No lugar da “Cidade das Letras”, as “letras da cidade”. No lugar da História escrita, a utopia imaginada e a rebeldia vivida, uma prática de liberdade vivida no cotidiano e entranhada no afeto e na comoção – com emoção.

Você está sentindo, não é Aninha, o quanto o seu trabalho me tomou e provocou... não é? Teria muito mais a dizer... E conversar é bom! Então pergunto: o que você pode oferecer mais para conversarmos sobre a beleza do encontro em que educadoras e educandos produzem novas possibilidades educativas e de vida?

O que essas minhas palavras despertaram em você, em relação à essa Educação Popular que ainda não re-encontrou, na força de reflexão compartilhada, a compreensão encarnada para produzir-se mais e mais transformar as vidas dos nossos jovens e adultos?

Conte-nos...

A vida inscrita no seu texto, escrita e re-criada, re-inventada nas suas escrituras é a prova, cabal e contundente, de que é necessário reviver e ressignificar nossas vivências para delas extrairmos vida e sentido para as nossas vidas e para compartilharmos na História e com História o possível com outras pessoas – aqui, educadoras e educandos. Educadoras e educandos que, ao produzirem conhecimentos e saberes, exercitaram-se como humanos e humanizaram-se no cotidiano de suas ações e práticas, nas dificuldades e facilidades, na compreensão compartilhada e no não-saber a saber...

Termino essa carta para você, Aninha, pedindo que você continue “preparada em conflitos” e preparando outros “em conflitos”, para que a força dessa sua reflexão encha as velas das imensas caravelas do olhar e possibilite o ver além, compreender a provisoriedade do conhecimento produzido e pensarsentir a potencialidade de outros inéditos-viáveis.

Com carinho,

Guilherme.

Campinas, 02, 03, 04 de Fevereiro de 2009.

11.10. Inventário de documentos:

Uma pesquisa científica é composta por muitas ações, umas ficam à mostra, evidentes. Outras não são possíveis de serem manifestas, dada a imensidão do trabalho. Como afirmei em outro momento, através da poesia de Roseana Murray:

Atrás dos sonhos
atrás das luzes
atrás da lona
os operários fabricam o circo:
batendo pregos
fincando estacas
costurando e remendando,
como a aranha fabrica a teia,
como a noite fabrica o dia.

Muitas pessoas colaboraram comigo, tentei agradecer, mas certamente, devo ter omitido, não intencionalmente, alguma pessoa. Existem também outras fontes que não pude disponibilizar no texto, mas que estão organizadas em pastas sob a minha guarda. A seguir, apresento uma descrição sumária destas fontes:

PASTA A-Z 01: Formação 2003-2004

- * Anotações pessoais registradas durante a realização dos Cursos de Formação e nos Encontros de Formação Permanente.
- * Cópias reprográficas das anotações feitas pela Dulce, durante os Cursos de Formação e nos Encontros de Formação Permanente.
- * Cópia reprográfica da Oficina de Alfabetização realizada pela educadora da FUMEC Leani Inês Ruchel – 11.09.2003.
- * Cópia das sugestões propostas pelos educadores no Curso de Formação Inicial de 11.09.2003 – Palácio dos Azulejos.
- * Anotações pessoais do Planejamento dos Módulos do Curso de Formação Inicial – 23.09.2003.
- * Cópia do texto “Um sonho que não serve ao sonhador”, de José Carlos Barreto e Vera Barreto, do Centro Vereda.
- * Anotações pessoais das Reuniões com os Formadores.
- * Cópia da poesia “Canção Óbvia”, de Paulo Freire.

- * Cópia das anotações pessoais das reuniões realizadas com Estagiários e Formadores – 30.09.2003.
- * Cópia da Agenda de Reuniões – Outubro/2003.
- * Datas dos Cursos de Formação Inicial
- * Cópia da Lista de Presença do 1º Curso de Formação Inicial.
- * Cópia das Orientações Gerais do Programa Brasil Alfabetizado – MEC, distribuída em todos os Cursos de Formação Inicial.
- * Cópia do texto: “Ambiente Alfabetizador”.
- * Cópia da Relação de Materiais necessários para a realização dos Cursos e Reuniões.
- * Cópias das Letras de Músicas utilizadas nos Cursos de Formação Inicial: ‘Tocando em frente’, ‘Dia Branco’, ‘Canto do povo de um lugar’, ‘Brincar de Viver’, ‘Palavra acesa’
- * Cópia da poesia ‘LETRAVIVA’, criada pela educadora Elizabeth Ap. da Silva.
- * Cópia do Roteiro do Curso de Formação Inicial.
- * Cópia das sugestões propostas pelos educadores no Curso de Formação Inicial de 13.10.2003 – Estação Cultura.
- * Anotações pessoais: informações sobre grupos já iniciados: 03.10.2003.
- * Cópia de ‘email’ – assessoria de informação da Prefeita.
- * Anotações pessoais da Reunião com Estagiários: 06.10.2003.
- * Anotações pessoais de Reunião no Departamento Pedagógico: 06.10.2003.
- * Cópia de todo o material entregue no 3º Curso de Formação Inicial: 13.10.2003.
- * Cópia do texto: “Alfabetizar construindo a cidadania”.
- * Cópia do Relatório da Formação Continuada: 24.11.2003.
- * Cópia da letra da música: “Gente tem sobrenome” – Toquinho.
- * Planejamento da Formação Permanente: 02.12.2003.
- * Curso de Formação de Formadores: Todo o material entregue.
- * Cópia da lista de endereços dos membros do Grupo de Apoio – Formadores.

PASTA A-Z 02: Formação 2003-2004

- * Cópia anotações pessoais da Dulce: Encontro de Formação Permanente de 24.09.2004.
- * Cópia do Calendário: Outubro/ 2004.
- * Cópia de textos entregues nos Encontros de Formação Permanente: ‘Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência’; ‘Ser idoso e ser velho’.
- * Material de divulgação do Centro de Referência da Pessoa com Deficiência.
- * Material entregue no Encontro de Formação Permanente de 29.10.2004:
Cópia do Relatório do Encontro; Calendário de atividades – Novembro/2004; Texto: ‘Existiu um Eldorado Negro no Brasil’; Folheto de divulgação da Conferência Municipal do Idoso de Campinas; Cópia da poesia: ‘O olhar de quem sabe amar’ – Xico Esvael; Cópia do texto: ‘Analfabetismo Afetivo’ – Luis Carlos Restrepo; Exemplares do Estatuto da Criança e do Adolescente e do Estatuto do Idoso.
- * Anotações da Reunião da Equipe de Apoio: 18.11.2004. Material entregue: Várias poesias: ‘Auto-retrato’- Mário Quintana; ‘No meio do caminho’ – Carlos Drummond de Andrade; ‘Insegurança máxima’- Carlos Queiroz Telles; ‘Somos quem podemos ser’ – letra da música de Humberto Gessinger.

* Material entregue no Encontro de Formação Permanente de 26.11.2004: Revista Escola Viva; Calendário de atividades – Dez/2004; Cópia do texto: ‘Alfabeto em depressão’, da Formadora Maria Lúcia Sanitá Lançone; Notícia de Jornal sobre o educador José Nicodemos; Revista Lazer de Corpo e Arte.

OBS: Em todos os Encontros de Formação Permanente foram entregues os exemplares do Mês da Revista Lazer de Corpo e Arte, publicada pela Secretaria Municipal de Cultura, mas eu não possuo todos os exemplares entregues.

* Encontro de Formação Permanente: 17.12.2004 – Material entregue: Poesia ‘Palavra Viva’, do educador Josivaldo A. Santos; cópia da poesia “Os Estatutos do Homem” - Thiago de Mello; Cópia de texto entregue pela educadora Sueli; Cópia da poesia ‘Reflexões’ – Madre Teresa de Calcutá; Texto ‘Um menino nasceu, o mundo tornou a começar’ – Luiz Carlos Ramos; Cópia da letra da música ‘Então é Natal’ – John Lennon/Yoko Ono; Cartão de Natal confeccionado pela Equipe, com uma velinha pequena, para a celebração no grupo, ao final do Encontro de Formação Permanente.

PASTA A-Z: TEXTOS Formação 2003-2004

* ‘Folder’ Projeto LETRAVIVA.

* Texto manuscrito da estagiária Simone Maria de Souza: ‘A experiência de viver cada dia o LETRAVIVA’.

* Cartão de Natal entregue a mim pelas filhas da Educadora Marina. Elas mesmo fizeram o cartão e me presentearam.

* Cartão de Natal entregue para a Coordenação, feito pela educadora Ana Cláudia.

* Poesia ‘ANINHA’, que a Dulce fez para mim! – Abril de 2004.

* Cartão de Natal feito pela Dulce para os Estagiários.

* Relação de nomes e endereços dos Estagiários.

* Barquinho de Papel, com poesia, que fizemos para ser entregue de presente a todos os educadores no Evento realizado no Salão Vermelho da Prefeitura – Maio de 2004.

* Cópia das Orientações Gerais do Programa Brasil Alfabetizado – MEC.

* Cópia da Poesia ‘Indagações de um analfabeto’ – MEC. Nós não achamos essa poesia muito oportuna para ser entregue aos educadores, e não entregamos.

* Material de divulgação do MEC.

* Material de divulgação do LETRAVIVA.

* Caderno do MOVA-SP – 2001-2004.

* Cópia do texto: “A importância do ato de ler” – Paulo Freire.

* Cópia das letras de músicas: Tocando em frente; A carta; Canto de um povo de um lugar; Gente tem sobrenome; Dia branco; Sol de Primavera; Herdeiros do Futuro; Brincar de Viver; Então é Natal.

* Cópias dos textos: ‘Um sonho que não serve ao sonhador’ – J. C. Barreto e Vera Barreto; ‘Escrevendo diferentes tipos de textos’; ‘Estatutos do Homem’- Thiago de Mello; ‘Alfabetizar construindo a cidadania’; ‘Paulo Freire: a leitura do mundo’ – Frei Betto; ‘Algumas experiências em Direitos Humanos em Campinas: LETRAVIVA e Aprender não tem idade’ – Dulce; ‘Pedagogia do Encantamento’ – Cleide Martins da Silva; ‘Educação como prática da liberdade – Apêndice’ – Paulo Freire; ‘Alfabetização: Permanência e Mudança’ – Vera Barreto; ‘O ‘feminino criador’: socioeconomia solidária e educação’ – Marcos Arruda; ‘Alfabetização e

letramento' – Sérgio Antônio da Silva Leite; 'Projeto LETRAVIVA' – Romualdo Dias; '20 de Novembro: Dia Nacional da Consciência Negra'; 'Mito do Cuidado', extraído de livro de Leonardo Boff; 'Ventana sobre La memória' – Eduardo Galeano.

* Cópias de poesias: 'LETRAVIVA' – educadora Elizabeth Aparecida da Silva; 'A escola é' – Paulo Freire; 'Interpelação' e 'Olhares', - formadora Maria Iva Lopes Silva; 'Traduzir-se' – Ferreira Gullar; 'A vida verdadeira' – Tiago de Mello; 'Belo belo' – Manuel Bandeira.

* Cópia de fábulas.

* Exemplares dos livros: 'Aprender não tem idade'; 'Semeando Oportunidades: sentidos da alfabetização de jovens e adultos em Campinas'; 'Cultivando possibilidades: caminhos na alfabetização de jovens e adultos em Campinas'; 'Fotoolhares: imagens de escolas' – editados pela Secretaria Municipal de Educação de Campinas.

* Folha Equilíbrio – FSP – Texto "Justo a mim me coube ser eu" de Dulce Critelli – 22.07.2004, p. 12.

* Anotações pessoais sobre o filme "Chocolate".

* Texto: "Alfabetização de Jovens e Adultos – Projeto LETRAVIVA" – Ana Maria de Campos: Escrito para ser depositado na Pedra Fundamental que foi colocada ao lado da Catedral Metropolitana de Campinas; 'Projeto LETRAVIVA – Proposta de Adendo', Romualdo Dias e Ana Maria de Campos.

PASTA CAPA DURA PRETA – com plástico:

ORIGINAIS E CÓPIAS DE TRABALHOS DE EDUCANDOS E EDUCADORES.

* Textos dos Educandos em formato de Poesias; crônicas, cartas, ditados, autobiografias, bilhetes-recados, envelopes manuscritos.

* Textos dos educadores em formato de Relatos de experiências vividas nos grupos de alfabetização; Cópias de poesias anexadas aos relatos de experiências; Textos reflexivos; Poesias; Cópia do Diário da Educadora Fátima, do Jardim Florence.

OBS: A educadora fez uma dedicatória quando nos entregou o diário: "Esse caderno eu dedico pra lerem e refletirem a minha experiência como voluntária do Projeto LETRAVIVA, pros Coordenadores Ana Maria, Dulcinéia, Romoaldo. Escriba de trinta dias, primeira fase, espero que gostem. De sua educadora Fátima, 29 de Novembro de 2003".

* Demais textos dos educadores: Produções realizadas durante os Cursos de Formação Inicial e nos Encontros de Formação Permanente: São Poesias; crônicas; ideias elaboradas nos grupos de trabalho formados durante os Cursos. São 95 plásticos, com produções na frente e no verso.

PASTA CAPA DURA PRETA – com plástico:

ORIGINAIS E CÓPIAS DE TRABALHOS DE FORMADORAS.

* Manuscritos e também textos digitados das Formadoras: Maria Iva Lopes Silva; Vera Lúcia Martins; Margarida Pereira da Silva; Valentina Fátima de Oliveira Campos; Maria Lúcia Sanitá Lançone; Fernanda Maria de Lima; Terezinha Delgado; Ana Possenti; disquete contendo um diário da formadora Renata Nogueira Lacerda.

* Ideias de título para a publicação de um livro do Projeto LETRAVIVA: recolhidas durante os Encontros de Formação Permanente.

* Sugestões e textos dos educadores, produzidos durante ou após os Encontros de Formação Permanente de 2003-2004: poesias, crônicas, autobiografias, diários, acrósticos, dissertações, paródias etc.

* Autorizações assinadas para a utilização dos trabalhos em uma publicação de livro do Projeto LETRAVIVA.

OBS: O MEC se prontificou a publicar esse livro, mas, infelizmente não conseguimos terminar a preparação dos originais antes de 31 de Dezembro de 2004, quando nos desligamos do Projeto LETRAVIVA.

PASTA CAPA DURA PRETA – com plástico:

ACOMPANHAMENTO DOS GRUPOS:

* Ficha informativa sobre o grupo visitado.

* Anotações pessoais das visitas realizadas por mim.

* Roteiro manuscrito de entrevista com educadores.

* Bilhetes originais que recebi dos educandos durante as visitas.

PASTA CAPA DURA PRETA – com plástico:

* Material institucional do MEC-SECAD-FNDE: orientações, resoluções, legislação pertinente ao Programa Brasil Alfabetizado: 2003-2004.

* Cópias das notícias publicadas no portal do MEC sobre o Programa Brasil Alfabetizado: 2003-2004.

PASTA POLIONDAS VERMELHA: 2003-2004.

Contém em seu interior as minhas Agendas Pessoal dos anos de 2003 e 2004.

PASTA POLIONDAS AZUL: 2003-2004.

Contém três cadernos de anotações pessoais:

1 caderno Caderfix – 96 folhas pautado – ¼ - Capa dura Amarelo – brochura:
Iniciado em: 19.05.2003. Encerrado em: 09.06.2003.

Caderno Jandaia - 72 folhas pautado – formato 20cmX28cm – espiral verde:
Iniciado em: 14.10.2003. Encerrado em: 12.02.2004.

Caderno Jandaia – 200 folhas pautado – formato 20cmX28cm – espiral vermelho:
Iniciado em: 25.02.2004. Encerrado em: 21.12.2004.

PASTA POLIONDAS VERDE: 2003-2004.

Modelos de documentos utilizados nas atividades e na organização administrativa do Projeto LETRAVIVA.

PASTA POLIONDAS VERMELHA: 2003.

Primeiras discussões para elaboração do Projeto LETRAVIVA.

Versões provisórias de 'folder' para divulgação; versões iniciais do texto a ser enviado ao MEC; debates das reuniões do Grupo de Trabalho. Disquete com versões preliminares do Projeto: começou com o nome de Letramento Cidadão.

3 CDs CÓPIAS DE ARQUIVOS DOS COMPUTADORES DO PROJETO LETRAVIVA:

* Fotos de Reuniões de Divulgação do Projeto.

* Fotos de Cursos de Formação Inicial: Encontros de Formação Permanente; Visitas aos Grupos; Atividades externas dos Grupos como, por exemplo: visita monitorada à nascente do Rio Capivari e à uma Estação de Tratamento de Água da SANASA, Concerto da Orquestra Sinfônica Municipal, Visita à Câmara dos Vereadores, Festa de Encerramento da 1ª Etapa. Eventos realizados com Educadores: Eventos, Encontros de Educadores Populares, Festas nos Grupos etc.

Cópias dos Documentos utilizados no Projeto LETRAVIVA e demais documentos relacionados à organização e gestão do Projeto.

PASTA A-Z 01: ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO – 2003.

* Disquetes contendo as versões provisórias do Projeto.

* Cópias de 'email'.

* Cópia do Projeto LETRAVIVA no formulário do MEC.

* Calendário de Ações.

* Listas de 'email' de estagiários e formadores.

* Cópia do Projeto de Lei enviado à Câmara de Vereadores.

* Cópia endereço eletrônico de Vereadores.

* Cópia de correspondência entre Secretário SECAD e Secretária de Educação.

* Cópias de Listas de Nomes de Educadores.

* Cópias de Listas de Presença: Reunião com Entidades Parceiras.

* Mapeamento das Entidades Civas, por região, de Campinas.

* Diário Oficial – 05.08.2003 – início da mobilização na cidade.

* Listas de contatos com entidades.

* Listas de Bairros por Administrações Regionais.

* Relação de Nomes e Endereços de Educadores.

* Material de divulgação/mobilização.

* Cópias de notícias veiculadas na imprensa local.

* Cópias de Comunicados da Secretária da Educação.

* Cópias de Solicitações e de Memorandos.

* Diário Oficial do Município de 16.08.2003.

PASTA A-Z 02: ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO – 2003.

* Cópia Convênio FNDE.

* Disquete com Cronograma de Atividades.

* Lista de Postos de Vacinação a serem utilizados na Mobilização: 23.08.2003.

- * Cópia da Carta do Arcebispo Metropolitano Dom Gilberto Pereira Lopes.
- * Cópias de 'email'.
- * Lista de Pontos de Cadastramento de Educandos.
- * Anotações pessoais Reunião Palácio dos Azulejos: 19.08.2003.
- * Lista de Presença Reunião Entidades Parceira – Palácio dos Azulejos: 21.08.03.
- * Anotações pessoais Reunião Grupo Executivo LETRAVIVA: 28.08.2003.
- * Cópia Circular do Secretário Extraordinário da SECAD.
- * Material de divulgação do Programa Brasil Alfabetizado.
- * Lista de voluntários LETRAVIVA.
- * Cópias de Modelos de Documentos
- * Material divulgação LETRAVIVA.
- * Diário Oficial do Município: 27.08.2003 – Comunicado SME-FUMEC.
- * Agenda Reuniões do LETRAVIVA.
- * Lista Total Geral de Educadores – Set. 2003.
- * Listas de Educadores presentes aos Cursos de Formação Inicial.
- * Lista de Educadores por Entidades Parceiras.
- * D. O. M. 06.09.2003 – Início Primeira Grupo.
- * D. O. M. 17.09.2003 – Lei nº 11.650 de 16.09.2003 – Autoriza o Poder Executivo a Instituir o Programa denominado 'LETRAVIVA', p. 8.
- * Cópia Espelho do Convênio FNDE.
- * Cópia matéria "Diário do Povo" – 07.09.2003.
- * Cópia matéria "Correio Popular Digital" – 24.09.2003.
- * Lista de "Demandas dos Cursos de Formação".
- * Relação de Grupos e data de início das aulas.
- * D. O. M. 23.09.2003.
- * Anotações pessoais: início do primeiro grupo – 30.09.2003.
- * Anotações pessoais: grupos já iniciados: 01.10.2003.
- * Datas e locais de realização do 2º e 3º Curso de Formação Inicial.
- * D. O. M. 01.10.2003 – Início do primeiro grupo LETRAVIVA.
- * Relação de materiais necessários para as reuniões.
- * Cópia do 'folder' do Seminário "Extensão e Educação – O Projeto LETRAVIVA no município de Campinas" – Salão Nobre da Faculdade de Educação da UNICAMP – 04.11.2003 – Participação de Dulce, Romualdo, Aninha e dos professores da UNICAMP Sônia Giubilei e Vicente Rodriguez – coordenador de Extensão.
- * Material apresentado no Seminário na UNICAMP.
- * D. O. M. 15.09.2003 – Resultado do processo seletivo para constituição da Equipe de Apoio por professores da SME e FUMEC.
- * Cópia Protocolo de Intenções Prefeitura Municipal de Campinas e Sindicato da Construção Civil de Campinas.
- * Agenda de Reuniões.
- * Material Seminário Internacional de Alfabetização de Jovens e Adultos – Brasília – 10,11,12 Dez. 2003 – Aninha participou como representante do LETRAVIVA.
- * Material de apresentação do LETRAVIVA na Câmara de Vereadores.

PASTA A-Z 01: ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO – 2004.

- * Lista com descrição dos Espaços Privados Agendáveis e procedimentos para sua utilização.

- * Cópia Relatório de Visita aos grupos e entrega do 'banner' LETRAVIVA e outras observações.
- * Cópia listas de salas da FUMEC, por Administração Regional, para encaminhar educandos egressos do LETRAVIVA.
- * Cópias de Memorandos.
- * Cópias de Recibos de pagamento da Bolsa-Auxílio do MEC.
- * Cópia de Abaixo-Assinado de educandos do Jardim Satélite Íris II, solicitando abertura de classe da FUMEC.
- * Cópia de carta de mãe de educanda agradecendo o trabalho do LETRAVIVA.
- * Material do Fórum Mundial da Educação- SP: 01a 04 de Abril de 2004: Realizamos uma Atividade Autogestionada, com a participação de Educadoras e Estagiários do LETRAVIVA.
- * D. O. M. 23.04.2004 – Parceria Saúde/Educação reforça LETRAVIVA.
- * Caderno Pré-Conferência Municipal de Educação: 26-28 Março de 2004 – eu participei.
- * Jornal do Engenheiro – Sindicato dos Engenheiros no Estado de SP- Abril/2004 – “PROMORE e Projeto LETRAVIVA estão juntos”.
- * Cópia da poesia que a Dulce fez para mim.
- * Cópia matéria Correio Popular Digital – 09.06.2004 – “LETRAVIVA abre inscrições para segunda etapa do projeto”.
- * Cópias de 'email'.
- * D. O. M. – 29.05.2004 – “Prefeitura alfabetiza mais de 2,4 mil para entrada no ensino fundamental”.
- * Cópia de 'Certificado' do LETRAVIVA entregue na festa de encerramento da 1ª etapa do Projeto – 29.05.2004.
- * Cópia Projeto LETRAVIVA – formulário do MEC.
- * Cópia Proposta de Orçamento LETRAVIVA – 2º Semestre 2004.
- * Cópia de questões de esclarecimentos que enviamos ao MEC.
- * D. O. M. 01.06.2004 – “Governo Federal assina termo para liberar recursos para o LETRAVIVA”.
- * Lista de presença com representantes de ONGs – 29.06.2004.
- * Agenda de reuniões LETRAVIVA.
- * Cópias de correspondências diversas.
- * Material Fórum Mundial da Educação – Porto Alegre: 28 a 31 de Junho de 2004. Eu participei, assim como muitos outros profissionais da SME.
- * Cópia: Prioridades da PMC para 2º Semestre/2004.
- * Cópias de Memorando solicitando cessão de espaços da Estação Cultura e Palácio dos Azulejos, para realização de Cursos e Eventos.
- * Cópias de Identificação das Turmas – 2004.
- * Cópias de Recibo da SANASA – fornecimento de Copos de Água para Cursos.
- * Listas de Presença Equipe de Apoio.
- * Listas de Salas da FUMEC, por Administração Regional.
- * Cópias de Modelos de Declarações do Projeto LETRAVIVA.
- * Revista “Escola Viva”.
- * Pasta Contendo Portfólio da FUMEC: LETRAVIVA, CEPROCAMP, EJA.

**PASTA FICHÁRIO TRANSPARENTE: 2007-2008:
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS DA PUC-
Campinas.**

- * Projeto de Pesquisa enviado para ser analisado e aprovado pelo Comitê de Ética.
- * Parecer de Aprovação ao Projeto apresentado.
- * Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos os sujeitos da Pesquisa.
- * Cópia da Folha de Rosto para Pesquisa envolvendo Seres Humanos, do Ministério da Saúde – Conselho Nacional de Saúde – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.

Vídeo com a gravação do “Círculo de Diálogos: Experiências de Educação Popular – Alfabetização de Jovens e Adultos” - realizado em 25 de Outubro de 2007 no Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região.

PASTA FICHÁRIO AZUL – 2008:

- * Correspondência com Educadoras.
- * Material de divulgação da III Feira do Livro dos Movimentos Sociais, Sindical e Popular do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região – Em parceria com a Direção Sindical promovi um “Círculo de Diálogos com Educadores Populares”, como parte da programação da Feira: 25.10.2007 – contando com a participação da Prof^a Corinta Geraldi, Secretária da Educação no período de 2001-2004, quando foi criado o Projeto LETRAVIVA. Participaram também a Dulce e muitos educadores, educandos e um dos estagiários do LETRAVIVA, o Heber G. Deus.
- * Anotações pessoais sobre trabalhos envolvendo a pesquisa.
- * Trabalho de Conclusão de Curso da Estagiária Simone Maria de Souza.

PASTA FICHÁRIO ROSA – 2008 - 2009:

- * Anotações pessoais feitas durante o Exame de Qualificação em 11 de Junho de 2008.
- * Carta lida pelo Prof. Guilherme do Val Toledo Prado e entregue a mim.
- * Carta da Prof^a. Corinta Maria Grisolia Geraldi e também as suas anotações pessoais, entregues a mim após o encerramento do Exame.
- * Ata do Exame de Qualificação.
- * Áudio do Exame de Qualificação, gravado em CD.
- * Anotações pessoais feitas durante o Exame de Defesa em 04 de Fevereiro de 2009.
- * Carta lida pelo Prof. Guilherme do Val Toledo Prado e entregue a mim.
- * Ata do Exame de Defesa.
- * Áudio do Exame de Defesa, gravado em CD.